



UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Angela Marina Chaves Ferreira

**Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola:  
continuidades e descontinuidades**

Rio de Janeiro

2009/2

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Angela Marina Chaves Ferreira

**Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola:  
continuidades e discontinuidades**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos, Língua Espanhola)

Orientadores:

Prof<sup>a</sup> Doutora María Aurora Consuelo Alfaro Lagorio

Prof<sup>a</sup> Doutora Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna

Rio de Janeiro

2009/2

Chaves-Ferreira, Angela Marina. Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola: continuidades e discontinuidades.

Angela Marina Chaves Ferreira.- Rio de Janeiro, 2009.

xii, 296 f.: il.

Tese (Doutorado em Letras Neolatinas, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Língua Espanhola) –

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Letras Neolatinas, 2009.

Orientadores: María Aurora Consuelo Alfaro Lagorio  
Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna

1.Real Academia Espanhola.2.Dicionário.3.Discurso. 4. Continuidades. 6. Descontinuidades.– Teses.

I.Alfaro Lagorio, María Aurora Consuelo (Orient.). II. Sant'Anna, Vera Lucia de Albuquerque.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD:

Angela Marina Chaves Ferreira

**Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola:  
continuidades e discontinuidades**

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos, Língua Espanhola).

Examinada por:

---

Presidente, Profa Doutora María Aurora Consuelo Alfaro Lagorio – UFRJ

---

Profa Doutora Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna – UERJ

---

Profa Doutora María del Carmen Fátima González Daher – UFF

---

Prof Doutor Xoán Carlos Lagares Diez– UFF

---

Profa Doutora Angela Maria da Silva Corrêa– UFRJ

---

Prof Doutor Pierre François Georges Guisan – UFRJ

---

Prof Doutor Décio Orlando Soares da Rocha – UERJ, suplente

---

Prof Doutor João Antonio de Moraes – UFRJ, suplente

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família: aos meus avós, Matheus e Lycinia, por me ensinarem o valor e o fascínio do mundo dos livros, aos meus pais, Roberto e Yone, que apoiaram os meus muitos investimentos, aos meus filhos, Fernando e Mariana, que impulsionaram decididamente a minha trajetória, ao meu companheiro de muitas horas, Jorge, que incentivou esses ganhos.

## AGRADECIMENTOS

Aos queridos participantes da trajetória cumprida - ora colegas, ora professores, ora orientadores, ora incentivadores, ora leitores que, mesclando estes papéis muitas vezes, deram suporte e luz a este trabalho: minhas orientadoras Consuelo Alfaro e Vera Sant'Anna, meus caros amigos Cristina Vergnano Junger, Washington Junger, Cristina Brito

À Maria Teresa Gonçalves, primeira a me estimular a seguir o percurso acadêmico

Aos professores da UFRJ, pelas discussões que trouxeram subsídios a esta elaboração

Aos colegas do Setor de Espanhol da UERJ, que me deram apoio no período de afastamento das tarefas docentes e, em especial, na etapa de elaboração final do trabalho

À professora Lucia Figueiredo que, gentilmente, traduziu o texto em francês

À professora Deise Quintiliano que, de igual forma, traduziu o texto em italiano

Aos meus alunos em geral, antigos e atuais, pelas trocas e, ainda, pelos momentos em que foram "cobaias" das investigações feitas

À Penha Lopes, minha ex-aluna, por ter digitado de forma tão eficiente o *corpus* de análise

À Alice Silverio, pelo suporte substancial para que eu pudesse me dedicar às necessárias muitas horas de pesquisa

Enfim, a todos os que colaboraram de alguma forma com esta tese, confiando que, se cometi alguma falha ao tentar nomear as pessoas, possa minorar o estrago provocado pelo equívoco com um amplo abraço.

Sintam-se contemplados!

*-Este libro no solo se sabe todo, sino que es el único que nunca se equivoca.  
Era el diccionario de la lengua (...)*

(Gabriel García Márquez. In: CLAVE, 2000)



## RESUMO

CHAVES-FERREIRA, Angela Marina. **Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola**: continuidades e descontinuidades. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

A proposta deste trabalho é analisar permanências e não permanências com respeito às concepções de língua e ciência que se incluem nos dicionários oficiais da língua espanhola, elaborados desde 1726 pela Real Academia Espanhola da Língua (RAE). A relevância da proposição reside em relacionar a Lexicografia, entendida como disciplina de organização e confecção de dicionários, a um viés discursivo procurando um foco mais amplo dentro dos estudos lexicográficos tradicionais. O apoio nos estudos da História das Ideias Linguísticas (HIL), de Sylvain Auroux (1992), e em pressupostos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, pautados principalmente nas concepções de Dominique Maingueneau (1997, 2001, 2003, 2005, 2008), validam os encaminhamentos apresentados. Para atingir esse fim, realiza-se uma varredura do que se registra em todos prefácios e em todos os verbetes *língua* e *ciência* das vinte e quatro edições dos dicionários elaborados sob o selo da Real Academia Espanhola, publicadas do século XVIII (1726) ao século XXI (2001). Busca-se estabelecer comparações entre o que postulam os movimentos intelectuais *Renascimento*, *Iluminismo*, *Racionalismo*, *Era da Informação* que caracterizam épocas diversas do pensamento humano e o que se insere nas publicações lexicográficas. A partir do que conformam os dicionários, procura-se estabelecer o lugar da enunciação quanto à autoridade conferida pelo discurso institucional da Real Academia Espanhola da Língua, através da verificação de como se dá a construção das obras lexicográficas, pelos seus *gêneros* constituintes, prefácios e verbetes. Toma-se como base o que é referenciado com respeito à língua espanhola e à ciência no dicionário elaborado pela instituição ibérica em contraponto com os perfis de enunciadores e de co-enunciadores que se *mostram* nas obras. Os resultados apontam para conceitos de língua e de ciência que se apresentam em consonância com as correntes de pensamento e para um par interlocutivo que se relaciona a um perfil predominantemente voltado aos *instruídos*.

## ABSTRACT

CHAVES-FERREIRA, Angela Marina. **Discursos e meta-discursos nos dicionários da Real Academia Espanhola**: continuidades e descontinuidades. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

The purpose of this study is to analyze continuity and permanence about conceptions of language and science that are included in the official dictionary of the Spanish language, developed since 1726 by the Royal Spanish Academy of Language (RAE). The relevance of the proposal is to relate the Lexicography, understood as a discipline for the organization and preparation of dictionaries, a discursive bias for a broader focus within the traditional lexicographical studies. Support studies of the History of Linguistic Ideas (HIL), Sylvain Auroux (1992), and assumptions of Discourse Analysis (DA) of the french line, which are primarily in the proposed Maingueneau Dominique (1997, 2001, 2003, 2005, 2008), validate the submitted referrals. To achieve this, it performs a scan that is done in all prefaces and all entries language and science of the twenty-four editions of dictionaries developed under the seal of the Spanish Royal Academy, published in the eighteenth century (1726) to the century XXI (2001). The aim is to draw comparisons between the postulate that the intellectual movements Renaissance, Enlightenment, Rationalism, the Information Age that characterize different periods of human thought and what falls within the lexicographic publications. From what shape the dictionaries, it aims to establish the place of articulation as to the authority conferred by the international discourse of the Royal Spanish Academy of Language by verifying how is the construction of lexicographic works, through its constituent genera, prefaces and entries. Take as the base which is referenced about the Spanish language and science in the dictionary prepared by the institution Iberian opposed to the profiles of statements and joint statements which show the works. The results suggest that concepts of language and science which are in line with the currents of thought and a couple “interlocutivo” that relates to a predominately directed to the *learned*.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos dicionários por séculos	66
Quadro 2: Correlação entre <i>movimentos</i> e prefácios: a primeira seleção do <i>corpus</i>	71

## LISTA DE SIGLAS

ASALE – Asociación de Academias de la Lengua Española  
DA – Diccionario de Autoridades  
DRAE – Diccionario de la Real Academia Española  
DEM – Diccionario del Español Usual en México  
HAE – Historia de la Academia Española  
HIL – História das Ideias Linguísticas  
http – *Hiper Text Transfer Protocol*  
NTLLE – Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española  
RAE – Real Academia Española [de la Lengua]  
www – *World Wide Web*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 AS TRAJETÓRIAS DAS ACADEMIAS E A REAL ACADEMIA ESPANHOLA DE LÍNGUA</b>	20
<b>1.1 FUNDAÇÃO DE ACADEMIAS: ENTRE CIÊNCIA E IDEOLOGIA</b>	21
1.1.1 Movimentos intelectuais: associações e ideologia	22
1.1.2 Academias: produções e propósitos	24
<b>1.2 REAL ACADEMIA ESPANHOLA E ACADEMIAS: ASPECTOS FUNDACIONAIS</b>	27
1.2.1 Fundação da Real Academia: a relação com o Estado	32
1.2.2 Academias da Língua Espanhola: papéis históricos	40
1.2.3 Dicionário: obra principal	49
1.2.3.1 Dicionários representativos da Real Academia: <i>Autoridades e Usual</i>	52
1.2.3.2 Outras produções lexicográficas da Real Academia: obras diversas	58
<b>1.3 ACADEMIAS, HISTÓRIA, LÍNGUA: CORRELAÇÕES</b>	59
<b>2 O MÉTODO DE TRABALHO: MOTIVAÇÕES E MANEJO DOS PRÓLOGOS</b>	61
<b>2.1 RECOLHIMENTO DOS PREFÁCIOS: TRAJETÓRIA DE SELEÇÃO</b>	63
<b>2.2 APRESENTANDO O <i>CORPUS</i>: A RECUPERAÇÃO DOS PREFÁCIOS</b>	65
2.2.1. Organização por séculos: elaborando dicionários por 280 anos	65
2.2.2. Presença marcante: os <i>movimentos intelectuais</i>	66
2.2.3. Seleção de amostras: organização e critérios	70
<b>2.3 APRESENTAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE</b>	72
<b>3 DICIONÁRIOS E DISCURSO: ENLACES POSSÍVEIS</b>	76
<b>3.1 DICIONÁRIO: OBRA DE MUITAS FACETAS</b>	76
3.1.1 Tipologia lexicográfica: características conformadoras	77
3.1.2 <i>Autoridades e Usual</i> : dicionários gerais	87
3.1.3 Definição lexicográfica: traços da <i>microestrutura</i>	91
<b>3.2 DICIONÁRIO, POLÍTICAS E MEMÓRIA: VIESES DISCURSIVOS</b>	99
3.2.1 Processo de <i>gramatização</i> das línguas: o dicionário como <i>instrumento</i>	100
3.2.2 Análise do Discurso e Lexicografia: caracterizações, enlaces, aproximações	104
3.2.2.1 Visão da linguagem: perspectivas da Análise do Discurso	106
3.2.2.2 Construção da <i>subjetividade</i> : <i>sujeito, ethos</i>	108
3.2.2.3 Elaboração dos prefácios: as <i>pessoas</i> e a <i>não-pessoa</i>	116
3.2.3 <i>Gênero discursivo</i> : características inerentes	119
<b>4 LÍNGUA E CIÊNCIA NO DICIONÁRIO: A CONSTRUÇÃO DE CONCEPÇÕES</b>	123

<b>4.1 DICIONÁRIO E LÍNGUA: ASSINALANDO PAPÉIS E FUNCIONAMENTOS</b>	124
4.1.1 Língua e correção: enlaces entre norma e uso	130
4.1.2 Língua e uso: a variação lexical	139
<b>4.2 DICIONÁRIO E CIÊNCIA: CORRELAÇÕES</b>	156
<b>4.3 DICIONÁRIO, LÍNGUA, CIÊNCIA: VINCULAÇÕES</b>	178
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	185
<b>REFERÊNCIAS</b>	190
<b>APÊNDICES</b>	204
APÊNDICE A – Visão geral prólogos e dicionários por época de edição	204
APÊNDICE B – Modos de determinar/referir língua nos prólogos: amostras por séculos	206
APÊNDICE C – Definições do verbete <i>ciencia</i> : comparações entre enunciados	210
APÊNDICE D – Quem elabora prólogos?	215
<b>ANEXOS</b>	218
ANEXO A – Prólogos do Dicionário de Autoridades	218
ANEXO B – Prólogos do Dicionário Usual	230
ANEXO C – História da Real Academia Espanhola (1726)	275
ANEXO D – História da Real Academia Espanhola (1770) <i>em cdrom</i>	308

## INTRODUÇÃO

*El diccionario es (...) un arca que guarda las preciosas riquezas de la lengua, de las tradiciones, cultura y civilización, de la vida de la nación.* (Tobías Garzón In *Diccionario de Argentinismos*, 1910)

A relevância desta pesquisa está relacionada ao objetivo de trazer elementos que conduzam à reflexão sobre o papel do dicionário na sociedade, como lugar privilegiado de circulação de informação específica. Como objeto deste estudo, foram selecionados os dicionários gerais de língua, de origem espanhola, elaborados pela Real Academia Espanhola da Língua (RAE), reconhecidos como prestigiosos na comunidade idiomática hispânica. Os dicionários gerais, enquanto textos que se propõem científicos, buscam o apagamento do *sujeito discursivo* nas descrições e definições dos verbetes, que procuram ser objetivas e assumem caráter de introdutoras de verdades.

Em estudo anterior inicial, e a partir do que se observa sobre as obras lexicográficas em tela, detectou-se em relação aos verbetes que a busca pelo ocultamento do *sujeito*, própria do discurso científico, se apresenta sob características particulares que merecem uma observação detalhada por suas especificidades. A partir das averiguações sobre entradas que *mostram* o sujeito, afastando-se dos critérios que conformam o discurso científico, concentrou-se o foco de atenção nos prólogos<sup>1</sup> que, por sua constituição *genérica*<sup>2</sup>, oportunizam representações mais marcadas do *sujeito*. Partindo do pressuposto de que a obra lexicográfica resgata momentos históricos, políticos, sociais da comunidade na qual se forja e para a que está dirigida, considerou-se pertinente, dentro do âmbito dos

---

<sup>1</sup> Como sinônimos, se usam *prefácio*, *páginas introdutórias*, *páginas apresentadoras*.

<sup>2</sup> O prefácio está sendo visto através das características que permitem reconhecê-lo como *gênero discursivo*, com base em Maingueneau (2001).

estudos sobre a língua, analisar, em primeiro lugar, como se constroem co-enunciadores e enunciadores nos prefácios em relação às concepções de *língua*.

Pela característica do dicionário geral de elaborar enunciados que buscam a cientificidade como base para sua organização, optou-se também por analisar o(s) conceito(s) de *ciência* apresentado(s) na obra, em contraponto com os conceitos de *língua*. Em consonância com a abordagem feita em relação à língua, apontada no momento inicial, examinam-se as construções de enunciadores e co-enunciadores em relação à *ciência* vinculadas a *movimentos intelectuais*<sup>3</sup>. Tendo em vista o relacionamento existente entre língua e ciência estabelecido pelos *movimentos intelectuais* que norteiam a sociedade, o percurso de análise busca relacionar a elaboração dos conceitos de língua e ciência aos perfis de enunciadores e co-enunciadores representados nos dicionários.

Analisa-se os dicionários nesta tese levando em consideração seus aspectos de veículos transmissores e constituintes da autoridade e da legitimidade da instituição RAE, que os avalia.

No decorrer deste estudo, inicialmente (Capítulo 1) se descreve a trajetória histórica e política da Real Academia Espanhola da Língua e seus enlaces com os *movimentos intelectuais* ligados aos momentos de elaboração dos dicionários. Buscou-se suporte nos estudos decorrentes da História das Ideias Linguísticas de Sylvain Auroux, de 1989, que consideram os dicionários como *instrumentos linguísticos* responsáveis pela *gramatização* das línguas (AUROUX, 1992). A caracterização dos dois principais dicionários da Real Academia, Dicionário de Autoridades (DA) e Dicionário Usual (DRAE), é enfocada nessa seção.

---

<sup>3</sup> Os movimentos intelectuais são enfocados nos Capítulos 1 e 2.



Após a primeira parte de função contextualizadora que compõe o Capítulo 1, apresentam-se no Capítulo 2 os métodos que propiciaram o recolhimento do objeto principal do estudo, os prefácios dos dicionários da RAE. Em um primeiro momento desta investigação, optou-se por selecionar dez prólogos vinculados temporalmente aos *movimentos intelectuais* Racionalismo/Iluminismo, Era da Informação. Posteriormente, decidiu-se pela utilização dos vinte e quatro prefácios por considerar que se obteria uma visão mais completa das associações das concepções de *língua* e *ciência* com os *movimentos* norteadores do pensamento da sociedade. Para realizar a observação entre as concepções de língua e ciência dos prólogos, foram recolhidos os verbetes *ciência*, que se apresentam em quadro comparativo no Apêndice C e analisados no Capítulo 4, e os verbetes *língua*, discutidos ao longo do mesmo capítulo.

As teorias que compõem a terceira seção (Capítulo 3) desta tese se apoiam em estudos lexicográficos reconhecidos, entendendo a Lexicografia como uma disciplina que se ocupa dos princípios teóricos e que promove a elaboração e organização de dicionários, partindo de normas e regras rígidas que estão na raiz da construção das obras lexicográficas. Busca-se suporte teórico, principalmente, em Haensch (1992, 1999), Martínez de Sousa (1995) e Porto Dapena (2002). Ainda na terceira seção, se vincula a Lexicografia aos aportes trazidos pela Análise do Discurso, que permitem observar a obra lexicográfica sob um ângulo mais distanciado de seus objetivos iniciais, que seriam descrever e definir lemas. Ao trazer um *olhar* discursivo ao exame dos prefácios, busca-se redimensionar as propostas norteadoras da elaboração do dicionário.

Na quarta seção (Capítulo 4) deste trabalho, de acordo com as linhas de pesquisa determinadas para nortear a investigação, o estudo volta-se à análise das

concepções de língua e ciência nos dicionários, relacionando-as às posições do par interlocutivo formado por *enunciador* e *co-enunciador* (MAINGUENEAU, 2001, 2003) que se estabelece na obra lexicográfica de representatividade da língua espanhola, produzida pela RAE. Os perfis dessas instâncias são confrontados com os *movimentos intelectuais* e com aspectos de *norma* e *uso* que norteiam a posta em ação das determinações estabelecidas pela Real Academia. Optou-se pelo viés fornecido pela Análise do Discurso de orientação francesa, enunciativa, porque esta propicia elementos para sustentar a análise sobre como os enunciadores e co-enunciadores se inscrevem, principalmente, nos prólogos, mas também em verbetes do dicionário. Levando-se em consideração que o estudo se pauta em um dicionário institucional, os objetivos se voltam a observar os tipos de recursos com que a instituição RAE, que valida a obra lexicográfica, marca suas próprias concepções na referida obra. Nessa seção se faz a identificação e se consolida a análise dos conceitos de *língua* e *ciência* que circulam no dicionário, atravessando os séculos, instalados nos prefácios e nas entradas. Assinala-se a existência de diferenças entre perfis que caracterizam as instâncias da enunciação nas vinte e quatro edições do dicionário. O intuito de realizar esta trajetória se pauta nos modos de manifestação dessas instâncias na elaboração dos prefácios e de alguns verbetes. Visou-se o resgate dos efeitos de sentido que se constroem pela presença ou ausência do *enunciador* no dicionário, vinculadas às marcas de *correntes de pensamento* ou *movimentos intelectuais* que direcionam a constituição de *saberes*. Nessa mesma seção se incluem verbetes diversos, além dos de *língua* e *ciência*, para justificar e ilustrar assertivas com respeito à organização lexicográfica das obras.

Este trabalho se propõe a efetuar, também, um estudo que faça um enlace com a investigação iniciada na dissertação de mestrado, defendida em dezembro de

2002, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim, ao retomar o tema dos dicionários de língua espanhola, procurou-se realizar uma pesquisa que incluísse outras perspectivas, ancoradas em linhas teóricas diferentes da investigação anterior para ampliar as possibilidades de estudo, mais restritas naquele momento.

No mestrado, foi assumida uma perspectiva histórica em relação a um estudo comparativo do Dicionário da Real Academia Espanhola da Língua (DRAE) de edições temporalmente distanciadas, a de 1947, 17ª edição, e a de 1992, 21ª edição. Naquele estudo, foram analisados os prólogos<sup>4</sup> de ambas as edições para identificar os objetivos propostos em relação ao dicionário, em cada uma delas, pela Real Academia Espanhola (RAE). Ademais, se observaram lemas que se incluem no DRAE sob rubricas que remetem às origens em línguas ameríndias do México, principalmente o *náuatle*<sup>5</sup>.

A escolha desse dicionário levou em conta algumas características particulares e a primeira delas se relaciona ao caráter de prestígio que está vinculado à obra da RAE - o fato de ser um dicionário de referência que atinge toda a comunidade de língua espanhola, *ao qual se outorga valor normativo* ([www.rae.es](http://www.rae.es)). Além disso, considerou-se o caráter de ser um dicionário geral, que busca alcançar a exaustividade no recolhimento das entradas referentes tanto à Espanha quanto à América Hispânica. A 17ª edição foi selecionada porque, surgindo ao final de Guerra Civil Espanhola, se apresenta como uma reedição da 16ª, sem atualizações significativas, elaborada para preencher uma lacuna produzida em consequência das dificuldades geradas pelos anos de conflito. A 21ª edição do

---

<sup>4</sup> São considerados sinônimos os termos *prólogo*, *prefácio* e *prefação* (Novo dicionário da língua portuguesa, CDROM, 2002).

<sup>5</sup> Língua falada na região da América Central e sul do México, no momento da conquista espanhola, no século XVI. (DEM, 1996; DRAE, 1992; Novo dicionário da língua portuguesa, CDROM, 2002).

DRAE foi escolhida porque era a mais recente publicação da Real Academia no momento em que a pesquisa se iniciou, no ano de 1999.

Elegeram-se os verbetes relacionados ao México, em uma primeira escolha, porque se teve o propósito de observar como as descrições de lemas originários de um país hispano-americano se inscreviam nos enunciados lexicográficos do dicionário oficial da língua espanhola (DRAE). Ainda, a escolha do México se deu, especialmente, porque o país mantém uma característica histórica de respeito, preservação e resgate das origens indígenas pré-colombianas em relação às línguas nativas anteriores à colonização espanhola. Houve interesse em observar o modo como se incluíam as definições de lemas que mantêm uma interlocução com um universo marcadamente mexicano e as construções relativas à manutenção da unidade da língua que, entretanto, não abdica da preservação da diversidade.

Naquela pesquisa, portanto, procurou-se estabelecer um confronto entre a variação relacionada aos verbetes de origem mexicana e a forma de defini-los proposta desde uma vertente ibérica. Essa proposição de confronto entre as variedades ibéricas e mexicanas norteou as primeiras linhas de investigação e coleta de dados adotadas neste trabalho de doutorado que, por motivações variadas, seguiu trajetória diferenciada dos propósitos iniciais.

O percurso efetuado na dissertação, portanto, determinou o objetivo de seguir investigando dicionários gerais de língua. Para isso, se decidiu retomar o dicionário que circula de modo prestigioso na língua espanhola, o *Diccionario de la Real Academia Española*. Prossegue-se em uma linha de investigação que busca resgatar e potencializar estudos anteriormente realizados, através dos documentos linguísticos elaborados segundo o direcionamento que se estabelece a partir do Estado espanhol. Essa produção linguística ibérica se reflete, de alguma forma, nas

políticas de língua adotadas pelos Estados hispano-americanos e é, ao mesmo tempo, afetada por essas políticas.

Acredita-se que, com este estudo, se contribua para a reflexão sobre como se constroem as concepções de *língua* e *ciência* nos dicionários da instituição RAE, em sua correlação de autoridade com respeito à língua espanhola em questões de política linguística. Essa reflexão se estabelece também em relação aos enunciadore s e co-enunciadore s dos dicionários, vinculados a mudanças propiciadas por *movimentos intelectuais*.

Espera-se, em última instância, que seja possível fornecer elementos de consulta a outros investigadores e, ainda, material suficiente que propicie embasamento à própria pesquisadora para a ampliação de seus projetos acadêmicos futuros.

## 1 TRAJETÓRIAS DAS ACADEMIAS E A REAL ACADEMIA ESPANHOLA DE LÍNGUA

*Oy la Real Académia Española dá principio al Diccionario de fu Léngua, con la fatisfacción y glória de fer la priméra à romper tantas y tan infuperables dificultades como fe han ofrecido en fu práctica (Prólogo, DA, 1726).*

As características da circulação do conhecimento em parte dos séculos XVI e XVII explica a fundação de Academias, que se organizam em torno de saberes diversos. O estabelecimento e a consequente atuação de Academias de várias áreas do conhecimento evidenciam esse tipo de difusão. Essa tendência de divulgar o saber institucionalizado nas Academias, contudo, está mais estreitamente associada ao século XVIII e às concepções de ciência que dominam o período. A compilação e a propagação do pensamento epistemológico se efetivam através de produtos elaborados por tais instituições. No que tange às Academias de Língua, a produção está pautada em dicionários, gramáticas e enciclopédias, que têm a função de recolher o conhecimento gerado. Porém, os dicionários, muitos deles com características que dialogam com as enciclopédicas, teriam a oportunidade de circulação com maior abrangência entre o público e apresentam aspectos formais da língua de modo mais acessível.

Academias, ciência e dicionários estão imbricados, sob a influência dos movimentos intelectuais ou históricos-culturais que predominam e marcam cada época. E isso implica em inevitáveis mudanças do *pensar*, imediatamente refletidas na língua, sob várias formas.

## 1.1 FUNDAÇÃO DE ACADEMIAS: ENTRE CIÊNCIA E IDEOLOGIA

A fundação das Academias diversas, em países europeus como França, Itália e Espanha, com a função de organizar e difundir o conhecimento, determina a elaboração de dicionários, além de outros instrumentos normativos. Os primeiros dicionários das Academias italiana e francesa foram elaborados a partir do estabelecimento das respectivas instituições. Em tal contexto, assim como as outras instituições, a Real Academia de Língua Espanhola (RAE) edita obras lexicográficas que coloca à disposição do público ainda no princípio do século XVIII.

A trajetória de constituição da RAE, seu status de instituição respaldada pelo Estado espanhol, as funções de propagadora de saber e de responsável pela regulação do castelhano são considerados relevantes para as propostas que se desenvolvem neste trabalho. Parte-se da premissa de que a conjugação Academia-Estado espanhol se fundamenta em uma ideologia que assinala a necessidade de regulamentar a língua. Busca-se, ainda, as conexões entre o estabelecimento das Academias e a noção de “ciência” que as constrói e alicerça.

A relação língua-Estado, entretanto, é assinalada com anterioridade ao surgimento da RAE. Uma das evidências está na Gramática da Língua Castelhana, de Antonio de Nebrija, publicada em 1492, onde se registra o argumento “língua companheira do império” ([1492], 1992, p. 99). O poder exercido pelo Estado monárquico se marca através dessa representação da língua. Visto dessa forma, o acesso ao conhecimento metalinguístico tem um viés ideológico, na medida em que é uma porta de entrada para os bens que o saber propicia.

A concepção de ideologia como “elaboração intelectual realizada pela classe dominante e dirigente e incorporada pelo senso comum social” (CHAUÍ, 1996, p.74)

permite fazer conjecturas sobre o vínculo RAE-Estados hispânicos. A ideologia relacionada ao poder político, conduz e permeia os *produtos* elaborados com o patrocínio do grupo. Dessa forma, partindo da premissa de que a RAE *apresenta* e regulamenta a língua com o aval do Estado espanhol, evidenciam-se essas relações de poder. Nesse sentido, os instrumentos linguísticos - cuja função é exatamente fixar a língua - que são avaliados neste trabalho incluem aspectos de políticas estatais em sua constituição.

### 1.1.1 Movimentos intelectuais: associações e ideologia

O século XVIII é marcado pelo movimento cultural conhecido por Iluminismo, cujos razoamentos estão ancorados no Racionalismo e no Empirismo<sup>6</sup>, o que estabelece parâmetros para discussões na sociedade que se constroem nesse período. A denominação do movimento se relaciona de forma direta ao objetivo básico de iluminar com a razão o obscurantismo da tradição renascentista, baseada na crença religiosa (PADOVANI e CASTAGNOLA, [1954],1990). O Iluminismo também se referencia como Idade da Razão ou Século das Luzes. A metáfora das *luzes* cria um enlace com os contrários *luz e trevas* e a contraposição entre pensamento empirista e racionalista, próprio do Iluminismo, contrasta com o obscurantismo: a luz se relaciona, além da oposição com as sombras, à verdade, à ciência. O termo alemão *Aufklärung* (ou esclarecimento, conhecimento) se refere ao

---

<sup>6</sup> Ambas as correntes são fenomenistas e influenciaram, paralelamente, o pensamento dos séculos XVII e XVIII, período pós-Renascentista. O Racionalismo surge na França e está relacionado ao predomínio da razão, clareza e lógica (fenomenismo intelectualista) articulando o conhecimento, de acordo com métodos tomados das ciências exatas. O Empirismo, originalmente anglo-saxão, enfatiza a índole positiva e prática e o predomínio dos sentidos (fenomenismo sensista) na construção do conhecimento. Estão relacionados ao grande desenvolvimento das ciências exatas nos séculos XVII e XVIII, que influenciaram o pensamento e a filosofia. Terão aplicação prática no Iluminismo (PADOVANI e CASTAGNOLA, *ibid.*,p. 287-336).



esclarecimento racional relacionado ao princípio de Kant, “pensar por si próprio” (FALCON, 2004).

No nível intelectual, o Iluminismo converte a ciência no modelo paradigmático da verdade única e indiscutível. No plano político, se relaciona ao autoritarismo e ao elitismo dos déspotas iluminados, esclarecidos. É proposta uma nova ordem em que o poder reside na *intelligentzia*. O início do movimento intelectual iluminista está vinculado ao Renascimento e seu apogeu se conecta à revolução científica ocorrida no século XVII. O ápice do Iluminismo estaria, assim, concentrado no período entre os anos 1740 e 1770, aproximadamente. Para os historiadores, sua etapa final se deu em 1769, ou seja, vinte anos antes da eclosão da Revolução Francesa, em 1789. O período-chave da circulação de ideias de modo intenso e abrangente em toda a Europa, incluindo a Espanha, está centrado na fase próxima ao ano de 1760. Desse momento de grande movimentação participaram intelectuais, políticos e as camadas populares (FALCON, *ibid.*). Na mesma época teve início na França, em 1751, a elaboração da *Encyclopédia, Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (MARCONDES, 2001), com predomínio da participação de franceses entre colaboradores de outras origens. A obra provocou uma convulsão na Europa, influenciando o repúdio ao poder da Igreja e ao obscurantismo, representado pela monarquia absolutista. Pode ser entendida como a mais representativa do Iluminismo e da concepção que este trazia do papel da Filosofia, das artes e da ciência - o *saber*. A *Encyclopédie*, um *lugar* de produção das descobertas técnicas e científicas da época, além do desenvolvimento filosófico e artístico, teria o papel de pôr em circulação instrução e saber para o público alfabetizado. Os responsáveis pela obra, os “enciclopedistas”, eram homens doutos, selecionados entre médicos, engenheiros, funcionários públicos, clérigos, “letrados”

burgueses, que estavam situados em um grupo intermediário, entre as camadas mais elevadas e as populares, mas próximos destas últimas (MARCONDES, 2001).

Em uma vertente filosófica, o Iluminismo surge a partir da revolução inglesa de 1688 e, da Inglaterra, se expande por França, Itália e Alemanha assumindo, em cada região, características particulares e diferenciadoras. Na França, suas ideias ganham efetiva repercussão, penetrando os vários campos do saber. Cultura, artes e, também, o cotidiano refletem, dessa forma, as propostas norteadoras do Iluminismo. A Revolução Francesa, já no fim do século XVIII, em 1789, sintetiza a assimilação dos princípios de soberania e de domínio da *razão*. Reconhece-se na França o espaço onde o Iluminismo se apresenta de forma mais marcante e, a partir de tal lugar, irradia-se por outros territórios (PADOVANI E CASTAGNOLA, 1990).

Nesses momentos de predomínio do racional, criam-se Academias de Língua na Europa cuja função principal é a produção de dicionários e gramáticas. A necessidade de ordenar, organizar, normatizar está nas propostas iluministas, embora estivesse também presente na lógica e na razão preconizadas pelo Racionalismo, corrente do século XVII, uma das bases de formação do Iluminismo (Cf. nota 6), que sustentam ideologicamente a organização dessas instituições.

### 1.1.2 Academias: produções e propósitos

A necessidade de normatizar as línguas é anterior à difusão das ideias iluministas e racionalistas vinculadas à criação de Academias. Com esse fim, alguns documentos foram elaborados no Renascimento, no século XV e, no âmbito da cultura espanhola, a gramática do espanhol Antonio de Nebrija, de 1492, é uma obra emblemática e única.

A “Gramática Castellana” (NEBRIJA, [1492], 1992) apresenta, dentre as suas propostas, uma voltada para o aprendizado do *latim* e toma como ponto de partida a língua da região, o castelhano. Embora originado do latim, o castelhano apresentava modificações em relação à língua latina decorrentes dos usos próprios da comunidade e estaria mais próximo, portanto, desses aprendizes.

O período renascentista será determinado pela busca pela fixação das línguas através da definição de normas como uma necessidade de atender ao objetivo de servir ao ensino e, para atingir tal proposta, as línguas deveriam ser estabilizadas. Épocas posteriores também incorporam reflexões do Renascimento, o que reforça a necessidade de existência de organismos que se responsabilizam por dirigir e ordenar as tarefas de regulamentação das línguas. Além da gramática, registra-se a necessidade de recolher e inventariar o léxico pertinente, indicada na abertura do *Dicionário de Autoridades* (ou DA) de 1726: “El principal fin, que tuvo la Real Academia Española, [...] fué hacer um Diccionario copioso [...]” (DA, Prólogo, 1726, p.1).

Os organismos adequados para realizar tais funções eram as Academias, enquanto centros organizados e estabelecidos de produção, centralização e arquivamento do saber. O período compreendido pelos séculos XVI, XVII e XVIII está relacionado à constituição das Academias, determinada pela influência iluminista, racionalista, empirista no pensamento vigente e, assim, os princípios da razão, ordenação, coerência, clareza direcionavam o papel da ciência naquele momento. Nos séculos de XVI a XVIII, a ciência é vista como o eixo gerador de tudo o que se relaciona à vida e às gentes, mas a potencialização das Academias ocorre no século XVIII. Nesse momento se observa um acúmulo mais intenso de fundações

dessas instituições, embora haja registros de Academias estabelecidas em período anterior a esse século.

Dentro do conjunto formado pelos três séculos (XVI, XVII e XVIII) relacionados à ciência, o século XVII é, em especial, associado à revolução científica (FALCON, 2004). Entretanto, a obediência a padrões impostos pelo discurso científico é uma necessidade que se encontra nos dicionários elaborados no início do século XVIII. Conseqüentemente, as obras lexicográficas apontam, através dos prefácios, para o afã de incluir o léxico próprio da ciência no caudal repertoriado, como se apresenta no Capítulo 4 desta tese: **“En este Diccionario fe ponen generalmente todas las voces de la Léngua, eftén, ò no en ufo, con algunas pertenecientes à las Artes y Ciéncias, para que con fu notícia fe pueda faber fu significado con la proporción correſpondiente:”** (Prólogo, DA, 1726, p.2, grifos nossos). Nesse movimento, o dicionário da língua incorpora e divulga o vocabulário originalmente científico, através dos séculos XVIII e XIX.

A partir de propostas de orientação filosófica, caracteriza-se o século XX pelo que é entendido como o “fim da cultura humanista e das humanidades” (DOMINGUES, 2006, p.2). Abre-se espaço para a cultura pragmatista, potencializando-se as *tecnociências* e, em decorrência, tecnologia e aparato técnico dominaram o século passado e toda a sua conseqüente forma de produzir conhecimento. A tecnologia, ao redefinir a relação entre ética e ciência, instala novos valores e desloca o centro dos interesses humanos para a produção de cada vez mais aparatos tecnológicos.

Academias<sup>7</sup>, dentro desse panorama, chegam ao século XXI buscando incorporar as novidades da tecnologia sem perder a sua original proposta humanista

---

<sup>7</sup> Parte-se, principalmente, da consulta das páginas *web* da Academia espanhola, francesa, italiana.

e aderem, por exemplo, às páginas *web*<sup>8</sup> para divulgar informações. Dicionários digitais, boletins de atividades, artigos acadêmicos, realizações das instituições, opiniões sobre pontos polêmicos, informes gerais são processados e veiculados para que circulem de modo rápido e amplo, construindo novos parâmetros de divulgação de ideias. Esse meio proporciona, da mesma forma, que se digitalizem documentos antigos que ficam disponibilizados às consultas dos interessados, pesquisadores e outros usuários da Rede.

As Academias, observando seus percursos desde o século XVIII até o XXI, têm um propósito *oficial* comum que visa a reunir conhecimentos produzidos e compilá-los através de instrumentos que possam promover a circulação desses saberes. Tratando especificamente dos papéis das Academias de Língua, vê-se nessas instituições, de modo geral, um envolvimento com a elaboração de produções normatizadoras, os dicionários, as gramáticas, os tratados de ortografia. Essa elaboração de instrumentos linguísticos contempla as proposições estabelecidas para a fundação dessas instituições e justifica sua existência.

## **1.2 REAL ACADEMIA ESPANHOLA E ACADEMIAS: ASPECTOS FUNDACIONAIS**

A criação da Academia Espanhola de Língua no século XVIII fez parte de um projeto político para propagar o pensamento científico, eixo em torno do qual se construíram as diretrizes desse século. A Espanha, sob a influência do Iluminismo de acordo com o modelo francês, assume o discurso pela organização através de

---

<sup>8</sup> Define-se página *web* por “Recurso ou serviço oferecido na Internet (rede mundial de computadores), e que consiste num sistema distribuído (q. v.) de acesso a informações, as quais são apresentadas na forma de hipertexto, com elos entre documentos e outros objetos (menus, índices), localizados em pontos diversos da rede”. (Dicionário Aurélio eletrônico, 2001)

uma forma racional, visando a entender o Universo sob a ótica do conhecimento científico.

A constituição da Real Academia Espanhola tem influência do estabelecimento de duas Academias europeias, italiana e francesa, que se organizam de acordo com as proposições fundacionais de zelar pela boa língua e fixar normas. Explicita através do título que a designa, *Real Academia*, a relação com o Estado espanhol monárquico e com a marcante influência francesa: “El título que tomó fue de Academia Española, respecto de ser la primera de España, siguiendo en esto el exemplar de la Academia Francesa [...]” (HAE, 1770, p. XIV), demonstrando uma linha de continuidade com as políticas de língua traçadas por nações como França e Itália.

A primeira das Academias de Língua, a *Accademia della Crusca* de Florência, Itália, foi fundada em um período compreendido entre 1582 e 1583, ainda no século XVI, e assume a proposta de correção e perfeição da língua como base dos objetivos fundadores. O próprio termo *crusca* que a denomina e cujo significado remete à ação de separar elementos *puros* de *impuros*, indica esses propósitos:

O próprio Salviati deu novo significado ao nome *Crusca*, estabelecendo o uso da simbologia relativa à farinha e **atribuindo à Academia o objetivo de separar o joio do trigo (isto é, a "língua boa" da má)**, segundo o modelo de língua já promulgado por Bembo (1525) e recuperado posteriormente pelo mesmo Salviati que considerava o primado do florentino vulgar, moldado com base nos autores do século XIV.<sup>9</sup> ([http://www.accademiadellacrusca.it/primordi\\_fondazione.shtml](http://www.accademiadellacrusca.it/primordi_fondazione.shtml), grifos nossos)

---

<sup>9</sup> Lo stesso Salviati dette nuovo significato al nome di Crusca, fissando l'uso della simbologia relativa alla farina e attribuendo all'Accademia lo scopo di separare il fior di farina (la lingua) dalla crusca, secondo il modello di lingua già promulgato dal Bembo (1525) e ripresi poi dallo stesso Salviati che prevedeva il primato del volgare fiorentino, modellato sugli autori buona del Trecento. ([http://www.accademiadellacrusca.it/primordi\\_fondazione.shtml](http://www.accademiadellacrusca.it/primordi_fondazione.shtml))

A Academia Francesa, *L'Académie française*, se funda no século XVII, com a missão de fixar e regulamentar a língua francesa, além de compor um dicionário:

A Academia Francesa foi fundada em 1635 pelo Cardeal Richelieu. Os estatutos e regulamentos visados pelo cardeal, com as cartas patentes assinadas em 1635 por Luis XIII e registradas pelo Parlamento em 1637, consagram o caráter oficial de uma companhia de letrados que se reuniam anteriormente de maneira informal.

**A missão que lhe foi atribuída desde a origem era de fixar a língua francesa, de lhe dar regras, de torná-la pura e compreensível por todos. Ela devia, dentro desse espírito, começar pela composição de um dicionário.**

A Academia realizava suas sessões primeiramente em casa de tal ou tal membro, depois na casa do chanceler Séguier a partir de 1639, no Louvre a partir de 1672 e finalmente no colégio das Quatro - Nações, tornado palácio do Instituto, de 1805 até nossos dias.

Ao longo desses três séculos e meio de existência, ela soube manter suas instituições que funcionaram com regularidade, exceto a interrupção de 1793-1803.<sup>10</sup> (<http://www.academie-francaise.fr>, grifos nossos)

No século XVIII, registra-se o surgimento de Academias relacionadas às línguas faladas em território espanhol: a Academia da Catalunha se estabelece em 1729 (Historia de la Academia. In DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA, 1770), reunindo e legitimando conhecimentos específicos sobre a língua catalã.

Academias são reconhecidas como instituições de utilidade pública e cumprem o papel de promover a difusão do conhecimento, de organizá-lo, de estabelecer espaços para a reflexão, além de produzir normas e critérios que se constituem modelares em uma sociedade regida pela ordem e pela razão.

---

<sup>10</sup> L'Académie française fut fondée en 1635 par le cardinal de Richelieu.

Les statuts et règlements visés par le Cardinal, avec les lettres patentes signées en 1635 par Louis XIII et enregistrées par le Parlement en 1637, consacrent le caractère officiel d'une compagnie de lettrés, qui se réunissaient auparavant de manière informelle.

La mission qui lui fut assignée dès l'origine était de fixer la langue française, de lui donner des règles, de la rendre pure et compréhensible par tous. Elle devait dans cet esprit commencer par composer un dictionnaire.

La première édition de celui-ci fut publiée en 1694, les suivantes en 1718, 1740, 1762, 1798, 1835, 1878, 1932-1935. La neuvième édition, dont la publication a débuté en 1992, est en cours.

L'Académie tint ses séances d'abord chez tel ou tel de ses membres, puis chez le chancelier Séguier à partir de 1639, au Louvre à partir de 1672, et enfin au collège des Quatre-Nations, devenu palais de l'Institut, de 1805 à nos jours. Au cours de ses trois siècles et demi d'existence, elle a su maintenir ses institutions, qui ont fonctionné avec régularité, hormis l'interruption de 1793 - 1803. (<http://www.academie-francaise.fr/histoire/index.html>)

As instituições surgem em um contexto que se voltava para a organização de tratados científicos, de publicações culturais como uma forma de comunicação entre pensadores. O impulso que as ciências físicas, químicas, matemáticas tomaram teve reflexos marcantes nos poderes nacionais constituídos e, da mesma forma, no Estado espanhol, o que acarretou a criação por este de várias Academias e, além da de Língua, surgiram as de Belas Artes, Direito, História, Medicina. Dessa forma, o espaço das Academias se constitui propício à circulação de ideias, pautadas na ordem e na razão (PADOVANI E CASTAGNOLA, 1990).

Dentro de um período de ênfase na pureza e na correção da língua foi instaurada a dinastia dos Bourbon, de origem francesa, na Espanha dos anos 1700. O primeiro regente Bourbon em solo espanhol, Felipe V, é considerado o promotor de todo o movimento que determinou uma maior circulação de conhecimento. O regente criou, para efetivar tais propósitos, além de Academias, a Real Biblioteca Pública de Madri nos primórdios do século XVIII, instituição embrionária da atual Biblioteca Nacional de Madri. Os seus sucessores seguiram sua política de difusão e popularização do saber e deram prosseguimento a seus empreendimentos, fundando outras corporações análogas. Todas as instituições, não só as de Língua, que surgiram no período estavam destinadas a organizar e promover o conhecimento.

Com igual propósito, também se estabeleceram na Espanha a Real Academia de Belas Artes de São Fernando e o Gabinete de História Natural. Nesse movimento, na segunda metade do século XVIII, em 1785, o rei espanhol Fernando VII fundou o Real Museu do Prado de Madri, centro de referência internacional de divulgação da cultura e do saber. O Jardim Botânico também foi criado no mesmo



período assim como a Real Academia de História, esta com o objetivo de pesquisar e organizar a documentação do passado da Espanha.

Além das Academias, outras instituições, portanto, surgiram com este intuito - organizar e estabelecer o conhecimento científico, criar e fixar a razão e a norma. Durante todo o século XVIII, as Academias, museus, escolas, centros de pesquisa que se estabeleceram em terras espanholas tinham o objetivo de fazer circular saberes, aproximando a população das ciências e artes. Entretanto, a participação nos assuntos públicos continuava função reservada aos governos que praticavam o que se denominou *despotismo iluminado*, pautado na máxima “Tudo para o povo, mas sem o povo” (LÁZARO e TUSÓN, 1995).

A dinastia dos Bourbon, dominante no século XVIII, estimulou reformas que relacionam Espanha e França procurando, ao mesmo tempo, promover a difusão das luzes racionalistas. O Iluminismo penetrou os domínios espanhóis através de caminhos determinados por várias possibilidades, dentre estas, traduções de livros, cuja maioria era de origem francesa. A difusão da filosofia racionalista e deísta<sup>11</sup>, das ideias jurídicas baseadas no direito natural e não mais no direito divino, se concretizam nesse movimento. As propostas iluministas também se divulgam por meio das viagens realizadas pela burguesia entre países e por meio da aspiração ao modelo cultural francês (ANDERSON, 1989), marcando a importância da circulação de documentos e de pessoas determinado por esse trânsito. Tal movimentação estava determinada pelo primado das monarquias absolutizantes e, posteriormente, dos Estados imperiais mundiais sediados na Europa. Nesse contexto, tem papel

---

<sup>11</sup> Dentro da filosofia *deísta*, é aceitável a existência de Deus, mas não de certos dogmas como, por exemplo, a *revelação*., um preceito *teísta*. O deísmo é entendido como a *religião* natural professada por *livres pensadores*, distanciados de qualquer religião estabelecida (PADOVANI e CASTAGNOLA, *ibid.*, p. 288). Entre os *deístas* inclui-se Jean Jacques Rousseau, nome expressivo do Iluminismo.

significativo o surgimento dos primeiros jornais no século XVIII por propagarem discursos que divulgam acontecimentos, costumes e ideias entre regiões geograficamente distanciadas e distintas culturalmente que, desse modo, conheciam realidades diferentes da sua própria (ANDERSON, 1989, 2008).

Além desses caminhos de penetração das ideias iluministas em território espanhol, é possível reconhecer uma relação entre a institucionalização de diversos campos do saber através das Academias e o papel do Estado monárquico na propagação das ideias iluministas na Espanha.

Dentro de seus propósitos de fundação, essas instituições acadêmicas<sup>12</sup> estão vinculadas formalmente às produções que fixam a língua e, nesse sentido, pode-se entender a função das gramáticas e dicionários em um contexto de difusão do pensamento científico e racional. A propagação desse pensamento enfatiza a produção e as publicações de instrumentos linguísticos que disponibilizam ao cidadão comum as ideias e o saber pautados nas concepções racionalistas, iluministas, em edições voltadas para essa camada de público. (MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES RJ, 2002; LÁZARO e TUSÓN, 1995)

### 1.2.1 Fundação da Real Academia: a relação com o Estado

A história da fundação, do desenvolvimento e envolvimento da Real Academia Espanhola (RAE) é relatada nas edições do Dicionário de Autoridades de 1726 e 1770, no capítulo *Historia de la Academia Española*, doravante Historia ou HAE<sup>13</sup>. A seção do DA que trata da história da Real Academia recupera o papel e a trajetória da instituição, que dão suporte às reflexões contidas neste trabalho.

---

<sup>12</sup> Neste trabalho se entendem Instituições acadêmicas em relação sinonímica com Academias (Língua, Ciências, Arte, entre outras),

<sup>13</sup> A “Historia de la Academia Española” forma um capítulo do Dicionário de Autoridades de 1726 e junto ao Dicionário de Autoridades de 1770. Os textos de 1726 e 1770 são semelhantes e contêm

É uma prática que edições do DRAE também contenham descrições detalhadas das atividades e decisões tomadas pela Real Academia, assim como as justificativas para as atitudes do grupo de *acadêmicos*<sup>14</sup>. Isto reforça a legitimação da RAE quanto a seu papel regulador da língua através da exposição de uma metodologia proposta para organizar o dicionário. O método de trabalho se identifica através de, por exemplo, discussões sobre critérios para inclusão das etimologias dos lemas.

A RAE conta com o aval e a proteção do Estado espanhol desde que teve seu funcionamento outorgado pelo rei Felipe V, em 1714. Havia, entretanto, iniciado suas atividades em 1713, atendendo ao objetivo principal de promover a preservação do idioma. Essas intenções estão expostas no *memorial*<sup>15</sup> que o Marquês de Vilhena apresenta a Felipe V para reivindicar a criação da Real Academia, assim também como na resposta do rei ao marquês (Cf. HAE In Anexos C e D).

SeñOR. El Marqués de Villena, [...] à los pies de V. Magestad, dice, que haviendole manifestado diferentes **Persónas de calidad**, letras, y ardiente zelo de la glória de V. Magestad, y de nuestra Nación, el deseo que tenían de trabajar en común a **cultivar y fijar** en el modo posible la **pureza y elegância de la léngua Castellana** dominante en la Monarchia Española, y tan digna por sus ventajosas calidades de la sucesión de su madre la Latina [...], pidiendole se sirva de favorecer con su Real Proteccion nuestro deseo de formar debaxo de la Real autoridad una Academia Española , que se exercite en cultivar la pureza y elegância de la léngua Castellana: [...] (Petição do Marquês de Vilhena. In HAE, 1726, p. XII-XIII, grifos nossos).

---

informes detalhados sobre a trajetória de estabelecimento da Academia. Reproduzem os Estatutos de fundação da RAE e documentos relacionados às suas origens, apresentam listagem de membros, constituindo um relato do que se refere ao estabelecimento e trajetória da RAE, a “Historia” serviu como fonte de consulta e atestação para propostas que foram feitas neste trabalho.

<sup>14</sup> O termo *acadêmicos* se refere aqui aos membros da Real Academia.

<sup>15</sup> O termo *memorial* designa a petição que foi enviada ao rei espanhol e cuja cópia está incluída na “Historia de la Academia”, DA,1770.

Através desse diálogo entre o marquês e o rei, a solicitação inicial assume um caráter de lei. Felipe V ratifica e reforça os argumentos da petição, repetindo os mesmos argumentos formulados pelo marquês, em sua resposta:

EL REY. Por quanto haviedo puesto el Marqués de Villena en mi Real noticia, que diferentes **Persónas de calidád**, y consumada erudición en todo género de letras, deseaban trabajar en común a **cultivar y fijar las voces y vocablos de la léngua Castellana** en su mayor propiedad, elegáncia y pureza:[...], me suplicó el Marqués fuesse servido favorecer el deseo de formar uma Academia Española debaxo de mi Real Prtotección [...] la qual ha de estar inmediatamente, [...], debaxo de mi amparo, y Real Protección. [...]. YO EL REY. (Resposta de Felipe V. In HAE, 1726, p. XX- XXII, grifos nossos).

A interlocução entre chefe do Estado (rei) e representante da Academia de Língua (marquês) reitera a articulação língua-Estado espanhol anterior à fundação da RAE, configurada desde Nebrija. O fato de a Real Academia ter um documento do rei que outorga seu funcionamento, estabelece relações de protecionismo às determinações quanto à pureza da língua. Nesse contexto, a língua funciona como elemento de organização do Estado e de propagação da ideologia que este promove e alimenta.

Além da relação com o Estado, mantendo enlaces de continuidades/aproximações, a composição funcional da Real Academia sustenta um paralelismo com a constituição da *Encyclopédie* (Cf. item 1.1.1), a grande compilação do saber do período iluminista (MARCONDES, 2001), publicada na França a partir de 1751, liderada por Diderot. A elaboração da obra estava a cargo da intelectualidade de seu tempo (Cf. item 1.1.1), do mesmo modo que o grupo de colaboradores da RAE reunia uma elite intelectual formada por doutos de variados campos do saber, entre religiosos, bibliotecários, professores e nobres instruídos.

Com um grupo, portanto, oriundo de diferentes áreas, que incluía o Marquês de Vilhena, *se celebró la Junta*<sup>16</sup>, em 3 agosto de 1713, ou seja, a primeira plenária que consta dos Registros da Academia (HAE,1770, p. XII-XIII). Essa maneira de articular as decisões através de plenos continua sendo utilizada pela Real Academia, mantendo-se tradições de continuidade instauradas na fundação.

A natureza da relação dessa instituição com o Estado está na estrutura organizacional da própria RAE: seu estabelecimento foi regulamentado através de decreto real, assim também como suas funções. Dentro de um quadro de prioridades estabelecido sobre as funções da Real Academia, a elaboração de um dicionário se coloca como primeira e principal obra. A aprovação oficial do monarca também abrange a escolha do emblema da Real Academia, um crisol<sup>17</sup> ao fogo acompanhado do lema “Limpia, fixa y dá esplendor”.

[...] pareciendo que esta empresa abrazaba todos los fines que pretendia la Academia con su Diccionario: **pues así como el fuego purifica los metales da la escoria que tienen, así tambien la Academia limpia la lengua por medio de su exâmen de las voces ajenas é impropias, fixa las propias y expresivas, y da esplendor á nuestro idioma.** (HAE, 1770, grifos nossos).

O conceito de língua *pura e limpa*, que constitui o emblema da RAE, é potencializado na produção do século XVIII da instituição e os registros dessa concepção de língua estão apontados nos prólogos e na HAE (1770).

Os aspectos da infra-estrutura de organização da RAE fazem parte do decreto firmado pelo rei espanhol:

<sup>16</sup> “Junta” é o nome dado à reunião de acadêmicos, segundo os informes apresentados na Historia de la Academia, 1770.

<sup>17</sup> A figura do crisol, por si só, é emblemática porque se trata de um recipiente onde se derretem metais; caldeira.

EL REY. me suplicó el Marques [Marques de Villena] fuese servido favorecer el deseo de formar una Academia Española debaxo de mi Real proteccion, **compuesta de veinte y quatro Académicos, dandola facultad y permiso de ordenar y establecer las reglas y constituciones que juzgase mas propias y convenientes para lograr el fruto que se propone de poner la lengua castellana en su mayor propiedad y pureza, y consiguientemente la facultad de elegir del número referido de los Académicos un Director que presida las Juntas.** [...] Un Secretario para la custodia y buena colocación de los papeles [...] **Que tenga un impresor propio con nombramiento y título de la Academia.** [...] (Decreto Real. HAE, 1770, p. XV-XVI, grifos nossos).

O documento real ainda estabelece a relação de patrocínio que a Real Academia mantém com o Estado - subvencionada por ele através de uma verba de sessenta mil reais anuais e alguns aportes provenientes da “renda do tabaco” consumido na Espanha. A dotação oficial à RAE foi aumentada substancialmente anos depois e, desse modo, o rei concedeu à Real Academia maiores recursos para prosseguir com os trabalhos imputados à ela desde a sua fundação. Tais aportes refletem o interesse estatal em subsidiar a instituição para que se fortaleça e possa impulsionar os estudos sobre a língua de modo mais efetivo. A política linguística adotada pela monarquia de normatizar para difundir o castelhano é, assim, reforçada por essas ações.

Por decreto real de outro monarca, Fernando VI, a RAE é dotada de mais autonomia em suas decisões, ainda no século XVIII. O rei determina que as publicações acadêmicas poderiam ser compostas por qualquer impressor<sup>18</sup> e levadas a público “sem censuras de outro tipo, desde que se preservassem a verdadeira doutrina da Religião católica e os bons costumes”<sup>19</sup> (HAE, 1770). O Estado monárquico que, ao mesmo tempo dota a Real Academia de autonomia

---

<sup>18</sup> O documento enviado pelo rei, datado de 3 de outubro de 1714, em resposta à solicitação do Marquês de Villena de criação da Academia, determinava que houvesse um impressor próprio, que era o mesmo da Casa Real, como já foi apontado (Historia de la Academia Española in DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA, 1770, p. XX-XXII).

<sup>19</sup> Tradução livre nossa.

suficiente para escolher o seu impressor (Cf. nota 18) e mais recursos financeiros, estabelece uma restrição que remete ao catolicismo e indica uma relação em que se submete ao poder da Igreja.

Além da estrutura de cargos e dotação de poderes da Real Academia, suas funções fazem parte de decretos reais: “la experiencia universal ha demostrado ser ciertas señales de la entera felicidad de una Monarquía, quando en ella florecen las ciencias y las artes”. O decreto também, em outro momento, assinala a importância do castelhano como língua organizada “traducir con igual propiedad y valentía cualesquiera originales, aunque sean latinos ó griegos”. O documento também estabelece de forma explícita o significado da língua castelhana para a monarquia: “uma das melhores entre as que estavam vivas no momento”. No mesmo decreto avalizado pelo Estado, constrói-se um diálogo necessário com ciências e artes. Destacam-se, ainda através do documento, modos de contextualizar a língua que deverão estar presentes na elaboração do Dicionário - vocábulos e frases retirados de escritos de “los autores españoles de mejor nota” (HAE, 1770).

Reforça-se, pelos documentos de poder legal, a relação entre o Estado espanhol e a Real Academia que é dotada de papéis e funções que lhe atribuem o poder de decidir sobre questões linguísticas. O apoio financeiro para o desenvolvimento das atividades da Real Academia, estabelecido pelos decretos, subsidia essa atitude protecionista e legitima o status da RAE como organismo regulador.

Historicamente, reproduz-se a relação Estado-Real Academia também no modelo monárquico de poder que conforma a estrutura da RAE. Dentro da sua organização, a autoridade máxima foi outorgada ao Diretor, sendo os primeiros quatro Diretores da Academia que sucederam ao Marquês de Villena (fundador da

instituição e nomeado seu Diretor perpétuo) todos familiares seus. Ainda segundo o Estatuto (HAE, 1770), que determina sobre as regras de sucessão do dirigente máximo, os que a ele se seguiram deveriam ser eleitos a cada ano. Somente a partir da escolha de seu quinto Diretor, a RAE passou a ser liderada por um não descendente do Marquês (Estatuto In HAE, 1770). Durante o período de domínio dos Villena, os descendentes deles sucedem a seus familiares à medida em que ficam vagos os postos de comando/autoridade. Registra-se o fato de que os descendentes de Villena foram efetivamente eleitos para ocupar a função, em cumprimento aos Estatutos fundacionais da Real Academia. Mas, de qualquer modo, é reconhecível que a dinastia do Marquês se manteve à frente da RAE durante um espaço longo de tempo - quarenta e dois anos (de 1713 a 1751) -, quando faleceu o último varão da família.

Os diretores que os sucederam, contudo, tiveram a mesma prerrogativa que os Villena, porque houve o descumprimento de regra estabelecida nos Estatutos de fundação da RAE. Foi rompido, com o consentimento e aprovação do rei, o item III do capítulo V que prescrevia que o período de vigência do mandato seria de um ano. Dessa forma, foram instituídos *diretores perpétuos* também os dirigentes que ocuparam a função de 1751 em diante (HAE, 1770), mantendo-se na RAE a continuidade da estrutura análoga à da monarquia, em uma associação entre Real Academia e os modelos promovidos pelo Estado.

A Real Academia, historicamente uma instituição avalizada e incentivada pelo Estado espanhol, tem status como organismo de prestígio, principalmente através de vários colaboradores, pertencentes à ela ou não. De acordo com essas características, cabe à RAE a tarefa de determinar um modelo de *língua nacional*. Propaga o culto à autoridade desde sua fundação, além da utilidade da língua



escrita como modelo para o ensino. Na comunidade idiomática, a RAE tem reconhecido papel regulador no que diz respeito à língua, tanto quanto ao dicionário como com respeito às gramáticas publicadas com sua assinatura (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, 2004), o que é ratificado no prólogo de 2001:

**Con su reconocida autoridad en materia léxica**, la Academia incorpora a su Diccionario no solo aquello que responde a lo que se ha llamado el genio de la lengua, sino, también, ajena a un purismo trasnochado, otro tipo de innovaciones y, siempre con cautela, extranjerismos a veces no acomodados a esa índole, pero ya asentados en la comunidad hispanohablante.(DRAE, Advertencia, 2001, p.1, grifos nossos)

O prestígio que se vincula à Real Academia mantém uma relação de co-referencialidade com sua legitimidade. O prestígio é de natureza ideológica, mas também incorpora aspectos de natureza técnica: a escola lexicográfica apresentada nos prólogos em contraste com outros dicionários faz parte dessa discussão.

Além do papel de referência linguística e normativa de prestígio para os falantes do espanhol, a importância institucional da Real Academia da Língua Espanhola pode ser verificada em outras situações. A influência que teve sobre a execução de obras gramaticais ou lexicográficas em outras línguas, como o português, é uma delas. Tal inspiração se identifica no modelo do inacabado dicionário da Língua Portuguesa, organizado pela Academia Real das Ciências de Lisboa, obra de destaque na lexicografia portuguesa. O dicionário português, publicado em 1793, somente recolheu as entradas referentes à letra A e foi chamado “Diccionario da Academia”. No projeto original da obra portuguesa, apresentado sob a forma de manuscrito, a Academia Espanhola é citada como inspiradora de sua organização. Entretanto, as referências à Espanha foram

retiradas por ocasião da impressão gráfica da “planta” definitiva do dicionário português.<sup>20</sup> (GONÇALVES, 1993).

A elaboração de dicionários conhecidos como *acadêmicos*, ou seja, preparados pela Real Academia, concede um papel especial à RAE dentro de um universo seletivo: permite que a Espanha faça parte de grupo dos organizadores de obras lexicográficas conceituadas, como França e Itália.

Apesar da reconhecida e criticada instabilidade lexicográfica das definições das entradas dos dicionários gerais da RAE (HAENSCH, 1992), as obras que têm o aval da Real Academia circulam de modo amplo e prestigioso na comunidade hispânica. Essa circulação abrangente ratifica um status de poder da Real Academia de Língua Espanhola no que diz respeito à regulação de norma e uso do espanhol.

A ligação Real Academia e Estado espanhol em relação à língua está presente nas produções da RAE, assim como nos documentos que determinam suas funções. Uma ligação anterior entre língua e Estado está estabelecida desde o século XV, entretanto, pela Gramática de Nebrija. Esse percurso histórico de relacionamento entre a instituição e o Estado registrado no período de fundação da RAE, no século XVIII, persiste de forma marcada através das políticas linguísticas espanholas estatais na atualidade, como se indica no Capítulo 4, que devem ser implementadas pela Real Academia e por outros organismos ligados ao Estado.

### 1.2.2 Academias de Língua Espanhola: papéis históricos

Na representação institucional da Real Academia, a associação desta com as Academias de Língua Espanhola revela a trajetória das instituições relacionadas ao

---

<sup>20</sup> Segundo Gonçalves (1993), o manuscrito original está arquivado em Évora, Portugal.

espanhol no eixo Espanha/Américas. São estabelecidas após os movimentos de libertação da Espanha e do reconhecimento do espanhol como língua oficial nesses territórios.

A primeira Academia de Língua Espanhola criada na América foi a da Colômbia em 1871, seguindo-se a esta, sucessivamente, todas as outras Academias (SECO, 1988, p. 91- 95; ASALE, *pág.web*). O grupo de instituições é composto pelas vinte e duas Academias de Língua Espanhola existentes<sup>21</sup>.

Procurou-se, com esse agrupamento, promover a integração das nações/Estado que têm o espanhol como língua oficial através da fundação de uma Associação de Academias de Língua Espanhola:

En 1951, y por iniciativa del presidente Miguel Alemán, se convocó en México el **I Congreso de Academias de la Lengua Española**, en el cual se acordó la **constitución de la Asociación de Academias, cuyo fin es trabajar asiduamente en la defensa, unidad e integridad del idioma común**, y velar porque su natural crecimiento sea conforme a la tradición y naturaleza íntima del castellano. (RAE, *página web*, 2002, grifos nossos)

La inusual convocatoria permitiría que se **estudiaran en conjunto asuntos** tales como **1) unificar el léxico**, enriqueciendo el acervo de la lengua común con las voces que en América usamos popularmente y con las de manera incesante surgen sin explicación filológica, 2) ajustar a sus verdaderas acepciones los americanismos que ya figuran en el Diccionario, 3) establecer Academias en aquellos países de Lengua Española, en donde aún no existan, y 4) poner al servicio de la Humanidad esa fuerza de amor y de cohesión espiritual que es el idioma, única arma que tienen los pueblos débiles para comprender y hacerse respetar (ASALE, *página web*, 2009, grifos nossos).

---

<sup>21</sup> La Asociación de Academias de la Lengua Española está integrada por las veintidós Academias de la Lengua Española que existen en el mundo: la Real Academia Española (1713), la Academia Colombiana de la Lengua (1871), la Academia Ecuatoriana de la Lengua (1874), la Academia Mexicana de la Lengua (1875), la Academia Salvadoreña de la Lengua (1876), la Academia Venezolana de la Lengua (1883), la Academia Chilena de la Lengua (1885), la Academia Peruana de la Lengua (1887), la Academia Guatemalteca de la Lengua (1887), la Academia Costarricense de la Lengua (1923), la Academia Filipina de la Lengua Española (1924), la Academia Panameña de la Lengua (1926), la Academia Cubana de la Lengua (1926), la Academia Paraguaya de la Lengua Española (1927), la Academia Boliviana de la Lengua (1927), la Academia Dominicana de la Lengua (1927), la Academia Nicaragüense de la Lengua (1928), la Academia Argentina de Letras (1931), la Academia Nacional de Letras del Uruguay (1943), la Academia Hondureña de la Lengua (1948), la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española (1955) y la Academia Norteamericana de la Lengua Española (1973). (Asociación de Academias de la Lengua Española - ASALE, *página web*, fev 2009)

Destaca-se o especial papel do México, através do presidente Alemán, como condutor do processo que organizou a Associação de Academias de Língua. O Estado mexicano, tradicionalmente, promove ações com o fim de legitimar a língua espanhola, mas toma o cuidado de incorporar também as línguas indígenas - e isso se reflete em instrumentos linguísticos.

As páginas introdutórias do *Diccionario del Español Usual en México* (DEM, 1996) trazem concepções sobre a língua espanhola: “a responsável pela constituição nacional, o instrumento usado para que o mexicano reflita sobre si mesmo”. Na obra se assinala que apesar de ter sido imposta aos ancestrais, remontando-se ao período colonial, é a língua dos meios de comunicação, da literatura, das leis, dos documentos oficiais, *do relato histórico da nação mexicana* (DEM, id.). O reconhecimento da *língua nacional*, no entanto, não exclui as línguas ameríndias que não devem apenas sobreviver, mas “recuperar seu papel histórico” na construção da nação (DEM, id.). As reflexões propostas sobre as posturas do México com respeito à proteção da língua ameríndia e o reconhecimento do espanhol como a língua da Nação estão explicitadas na Introdução desse instrumento linguístico conceituado enquanto obra lexicográfica, o Dicionário do Espanhol Usual no México (1996).

A Associação de Academias da Língua Espanhola, formada pelas Academias dos países hispânicos, veio dar respaldo oficial ao principal propósito estabelecido inicialmente pelo México, na reunião promovida pelo presidente mexicano Alemán, *unificar o léxico* (ASALE, pág. web). Nesse sentido, o dicionário da RAE está vinculado a todos os de língua espanhola e necessita estabelecer marcas distintivas entre os usos hispano-americanos e espanhóis.

Para lograr realizar o dicionário, as Academias Correspondentes enviam colaborações periódicas que são incluídas no Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia (DRAE). A colaboração das Academias hispano-americanas tem importante papel histórico como via de informações de que dispõe a RAE para revisar o léxico do espanhol americano. A constituição da Associação das Academias (Cf. nota 21) procurou dotar o trabalho da RAE de feição propositalmente de maior abrangência. A partir de sua fundação, se instituiu uma Comissão Permanente que concentra os dados pertinentes às Academias americanas e os envia à Academia Espanhola.

Anteriormente à fundação da Associação das Academias, a instituição espanhola, entretanto, inclui nos prólogos a partir de 1884, a colaboração das Academias Correspondentes e americanos colaboradores: “Pertenece a outros de los aciertos que le avaloran á las **Academias Colombiana, Mejicana y Venezolana, Correspondientes de ésta**, y á insignes americanos que ostentan igual título” (DRAE, Advertencia, 1884, p.2, grifos nossos).

As breves informações sobre a cooperação Real Academia-Academias Correspondentes se intensificam e chegam à segunda metade do século XX, em 1970, indicando explicitamente que a elaboração do dicionário conta com a colaboração das Academias americanas.

En las voces y acepciones americanas se han podido añadir unas y fijar otras en su sentido y localización **gracias a una mayor relación con las Academias hermanas** y a la presencia de académicos suyos que han cooperado en nuestros trabajos, desde que en 1965 se constituyó la Comisión Permanente de la Asociación de Academias de la Lengua Española. (DRAE, Preámbulo, 1970, p.1, grifos nossos)

O movimento de procurar dar um perfil mais abrangente ao dicionário, incorporando a comunidade hispânica aos trabalhos da instituição espanhola em conjunto com as Academias Correspondentes, é detectado nos prólogos posteriores. A preocupação por manter a unidade da língua é assinalada declaradamente no prefácio de 1984. Em 1992, se mantém explícita essa preocupação, até que se assume, no início do século XXI, a opção pela categorização de *pan-hispanismo* (DRAE, Advertencia, 2001). O cerne da busca pela *unidade* (o *pan-hispanismo* do século XXI) já está na atitude de fundar a Associação de Academias em 1951, assim também como no DRAE de 1925, que acolhe *americanismos*, de acordo com o Capítulo 4, mesmo ainda sem a colaboração efetiva das Academias:

Para esta tarea [incluir americanismos], **la Academia, falta de información propia, hubo de atenerse casi sólo a los vocabularios de americanismos que andan impresos; al seguirlos**, sin duda habrá cometido errores, **mas espera que las Academias Correspondientes que allá están constituidas puedan ayudarle a enmendarlos en las ediciones futuras.** (DRAE, Advertencia, 1925, p.1, grifos nossos)

No fim do século XX, a Associação de Academias (ASALE) estabelece uma declarada proposta integradora em relação à língua espanhola, na construção de uma comunidade linguística não necessariamente homogênea:

La nueva función de las Academias de la Lengua

Las funciones atribuidas tradicionalmente a las Academias de la Lengua consistían en la elaboración, difusión y actualización de los tres grandes códigos normativos en los que se concentra la esencia y el funcionamiento de cualquier lengua y que aseguran su unidad: la *Ortografía*, el *Diccionario* y la *Gramática*. **Hasta hace algunos años, el modo de alcanzar esos objetivos se planteaba desde el deseo de mantener una lengua "pura", basada en los hábitos lingüísticos de una parte reducida de sus hablantes**, una lengua no contaminada por los extranjerismos ni alterada por el resultado de la propia evolución interna. En nuestros días, las Academias, en una

orientación más adecuada y también más realista, se han fijado como **tarea común la de garantizar el mantenimiento de la unidad básica del idioma**, que es, en definitiva, lo que permite hablar de la comunidad hispanohablante, haciendo compatible la unidad del idioma con el reconocimiento de sus variedades internas y de su evolución.

**Esta orientación panhispánica**, promovida por la Real Academia Española y que las Academias han aplicado sistemáticamente y se plasma en la coautoría de todas las obras publicadas desde la edición de la *Ortografía en 1999*, **procede de la voluntad política de actuar en una determinada dirección**, pero requiere también los medios humanos, económicos y técnicos que permitan conocer la realidad actual del español con todo detalle, para luego poder recomendar, con conocimiento de causa, las líneas de actuación más adecuadas. [...]

El conocimiento de las características que presenta actualmente nuestra lengua en todos los países que integran el mundo hispánico permite llevar a cabo **una auténtica política panhispánica**, que **recoge lo consolidado por el uso** y, en los casos necesarios, se adelanta a proponer las opciones que parecen más aconsejables en aquellos puntos en los que el sistema muestra vacilación. (ASALE, página web, fev 2009, grifos nossos)

O discurso da ASALE assinala uma ruptura com os primeiros direcionamentos das Academias de Língua voltados somente para uma língua restrita a um grupo e elitizada. A proposta linguística vigente se estabelece a partir de políticas panhispánicas que preservem a unidade da língua, a partir do resgate do *uso*, mantendo uma relação de co-referencialidade.

A política linguística que faz parte dos documentos da Associação de Academias sobre a integração dos países de língua espanhola, está em consonância com os textos produzidos pela RAE. Aqui, sobre a inclusão de lemas: [número de americanismos] “Con ello nos situamos en el camino correcto para conseguir un **diccionario verdaderamente panhispánico, reflejo no solo del español peninsular sino del de todo el mundo hispanohablante.**” (DRAE, Preámbulo, 2001, p.1, grifos nossos). Esse movimento sinaliza a efetiva participação

da América através das indicações de que o recolhimento dos americanismos se faz a partir daí.

O papel da RAE e das Academias Correspondentes está no próprio dizer oficial da instituição ibérica, a partir das determinações sobre políticas e objetivos em relação à língua espanhola desde o século XVIII.

A autoridade da matriz Real Academia Española frente às Academias de Língua é reconhecida pela própria Associação (ASALE, *pág.web*), que recolhe dados e os envia à RAE, embora o grupo formado pela Associação de Academias tenha uma certa autonomia decisória. O principal papel da Associação quanto à atualização do dicionário está relacionado à revisão dos lemas oriundos da América.

La Comisión Permanente, Junta Directiva de la Asociación, está constituida por los tres cargos que residen en Madrid durante todo el año (Presidente, Secretario General y Tesorero) y por cinco vocales, cuatro de ellos delegados de las Academias americanas y de la Filipina, y uno de la Española, que se unen a los primeros durante los meses de febrero, marzo y abril; entonces, todos trabajan conjuntamente en la sede de la Comisión Permanente.

**Su misión es coordinar los trabajos de todas las Academias que colaboran intensamente con la Española** en la elaboración de sus obras más representativas.

Los cargos que ejercen sus funciones anualmente, sobre todo la Secretaría General, se encargan de organizar y coordinar todo el trabajo de la Asociación, tanto el científico como el administrativo, de acuerdo a lo establecido en el artículo 15 de los Estatutos, lo que se traduce en un cúmulo de tareas diversas.

Las obligaciones de los delegados consisten en colaborar con las tareas concretas que deban ser realizadas cada año y que son muy diversas; sin embargo, de ellas, la más importante es **la revisión de los americanismos de sus países respectivos** con miras a **la constante actualización del *Diccionario académico***. (“Estructura y función”, ASALE, *página web*, 2009, grifos nossos)

Entretanto, em última forma, a instituição espanhola apresenta as normas e as regras decisivas, finalizadoras, no seu papel de *matriz*. A descrição dos



procedimentos e dos métodos que direcionam o trabalho da Real Academia Espanhola ratificam sua função.

La Academia funciona en Pleno y en Comisiones que se reúnen semanalmente.

El Pleno, integrado por todos los académicos, [...] los asistentes presentan enmiendas y adiciones al *Diccionario*. Después, se examinan las propuestas formuladas por las diversas Comisiones. **Las resoluciones, en el caso de que se produzca disparidad de criterio, se adoptan mediante votación.** [...]

**Las Comisiones tienen la misión de elaborar las propuestas que posteriormente examinará el Pleno para decidir sobre su aprobación.** [...]

**Al servicio de los trabajos que la Academia desarrolla en Pleno o en Comisiones, funciona el Instituto de Lexicografía**, integrado por los filólogos y lexicógrafos que realizan las tareas de apoyo para la elaboración de los diccionarios académicos (“Información institucional; Organización y sistema de trabajo; Sistema de trabajo”, RAE, página *web*, 2009, grifos nossos).

As informações sobre a estrutura da instituição dão ao leitor as informações sobre a organização de funcionamento da RAE em colegiado, assinalando uma transparência no que diz respeito à realização de suas funções. Entretanto, persiste a posição de autoridade final enquanto aos processos decisórios.

Em relação aos objetivos propostos como meta da instituição, há um *continuum* na reiteração em um tópico estabelecido na fundação da Real Academia no século XVIII pelos Estatutos (HAE, 1770).

La **misión principal** de la Real Academia Española, **según los Estatutos** que regulan su funcionamiento, **es evitar que los cambios que experimente la lengua española en su constante adaptación a las necesidades de sus hablantes quiebren la unidad que mantiene en todo el ámbito hispánico. A tal fin, la Academia debe establecer los criterios de propiedad y corrección de la lengua, así como contribuir a su esplendor.** En

cumplimiento de este mandato se desarrollan los proyectos académicos. (“Obras Acadêmicas”, RAE página *web*, 2009, grifos nossos)

O discurso continuado pela *unidade* da língua se reforça nas referências à tradição e aos registros dos Estatutos regulamentadores de 1714. A política linguística de unidade que incorpora a descentralização, a variação, que direciona as ações da RAE está correlacionada a uma concepção explicitada no título dessa seção:

### **Unidad en la diversidad**

**Una tradición secular, oficialmente reconocida, confía a las Academias la responsabilidad de fijar la norma que regula el uso correcto del idioma. Las Academias desempeñan ese trabajo desde la conciencia de que la norma del español no tiene un eje único, el de su realización española, sino que su carácter es policéntrico. Se consideran, pues, plenamente legítimos los diferentes usos de las regiones lingüísticas, con la única condición de que estén generalizados entre los hablantes cultos de su área y no supongan una ruptura del sistema en su conjunto, esto es, que ponga en peligro su unidad. [...]**

En una **tarea de intercambio permanente**, las veintidós Academias de la Lengua Española articulan un consenso que **fija la norma común para todos los hispanohablantes en cuestiones de léxico, de gramática o de ortografía, armonizando la unidad del idioma con la fecunda diversidad en que se realiza.** (“Política linguística panhispânica”, RAE página *web*, 2009, grifos nossos).

O discurso pela *unidade* que incorpora a variação é explicitado também nos prefácios, como em 2001:

Desde que en 1780 comprendió el gran *Diccionario de Autoridades* en un solo volumen para facilitar su manejo y consulta, no ha dejado la Real Academia de trabajar en el perfeccionamiento y actualización de su *Diccionario de la lengua española*. [...]

Con frecuencia se solicita, y a veces de manera apremiante, que sean borrados del Diccionario términos o acepciones que resultan hirientes para la sensibilidad social de nuestro tiempo. La Academia

ha procurado eliminar, en efecto, referencias inoportunas a raza y sexo, **pero sin ocultar arbitrariamente los usos reales de la lengua**. Conviene tener claro al propósito que el Diccionario debe facilitar, al menos, **claves para la comprensión de textos escritos desde el año 1500**. Para que cumpla esta misión esencial, la Academia no tiene más remedio que **incluir en el Diccionario esas voces molestas**, sin que ello suponga prestar aquiescencia a lo que significan ahora o significaron antaño. [...]

De ese modo, en la conciencia de que el Diccionario es una obra en marcha, y, **fiel a la tradición**, que es riqueza patrimonial de todos, quiere la Real Academia Española servir de modo eficaz, con el concurso de sus Academias hermanas, **a la unidad del español** (DRAE, Preámbulo, 2001, 22<sup>a</sup> ed., grifos nossos).

Reproduz-se a ênfase em uma norma que acolhe e legitima as diferenças registradas no espanhol como normas também, conforme o Capítulo 4. As variedades são respeitadas, principalmente, porque não ferem a unidade do sistema linguístico em todos os níveis em que a língua se realiza. Isso se especifica no discurso da Associação e no dos prólogos, da mesma forma.

As descrições dos procedimentos do que compõe o arcabouço do dicionário e sobre as políticas que norteiam a Real Academia assinalam uma busca pela transparência de ações. Contudo, se embute uma posição de autoridade formada pelos próprios ditames explicitados pela RAE e, dessa forma, o que se ratifica é um discurso de poder institucional.

### 1.2.3 Dicionário: obra principal

Faz parte de uma opção da Real Academia, no século XVIII, a elaboração do dicionário de língua (nesse momento, o Dicionário de Autoridades ou DA) em detrimento da Ortografia e da Gramática, que atenderia ao objetivo principal de servir ao ensino da língua (HAE, 1726, 1770). A decisão por elaborar primeiro o dicionário se baseia no argumento de que este auxiliaria na composição da

Gramática com mais propriedade. O dicionário, assim, deveria compreender todas as *voces* (ou vocábulos) da língua, atuais ou antiquadas, em ordem alfabética rigorosa e as que significassem objeto indecente seriam desprezadas, assim como as que se inventaram sem critérios. Além das informações semânticas, outros dados seriam incluídos na obra lexicográfica, como gênero e etimologia, desde que devidamente fundamentada. Também teriam cabida as vozes antiquadas, familiares, festivas, vulgares, poéticas, forenses e de qualquer outra arte ou ciência, indicando-se seus usos. Ainda, seria acrescentada a correspondência latina aos verbetes do dicionário, devidamente abonada pelos melhores autores castelhanos, para que “pudesse ser utilizado por outras nações” (HAE, 1770).

O modelo lexicográfico apresentado evidencia o propósito de compilar *toda* a língua no dicionário para que ele possa cumprir os diferentes papéis de decodificar, de ensinar gramática e ortografia, de fornecer material de consulta para traduções, reunindo em uma só, outras duas publicações (Gramática e a Ortografia) de funções diferenciadas. O dicionário, assim, levaria o saber *condensado* ao maior número possível de pessoas. O objetivo de reunir toda a língua responde a um modelo lexicográfico, mas também a uma representação de língua como um conjunto de itens lexicais, incluídas as diversas funções que o dicionário desempenha, com destaque ao papel didático.

O esboço de um modelo de *planta*, de um planejamento, cuja função é direcionar as informações lexicográficas e organizar o dicionário da Real Academia de 1726 é estabelecida para a execução da obra (HAE, 1770). A planta, como em qualquer dicionário, estabelece os critérios de organização, hierarquiza as inclusões das definições dos verbetes. Através dela, ainda se determinam as informações

sobre a língua que são fornecidas aos usuários, incluindo o que deve ser potencializado ou suprimido.

No esboço da planta, são expostas algumas questões que evidenciam conceitos de língua que norteiam a elaboração do primeiro dicionário elaborado pela Real Academia, em 1726. Uma das proposições indica que a língua se apresenta pela comparação e pela tradução, e propõe o cotejo entre Latim e Castelhana. Outra, envolve aspectos gramaticais e históricos (ao abordar informes sobre gênero, etimologia). Através de uma terceira, verifica-se a importância de incluir informações que facilitem o *uso*. Há, ainda, a visão de que o repertório lexicográfico pode abarcar *todo* o léxico.

Modernamente, a Real Academia procura traçar um perfil de planejamento lexicográfico que se propõe dentro de parâmetros mais atualizados para fundamentar os dicionários que elabora. Procura incorporar, para atender a esse objetivo, dados estatísticos sobre a frequência de uso do léxico e mantém um banco de dados de quatrocentos milhões de registros em dois *corpora* eletrônicos. O acervo se divide em um *corpus* de caráter sincrônico, cuja sigla é CREA: “Corpus de Referencia del Español Actual” e outro, diacrônico, CORDE: “Corpus Diacrónico del Español”. As decisões finais de inclusão e exclusão de lemas, entretanto, vão ao plenário da Academia para voto decisivo, como se faz desde a fundação da RAE, de acordo com a página *web* da Real Academia (<http://buscon.rae.es/drael/>).

As concepções sobre língua são representadas nos dicionários da RAE, Autoridades e DRAE, em correlação com as políticas linguísticas que visam à normatização e à unidade. O planejamento do dicionário que se indica nos prefácios cumpre a função de organizar e indicar de que forma esses conceitos serão tratados na obra, além de expor ao leitor os objetivos da obra.

### 1.2.3.1 Dicionários representativos da Real Academia: *Autoridades* e *Usual*

Na produção lexicográfica da RAE, são referidos de forma diferenciada o dicionário fundador, *Autoridades* (as duas edições, de 1726 a 1739 e de 1770), e o *Usual* (22 edições, de 1780 a 2001). O primeiro e o mais emblemático produto lexicográfico da Real Academia, o “Diccionario de la Lengua Castellana”, mais conhecido como “Dicionário de Autoridades” (também *Autoridades*, DA ou dicionário antigo), foi publicado na primeira metade do século XVIII. Organizacionalmente, na primeira edição do DA, o repertório lexicográfico foi distribuído em seis tomos, agrupados por conjuntos de letras. Esses volumes foram publicados ao longo do período compreendido entre 1726 e 1739.

A conceituação positiva do dicionário determinou a publicação de uma segunda (e última) edição de *Autoridades*, em 1770. Configura, entretanto, apenas uma revisão incompleta da primeira edição, que contempla totalmente o tomo I (letras A,B) e somente a letra C do tomo II (DRAE , Prólogo, 1780).

No momento da publicação da segunda edição do DA e, por ocasião da edição da Gramática, existe uma efetiva cooperação com grupos relacionados à produção de conhecimento. As Academias de diversos campos do conhecimento se difundiam por vários lugares fora de Espanha, mantendo um diálogo com a RAE e junto a distintas Academias espanholas, podiam intercambiar informações e saberes (Cf item 1.1.1). Essa troca de informações traz subsídios à composição do dicionário (HAE, 1770).

A história da constituição e da trajetória da Real Academia se relaciona, dessa forma, ao momento em que a geração de conhecimento, a produção científica

e as artes têm por referência a ordem e a razão propagadas pelo Racionalismo e a abertura às luzes do saber, postulada pelo Iluminismo (Cf item 1.1.1) Conseqüentemente, todo esse conhecimento organizado sob tais preceitos é difundido pelas Academias e se materializa nos *instrumentos lingüísticos de gramatização* (AUROUX, 1992), a gramática e o dicionário.

Nos procedimentos de elaboração do DA, se atribui a responsabilidade de redigir os verbetes correspondentes a cada letra da obra aos acadêmicos<sup>22</sup>, que trabalharam sozinhos ou em pares, de acordo com a tarefa a ser realizada. Em alguns casos, o mesmo acadêmico poderia ocupar-se de mais de uma letra. A composição desse grupo de acadêmicos é bastante heterogênea (Cf. item 1.2.1) no que diz respeito à sua relação com a língua - o conjunto era formado por nobres, religiosos, professores, bibliotecários, servidores do palácio real e por um advogado (HAE, *ibid.*). A indicação da variedade na formação intelectual dos dicionaristas é relevante porque determina que se reconheçam nos enunciados lexicográficos as posições do acadêmico que os produzem - e do plenário que aprova as decisões.

É possível encontrar referências ideológicas em entradas que remetem, por exemplo, à religião católica:

Lema **JESUS**:

**JESUS.**

**Nombre venerable y Dulcíssimo** que se dá à la segunda Persóna de la Santissima Trinidad **hecha hombre para redimir el género humano**. Es nombre Hebreo que significa Salvadór. Suele escribirse em abreviatura assi IHS. y Covarr. dice, que aquella H. no es la que corresponde à la nuestra, sino es la i larga de los Griegos, y lo confirma con la pronunciacion que se hace de ella. Lat. *Iesus*. (DA (Tomo 4, 1734, grifos nossos)

<sup>22</sup> O termo *acadêmico(s)* se refere aos que compõem o corpo de membros da RAE.

São observadas algumas formulações relacionadas a princípios da religião católica. Registra-se a participação de representantes da Igreja na elaboração das definições através do número significativo de religiosos entre os que compunham o quadro de membros da Real Academia. O enunciado lexicográfico indica a posição a partir da qual o redator (ou redatores) elabora, principalmente, a abertura da definição do lema *Jesus*.

Remete, ainda, às posições dos acadêmicos materializadas nas definições, o fato de que o dicionário deveria conter amostras de uso retiradas de textos em língua castelhana, as “autoridades” (o termo se refere a exemplos recolhidos de escritos elaborados por autores de reconhecido prestígio). Este tipo de abonação dá origem ao nome pelo qual é referido o dicionário, “Autoridades”.

O Dicionário de Autoridades, como outras obras lexicográficas, mantém uma relação de intertextualidade com o “Tesoro de la Lengua Castellana” de Sebastian de Covarrubias (1611). Esse tipo de vinculação se caracteriza por estabelecer associações implícitas ou explícitas com outros textos (MAINGUENEAU, 2003):

**Las obras que proyectó** [...] la Academia [...], y la que eligió por primera y principal fue un Diccionario de nuestra lengua, **siguiendo**, aunque con mas extension, **el exemplo de nuestro Don Sebastian de Covarrubias**, que con novedad y aprobacion de propios y estraños publicó en el año de 1611 su Diccionario con el título de Tesoro de la lengua castellana, que sirvió de modelo á los completos Diccionarios que han hecho otras naciones (HAE, 1770, p. XXVII, grifos nossos).

A intertextualidade com Covarrubias também está expressa no enunciado da entrada *Jesus*, de 1726: “[...] y Covarr. dice [...]”, o que evidencia o papel de referência. A interlocução com o texto de Covarrubias estabelece a legitimação de uma fonte de consulta do dicionário da Real Academia.



Na elaboração dos verbetes do dicionário da RAE existe uma retomada de modos de definir que promovem alterações na arquitetura do lema, visando que os enunciados não sejam considerados plágios, cópias de outros anteriormente elaborados para obra diversa. A relação com a obra de Covarrubias explica as características de Autoridades, próximas dos Tesouros, que por um lado aportam informações enciclopédicas, e por outro procuram conter toda a língua.

O segundo produto lexicográfico relevante da Real Academia, o *Diccionario de la Lengua Castellana “usual” (DRAE)*<sup>23</sup>, foi editado pela primeira vez em 1780. O motivo que se invoca para publicar o dicionário se reporta aos usuários: “el **Público** carece de un **DICCIONARIO** completo, porque se ha acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando,” (DRAE, Prólogo, 1780, p.1, grifos nossos). O Dicionário *Usual* é uma condensação do Dicionário de Autoridades em um só tomo, por razões tais como reduzir seu custo e facilitar o manuseio da obra (DRAE, *Portada* e Prólogo, 1780).

De acordo com um princípio básico - diminuir a extensão do dicionário para facilitar seu manuseio -, foram tomadas algumas decisões quanto à estrutura da obra: “Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, definicion y la correspondencia latina” (DRAE, Prólogo, 1780, p.1). Essa redução, entretanto, exclui do dicionário exemplos que poderiam facilitar aos leitores a informação sobre o uso do lema, as “autoridades”. As autoridades têm como função básica, além legitimar o lema, contextualizar o emprego do vocábulo definido. Sobre essa estratégia de legitimação, o

---

<sup>23</sup> O *Diccionario de la Lengua Castellana “usual”* é referenciado através da sigla *DRAE*, *Diccionario de la Real Academia*.

procedimento de incluir fragmentos de textos de autores consagrados para exemplificar as definições lexicográficas é entendida como *intertextualidade*.

A tendência a fazer dicionários compactos do fim do século XVIII, assumida no DRAE, é uma prática herdada do Iluminismo, vinculada às opções por clareza e concisão próprias do movimento. Estabelece-se um paralelismo entre a propensão redutora que se constata no DRAE e a que leva, por exemplo, à modificação de dicionários de língua portuguesa (NUNES, 2001).

O dicionário de 1780 (DRAE) é, pelas características descritas, uma reedição compilada do Dicionário de Autoridades, com alterações ortográficas para atender às regras vigentes na época (Prólogo, DRAE, 1780). As edições posteriores do DRAE se reproduzem a partir do modelo de 1780 e, ao longo delas, se encontram descrições que repetem, com pequenos ajustes, enunciados redigidos na 1ª edição de Autoridades:

Lema **PANADERO:**

Panadero, ra: El que tiene por oficio hacer y vender pan. (DA, 1737, Letra C, Tomo II)

Panadero, ra: Persona que tiene por oficio hacer o vender pan. (DRAE, 2001)

As definições dos enunciados lexicográficos de *panadero*, de 1737 e 2001, coincidem entre os dicionários de Autoridades e Usual. Houve, entretanto, modificações determinadas por (1) avanços na elaboração lexicográfica: “el que” se substituiu por “persona”, atendendo ao critério da “identidade categorial”, segundo Capítulo 3; (2) ajuste semântico determinado pelo tempo decorrido entre uma

publicação e outra e mudanças nas relações de trabalho: a conjunção aditiva “y” foi substituída pela alternativa “o” em “persona que vende **ou** faz pão” (grifos nossos).

No âmbito da lexicografia do espanhol, muitos dicionários de língua tomam o DRAE como base para as definições de seus lemas, como se assinala no Capítulo 3. Ademais, o dicionário *Usual* cumpre a função de referência complementar em algumas obras lexicográficas. O dicionário de língua CLAVE<sup>24</sup> é um exemplo de interlocução com as produções lexicográficas da Academia, ao incluir em seus créditos informação sobre o uso da obra: “Con corchete inicial cuando **no está registrado en el Diccionario de la RAE**” (CLAVE, 2000, edição impressa, p.XVIII, grifos nossos). A elaboração dos verbetes registra tais sinalizações gráficas:

#### Lema **PLUSMARCA**

[**plusmarca** s.f., En deporte, mejor resultado técnico homologado:  
*Esta atleta ha conseguido bajar la ‘plusmarca’ nacional de los cien metros lisos* (CLAVE, 1998, edição em cdrom)<sup>25</sup>.

Em posição análoga, observam-se comparações e remissões ao DRAE ou à RAE em dicionários que circulam no meio hispânico. Um exemplo é o Diccionario de Hispanoamericanismos, coordenado por Renaud Richard (2000), que registra um paralelo com a Real Academia em seu sub-título: Diccionario de Americanismos - **no recogidos por la Real Academia** (grifos nossos). Esse tipo de dicionário, de regionalismos, se apresenta como complementar ao dicionário geral.

<sup>24</sup> CLAVE. DICCIONARIO DE USO DEL ESPAÑOL ACTUAL (2000) é editado pela SM, da Espanha.

<sup>25</sup> Na página *web* da Academia informa-se que o lema *plusmarca* será incluído na 22ª do DRAE, revelando uma provável interlocução da RAE com as demais publicações lexicográficas de língua espanhola.

Os movimentos de buscar legitimação através de comparações com a produção da Real Academia reforçam seu caráter de instituição regulamentadora e de autoridade quanto ao estabelecimento de normas linguísticas do espanhol.

### 1.2.3.2 Outras produções lexicográficas da Real Academia: obras diversas

A profícua produção lexicográfica da Academia não se restringe às edições dos dicionários canônicos, *Diccionario de la Lengua Castellana*, ou *Autoridades* (DA) e do *Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia* (DRAE). A Real Academia também tem uma produção alternativa que inclui o *Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española* (total de 4 edições, de 1927 a 1989, publicadas por nove vezes nos anos de 1927, 1950, 1983 e 1983b, 1984 e 1984b, 1985 e 1985b, 1989)<sup>26</sup> e o *Diccionario Histórico* (total de duas edições: 1933 e 1936 ), além do recente *Diccionario Panhispánico de Dudas*, este em outubro de 2005. Ademais, lançou o *Diccionario Esencial*, em 2006, que se apresenta como uma edição resumida do DRAE, também o *Diccionario del Estudiante*, em 2005, e o *Diccionario Práctico del Estudiante*, em 2007, este voltado para a América e não disponível na Península Ibérica. Em elaboração, estão ainda o *Nuevo Diccionario Histórico de la Lengua Española* (NDHLE) e o *Diccionario Académico de Americanismos* ([rae.es/drael/](http://rae.es/drael/)).

Dentro das propostas lexicográficas que a Real Academia apresenta e não implementa, registra-se em 1727, a de elaborar um dicionário universal que compreendesse as línguas espanhola, italiana, francesa e latina, além de lemas pertencentes à História, à Geografia e às demais ciências e artes, incluindo as

---

<sup>26</sup> Observa-se em 1984, 1985 e 1986 a ocorrência de uma distinção, marcada pela letra *b*, que, se supõe, é uma possível reimpressão. Não se teve acesso, entretanto, a informações que pudessem dirimir a dúvida.

respectivas etimologias. Tal realização, contudo, foi considerada impraticável porque seria um trabalho que demandaria tempo e acarretaria o afastamento da RAE de outras tarefas mais urgentes e necessárias, atendendo a seus critérios (HAE, 1770). Entretanto, nesse movimento malogrado de organizar um dicionário de características exaustivas, observa-se uma tentativa de reunir línguas europeias *gramatizadas* (AUROUX, 1992) em comparação com o latim, do qual se originam. Há uma interlocução com as concepções próprias do período (século XVIII), voltado para a necessidade de organizar documentos e compilar saberes. Essa busca está de acordo com preceitos próximos do que pode ser entendido por um trabalho científico rudimentar.

Através das obras elencadas que conformam a produção lexicográfica da RAE, evidencia-se que os produtos não se restringem ao DA e ao DRAE. Entretanto, são examinados somente esses dois dicionários nesta pesquisa, porque são considerados os de maior destaque dentre todos os que a RAE avalia. A base dessa escolha, portanto, está centrada no caráter histórico-fundacional do DA e no de circulação ampla do DRAE.

### **1.3 ACADEMIAS, HISTÓRIA, LÍNGUA: CORRELAÇÕES**

O percurso que cumprem as Academias se relaciona de forma estreita com as propostas contidas nos movimentos intelectuais que estabelecem modificações nas sociedades. As mudanças provocadas pelos conceitos iluministas e racionalistas que trouxeram avanços significativos ao campo científico levam, em um período pós Renascentista, a uma procura por organização e razão. Estados influenciados por essas proposições de trazer uma nova ordem após um período

obscurantista, adotam os preceitos dos movimentos que propunham a busca pelo conhecimento e os materializam sob a forma de Academias que deveriam compilar saberes e promover o esclarecimento. São necessários os instrumentos linguísticos de gramatização, dicionário e gramática, para cumprir tais papéis e as Academias são as instituições, por constituição, destinadas a esses fins.

Em especial, interessa neste trabalho a trajetória da Real Academia Espanhola de Língua porque constrói um significativo status de organismo prestigiado e regulador, com poderes decisórios estabelecidos e reconhecidos nas questões de língua. Em sua relação histórica com o Estado espanhol, a instituição é avaliada e subvencionada por ele e se encarrega de pôr em prática as políticas linguísticas inerentes ao Estado. Através de suas produções, normatiza e regula o que se admite em torno a questões linguísticas, em última forma. Nesse sentido, os dicionários e outras produções assumem um papel de destaque na comunidade hispano-falante porque estão associados à norma e à regra.

Desse modo, é crucial recuperar a trajetória de fundação das Academias para legitimar a criação da Real Academia Espanhola, assim como estabelecer seu papel junto à língua espanhola e às outras Academias de Língua, mantidas nos países hispânicos, em suas funções junto à Academia peninsular. Questões ideológicas atravessam essas relações e configuram o que conforma a língua espanhola, que está estreitamente ligada, como no imaginário de qualquer falante, ao conjunto do léxico que é repertoriado nos dicionários gerais. Assim, é preciso refletir e apresentar o papel que a instituição normativa do espanhol, a RAE, tem em relação à elaboração desses dicionários que *contêm* a língua.

## 2 O MÉTODO DE TRABALHO: MOTIVAÇÕES E MANEJO DOS PRÓLOGOS

*El amor à las letras, y la cultúra y pulidéz del trato humano ha reducido cali todas las Ciéncias, ò Artes à Diccionarios, intentando que por ellos se aprendan y fepan (DA, Prólogo, 1726).*

Neste capítulo, descrevem-se os procedimentos empregados para recolher os vinte e quatro prólogos (ou prefácios)<sup>27</sup> dos dicionários elaborados pela Real Academia Espanhola (RAE), de 1726 a 2001, utilizados como objeto de estudo deste trabalho. A partir disso, justifica-se a trajetória metodológica que foi percorrida para delimitar o *corpus* principal de análise. Esse percurso merece consideração porque visa a esclarecer os processos que levaram à tomada de decisões sobre o material de análise final.

As propostas teóricas que direcionaram os encaminhamentos se apoiam no estudo “História das Ideias Linguísticas” (HIL) que considera os dicionários como “instrumentos tecnológicos de gramatização” (AUROUX, 1992), diretamente responsáveis pela normatização e divulgação das línguas. Também se considera que, enquanto “organizados ideologicamente de determinada maneira” (ORLANDI, 2002, p.107), refletem os períodos sócio-históricos em que se inserem.

Caracterizando o estudo em suas origens e desdobramentos, a pesquisa procurou fazer um enlace com a dissertação de mestrado (CHAVES-FERREIRA, 2002), na qual foi realizado um estudo dos verbetes oriundos do México em duas edições do dicionário da Real Academia Espanhola. A experiência com ensino-aprendizagem da língua espanhola também foi decisiva para propor a atual investigação. Na prática docente, se está constantemente submetido às normas e às

---

<sup>27</sup> Considera-se “prefácio” (do latim *praefatio*) e “prólogo” (originalmente do grego *prologoV*, via latim *prologu*) em relação sinonímica, uma vez que remetem etimologicamente, ambos, à função de introduzir algo. Houve uma distinção de usos, que se perdeu no tempo, na qual “prefácio” tinha mais acolhida para designar aberturas de obras religiosas (GIUSTI, 2003).

regras emanadas da instituição oficial que, dentro do mundo hispânico, dita o que é permitido e aceito na língua espanhola e, em consequência, o que não é admitido, como se apresenta no Capítulo 1. Tal atitude se reflete no encaminhamento de todo o *saber* produzido em relação à língua, determinado por limitações provenientes da *orientação* da Real Academia.

Em decorrência da observação dos papéis e funções dessa instituição com respeito à língua espanhola, considera-se procedente realizar um estudo que permita identificar conceitos de língua que atravessam os séculos, contidos nos prefácios dos dicionários e nos verbetes. Procura-se, também, identificar e analisar papéis em relação à língua que o enunciador RAE constrói para si e para seus co-enunciadores. Objetiva-se, ainda, analisar as concepções de língua em relação aos *movimentos intelectuais* influentes à época da elaboração dos dicionários. Além disso, verificar se as concepções explicitadas nas produções lexicográficas da Academia estão de acordo ao que os verbetes relacionados à língua e ciência apresentam.

Em consequência desses propósitos, algumas questões deveriam ser respondidas ao longo do trabalho, vinculadas a possíveis modificações do conceito de língua formulado pela RAE e dos modos e recursos empregados para designar língua através do tempo. Outra proposta estaria de acordo com a verificação da imagem que é construída sobre a língua e identificar práticas institucionais em relação aos papéis que se atribuem à RAE como enunciador. Nesse movimento, se determinariam se esses papéis se modificam ao longo das edições. Outra questão estaria relacionada às maneiras e estratégias que a instituição utiliza para *revelar* seus co-enunciadores. Ainda, se procuraria estabelecer que função assume a ciência na constituição do dicionário.



Atendendo às propostas inicialmente norteadoras, os prólogos dos dicionários, em contraste com alguns verbetes, servem como base para buscar soluções a esses questionamentos.

## 2.1 RECOLHIMENTO DOS PREFÁCIOS: A TRAJETÓRIA DA SELEÇÃO

Para que se tenha acesso aos prólogos elaborados para introduzir os dicionários da Real Academia, é necessário reportar-se à página *web* da instituição disponível na Internet. A página traz *links* gerais sobre a instituição principal (RAE) e organismos a ela relacionados, além de obras de sua produção lexicográfica.

O item “Real Academia Española” dá acesso a diversos *links* (“Diccionario de la lengua española”, “Diccionario Panhispánico”, “Banco de Datos”, entre outros). Um deles remete ao acervo “Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española” (ou somente NTLLE)<sup>28</sup>.

O *link* “Novo Tesouro Lexicográfico” leva a informações bibliográficas sobre os dicionários. Encontram-se nele “caixas” organizadas por tipo de dicionário (“selección de tipos: Autoridades, Usual, Histórico, Manual”). Ainda disponibiliza uma entrada pelo critério cronológico (“años”), que permite a consulta das obras por ano de publicação, direcionando a busca do usuário.

Estão disponíveis no NTLLE o conteúdo integral (página inicial, páginas preliminares, prefácio, verbetes, discursos, histórico da formação da Academia) das duas edições do Dicionário da Língua Castelhana ou “Dicionário de Autoridades” (DA), acessíveis através do item 3.1 (“Autoridades”) do enlace. Além dessas, vinte e uma edições do “Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia Espanhola”

---

<sup>28</sup> O NTLLE foi editado também em *DVDROM*.

(DRAE) também estão acessíveis no item 3.2 (“Diccionario usual”). Fazem parte do acervo do Tesouro Lexicográfico, ainda, o dicionário “Manual” e o “Histórico”.

As publicações que compõem o acervo do NTLLE foram colocadas à disposição dos usuários da página *web* através de arquivos digitalizados. Esse conjunto abrange os DA editados de 1726 a 1739 (1ª edição), o de 1770 (2ª edição) e os DRAE desde 1780 (1ª edição) até 1992 (21ª edição). A reprodução dessas edições, portanto, foi feita a partir da captação das imagens contidas nas páginas dos dicionários originalmente impressos em papel.

A consulta à página *web* da RAE permite encontrar a última edição do DRAE, a 22ª, de 2001, disponível em formato *html*<sup>29</sup>. Verifica-se, desse modo, que a edição apresentada na Rede não foi reproduzida a partir da obra em papel, como acontece com as anteriores. Na página *web*, a 22ª edição tem um acesso particular, pela entrada “Diccionario de la lengua española”, e não faz parte do acervo do Novo Tesouro Lexicográfico. Diante do constatado, o prefácio da 22ª edição do DRAE foi digitado a partir do dicionário impresso. A conduta objetivou manter a regularidade quanto à fonte de coleta dos demais prefácios.

Ao comparar as duas formas de apresentação da 22ª edição do dicionário (em livro e em *html*), verifica-se que o prefácio impresso em papel tem título, forma e conteúdo diferentes do texto introdutório que está disponível na página *web*. O “Preâmbulo” (impresso) conforma um texto distinto da “Presentación” (*html*) porém, ambos cumprem igual função: introduzir, apresentar o dicionário. A não coincidência entre essas páginas de apresentação corrobora a necessidade de realizar o recolhimento do prefácio a partir da edição em livro. Assim, é possível manter o paralelismo com os demais prólogos digitalizados a partir de originais impressos.

---

<sup>29</sup> Segundo o Dicionário Aurélio século XXI eletrônico, HTML é “sigla que designa uma linguagem padrão para a escrita e formatação de documentos em hipertexto, usada na *web* da Internet”.

## 2.2 APRESENTANDO O *CORPUS*: A RECUPERAÇÃO DOS PREFÁCIOS

O fato de os prefácios dos dicionários terem sido capturados a partir de imagens exige a digitação das partes que seriam utilizadas na pesquisa. Esse procedimento é necessário porque o formato em imagem das reproduções feitas no NTLLE não permite retirar fragmentos dos textos. Tal ação, assim, é fundamental para efetuar os recortes necessários às análises<sup>30</sup>.

Utiliza-se um editor de texto para digitar os vinte e quatro prefácios que introduzem os DA e os DRAE. Houve cuidado para que fossem mantidas a ortografia e os caracteres gráficos originais de cada um dos prefácios<sup>31</sup>. Com esse procedimento, visa-se a facilitar a inclusão de trechos dos prólogos e de informações significativas neles apresentadas, necessários ao desenvolvimento e à comprovação das amostras destinadas à análise.

### 2.2.1 Organização por séculos: elaborando dicionários por 280 anos

Os prólogos estão mapeados em um quadro que permite melhor visualização do conjunto da produção lexicográfica da Academia (Quadro 1). Entende-se que agrupá-los de acordo com os séculos em que foram elaborados, do XVIII ao XXI, seria uma forma facilitadora de localização temporal de cada edição. Com o agrupamento, se observam variações no número de publicações: há um número maior de edições no século XIX, exatamente o dobro das do século XVIII, e menor

---

<sup>30</sup> Todo o material recolhido (prefácios originais e digitados) compõe um arquivo gravado em *CDROM*, que está franqueado a outras pesquisas.

<sup>31</sup> A manutenção dos caracteres determinou que se utilizassem outras “fontes” para aproximá-los o mais possível dos originais, como se observa na digitação do DA em termos como: *allunto*, *Elpañóla*, *lingular*, *obfcuridád* (grifos nossos).

no século XX. Essa maior ou menor intensidade do trabalho lexicográfico da instituição espanhola estaria determinada pela interferência de aspectos relacionados aos movimentos intelectuais, que se apresentam e discutem no Capítulo 1, e que traçam as diretrizes do pensamento ao longo dos séculos, uma das proposições deste trabalho.

Quadro 1: Distribuição dos dicionários por séculos

Séculos de publicação	Número de publicações	Ano das edições
XVIII	5	1726, 1770, 1780, 1783, 1791
XIX	10	1803, 1817, 1822, 1832, 1837, 1843, 1852, 1869, 1884, 1899
XX	8	1914, 1925, 1936-9, 1947, 1956, 1970, 1984, 1992
XXI	1	2001
TOTAL	24	

### 2.2.2 Presença marcante: os *movimentos intelectuais*

A partir da observação do relacionamento dos prólogos com o período em que foram elaborados, estão separados dentro dos séculos de publicação, sob dois aspectos: (i) o número total de prefácios por século; (ii) as prováveis relações desses prefácios com os movimentos intelectuais (FALCON, 2004) predominantes na época em que se inserem.

A distribuição temporal se apoia no pressuposto de que o surgimento e a feitura de dicionários se vinculam às necessidades advindas dos diferentes modos de pensar do homem e das suas urgências sócio-históricas. Isto se pauta na *visão* do dicionário, enquanto *instrumento linguístico* e de *gramatização* (AUROUX, 1992), diretamente associado a um campo de ideias e a circunstâncias históricas e sociais.

Na divisão feita com base nos séculos, leva-se em conta que tal marca temporal é frequentemente utilizada nos materiais bibliográficos que servem de base teórica a este trabalho. Tais suportes teóricos, relacionados à Filosofia ou à História (PADOVANI, 1990; HOBBSAWM, 1998; MARCONDES, 2001; FALCON, 2004), apresentam e discutem tais *correntes de pensamento* ou *movimentos intelectuais*, norteados pelas referências aos séculos.

Esses elos podem ser reconhecidos, por exemplo, em referência a um período específico da história mundial - a *colonização latino-americana* pelos europeus. O processo colonizador exige a comunicação rápida e efetiva entre indivíduos usuários de línguas distintas, que precisam entender-se adequadamente. Esse aspecto prático oriundo da necessidade de trocar informações propiciou o surgimento de vocabulários e dicionários bilíngues - era urgente que se criassem instrumentos de apoio para que não houvesse dependência exclusiva dos intérpretes que dominavam as línguas (ORLANDI, 2002).

Atendendo a esses pressupostos, neste trabalho se busca um modo de organização que visa a unir história e discurso, e em decorrência, se produz um correlacionamento com os movimentos intelectuais vinculados aos séculos em que foram elaborados os prefácios.

As produções dos séculos XVII e XVIII remetem ao momento em que as propostas dos movimentos intelectuais, apresentadas no Capítulo 1, principalmente as do Iluminismo, estavam vigentes. A amplitude da realidade rica e diversificada que conforma o Iluminismo determina que o movimento pode ser o ápice ou o início de um processo. O *Iluminismo*, “enquanto ponto de chegada, aparece como o clímax de uma trajetória cujos começos se identificam com o Renascimento, mas que só se potencializa com a revolução científica do século XVII” (FALCON, 2004, p.6).

As reflexões sobre as origens do Iluminismo fazem com que o século XVII seja relacionado também às propostas do Renascimento e à necessidade de elaborar dicionários e gramáticas, determinada por esse movimento. Ao processo de elaboração desses documentos linguísticos, Sylvain Auroux (1992) nomeia “gramatização”, como se inclui no Capítulo 1. No Renascimento europeu surge a necessidade de descrever as línguas do mundo (não somente as europeias), partindo da tradição greco-latina como ponto de apoio. Essa necessidade determina, conseqüentemente, a elaboração de instrumentos metalinguísticos. O processo de “gramatização” revoluciona a comunicação entre os homens, propiciando ao Ocidente “conhecimento/dominação sobre as outras culturas do planeta”. A gramatização provoca uma “revolução tecnológica tão importante para a humanidade quanto as revoluções do Neolítico, de caráter agrário, e a do século XIX, industrial” (AUROUX, 1992, p. 9).

A Revolução Industrial promoveu a diminuição da população agrícola, transferindo-a para a cidade. Gerou também uma nova visão econômica, “transformando o mundo,” que passou a ser regido por comerciantes e empresários – e pela lei de compra e venda. Esse fato determinou que se comprasse “mais barato no mercado para vender sem restrição no mais caro”. Também provocou uma nova ordem, na qual os monarcas perdem o domínio para os que passam a ocupar um lugar no centro da recém criada atividade comercial (HOBBSAWM, 1998, p.69).

As propostas sobre a elaboração dos instrumentos metalinguísticos colocam no mesmo nível de importância as revoluções e a gramatização porque todas elas promoveram mudanças mundiais intensas, que estabeleceram novos parâmetros para comportamentos e atitudes (AUROUX, 1992).

A produção de saber linguístico, que varia de acordo com as propostas das correntes de pensamento, mantém relação com os períodos de tempo associados aos movimentos intelectuais, de alguma forma. Desse modo, as ideias iluministas de clareza e concisão, por exemplo, determinam a compactação de dicionários como ocorre com os primeiros dicionários de Língua Portuguesa. O mesmo também acontece com os de Língua Espanhola, uma vez que os seis tomos de *Autoridades* se reduzem a um exemplar apenas, para compor o *DRAE*, na segunda metade do século XVIII, como se registra no Capítulo 1.

As propostas apresentadas levam à pressuposição de que Renascimento e Iluminismo fazem com que surjam obras lexicográficas. O Renascimento, pela necessidade de produção de instrumentos linguísticos que descrevessem as línguas, e o Iluminismo, por potenciar essa descrição através de normas reguladoras e por divulgar o *saber*.

Tratando dos dicionários elaborados pela RAE, é possível estender as marcas dos primeiros dicionários por quase a totalidade da produção lexicográfica da Real Academia. Isso se deve ao fato de que as edições vão sendo praticamente reproduzidas a partir do modelo inicial (*Autoridades*) até, pelo menos, a vigésima primeira do Dicionário “Usual”.

Entendida na sua relação com um movimento intelectual, a contemporaneidade se vincula ao que se pode nomear *Era da Informação*. As mudanças na forma de *pensar e agir* da sociedade estão relacionadas a fatos ocorridos no século XX. O século passado promove a tecnologia em detrimento da ciência, fazendo o mesmo com as ciências aplicadas, em detrimento das ciências básicas. A tecnologia e o aparato técnico dominam o século XX e toda a sua consequente forma de produzir conhecimento, ecoando pelo século XXI. A

tecnologia, ao redefinir a relação entre ética e ciência, instala novos valores e desloca o centro dos interesses humanos para a produção de cada vez mais aparatos tecnológicos. Pode-se acrescentar, também, que as mudanças advindas dos avanços industriais que ocorrem ao longo do século XIX têm influência no século XX. O século XX é, ainda, determinado pelas contribuições da tecnologia próprias do período, que passam ao século XXI de maneira cada vez mais efetiva e presente no cotidiano de diferentes grupos sociais (FALCON, 2004; DOMINGUES, 2006).

Esses deslocamentos e alternâncias de modo de pensar que configuram os movimentos intelectuais são registrados, sob várias formas, nos dicionários de língua enquanto objetos linguísticos sócio-historicamente marcados<sup>32</sup>.

### 2.2.3 Seleção de amostras: organização e critérios

No primeiro percurso realizado neste trabalho, para estabelecer uma seleção dos prólogos, procurou-se, de forma prioritária, estabelecer coerência entre o momento temporal em que os prefácios foram elaborados e os *movimentos intelectuais* ou *histórico-culturais* a que se relacionam os textos. Atendendo a esse critério, decidiu-se que seria necessário contemplar, pelo menos, um prefácio de cada século e um de cada movimento. Foram destacados dois prólogos relacionados ao Iluminismo (século XVIII: princípio e fim), um à Revolução Industrial (2ª metade do século XIX), um à Era da Informação (2ª metade do século XX). Elegeu-se, ainda, o do século XXI, também relacionado à Era da Informação.

---

<sup>32</sup> Essa afirmação é discutida de forma mais ampla no Capítulo 4, onde se trata especificamente dessas análises.



As escolhas feitas se justificaram pelos critérios tempo/movimento intelectual, acrescidos de características peculiares. Foi incluído o *Dicionário de Autoridades* (DA), de 1726, período de transição, portanto, da Renascença ao Iluminismo<sup>33</sup> e o prólogo do primeiro *Dicionário Usual* (DRAE), o de 1780. Foram considerados fundamentais para este estudo por serem os primeiros de cada categoria e por seu relacionamento ao momento fortemente marcado pelo uso da razão, predominante no século XVIII. O último prefácio elaborado no século XIX é um texto de um período ligado a uma possível influência mais débil do Iluminismo. Também foi incorporado pelo valor atribuído ao progresso científico que marca o século XIX.

Na primeira seleção, foi contemplado um prefácio do século XX, o último, de 1992. A justificativa dessa escolha está no movimento diferenciador do século: o incessante surgimento das novas tecnologias, mudando a forma de *pensar e agir* na sociedade – a Era da Informação. De acordo com o que foi visto nos prefácios, considera-se que o dicionário retrata essas modificações. O único prólogo do século XXI teve acolhida por sua característica de singularidade e por estar relacionado também à Era da Informação. Essa trajetória inicial se resume no quadro:

Quadro 2: correlação entre movimentos e prefácios: a primeira seleção do *corpus*

Século de publicação da obra	Movimento intelectual associado ao momento de publicação	Obras por ano de publicação	Prefácios selecionados
XVIII	Passagem do Renascimento>Iluminismo	1726, 1770, 1780, 1783,1791	1726, 1780
XIX	“Fim” do Iluminismo	1803,1817,1822,1832, 1837,	1899

<sup>33</sup> A base do Iluminismo está no Racionalismo, movimento relacionado principalmente ao século XVII, e ao Renascimento, surgido após o fim da Idade Média (entre XIV e XVI). Ainda, segundo Falcon (2004), o Iluminismo tem seu ápice entre 1780 e 1800 e, segundo as proposições do autor, continua a influenciar o *pensamento* após o término do século XVIII. As idéias iluministas apresentadas por Falcon se caracterizam, entre outras, pelo *processo de esclarecimento* do homem e por fazê-lo *pensar por si mesmo* (ibid., p.19-20), Cf. Cap. 1.

	/Revolução Industrial	1843, 1852, 1869, 1884, 1899	
XX	Era da Informação	1914, 1925, 1936/9, 1947, 1970, 1956, 1984, 1992	1992
XXI	Era da Informação	2001	2001
	TOTAL	24	5

Observação: A divisão dos *movimentos* aqui apresentada leva em conta alguns aportes de Marcondes (2001)<sup>34</sup>.

Ao final dessa elaboração, entretanto, decidiu-se manter o exame de todos os 24 prefácios porque seria possível perder de vista algumas concepções isoladas, ou, ainda, não ter noção das continuidades e descontinuidades na apresentação dos conceitos de língua e ciência ao longo do tempo. Foi mantido, entretanto, o critério de observar os prefácios à luz dos *movimentos intelectuais*, por sua pertinência para realizar conexões com a elaboração do dicionário.

Ratificando o que foi assinalado a princípio, o relato dessa trajetória se entende significativo neste trabalho, por descrever o percurso da investigação realizada e informar sobre as decisões de escolhas que se fizeram necessárias para alcançar os propósitos estabelecidos. Atende, principalmente, ao fato de ser preciso revelar os ajustes compatíveis com a evolução da pesquisa desenvolvida.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Quanto à abordagem dos fragmentos selecionados dos prefácios, a observação inicial faz parte do procedimento estabelecido neste trabalho de assinalar recursos linguísticos (nomes, formas verbais, pronomes) que remetem à

---

<sup>34</sup> Marcondes (2001, p. 139 e 271) relaciona, organizacionalmente, os séculos XVII, XVIII e XIX à Modernidade e os séculos XX e XXI, à Pós Modernidade (que se entende como Contemporaneidade).

Real Academia, enquanto enunciador<sup>35</sup> dos prólogos. Também se buscou determinar recursos linguísticos que sinalizam instâncias que não são a RAE.

Esse assinalamento procurou destacar, primeiramente, as concepções de língua relacionadas, principalmente, ao enunciador, assim como os traços de subjetividade<sup>36</sup> que o constituem, presentes no *corpus*. Em um momento inicial, procurou-se analisar a concepção do enunciador a partir da perspectiva de posições enunciativas que assume nos prefácios, *lexicógrafo, autoridade, estudioso da língua*. A análise do co-enunciador prevê as posições *leitor e especialista*.

Buscou-se, ainda, assinalar as referências à *língua* e *ciência* nos prólogos. O exame desses prefácios privilegia, também, o assinalamento das concepções de língua construídas ao longo do tempo, em associação com os movimentos intelectuais, cujas propostas se expõem no Capítulo 4. Tal estudo importa para efetuar o levantamento de cada época em sua vinculação com o prefácio correspondente, com o objetivo de assinalar conceitos de *língua* e *ciência* subjacentes.

Em atendimento aos objetivos deste trabalho, procurou-se resgatar primeiramente as menções diretas ao termo *língua (lengua)* e aos demais nomes empregados como seus referentes (Cf. Apêndice B). O levantamento se fez necessário para assinalar as concepções de *língua espanhola* construídas pelo *enunciador* ao longo de 280 anos de trabalho lexicográfico da Real Academia. Em momento posterior, foram resgatadas as referências à ciência, repetindo o movimento realizado em relação à língua.

Muitas considerações sobre língua se desenvolvem nos prefácios a partir do emprego do próprio nome *língua* (e de seus referentes). Com base nessa

---

<sup>35</sup> As concepções de “enunciador”, “co-enunciador”, “subjetividade” são abordadas no Cap. 3.

<sup>36</sup> Idem nota anterior.

verificação, faz-se uma varredura de todos os prefácios que permita fazer um panorama das incidências dessas referências nos textos de abertura dos dicionários<sup>37</sup>. A primeira busca se dirige ao termo mais geral, *lengua* e, nesse movimento de localização, atendendo ao foco desta pesquisa, desprezam-se aqueles que se referem a outras línguas que não a espanhola. O mesmo cuidado se preserva em todas as etapas seguintes. O manejo dos prólogos em conjunto, permite localizar outros nomes que se referem à língua e se assinalam *lenguaje*, *habla*, *castellano* e *español*. O contexto de cada prefácio é decisivo para considerar esses termos como referências e para determinar se as formas correspondiam à língua espanhola efetivamente.

A partir da localização do que remete à *língua espanhola*, organiza-se uma síntese desses dados (Cf. Apêndice B), que recupera os termos incluídos nos prefácios que conformam o *corpus*.

O exame dos prólogos permite reconhecer palavras-chave quanto à variação de menções a *lengua* (língua) e aos nomes ou sintagmas nominais usados com mesmo valor semântico: *idioma*, *español* e *lengua castellana*. Assim, o assinalamento de incidências dos referentes à língua espanhola se escolhe como critério de pesquisa enquanto meio de suporte preliminar para a localização das informações. A partir dessa determinação, relacionam-se as referências às concepções explícitas de língua apresentadas pelo enunciador ao longo dos prefácios das várias edições dos dicionários. Foi decidido um recorte em que se utiliza somente *um* verbete, *língua*, para análise. Justifica-se a escolha porque esse lema estabelece relação referencial imediata e inequívoca com o conceito pesquisado.

---

<sup>37</sup> A localização dos termos foi feita através do recurso do editor de texto do *Word for Windows*, que permite encontrar dados específicos através das entradas “editar, localizar”.

No desenvolvimento da investigação, foram recolhidos e posteriormente analisados os verbetes *ciência* de todas as edições publicadas entre 1726 e 2001, criando um equilíbrio de análise com as entradas *língua*.

Os conceitos de ciência, identificados através das definições do lema, são significativos porque estão relacionados à necessidade de elaboração de dicionários monolíngues a partir do século XVII e, principalmente, do século XVIII. Isso acontece em decorrência da proposta relacionada a esse período, de realizar produções marcadas por um direcionamento que busca ser científico, apoiado nos princípios *racionais* iluministas e em aspectos de cientifidade. É pertinente que se identifiquem as concepções de ciência contidas nos prefácios e, junto às entradas, se assinalem coincidências e divergências entre o que os prólogos conceituam como ciência e o que se concebe como ciência na microestrutura. Com essa observação, se procura dar suporte e complementar discussões propostas nesta tese, mantendo um equilíbrio de avaliações com as concepções de língua .

### 3 DICIONÁRIOS E DISCURSO: ENLACES POSSÍVEIS

*Este libro no solo lo sabe todo, sino que es el único que nunca se equivoca.*

*Era el diccionario de la lengua* (Gabriel García Márquez In “PRÓLOGO” de CLAVE – Diccionario de uso del español actual, 2000)

#### 3.1 DICIONÁRIO: OBRA DE MUITAS FACETAS

Os aspectos sobre organização lexicográfica que conformam a estrutura dos dicionários, assim como os que os caracterizam, circulam amplamente em obras teóricas sobre Lexicografia, entendida aqui como disciplina de organização e confecção de dicionários. Algumas dessas características propostas pelos estudos de Lexicografia nos servem para classificar dicionários por tipos e outras, para reconhecer os variados enunciados lexicográficos dos verbetes que estas obras apresentam. Desse modo, é necessário aproximar a nomenclatura e critérios próprios da Lexicografia para encaminhar discussões que fazemos acerca do Dicionário de Autoridades (DA) e do Dicionário da Língua Espanhola (DRAE), elaborados pela Real Academia Espanhola (RAE).

Atentando a isso, é preciso estabelecer a classificação das obras e caracterizar os enunciados lexicográficos que compõem a *microestrutura* do dicionário, ou seja, os verbetes. A classificação tipológica dos dicionários está estreitamente relacionada às entradas, uma vez que os dicionários são identificados a partir da elaboração destas, o que envolve a estrutura e o modo como as informações se apresentam. Embora o foco principal de análise não seja a

*microestrutura*, tratar dela serve para categorizar as obras lexicográficas que se examinam através dos textos apresentadores das obras, os prefácios.

### 3.1.1 Tipologia lexicográfica: características conformadoras

Variadas formas de classificação se organizam pelos teóricos de Lexicografia, relacionadas aos tipos de dicionários existentes. A maioria delas se explica a partir dos próprios títulos que lhes são atribuídos. Nesse sentido, um *dicionário de sinônimos* ou um *escolar* assinalam a que se destinam a partir de sua denominação.

Martínez de Sousa (1995) apresenta critérios amplos para abarcar as possibilidades de organização das obras lexicográficas. Dentre esses *critérios de elaboração*, o critério *léxico* está relacionado aos dicionários que se analisam neste trabalho. Do grupo que se organiza dessa forma, fazem parte os dicionários *semasiológico* (organizado a partir do *significante*, do próprio *lema*), *geral, da língua, descritivo, de uso, exaustivo ou integral, seletivo, acadêmico, de autoridades, etimológico, de socioletos, de gírias, neologismos, estrangeirismos, dialetalismos, localismos, regionalismos, provincialismos, de americanismos*. Outras classificações propostas por Martínez de Sousa (1995) estão de acordo com uma divisão por *língua* e no grupo estão incluídos os dicionários *monolíngue* (também nomeado *unilíngue*), *bilíngue, plurilíngue e multilíngue*.

Alvar Ezquerro (1993) também propõe *critérios* de categorização tipológica de dicionários, com foco nos objetivos a que se destinam as obras lexicográficas. Na disposição elaborada pelo autor (ibid.) encontram-se os dicionários *para falantes de língua materna e para falantes de língua estrangeira* e, também, *gerais e especiais*.

Reunindo as propostas de ambos os autores, classificamos os dois dicionários da Real Academia (DA e DRAE) em *semasiológicos, gerais, da língua, exaustivos, acadêmicos, monolíngues, para falantes de língua materna*. Tratando somente do DA, este se categoriza como *de autoridades*, além de se incluir nos tipos em que situamos também o DRAE. Portanto, se analisam componentes de dois dicionários que são reconhecidos, em linhas mais amplas, como gerais, monolíngues, destinados a falantes de espanhol como língua materna.

Indicam-se características dos dicionários *gerais* de acordo com Gunther Haensch (1997)<sup>38</sup>, que divide os *dicionários gerais* em *dicionários gerais monolíngues e gerais plurilíngues*. Os *monolíngues* são classificados em *definitórios e de uso*. Tomando o autor (*ibid.*), o *dicionário geral monolíngue* se caracteriza, primeiramente, por apresentar o lema e as descrições pertinentes expressos em uma só língua. Também, por registrar um repertório léxico heterogêneo que se acredita de uso comum e frequente em textos orais e escritos.

Segundo Haensch (*ibid.*), o dicionário geral de língua espanhola, de modo particular, costuma registrar subconjuntos dentro de seu repertório léxico, distribuídos de acordo com distintos níveis de língua (*standard, literária, coloquial*). Contempla, dessa forma, um léxico referente à língua *comum* ou *standard*, um léxico de *nível literário e formal*, unidades léxicas de *uso coloquial* e *gírias*, assim como uma seleção tomada de línguas especiais – os *tecnicismos*. Ainda recolhe *regionalismos* peninsulares e canários, *americanismos* e lemas *tabu*. Haensch (*ibid.*) observa que, na seleção desses subconjuntos, o léxico relacionado à língua *comum* ou *standard* não recebe rubricas (ou marcas de uso ou *etiquetas de uso*)

---

<sup>38</sup>O autor trata especificamente dos dicionários de língua espanhola.



diferenciadoras<sup>39</sup>. Os lemas da língua comum são constitutivos do caudal léxico do dicionário e representam o que pertence, na visão do lexicógrafo que elabora a obra, à *comunidade linguística*. Essas marcas de uso constituem um auxílio significativo aos usuários para que reconheçam as coerções relacionadas ao uso dos lemas, como se explicita no Capítulo 4.

Ainda segundo as observações do autor (HAENSCH, id.) sobre os dicionários do espanhol, os coloquialismos e gírias são comumente incluídos de maneira insuficiente e, muitas vezes, já ultrapassada no uso real da língua. As unidades léxicas de uso especial, ou seja, os tecnicismos, apresentam uma seleção restritiva pela própria natureza e amplitude de possibilidades de registro. Atendendo a esses aspectos, se incluem os vocábulos técnicos que se verifica fazerem parte do conhecimento de mundo dos usuários. Ainda observa que alguns dicionários de língua espanhola trazem informações reduzidas sobre usos canários e peninsulares e, de igual maneira, apresentam os *americanismos*, discutidos no Capítulo 4. Acerca dos últimos, Haensch sinaliza que há, contudo, uma seleção arbitrária com respeito ao léxico oriundo das Américas. É possível que isso ocorra porque a principal fonte de atualizações quanto ao léxico da Hispano-América é a colaboração das *academias* americanas que enviam contribuições de modo diferenciado à Espanhola. Assim, há aquelas que participam de maneira operosa e frequente e outras, de forma menos ativa. Alguns dicionários gerais, conforme aponta Haensch (ibid.), além dos demais aspectos por ele repertoriados, incluem os lemas *tabu*, e estes se relacionam especialmente a órgãos sexuais, às atividades sexuais e ao metabolismo humano<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Ao contrário do exposto, um *tecnicismo*, por exemplo, necessita incluir uma rubrica que marque seu uso em determinado âmbito: *Astron.* (Astronomia), *Náut.* (Náutica).

<sup>40</sup> Esses aspectos são enfocados mais detalhadamente no Capítulo 4.

Ao comparar as análises do autor (ibid.) sobre os dicionários de língua espanhola em geral, se adverte que as obras da Real Academia trazem algumas indicações nos prólogos sobre inclusão de informes da maneira proposta por Haensch (ibid.). Sabendo-se da influência da RAE sobre os dicionários de espanhol de outras origens que não a Real Academia, é previsível a reprodução frequente da estrutura que é própria da RAE em vários deles.

O léxico de *uso comum*<sup>41</sup> que, segundo Haensch (ibid.), ao lado de unidades léxicas de outros níveis, faz parte do *dicionário geral* e tem cabida explícita nos dicionários da RAE. O processo de inclusão dos lemas de *uso comum* é informado nos prefácios de maneira repetitiva, como se apresenta no Capítulo 4: *De las voces de ciencias, artes y oficios solo se ponen aquellas que están recibidas en el uso comun de la lengua* (DA, Prólogo, 1770, p.3, grifos nossos).

Seguindo uma postura reiterativa sobre *uso*, o prefácio de 1843 (da 9ª edição do DRAE) remete ao objetivo principal da elaboração do dicionário: atender aos usuários, fornecendo-lhes informações acerca da utilização do léxico:

¿No se forman é inventan á cada paso nuevos sistemas, divisiones, combinaciones y afinidades, que obligan al trastorno total de las precedentes con tan rápida sucesion, que no es compatible con la mesurada y lenta marcha del **Diccionario usual de la lengua**? De esta misma volubilidad nace la que experimentan las definiciones técnicas, las cuales aunque no sufriesen tan frecuente alteracion, nunca podrian convenir en un **Diccionario destinado al comun de los lectores** (DRAE, Prólogo, 1843, p. 1, grifos nossos).

Ainda de acordo com as observações de características do *dicionário geral* postuladas por Haensch (ibid.), encontra-se no *Preámbulo* do DRAE de 1970: “Además se ha dado acogida a palabras, locuciones y frases pertenecientes al

<sup>41</sup> O *uso comum* está determinado pelo que, segundo a visão do lexicógrafo, circula na comunidade linguística com mais frequência. Os recursos eletrônicos, no momento, fazem a contagem das incidências de uso (a RAE conta com dois *corpora*, de acordo com a página *web*). Contudo, as decisões finais são feitas pelos acadêmicos em plenário (Cf. página *web* *rae.es* e Cap. 4).

lenguaje familiar, sin excluir muchas de carácter popular que a veces lindan con lo francamente **vulgar**” (grifos nossos). O DRAE passa explicitamente a acolher os lemas *tabu* nesta edição, a 19<sup>a</sup>, como se expõe no Capítulo 4.

Dessa forma, as páginas de abertura dos dicionários se encarregam de informar seus leitores sobre as intenções de cada edição ratificando, ao mesmo tempo, a taxinomia de Haensch (ibid.). Também os prefácios explicitam o interesse em propiciar aos usuários um repertório significativo de palavras que fazem parte do *uso* cotidiano.

Entende-se, com base em Moreno Fernández (1998), que o *dicionário geral* está dirigido a uma *comunidade linguística*, vista como um grupo de falantes da língua que domina um repertório comum, em determinado momento ou, de modo mais amplo, aos formadores de uma *comunidade idiomática*, constituída por indivíduos que utilizaram e utilizarão a língua em quaisquer de suas variedades geográficas, sociais e estilísticas.

Nas classificações de Haensch (ibid.), o DA e o DRAE são dicionários *gerais monolíngues*. Ao comparar, ainda, as informações contidas nos prólogos dos dois dicionários, observa-se que o Dicionário de Autoridades (DA) se coloca/mostra como dicionário *da língua*: “Oy la Real Académia Española dá princípio al Diccionario de fu **Léngua**” (DA, Prólogo, 1726, p.3, grifos nossos). Também o Dicionário da Real Academia (DRAE) se auto-intitula *dicionário da língua*: Diccionario de la **lengua** castellana ou Diccionario de la **lengua** española (grifos nossos). No prólogo de algumas edições como, por exemplo, a de 1984, se inclui: “Una vez más, la Real Academia Española publica su DICCIONARIO **usual**” (p.1, grifos nossos) – o determinante *Usual* classifica todas as edições a partir de 1780.

A denominação *dicionário da língua* especifica todos os dicionários da Academia. Entretanto, a qualificação *Usual* foi iniciada com o DRAE, embora especificamente não houvesse sido utilizada, quando surgiu o dicionário, com o significado de *uso*, mas em remissão ao *manejo da obra*. Esse aspecto se observa no Prólogo de 1780: “deseando hacerle de **mas fácil uso**, y que el Público pueda tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo” (DRAE, Prólogo 1780, p. 1, grifos nossos).

O termo *uso* se inclui nos prefácios, em outras situações e momentos, atrelado também ao significado de *emprego da língua*: “Esta edición XV **es más condescendiente con el uso**; ha atendido más solícitamente que las anteriores a la lengua moderna comúnmente hablada y escrita en los países de lengua española por las personas cultas y por las que con éstas más íntimamente se relacionan” (DRAE, Advertencia, 1925, p. 1, grifos nossos).

Nesse sentido, a *ideia* do *uso* da língua faz parte das primeiras edições de modo menos explícito: “Las citas de los Autores para comprobación de las voces, en unas se ponen para autoridad, y **en otras para ejemplo**, como las voces que no están en uso, y el olvido las ha defterrado de la Lengua” (DA, Prólogo, 1726, p. 4, grifos nossos).

Enquanto à estrutura organizacional, o enunciado lexicográfico dos *dicionários de uso* caracteriza-se por incorporar três elementos<sup>42</sup>, segundo Haensch (1997). Tais aspectos constitutivos podem estar representados por, pelo menos, dois entre os três propostos: (i) *ampliação paradigmática*; (ii) *ampliação sintagmática*; (iii) *frases exemplo*.

---

<sup>42</sup> Essa organização foi introduzida pela nova corrente lexicográfica iniciada pelos dicionários de aprendizagem ingleses. A denominação *dicionário de uso* remonta à segunda metade do século XX, segundo Haensch (1997).

*Ampliação paradigmática* entende o autor (ibid.) como mecanismo que situa a palavra descrita dentro do repertório léxico através de sinônimos, antônimos e famílias de palavras. A *ampliação sintagmática* se compreende como o que contextualiza a palavra, informando sobre o seu *uso*. *Frases exemplo* se explica pelo próprio significado da expressão, ou seja, uma frase é incluída para que seja verificada uma situação de uso real do lema tratado, ainda de acordo com Haensch (ibid.). O recurso do exemplo, ao fornecer uma amostragem tomada de textos autênticos, é uma forma de contextualização eficaz.

Para Haensch (ibid.), por constituição, um dicionário *de uso* deverá desprezar unidades léxicas que não apresentem problemas contextuais, ou seja, que envolvam palavras pouco conhecidas ou aquelas utilizadas com menos frequência ou, ainda, as que são empregadas por grupos restritos. Neste rol estão incluídos, por sua especificidade, nomes de plantas, animais, substâncias químicas, por exemplo, que não façam parte do vocabulário de uso comum, cotidiano. Dessa forma, o dicionário pode desempenhar adequadamente sua função básica, privilegiar o *uso* dos lemas. Haensch (ibid.) propõe, ainda, que se faça uma seleção de palavras que possam trazer problemas contextuais para reuni-las no *dicionário de uso* e uma seleção mais ampla do léxico para compor o repertório do *dicionário definitório*. Aponta o autor (ibid.), ademais, que os dicionários verdadeiramente de *uso* se caracterizam, em geral, por ter uma *macroestruturura*<sup>43</sup> reduzida, além de abranger elementos do dicionário *definitório*.

O dicionário *definitório* trata-se, segundo Haensch (ibid.), de um dicionário geral monolíngue e *decifrador*. Um dicionário decifrador não permite, por falta de

---

<sup>43</sup> Entende-se por *macroestruturura* o repertório dos lemas que compõem os verbetes do dicionário.

indicações suficientes nas *entradas*, a produção de enunciados linguísticos a partir das definições apresentadas.

A estrutura do *artigo*, *verbeta* ou *entrada* deste tipo de dicionário constitui-se por diversos elementos, segundo a proposta do autor (ibid.): (i) enunciado do *lema* (ou *cabeça de verbete*); (ii) indicação de variantes ortográficas; (iii) informações sobre pronúncia (contrastadas com as regras gerais e com foco nas situações em que apresenta um distanciamento de tais regras); (iv) informações gramaticais sobre o *lema*; (v) indicações sobre cronologia da *cabeça de verbete*; (v) informações sobre áreas de uso do *lema*; (vi) informações sobre registro, caracterização sociolinguística e rubricas sobre restrições de uso do vocábulo; (vii) indicações referentes à área do conhecimento a que o *lema* se relaciona; (viii) definição ou explicação semântico-pragmática do vocábulo.

A organização do *dicionário definitório* contempla, de modo abrangente, variadas possibilidades de propiciar informação a quem consulta o dicionário.

No grupo dos *dicionários gerais*, Haensch (ibid.) classifica dois tipos, um *geral extensivo* e um *de uso intensivo*. De acordo com o autor, o primeiro tem características definitórias e contém uma seleção lexical *completa*, mas difere do *dicionário de uso* uma vez que não apresenta o aparato sintagmático e paradigmático do segundo. O dicionário *geral extensivo* (ibid., p. 155-156) deve, por constituição, registrar as unidades léxicas de acordo com os critérios elencados: (i) palavras simples e gramaticais; (ii) unidades pluriverbais (combinações de substantivos por justaposição simples; combinações de substantivos mediante preposições; substantivos compostos com hífen; substantivos seguidos de adjetivos); (iii) colocações usuais; (iv) comparações estereotipadas; (v) modismos; (vi) fórmulas consagradas na vida diária; (vii) frases feitas e citações; (viii) refrões;

(ix) denominações perifrásticas; (x) nomes comuns que se empregam por nomes próprios; (xi) nomes próprios que se empregam por nomes comuns; (xii) nomes próprios em colocações e frases feitas; (xiii) gentílicos; (xiv) hipocorísticos; (xv) formas verbais lexicalizadas<sup>44</sup>; (xvi) palavras truncadas; (xvii) combinações de palavras com cifras e de palavras com letras; (xviii) elementos que compõem a formação das palavras; (xix) exemplos; (xx) advérbios em *-mente* (que têm sentido diverso daquele que apresenta o adjetivo do qual se originou o advérbio); (xxi) abreviaturas e siglas de uso comum e frequente.

As características apresentadas compõem um quadro de informações, por sua amplitude, próximo da constituição de uma enciclopédia. Essa constituição se reflete em verbetes dos dicionários da RAE.

(xiii) gentílicos:

**yucateco, a.**

1. adj. Natural del Estado mejicano de Yucatán. Ú. t. c. s.
  2. Pertenciente o relativo a dicho Estado
- (DRAE eletrônico, 1992)

(xiv) hipocorísticos:

**Pepa<sup>2</sup>.**

Hipocorístico del n. p. Josefa.

1. f. Se usa en la exclam. irónica ¡viva la Pepa!, alusiva a la Constitución de 1812, promulgada el día de San José. Se aplica a toda situación de desbarajuste, despreocupación o excesiva licencia.
- (DRAE eletrônico, 1992)

<sup>44</sup> Formas verbais lexicalizadas fazem parte, com mais frequência, dos dicionários dirigidos aos aprendizes de língua estrangeira, embora, segundo Haensch (ibid.), modos consagrados nos usos da língua empregados como exclamações, por exemplo, devem constar do repertório léxico como lemas isolados.

(xvi) palavras truncadas:

**mili.**  
 abrev. de milicia.  
 1. f. Servicio militar. DRAE eletrônico, 1992)

(xviii) elementos que compõem a formação das palavras:

**-ija.**  
 Del lat. -icula.  
 1. suf. de sustantivos femeninos, con frecuencia diminutivos, a veces despectivos: baratIJA, lagartIJA. (DRAE eletrônico, 1992)

(xx) advérbios em *mente*:

**seguramente.**  
 1. adv. m. De modo seguro. Ú. t. c. adv. afirm. ¿Vendrás mañana?  
 — SEGURAMENTE.  
 2. Probablemente, acaso.

**nuevamente.**  
 1. adv. m. Otra vez, de nuevo.  
 2. adv. t. desus. Hace poco, recientemente. (DRAE eletrônico, 1992)

A partir dos exemplos tomados do *Diccionario de la Real Academia* de 1992<sup>45</sup>, se observa que a produção lexicográfica da RAE tem características mais próximas do dicionário *geral extensivo*, propostas por Haensch (1997). É visível, entretanto, no item referente à inclusão de advérbios, que o advérbio *seguramente* apresenta, na acepção 2, um significado distinto do adjetivo primitivo: *seguramente* também pode indicar probabilidade e não só *segurança*. O mesmo ocorre no exemplo do também advérbio *nuevamente* em que há significados diferentes que justificam sua inclusão,

<sup>45</sup> Toma-se globalmente a produção da RAE porque os dicionários se reproduzem desde 1726 de modo semelhante.



se são seguidos os critérios do autor (ibid.). *Nuevamente* deriva de *nuevo*, cujo sentido remete a *otra vez* e não a *novo*, como *novidade*. Porém, se registram, entre outros, os advérbios *opacamente* e *metódicamente*, que se referem a *opaco* e *metódico* (DRAE, 1992 e 2001), respectivamente, corroborando a observação feita por Haensch. Ao examinar princípios da organização lexicográfica, que apontam para a necessidade de submissão a regras mais rígidas, se nota que a instabilidade dos critérios lexicográficos que norteiam as inclusões de entradas permeia os dicionários da Real Academia.

### 3.1.2 *Autoridades e Usual*: dicionários gerais

O dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), segundo Haensch (ibid.), sofreu retoques e correções ao longo do tempo, mas continua sendo, em essência, o dicionário de 1780, quando foi publicado pela primeira vez. Como o DRAE explicitamente se reporta ao Dicionário de Autoridades, ou DA, editado de 1726 a 1739 – “Desde que en 1780 comprendió el gran Diccionario de Autoridades en un solo volumen para facilitar su manejo y consulta” (Prólogo DRAE, 2001) - é possível falar em continuidade do “Dicionário *Usual*” em relação a *Autoridades*. O *Diccionario Usual* mantém as características e a estrutura organizacional de *Autoridades* sem, entretanto, incluir as informações que fizeram o DA conhecido e apreciado - os exemplos retirados dos autores de prestígio. A *repetição* de dados nos dicionários, dessa forma, atravessa os verbetes e os prólogos elaborados pela Real Academia, permitindo-se algumas vezes, fazer ajustes, informados nos prefácios, como se expõe no Capítulo 1.

Ainda de acordo com Haensch (ibid.), outra característica da produção lexicográfica da RAE é a plurifuncionalidade, que estabelece uma expectativa em relação ao dicionário que este não pode cumprir porque não são funções inerentes ao tipo de obra. Para dar conta dessas exigências amplas, há dicionários específicos especialmente desenhados para este fim. Tentar recolher ao seu repertório informações tão variadas como etimologia, estrangeirismos, tecnicismos, gírias, vozes coloquiais e familiares, unidades léxicas dialetais, americanismos faz com que o dicionário tenha dificuldades com respeito à elaboração lexicográfica, segundo o autor (ibid.). Esse recolhimento abrangente está determinado, também, pela expectativa do público com respeito ao dicionário da Real Academia. Os usuários têm, ademais, a pretensão de que a obra contenha o caudal léxico integral utilizado na totalidade do mundo hispânico, acrescenta o autor (ibid.).

A visão (inalcançável, sem dúvida) de *completude* (ORLANDI, 2002, Cf. Cap 4) das obras lexicográficas caminha a par com a legitimidade que faz parte do imaginário do *homem comum* sobre as funções dos dicionários. Dessa forma, o DRAE (pode-se incluir o DA também), enquanto dicionário normativo indica, de acordo com o senso comum da comunidade linguística, o que está autorizado, permitido ao uso em língua espanhola.

Sobre as características negativas do DRAE, especificamente, as observações mais frequentes apontadas por Haensch (ibid.) até a edição de 1992, dizem respeito ao conservadorismo e purismo diante de vozes e acepções novas, o que se procura diminuir ao longo das edições<sup>46</sup>. O autor critica, também, a

---

<sup>46</sup> A edição de 2001 traz informações sobre a intenção de empregar metodologia lexicográfica mais moderna; foi elaborado o CREA, Corpus de Referência do Espanhol Atual, que seria base do repertório léxico da 22ª edição do DRAE. Realizado eletronicamente, apresenta critérios de frequência para legitimar as inclusões (página *web rae*). Entretanto, palavras que estão presentes de maneira significativa no CREA não foram incluídas no dicionário acadêmico, segundo Haensch (1997).

manutenção de lemas que não se empregam mais no cotidiano, muitos sem a rubrica indicativa. Haensch (ibid.) observa a existência de propostas de inclusão de lemas rejeitados pelo uso, além do oferecimento insuficiente de informação sobre gramática. Sinaliza, ainda, que a redação dos enunciados lexicográficos é feita pelos acadêmicos que, em sua maioria, não são especialistas em Lexicografia. Destaca o autor (ibid.), também, o predomínio do critério de centralização peninsular (os vocábulos marcadamente peninsulares não contêm tal informação no corpo do enunciado) em relação aos usos hispano-americanos. Ademais, faz comentários reiterados sobre os critérios de seleção e definição das entradas que remontam ao século XVIII, sobre a falta de unidade na elaboração das descrições e acerca de problemas ocasionados pelo uso de siglas, que dificultam a consulta<sup>47</sup> (HAENSCH, ibid.).

Apesar das múltiplas críticas sobre a organização lexicográfica do DRAE que circulam nos meios especializados, também existe uma tendência geral entre os estudiosos da área em reconhecer o prestígio desse dicionário. A importância surge de maneira evidente nas páginas preliminares da maioria dos dicionários de língua espanhola que indicam, de maneira frequente, em que aspectos aquela obra se distancia ou se aproxima do DRAE, como se assinala no Capítulo 1.

---

<sup>47</sup> Sobre os comentários de Haensch (1997), verifica-se que para marcar lemas fora de uso, o DRAE utilizava as rubricas *anticuada* (*ant*) e *desusada* (*des*) até 1992. Os vocábulos com *ant* como marca estavam de acordo com o período compreendido pela Idade Média e também palavras que, embora usadas até o século XVII, caíram em desuso, enquanto que os que incluíam *des* ou *p.s* (*poco usada*) estão de acordo com o uso na Idade Moderna, mas ao desuso na atualidade. (cf Real Academia, 1992, XXVII). No momento, de acordo ainda com dados da 22ª edição, o dicionário acadêmico emprega *anticuado* ou *antiguo* (rubrica «ant.»), quando sua última documentação é anterior a 1500, *desusado* («desus.»), quando a última documentação é posterior a 1500 e anterior a 1900, *poco usado* («p. us.»), marca empregada para lemas ainda em uso após 1900, cujo uso atual é difícil ou impossível de documentar, *germanía* («germ.»), correspondente aos usos de código socialmente restringido, em vigor durante o *Siglo de Oro*. (cf Real Academia, [www.rae.es](http://www.rae.es). *Advertencias para el uso de este Diccionario*)

De acordo com a tipologia proposta, podemos classificar o DRAE como um dicionário *geral unilíngue* e, ainda, *semasiológico*, por estar organizado a partir dos *significantes*. É *normativo* e *prescritivo*, embora explicita a intenção de ser um dicionário de *uso*, como se nomeia nos prólogos e no próprio título da obra (*Diccionario Usual*). São reconhecíveis, também, traços de um dicionário enciclopédico, pela *descrição* apresentada em vários verbetes, principalmente relacionados à fauna e à flora.

**león.**

(Del lat. *leo*, -*ōnis*).

**1.** m. Gran mamífero carnívoro de la familia de los Félidos, de pelaje entre amarillo y rojo. Tiene la cabeza grande, los dientes y las uñas muy fuertes y la cola larga y terminada en un fleco de cerdas. El macho se distingue por una larga melena. (DRAE digital, 2001)

O lema *león*, como acontece com outros, contém as características descritivas próprias dos artigos enciclopédicos, em que se detalha o *objeto* referido: *unhas fortes, cabeça grande, detalhes da cauda, cor do pelo*. Para maior exatidão, aponta também as diferenças com respeito a outros animais, à fêmea especialmente: *o macho tem juba*.

O Dicionário da Real Academia é uma obra multifacetada, na qual são reconhecíveis características de variadas tipologias e que nem sempre contempla, nos seus enunciados lexicográficos, os objetivos aos quais se propõe explicitamente nas páginas preliminares. Poderia ser classificado, desse modo, com maior rigor através das negações - ou seja, pelo que o dicionário *não é*, pelo que não realiza com respeito às propostas que apresenta. Dentro dessa visão, como pretensão dicionário de *uso*, se distancia de traços de organização que conformam esse tipo

de obra – propiciar ao leitor amostras de emprego dos lemas através de exemplos concretos.

O prestígio incontestável dos dicionários da RAE relaciona-se ao fato de que são obras de base para grande parte dos dicionários gerais monolíngues, de acordo com os Capítulos 1 e 4. Além disso (ou por isso), têm grande aceitação pela comunidade hispanofalante. Consta-se que as decisões da Real Academia estão vinculadas ao que sanciona o Estado Espanhol com relação à gramática e à ortografia, mas é senso comum que os usuários acreditam que o *Dicionário* tem caráter oficial e consideram a organização e as definições contidas nos seus artigos (muitas vezes discutíveis) como dogmáticas. Isso confere ao dicionário um traço de fiabilidade incontestável, aponta Haensch (1997). Assume, assim, um caráter de normatização, de regulamentação quanto à língua, conforme se discute nos Capítulos 1 e 4.

### 3.1.3 Definição lexicográfica: traços da *microestrutura*

A *definição lexicográfica* é o aspecto constitutivo por excelência da elaboração de um dicionário, sendo responsável por determinar a que *tipo* pertence. A *definição*, que conforma a *microestrutura* do dicionário<sup>48</sup>, é a informação propriamente dita, substância da obra, objeto de busca do usuário que necessita respostas imediatas, claras e concisas às suas dúvidas. Trata-se de aspecto composicional controverso e criticado com intensidade pelos que se ocupam dos estudos lexicográficos. Sua forma de elaboração evidencia problemas ou distorções

---

<sup>48</sup> Por *macroestrutura* de um dicionário entende-se a seleção do repertório lexical, enquanto a *microestrutura* é a organização do verbete em si, como se esclarece no corpo deste item.

na organização do dicionário e, em consequência, determina se a obra tem qualidade ou não.

Sobre essa face da *microestrutura* há diversas propostas no âmbito da Lexicografia, evidenciando-se uma tradição em ocupar-se com o tema. Assim, *definição* (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p.73) é o mesmo que *definição linguística* e traduz-se por “expressão do significado da unidade léxica que forma a entrada<sup>49</sup> com a ajuda de vocábulos, locuções ou sintagmas conhecidos”. Ainda, para Porto Dapena (2002, p. 269), “definição é qualquer tipo de equivalência semântica estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma em um dicionário monolíngue”. Expressar significados equivalentes faz, portanto, parte da conceituação básica do que constitui uma *definição lexicográfica*.

Segundo as propostas de Porto Dapena (ibid., p. 269), os elementos da *definição* são (i) *definido/definendum* (a própria *entrada*) e (ii) *definidor/definiens* (expressão explicativa: a própria *definição*). Também segundo esse autor (ibid.), a *definição lexicográfica* se realiza em dois níveis ou *metalínguas*: (i) *metalíngua de conteúdo*: para definir o significado do *lema* ou *definido* e (ii) *metalíngua de signo*: para definir palavras que não têm sentido léxico verdadeiro. Os dois níveis de língua empregados em *definições*, propostos por Porto Dapena (ibid.), se exemplificam através de verbetes do DRAE:

(i) *definição* através de *metalíngua de conteúdo*

**jardín.**

(Del fr. *jardin*, dim. del fr. ant. *jart*, huerto, y este del franco \**gard*, cercado; cf. a. al. ant. *gart*, corro, ingl. *yard*, patio).

<sup>49</sup> Embora esses autores empreguem *entrada* como sinônima de *lema*, prefere-se nesta tese utilizar *entrada* como sinônimo de *verbeta* e de *artigo de dicionário* e *cabeça de entrada* ou *cabeça de verbete* como equivalente a *lema* ou *definido*.

1. m. Terreno donde se cultivan plantas con fines ornamentales. (DRAE digital, 2001)

(ii) *definição* através de *metalíngua de signo*

**tú.**  
(Del lat. *tu*).  
1. pron. person. Formas de nominativo y vocativo de 2.<sup>a</sup> persona singular en masculino y femenino. (DRAE digital, 2001)

Assim, a *metalíngua de conteúdo* é utilizada para definir *significados* do lema enquanto que a *metalíngua de signo* se usa relativamente a valores ou funções do *definido*. Está, portanto, de acordo com palavras que não possuem um verdadeiro significado léxico, expõe o autor (ibid.). Nesta situação, observa-se que se incluem as chamadas *palavras funcionais*, como pronomes (exemplo ii), preposições, conjunções.

Ainda sobre a *definição lexicográfica*, o autor (ibid.) estabelece seis princípios básicos que devem reger a redação das definições para que esta seja valorizada positivamente como um enunciado “correto”: (i) *equivalência*; (ii) *substituição* ou *comutabilidade*; (iii) *identidade categorial ou funcional*; (iv) *análise*; (v) *transparência*; (vi) *auto-suficiência* .

Detalhando o que cada um dos critérios estabelece, o princípio da *equivalência*, tomando Porto Dapena (ibid.), é o mais geral deles e pressupõe que a correção da *definição lexicográfica* está ligada à relação entre *definidor* e *definido*, exigindo que o primeiro contenha integralmente o significado do segundo e nada mais além dele. O segundo princípio, o da *substituição*, prevê que *definidor* e *definido* precisam ter equivalência semântica e deverão ser substituíveis entre si para que a definição seja adequada. Neste critério estariam incluídas as *definições*

feitas através de sinônimos, bastante frequentes nos enunciados lexicográficos. A obediência ao princípio da *identidade categorial* determina que as categorias gramaticais de *definidor* e *definido* devem ser coincidentes, ou seja, é conveniente que a *definição* seja introduzida pela mesma categoria do *definido*. Leva-se em conta, entretanto, que nem sempre há identidade *funcional* nas definições uma vez que o *definidor* (*definiens*), em algumas situações, não pode desempenhar as mesmas funções sintáticas que o *definido* (*definendum*).

Os três princípios restantes, *análise*, *transparência* e *auto-suficiência* também se relacionam aos aspectos que devem constituir uma definição adequada: o princípio da *análise* determina que *represente uma autêntica análise semântica* (ibid., p. 275), na qual haja um detalhamento efetivo dos componentes. A *transparência* será alcançada quando as palavras que compõem a definição forem mais claras e conhecidas do que aquela que constitui a cabeça de verbete a ser definida. Por último, o sexto princípio, da *auto-suficiência*, é contemplado quando todas as palavras que fazem parte do enunciado constituem entradas do mesmo dicionário, evitando as “pistas perdidas”<sup>50</sup> (CHAVES-FERREIRA e COSTA, 2008).

A forma estrutural das *definições* estabelece o tipo de dicionário que se elabora e sua qualidade é responsável pelo prestígio da obra lexicográfica. As múltiplas faces da estrutura dos enunciados lexicográficos organizados pela Real Academia são reconhecíveis através das variedades de *definições* produzidas para os dicionários. Há, entretanto, dificuldades reconhecíveis em manter padrões estáveis ao longo das obras.

---

<sup>50</sup> Entende-se por “pistas perdidas” as palavras que constam de um enunciado lexicográfico, mas que não estão definidas através de entrada particular no próprio dicionário consultado.



Com base nos pressupostos apresentados por Porto Dapena (ibid., p.266-296)<sup>51</sup>, as *definições lexicográficas* dividem-se em dois grandes grupos: *enciclopédicas* e *linguísticas*.

A taxonomia de Porto Dapena forma uma verdadeira *árvore* de tipos e subtipos. De forma geral, dentro do grupo das definições *linguísticas* encontram-se os subgrupos amplos das *conceituais* e das *funcionais*. No grupo das definições *conceituais* estão incluídas as *sinonímicas* e *perifrásticas*. Estas últimas se dividem em *substanciais*, *relacionais* e *morfossemânticas*. Quanto às *funcionais*, que fazem par com as *conceituais*, se subdividem em *morfossintáticas*, *contextuais* e *pragmáticas*.

Na tipologia de Porto Dapena (ibid.) se considera que aquelas *definições* que *definem* de modo mais adequado se caracterizam como *linguísticas conceituais* *perifrásticas*.<sup>52</sup> A escolha está determinada pela natureza das definições: as *linguísticas*, porque se ocupam em explicar ou identificar um signo da língua através da própria língua, as *conceituais*, porque estão “formuladas em metalíngua de conteúdo, com a qual se pretende expressar com outras palavras da mesma língua o conteúdo conceitual ou significativo do “definido” (ibid., p.282). Ainda, as *perifrásticas*, porque fazem uma análise do significado.

Encontra-se esse tipo de definição considerado *adequado* no dicionário da Real Academia, mas em convívio com formas menos *desejáveis*, de acordo com os parâmetros lexicográficos mais aceites atualmente.

---

<sup>51</sup> Os critérios de Porto Dapena são abrangentes e dão conta das múltiplas possibilidades de enquadrar tipologicamente as definições lexicográficas empregadas nos dicionários. No entanto, destacam-se aspectos negativos na referida taxinomia como exemplos que poderiam ser incluídos em mais de uma classificação, já que os limites entre uma e outra são, muitas vezes, tênues.

<sup>52</sup> Apesar de a *definição linguística* ser considerada mais próxima ao que se entende por *definir*, também se inclui a *definição enciclopédica* porque ambas conformam o repertório lexicográfico em geral.

A *definição enciclopédica* descreve, define o objeto, a *coisa*. Esse tipo de definição não seria próprio dos dicionários de língua por suas características de descrição do objeto e, não da *língua* em si. Por falta de possibilidades de realizar uma definição linguística, é encontrada, com frequência, em dicionários de língua como recurso possível para definir (ou melhor, *descrever*) plantas e animais. Este tipo de *definição* contém informações descritivas minuciosas que proporcionam uma imagem mental do *definido*. Para atender a essa necessidade de retratar inclui cores, tamanho, altura e aporta dados históricos e ideológicos, muitas vezes, que mantêm relação com o *lema*.

(A): *definição enciclopédica*

**nopal.**

(Del nahua *nopalli*).

1. m. Planta de la familia de las Cactáceas, de unos tres metros de altura, con tallos aplastados, carnosos, formados por una serie de paletas ovales de tres a cuatro decímetros de longitud y dos de anchura, erizadas de espinas que representan las hojas; flores grandes, sentadas en el borde de los tallos, con muchos pétalos encarnados o amarillos, y por fruto el higo chumbo. Procedente de México, se ha hecho casi espontáneo en el mediodía de España, donde sirve para formar setos vivos. (DRAE digital, 2001)

Essa entrada permite fazer uma *fotografia* do que é *nopal*. Através de *descrições*, informa ao leitor sobre as características observáveis do vegetal, trazendo detalhes do aspecto visual deste ao usuário do dicionário. Na verdade, o lexicógrafo esmiúça o *objeto* que faz parte do caudal léxico da língua produzindo, segundo Porto Dapena (ibid.), uma efetiva identificação da realidade designada pelo lema.

A *definição linguística* é a *definição* por excelência, uma vez que *explica* a palavra ou unidade léxica em geral (PORTO DAPENA, *ibid.*, p. 282). Trata-se de classificação mais ampla que comporta subtipos que incluem divisões - os dois subtipos da *definição linguística* são *conceitual* e *funcional*. Interessam, de modo próximo, as definições *linguísticas conceituais perifrásticas* por estarem de acordo com as necessidades de uma “verdadeira definição”.

O subtipo *definição linguística conceitual* expressa com palavras da mesma língua o conteúdo significativo ou *conceitual* do *definido* (ou *lema*). Divide-se, ainda, em *sinonímica* e *perifrástica*. A primeira, *sinonímica*, elenca palavras com significados afins ao do *definido*. A segunda apresenta a definição do lema através de uma perífrase explicativa, usando a língua em que se elabora o dicionário.

(B): *definição linguística conceitual perifrástica*

**sacristía.**

Del b. lat. sacristia, y este del lat. sacra, objetos sagrados.

1. f. Lugar, en las iglesias, donde se revisten los sacerdotes y están guardados los ornamentos y otras cosas pertenecientes al culto (DRAE eletrônico 1992; DRAE digital, 2001).

Esse tipo de *definição* dá uma *explicação sobre* o lema, fornecendo dados suficientes para que o leitor entenda o que é expressado pelo *definido*, o *que é* o lema. Dessa maneira, informa-se de que se trata (um lugar); a quem se destina (a religiosos); o que ali acontece (religiosos se vestem ali); a que se destina (vestiário e depósito de artigos religiosos); a que se relaciona (à igreja).

Os dicionários da Real Academia são compostos por uma mistura de critérios para *definir*. Assim, ao lado de definições *linguísticas conceituais perifrásticas* – a fórmula “ideal” – encontram-se outras possibilidades, consideradas menos

“adequadas” ou “corretas”, como a frequente *definição linguística conceitual sinonímica*:

(C):

<p><b>mejicano, na.</b> 1. adj. <b>mexicano.</b> U. t. c. s. (DRAE eletrônico, 2001)</p>
--

(D):

<p><b>náhuatlé.</b> 1. adj. <b>nahua.</b> U. t. c. s. (DRAE eletrônico, 2001)</p>
---

(E):

<p><b>transmitir.</b> (Del lat. <i>transmittĕre</i>). 1. tr. Trasladar, transferir. (DRAE eletrônico, 2001)</p>
---

As críticas a tal modo de definição (normalmente chamada *imprópria*) se apoiam na inexistência de uma real explicação do lema, já que não inclui um enunciado que permitiria ao usuário, por exemplo, construir um texto a partir de um sinônimo. A definição por sinônimos, por excelência, cumpre a função de decodificar o vocábulo que conforma a entrada.

Ao comparar as propostas de classificação de Porto Dapena (ibid.) sobre *definições lexicográficas*, se verifica que os limites, as características que diferenciam uma definição *enciclopédica* de uma *linguística* residem, basicamente, no fato de que a primeira detalha à exaustão os atributos do *definido* e inclui informes sobre história, ideologia, momento político ou social – e para isso, utiliza a mesma língua do lema. Ou seja, predominantemente *descreve*. A chamada *definição linguística*, de igual forma, usa a língua em que se cabeça de verbete se

apresenta para explicar *de que se trata o definido*. Em contraste com a definição *enciclopédica*, a definição *linguística* dá uma *explicação* do lema.

Os aspectos formais sobre tipologia de dicionários e de definições dão suporte para que se observe funcionalmente o dicionário. Neste trabalho é necessário fazer uso dessa nomenclatura e das referências a essa organização para discutir as obras da RAE. Os problemas reconhecíveis de elaboração dos verbetes dos dicionários da Real Academia foram (e são ainda) debatidos largamente, principalmente pelo traço inerente de obra normativa. Entretanto, não se pode desprezar a característica distintiva que as obras da RAE possuem no âmbito da Lexicografia hispânica – a indiscutível confiança que o público leitor lhes confere, como se assinala no Capítulo 4. Por seu caráter de obra regulamentadora, enquanto dicionário geral, influencia outros dicionários e se constitui em fonte de consulta obrigatória.

### **3.2 DICIONÁRIO, POLÍTICAS E MEMÓRIA: VIESES DISCURSIVOS**

Neste item, procura-se apresentar um panorama das contribuições das pesquisas desenvolvidas no âmbito das Ideias Linguísticas sobre os dicionários e o relacionamento que essas investigações mantêm com as propostas da Análise do Discurso de base francesa (AD). Também se propõe a caracterizar AD, através da apresentação da visão de linguagem pertinente, além de trazer as concepções sobre gênero discursivo, necessárias a esta pesquisa. Apresentam-se, ainda, neste item, as marcas de análise (com enfoque especial para as que retomam as *pessoas* e assinalam o *sujeito*), utilizadas neste trabalho.

### 3.2.1 Processo de *gramatização* das línguas: o dicionário como *instrumento*

O trabalho *História das Ideias Linguísticas* (HIL) de Sylvain Auroux (1992) envolve estudos acerca do conhecimento linguístico e do discurso sobre as variadas manifestações da língua. Os estudos sobre HIL contam, ainda, com o concurso de pesquisadores latino-americanos<sup>53</sup>, que mantêm um percurso de investigação voltado para questões direcionadas à análise de dicionários e gramáticas. As reflexões formuladas por esse grupo trouxeram subsídios ao trabalho que desenvolvemos nesta pesquisa.

A proposta de Auroux (ibid.) está relacionada a investigações do campo da escola francesa de Análise do Discurso (ou AD). Assim, se parte de aportes metodológicos da HIL e da AD para organizar os encaminhamentos de análises do *corpus* – os prólogos e verbetes de dicionários da Real Academia Espanhola de Língua (RAE). Alguns verbetes também se incluem nas análises visando a confrontar o que é proposto nos prefácios e o que é definido nos enunciados lexicográficos. A HIL se representa, portanto, a partir de um ponto de vista linguístico e discursivo.

Nos estudos relacionados à HIL, Auroux (ibid.) concebe teses sobre os fatores que deflagraram o *pensar* sobre a linguagem. O autor reflete acerca do impacto das disciplinas da linguagem sobre o desenvolvimento cultural humano e, ainda, a respeito dos movimentos determinantes dessa deflagração. Os fatores que produzem *revoluções técnico-linguísticas*, de acordo com as considerações

---

<sup>53</sup> O grupo citado é formado por professores pesquisadores, alguns aqui referidos, da UNICAMP (Eni Orlandi), UNESP (José Horta Nunes), UFF (Bethania Mariani), Daniela Lauria, da Argentina, cujos nomes surgem em citações e nas referências incluídas neste trabalho. O grupo da UNICAMP mantém um diálogo de pesquisa constante com o grupo francês, liderado por Sylvain Auroux, fazendo, no Brasil, a relação com a língua portuguesa e com os respectivos instrumentos linguísticos de gramatização. Na investigação efetivada, se podem comparar essas propostas para dar suporte às discussões.

formuladas por Auroux (ibid.), são: (i) o surgimento da escrita (o fator necessário ao aparecimento das ciências da linguagem) e (ii) o processo de *gramatização* das línguas (processo que leva à elaboração de dicionários e gramáticas). O autor situa, ademais, o “momento” da *gramatização* no Renascimento europeu, ou seja, entre os séculos XIV a XVII. Assim, o foco de interesse do trabalho de Auroux se relaciona à trajetória dos processos de *gramatização* das línguas (a segunda *revolução técnico-linguística*) e aos documentos que a constituem (dicionário e gramática). A gramática e o dicionário são entendidos, dessa forma, como *instrumentos linguísticos* e objetos sócio-historicamente determinados.

A *gramatização* pode ter sido determinada pela necessidade de aprender línguas estrangeiras, urgência marcada temporalmente pelo Renascimento (AUROUX, ibid.). No âmbito da Língua Espanhola, as produções de Nebrija (século XV) assumem um caráter norteador porque na Idade Média, a ausência desse processo de aprendizagem, baseado *nos instrumentos linguísticos de gramatização*, se relaciona a uma possível falta de interesse por um conhecimento que se produz de modo significativo após o término do período medieval e do surgimento da Renascença<sup>54</sup>. Além do possível motivo apontado para o início da *gramatização*, Auroux (ibid.) propõe que tal processo se realiza de modo intensificado a partir do Renascimento na Europa (séculos XIV a XVII) por fatores relacionados à necessidade surgida pela *constituição das nações europeias*<sup>55</sup>, que emergiam na

---

<sup>54</sup> Após o fim do medievo, entre os primeiros documentos metalinguísticos escritos de qualquer povo, encontram-se dicionários, normalmente bilíngues, auxílio valioso em períodos de dominação territorial, nos quais povos de diferentes línguas necessitavam comunicar-se de modo efetivo. (CHAVES-FERREIRA, 2001)

<sup>55</sup> Historicamente, os movimentos libertadores na América Hispânica em relação à Espanha, no século XIX, coincidem com o fim dos movimentos libertários na Europa e, neste momento de grandes câmbios, as línguas impressas nacionais importam ideológica e politicamente para as novas organizações que surgem por toda sua possibilidade de promover a manutenção da *identidade*, básica na transição. Nesse momento, o uso de uma língua comum é decisivo para formar uma *consciência nacional*. Ainda acerca das línguas, destacamos que a partir de sua escritura, passam estas a pertencer não a Deus, mas a seus falantes e leitores - são portanto dessacralizadas e seus

ocasião. A política linguística vigente em determinadas nações, apoiada no absolutismo centralizador de seus gestores<sup>56</sup>, diferentes em decorrência das orientações de cada monarquia dominante assume um papel significativo nessa trajetória. Ainda são computados por Auroux como elementos fundamentais para a gramatização das línguas: (i) a renovação da gramática latina; (ii) o aparecimento da imprensa; (iii) as grandes descobertas. No âmbito desses fatores, a realidade de mundos novos determina uma circulação mais efetiva e ampla de conhecimentos e a imprensa agiliza as necessárias trocas de informações entre espaços territoriais distintos.

O Renascimento é um destacado marco para a instauração do processo de *gramatização* e as ideias provenientes desse movimento, assim como as posteriores, determinadas pelo Iluminismo, são consideradas decisivas para o surgimento do primeiro dicionário da Real Academia, em 1726<sup>57</sup>. Partindo da premissa de que dicionários e gramáticas são construtores da norma que se estabelece a partir de sua elaboração, busca-se suporte nas reflexões de Auroux (ibid.) para nortear nossas propostas de exame dos dicionários. A partir das considerações feitas pelo autor, conclui-se que a *gramatização* torna efetivamente possível acumular documentalmente os conhecimentos, uma vez que os

---

*donos* são os homens comuns. Merece destaque, ainda, o fato de que *nacionalismos* estão relacionados ao surgimento de gramáticas e dicionários que registrem a língua geral, a das pessoas que principalmente a falam no dia a dia. (CHAVES-FERREIRA, 1999)

<sup>56</sup> Os “nacionalismos oficiais”, denominação de Seton-Watson, se desenvolvem na Europa a partir da metade do século XIX, aproximadamente. Surgem depois do aparecimento de nacionalismos linguísticos populares, como uma reação dos grupos de poder ameaçados de extinção, de afastamento nas *comunidades imaginadas* populares. Esses “nacionalismos oficiais” são políticas conservadoras, reacionárias mesmo, adaptadas a partir de paradigmas de nacionalismos populares, muitos deles espontâneos, que os antecederam (ANDERSON, 1989). As políticas linguísticas que se tomam estão de acordo com o que se determina pelos *nacionalismos*.

<sup>57</sup> Tomás Verdelho (1995) assinala que, a partir do Renascimento surgiram os primeiros dicionários de importância: o do espanhol Antonio de Nebrija (1495?), o do francês Robert Estienne (1572) e o do italiano Ambrósio de Calepino (1502); este último se tornou plurilíngue, alcançou inclusive o Japão levado pelos Jesuítas, Ordem da Igreja Católica, e seu uso se disseminou pelos países dominados pelos que professavam essa religião. Segundo Verdelho (ibid.), os três grandes dicionários padronizaram a moderna Lexicografia. (CHAVES-FERREIRA, 2001)



*instrumentos* possibilitam a compilação do saber metalinguístico. Além disso, tais *instrumentos* reúnem dados em seus respectivos repertórios que permitem recuperar as informações que se distribuem ao longo do tempo. O dicionário é, nessa perspectiva, uma extensão da relação dos falantes com a língua, como propõe Auroux (1992).

Com base nessa assertiva - a possibilidade de acumular, de compilar conhecimentos - se entende que tal fator gera o que Orlandi (2003) nomeia *memória institucionalizada*, ou seja, um arquivo que permite consultas, disponível nas instituições. De acordo com essa proposta, se entende o dicionário como um tipo de discurso documental, que funciona como um efetivo depósito, uma vez que “o dicionário se apresenta, enquanto objeto histórico, como um discurso sobre sua época e mostra o estado do conhecimento linguístico de então” (ORLANDI, 2001; 2002). As páginas dos prefácios da RAE estão em consonância com essa perspectiva, de maneira observável :

**Siguiendo la Academia estos principios para simplificar, mas y mas la escritura**, ha suprimido el signo llamado capucha en las palabras en que la *ch* no tenia el mismo valor y sonido que en *chapin* y otras semejantes, y ha trasladado aquellas á las letras equivalentes, con las quales deben escribirse en lo sucesivo. Así las voces *chimera*, *chimérico*, *chimerino*, *chimerizar*, *chimia*, *chimica*, que por medio del signo expuesto se pronunciaban con un sonido diferente del de la *ch*, se han colocado en las combinaciones de la *q*, al modo que se ha hecho yá con las palabras que podian reducirse y se han reducido en efecto á la combinacion *ca*. (DRAE, Prólogo, 1803, p. 2, grifos nossos).

A amostra de 1803 evidencia a tendência normativa em relação a fixar parâmetros que facilitassem o emprego escrito da língua presentes no século XVIII, conferindo-lhe a condição de objeto ligado à história.

A gramática e o dicionário, enquanto instrumentos linguísticos, são também considerados *artefatos tecnológicos*, resultantes do processo de *gramatização* (LAURIA, 2008). Levando em conta as proposições formuladas pela HIL, Lauria (2008, p.1, nota 1) aborda o dicionário como um “espaço da memória discursiva”, já que a obra é entendida como um “lugar de reunião do repertório lexical criado e empregado por uma comunidade linguística, o que determina que esta possa se reconhecer em sua cultura e sua história”. O dicionário tem o papel de legitimar o léxico e refletir o que constitui a “memória social” da língua.

É possível transportar tais considerações para o que conforma a trajetória histórica dos dicionários da Real Academia, que vêm cumprindo a tarefa de “fiéis depositários” (é esta a intenção indicada nos prefácios), ao longo de quatro séculos, registrando inclusões, exclusões, alterações, enfim, de significados dos lemas que conformam o inventário léxico da língua espanhola.

### 3.2.2 Análise do Discurso e Lexicografia: caracterizações, enlaces, aproximações

A pesquisa lexicográfica põe em contato língua, ciência, sociedade e história e o dicionário funciona como observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história. Sob essa perspectiva, o dicionário é um objeto histórico e de representação do falante com a língua (ORLANDI, 2001, 2002). Parte-se da premissa de que, além de construir afinidades com respeito ao relacionamento usuário-obra, o dicionário também acolhe momentos históricos, políticos e sociais. Tais fatores determinam que a obra lexicográfica constitua um inventário lexical situado no tempo e no espaço. Maingueneau (1997) articula uma diferenciação entre

as regiões relacionadas ao estudo da língua e da linguagem. Aponta uma primeira região dedicada ao *estudo da língua*, a partir de Saussure, como *rede de propriedades formais*, entendida por “sistema”. Indica uma segunda que se refere à linguagem, enquanto esta “faz sentido para sujeitos inscritos em tarefas de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, *ibid.*, p. 11-12). Ambas as propostas se relacionam à obra lexicográfica porque apresentam a língua como sistema e mantêm a representação de linguagem através dos enunciados que conformam o dicionário.

O dicionário constitui um discurso, tomando como ponto de partida a possibilidade de que toda produção de linguagem pode ser considerada discurso. A noção de discurso, segundo Maingueneau (2001, 2003), se reporta à atividade de sujeitos dentro de um contexto determinado, cujas condições de produção envolvem tempo, espaço, enunciador e co-enunciadores, relacionado, ainda, a um modo de percepção da linguagem. Segundo o autor, a Análise do Discurso “praticamente pode designar qualquer coisa” (1997, p. 11), uma vez que a produção da linguagem está vinculada ao discurso. Isso, segundo o autor, provém da própria organização do campo da linguística, que esclarece que esta ciência opõe, de forma esquemática e constante, um núcleo “duro” *a uma periferia de contornos instáveis* que estão em contato com disciplinas próximas, entre elas a sociologia, a psicologia, a história, a filosofia. Constata-se que tais disciplinas, além da linguística, permeiam, influenciam e determinam os informes constituintes da microestrutura dos dicionários e, também, dos prefácios.

Vários aspectos, em suma, levantados pela Análise do Discurso podem se estabelecer em correlação com o dicionário, uma vez que este funciona de formas diversas. Uma dessas maneiras é como inventário da língua - e pode ser associado

ao *sistema*. Constrói-se como discurso, enquanto ligado à produção de linguagem, se estabelecendo na relação do sujeito com a língua, vinculado à memória discursiva. A partir disso, efetua-se uma conexão da Lexicografia com a AD, tomando-se o dicionário, principalmente, a partir de seu funcionamento como discurso, propiciando associar os estudos da AD aos estudos sobre o dicionário.

Pelo estabelecimento desses vínculos, entende-se que os dicionários são um modo de produção de discurso sobre a língua, cujas informações evidenciam momentos e exigências determinados. Tomando propostas de Nunes (2006, p.1), “o dicionário é visto não somente como um objeto de consulta, mas como um objeto discursivo que circula em um território (em um espaço-tempo) e que modifica as relações dos sujeitos com a língua”. A obra lexicográfica é responsável, nessa perspectiva, por um papel mais amplo do que o de mera decodificadora do léxico ou de simples corretora ortográfica. Nesse aspecto, ultrapassa a função canônica que lhe é atribuída e incorpora, ao “modificar relações” (NUNES, *ibid.*), uma *atuação* efetiva que envolve língua e usuários.

### 3.2.2.1 Visão da linguagem: perspectivas da Análise do Discurso

Como implicação das conexões da feitura do dicionário em contextos bastante determinados, os estudos sobre esse tipo de obra assinalam a relação desta com as políticas linguísticas vigentes. Dessa forma, seguindo o raciocínio de Orlandi (2002, p.103), a compreensão de como o dicionário funciona supõe “compreender como são praticadas as políticas da língua, especialmente o que

chamamos ‘língua nacional’<sup>58</sup> em sua necessidade de unidade, pensada em sua relação constitutiva com a língua materna, e mais amplamente com a nossa língua”.

As reflexões da autora (ibid.) se complementam nas propostas de Calvet direcionadas às políticas sobre a língua,

a intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não é novidade: sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua. De igual modo, o poder político sempre privilegiou essa ou aquela língua, escolhendo governar o Estado numa língua ou mesmo impor à maioria a língua da minoria. (CALVET, 2007a, p. 11)

As afirmações de Calvet sobre as políticas linguísticas geradas pelos Estados se materializam nos atos normativos produzidos pelas Academias, especificamente para fixar padrões quanto à língua.

A formação das *línguas nacionais* americanas, historicamente, está datada no início do século XIX, assim como o posterior processo de formação dos Estados nacionais. O período se associa ao momento em que muitos países desenvolvem discussões com respeito à *língua nacional* e à identidade linguística. Em decorrência destes fatos, Lauria (2008, p.1)<sup>59</sup> propõe abordar “o dicionário como um espaço da memória discursiva, já que sua elaboração consiste sempre em um trabalho sobre o já dito: uma tarefa de seleção, repetição, reformulação, deslocamento e ruptura de enunciados anteriores.” Nesse movimento de construção de um espaço de memória, a obra lexicográfica incorpora dizeres e saberes que evidenciam as marcas de um *sujeito* que se mostra através da sua própria incorporação.

---

<sup>58</sup> Entende-se por “língua nacional”, a partir de pressupostos de Anderson (2008) e Orlandi (2002), aquela que se usa em território limitado, imaginariamente única e concretamente diversa.

<sup>59</sup> Do original: *abordamos el diccionario como un espacio de la memoria discursiva ya que su elaboración consiste siempre en un trabajo sobre lo ya dicho: una tarea de selección, repetición, reformulación, desplazamiento y ruptura de enunciados anteriores* (LAURIA, 2008, p.1).

### 3.2.2.2 Construção da *subjetividade*: *sujeito*, *ethos*

O dicionário, por constituição, se propõe à produção da verdade e, para alcançar tal objetivo, procura ocultar marcas que permitam reconhecer o sujeito<sup>60</sup> (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p.77). A obra quer ser próxima do discurso científico e tenta apagar o *sujeito* como parte do processo para dar veracidade à sua proposta de cientificidade (GRANADOS, 1982). A observação do dicionário em sua formação essencial – a microestrutura, conformada pelos verbetes, com exposto no Capítulo 3 – permite que seja detectada na construção de enunciados lexicográficos a presença de um *sujeito*. Apesar dos esforços para obter neutralidade nas definições dos lemas, o *sujeito* manifesta-se porque é inerente a qualquer texto. O modo de instituição do *sujeito* nos verbetes, apesar da busca pelo distanciamento, leva neste trabalho, a buscas pelo reconhecimento dessa *instância do discurso* em outro espaço da obra, os prefácios. Mas prólogos, a diferença das entradas, pela própria característica genérica de serem textos apresentadores, contêm marcas mais frequentes da *subjetividade*. A partir da proposta de assinalamento do *sujeito*, se visa a discutir suas formas de manifestação (MAINGUENEAU, 1997, 2003, 2005), presentes nos prólogos dos dicionários que compõem o *corpus*. Para dar suporte às concepções sobre *sujeito* que se apresentam neste trabalho, buscamos apoio teórico, principalmente, em Dominique Maingueneau (1995, 1997, 2001, 2003, 2005).

O *sujeito*, segundo o autor (1997), é diferenciado entre sujeito (i) *linguístico* (objeto de estudo da linguística), (ii) *genérico* (relacionado ao *gênero discursivo*) ou

---

<sup>60</sup> Segundo Martínez de Sousa (1995, p.77), “o redator de um dicionário não deve perder de vista o nível cultural do leitor médio para quem escreve, mas em qualquer caso, a redação deve ser neutra, impessoal” (tradução e grifos nossos).

(iii) *da formação discursiva*<sup>61</sup>. Assevera (ibid.), ainda, que todo sujeito mantém correlação com um *co-enunciador*, empregando a terminologia de Culioli.

A presença do *sujeito falante* aflora, praticamente, em todos os textos (MAINGUENEAU, 2003, p.93). A percepção dessa *presença* do *sujeito* no discurso se relaciona a observar que este “inscreve continuamente sua presença no enunciado, de forma menos ou mais visível” (ibid.). Dessa maneira, há textos saturados das marcas de *subjetividade enunciativa*, ao lado de outros em que a presença do sujeito busca ser apagada. As marcas se representam principalmente por dêiticos e pelo assinalamento de juízos de valor através de seleções semânticas, que estabelecem julgamentos.

O *sujeito*, contudo, não pode ser tomado como fonte absoluta de sentido, uma vez que incorpora outros dizeres no seu dizer (MAINGUENEAU, 2003, 2005; BRANDÃO, s.d). Ou seja, está determinado pelo *interdiscurso*, como propõe Maingueneau (1997, 2003, 2005), pela relação que o discurso mantém com outros discursos, exteriores a ele. O interdiscurso é, assim, visto com a “memória do dizer”, por trazer essas marcas do dizer precedente, presentes em outros discursos (NUNES, 2006).

O *sujeito* na AD pode ser visto em sua existência social, *interpelado* pela ideologia (BRANDÃO, s.d.; FERNANDES, 2005). Assim, o *sujeito discursivo* ou *da linguagem* afasta-se da individualidade, do “eu individualizado” e evoca outras vozes, que se presentificam em seu dizer. Sua existência se marca em um espaço social e ideológico, em épocas históricas determinadas e específicas. Fernandes (ibid.), ademais, afirma: “A voz desse sujeito revela o lugar social que ocupa”; e ainda propõe que “o sujeito é plural e atravessado por uma pluralidade de vozes, é

---

<sup>61</sup> Maingueneau (2003, p. 51) apresenta a noção de *formação discursiva*, com base em Foucault (1969), a partir de sua função: *designa conjuntos de enunciados que se podem relacionar com um mesmo sistema de regras, determinadas historicamente* (tradução nossa).

constituído por diferentes vozes sociais” (ibid., p.34, p.43), manifestando-se *por meio da linguagem*. Compreender, enfim, o *sujeito discursivo* prevê identificar *vozes sociais* que compõem sua *voz*.

A visão de que o *sujeito* está impregnado de *vozes sociais* está relacionada a proposições contidas nos prólogos elaborados como o selo da Real Academia Espanhola. Lembre-se que, constitutivamente, a RAE tem a função de resgatar e contemplar tais vozes, incorporando-as a suas produções. Adotando esses procedimentos, atende às exigências de seu “público”, que imagina que o dicionário apresenta *todas* as respostas a suas dúvidas. Tem-se em conta, entretanto, que tais *vozes* são representacionais, fazem parte do *interdiscurso*, escapam à enunciação e retomam memórias discursivas.

O *enunciador*, ao enunciar, estrutura, por meio do discurso, traços que lhe conferem certos atributos. Tais atributos do enunciador estão interligados à concepção de *ethos* postulada pela AD. Assim, Maingueneau (1997; 2005) relaciona *ethos* à Análise do Discurso e transcende o conceito original, pertencente à Retórica aristotélica, ao aplicar a proposição a textos não jurídicos e não argumentativos em geral. Sem restringir-se à argumentação ou a produções orais, entretanto, o conceito aristotélico assume dimensão mais ampla e pode ser pensado em relação a qualquer discurso. A AD, de forma estendida, se propõe a analisar imagens também oriundas de fontes escritas e não somente orais, como postulava a Retórica. Nessas fontes escritas, têm papel preponderante as escolhas linguísticas realizadas porque sinalizam o modo de o enunciador se apropriar da língua. Dessa forma, é possível entender a construção de uma imagem própria do enunciador relacionada ao ato de tomar a palavra (AMOSSY, 2005). Para tal construção, não é necessário que seja feito um auto-retrato do “locutor”, uma vez que suas características emergem do seu



dizer e organizam sua representação como pessoa. Todo discurso supõe um *ethos*, segundo, ainda, Maingueneau (1997), pensado como aquele que se *mostra* e, não, o que *diz*, *revelado* pela própria maneira de expressar-se.

Entretanto, essa concepção de *ethos* - o que se *mostra* -, é ampliada posteriormente por Maingueneau (2008, p.59). Ao refletir sobre propostas de Ducrot, sinaliza que a distinção entre o *mostrar* e o *dizer* faz parte de uma visão pragmaticista. O *ethos* permanece em “segundo plano”, é perceptível, mas “não deve ser objeto do discurso”, sendo entendido como “distinto dos atributos ‘reais’ do locutor” (MAINGUENEAU, 2008, p. 59). Note-se que *ethos* e autor efetivo são instâncias diferentes, uma vez que *ethos* se relaciona “à enunciação, não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador”. Como o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que este se apresente. Expectativas e previsões em matéria de *ethos* também se induzem pelo fato de um texto pertencer a um gênero ou a um posicionamento ideológico (id., 2005, 2008).

Há dificuldades em delimitar as questões propostas recentemente por Maingueneau (2008) sobre *ethos*, no que tange a estar relacionado somente à enunciação. A restrição está no próprio objeto de estudo, oriundo de uma instituição de reconhecido (e respeitado) poder normativo. O saber extradiscursivo efetivo interfere e permeia o *olhar* que se lança sobre os prólogos e determina, de certa maneira, os encaminhamentos de análise propostos<sup>62</sup>. Para a AD, o mundo é atravessado pelos discursos – e o mundo só adquire consistência pela nomeação que se faz das *coisas* que lhe são pertinentes. Isso se efetiva através da linguagem, configurando-se em *discurso*. Sob essa ótica, a representação do empírico é

---

<sup>62</sup> Embora venha sofrendo ajustes, que se resgatam em trabalhos posteriores, a concepção de *ethos* que norteia esta pesquisa se relaciona às propostas de 1997.

relacionada a *ethos* e se aproxima dos direcionamentos que se procura seguir na investigação desenvolvida.

Entende-se, assim, que o *ethos* se apresenta em interação com os co-enunciadores (neste trabalho, os leitores do dicionário, outras Academias, autores literários, por exemplo) que influenciariam o discurso do enunciador, que ajusta sua imagem às expectativas desses co-enunciadores e se *mostra* de várias maneiras, que se modificam segundo condições sócio-históricas e temporais associadas à elaboração dos prefácios.

Sobre o dicionário, como ocorre em qualquer texto escrito, é constituído por formas de comunicação que envolvem enunciador (o eu que “fala”) e co-enunciador /leitor (o que se esforça para interpretar os enunciados). Em especial, se identifica que dos textos apresentados como prólogos dos dicionários, emanam as diretrizes que organizam a obra propriamente dita, constituída pelo repertório lexicográfico conformado pelos verbetes, sinalizando/construindo o *ethos*. Desse modo, esse sujeito que se “responsabiliza” pelos prefácios norteia a noção de língua que estará, em tese, representada nos verbetes. Nos prólogos do DA (Dicionário de Autoridades) e do DRAE (Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia), os modos pelos quais se constrói o *ethos* do enunciador (MAINGUENEAU, 2003) remetem à instituição que avaliza a obra. A ênfase sobre conceitos de língua postulados pela instituição pode variar temporalmente, em decorrência de fatores vários – e a reformulação do verbete referente ao que se institui como *ciência* seria um deles – que determinam e restringem a produção lexicográfica. De qualquer modo, seja qual for a relevância em relação a concepções de língua, o dicionário da Real Academia estará de acordo com as políticas linguísticas vigentes, orientadas pelos órgãos relacionados ao Estado espanhol. Resgatar essas políticas importa

para que se faça um estudo sobre as formas de *dizer* que legitimam a RAE como instituição regulamentadora do uso e da norma da língua espanhola. Nesse momento, os prólogos funcionam como lugares privilegiados de reconhecimento e recuperação do assinalamento de políticas linguísticas.

Nas reflexões sobre *enunciado* e *enunciação*, Maingueneau (2003, p.42) propõe que “enunciado designa o produto do ato de enunciação”. As pessoas e o tempo do enunciado são assinalados de acordo com a situação de enunciação por meio de estruturas “de embreagem”, que ancoram o enunciado. O autor (ibid.) afirma que a enunciação não pode ser pensada como a apropriação por um indivíduo do sistema da língua em sentido estrito, pois o sujeito só tem *acesso* a ela através dos múltiplos gêneros do discurso, submetidos a suas coerções.

Esses elementos de ancoragem podem ser entendidos como *dêiticos* (MAINGUENEAU, 2003, p. 49). Tal categoria abarca as pessoas linguísticas (eu-tu), além de demonstrativos, possessivos, tempos verbais, advérbios. A *déixis*, assim, se relaciona ao *processo de “embreagem”* e assinala os sujeitos da enunciação. São reconhecíveis, ainda, dêiticos temporais e espaciais, mas o recorte deste estudo aponta para aqueles que se relacionam às pessoas linguísticas.

As marcas linguísticas da subjetividade variam e, apesar da necessidade dos lexicógrafos de descrever sem deixar sinais (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995), é possível encontrar verbetes nos dicionários onde se observam tais “deslizes”. Desse modo, se podem identificar nas obras lexicográficas o lugar da enunciação e traços do enunciador. Nos dicionários orientados pelos parâmetros mais modernos da Lexicografia é cada vez mais raro encontrar tais marcas (HAENSCH, 1992). Entretanto, nas obras menos recentes se detectam, muitas vezes, ocorrências desse tipo, onde são frequentes as indicações da situação de enunciação (composta por

enunciador, co-enunciador, tempo e lugar), além de termos que incluem juízos de valor (CHAVES-FERREIRA, 2005). A leitura do verbete *matrimonio*, em especial da acepção *matrimonio clandestino*, permite confirmar tal afirmação.

**Matrimonio, s.m.**

Contrato del derecho natural, que se celebra entre hombre y muger por mutuo consentimiento externo, dando el uno al otro potestad sobre su cuerpo en perpetua y conforme unión de voluntades, el qual elevado á **Sacramento**, y celebrado entre sugetos bautizados, se hace del todo **indisoluble** en llegando á consumarse. *Matrimonium, conjugium, connubium.*(DRAE, 1780, grifos nossos)

**Matrimonio clandestino**

El que por no haberse observado en él las solemnidades establecidas por derecho, no se entiende celebrado en presencia de la Iglesia, sino como á **escondidas**, y como tal no es lícito, ni válido hoy, por disposición del **santo Concilio de Trento**. *Matrimonium clandestinum.*(DRAE, 1780, grifos nossos)

As marcas da valoração podem ser percebidas nos destaques que são efetuados nos enunciados lexicográficos da entrada (ou verbete) *matrimonio*. Isso se revela através das orientações nitidamente pertencentes à religião que definem *matrimonio*, o que, em última forma, remete a um sujeito partícipe dos preceitos postulados por dogmas religiosos. Os preceitos se evidenciam através de aspectos da definição lexicográfica: o casamento é um sacramento, é indissolúvel e, ainda, o *matrimônio clandestino* se caracteriza por ser celebrado às escondidas, longe da presença da Igreja, contrariando o *santo Concílio de Trento*. Ao incluir este tipo de informação, o lexicógrafo estrutura sua definição explicitando valores da religião católica e, ao mesmo tempo, se mostra como *sujeito* no enunciado elaborado.

De maneira equivalente, como acontece com os verbetes – considerados como dicionário por essência – também os prólogos incluem, pelas próprias características que determinam o gênero, amostras de marcas do sujeito.

El provincialismo de España encierra una riqueza léxica de **inapreciable valor**, porque conserva viva gran porción de vocablos pertenecientes al antiguo fondo patrimonial de **nuestro** idioma. [...] **Esperamos** que esta atención consagrada a los americanismos sea una de las **principales ventajas** que se aprecien en este Diccionario respecto de los anteriores (DRAE, Advertencia, 1925, p.1, grifos nossos).

Os termos grifados no prólogo do DRAE de 1925 apontam para um sujeito que se revela através do uso da primeira pessoa do plural, incluindo-se a si próprio no discurso. Nesse exemplo, os dêiticos caracterizados pelo emprego da forma verbal e do possessivo nesse prefácio, ambos de primeira do plural, remetem ao sujeito. Da mesma forma, adjetivos como "*inapreciable*" e "*principales*", que determinam os substantivos "*valor*" e "*ventajas*", cumprem a função de remeter ao sujeito. Assinalamentos semelhantes se encontram na 16ª edição:

**La presente edición del Diccionario estaba en vísperas de salir a la venta cuando las hordas revolucionarias, que, al servicio de poderes exóticos, pretendían sumir a España para siempre en la ruina y en la abyección, se enfrentaron en julio de 1936 con el glorioso Alzamiento Nacional.** Perseguidas con **diabólica saña** bajo la **tiranía** marxista cuantas instituciones encarnaban el verdadero espíritu de **nuestro** pueblo, no se podía esperar que la **vesania** de los **usurpadores** del poder respetase la vida de la Academia. Fué disuelta, en efecto, de un plumazo; y aunque no tardó en renacer en las tierras privilegiadas de **nuestra** patria que conocieron las primeras al alborar de la reconquista, la casa solariega de la Corporación, su patrimonio y sus publicaciones quedaron secuestrados en la capital de la nación **hasta el día felicísimo de su liberación total** (DRAE, Advertencia, 1936 e 1939, 16ª edição, p.1, grifos nossos).

Observa-se no fragmento de abertura da edição 1936-1939 do dicionário, a marca linguística do enunciador através dos possessivos grifados (*nuestro, nuestra*). Também são reconhecíveis alguns termos que remetem a valorações: *glorioso, vesania, usurpadores, diabólica, tirania*, entre outros. Toda a narração sobre a

trajetória de publicação do *Diccionario*, que introduz essa *Advertencia*, traz sinais de *subjetividade*, tanto no uso de recursos linguísticos quanto na forma de apresentar acontecimentos atrelados a percursos históricos.

### 3.2.2.3 Elaboração dos prefácios: as *personas* e a *não-pessoa*

Em se tratando de prefácios, reconhecer as marcas de *personas* (ou a ausência delas) assume relevância porque possibilita que se identifique a *voz* de quem enuncia e a quem está direcionado o discurso. Assim, se busca suporte nas propostas apresentadas por Émile Benveniste (1995), retomadas por José Luiz Fiorin (1996). Fiorin (ibid.) faz considerações e reflexiona sobre o trabalho modelar de Benveniste acerca de *categorias de pessoa* e, a partir de tais contribuições, procura-se delinear, nesta pesquisa, uma base que permita analisar os prólogos elaborados pela RAE.

As distinções entre *pessoa verbal* e *sujeito* são traçadas por Benveniste (1995), que sinaliza as não coincidências entre as instâncias e propõe que as *categorias de pessoa* sejam diferenciadas entre *pessoa* e *não-pessoa*. A *pessoa* está relacionada a *eu-tu* e mantém uma certa oposição com as formas de terceira *pessoa* (o *ele*). Para o autor (ibid.), as *personas eu-tu* se representam de modo distinto em relação a *ele* por razões diversas e, em conexão com Benveniste (1995), conclui-se que *ele* pode ser uma multiplicidade de sujeitos ou, mesmo, nenhum. Benveniste, ainda, associa o *ele* ao *ausente* que, no árabe, se relaciona à terceira *pessoa*. *Eu-tu*, entretanto, só podem intercambiar-se, assumindo ora um, ora outro,

a *subjetividade*, a característica do sujeito, do *eu*, na enunciação<sup>63</sup>. Dessa forma, *tu* e *eu* possuem unicidade específica e tudo o que não é *eu-tu* é ligado à terceira pessoa (BENVENISTE, 1995). Em outras palavras, esta possibilidade de permuta entre *eu-tu* (as *pessoas*) não é aplicável à terceira pessoa (a *não-pessoa*). Entende, ademais, Benveniste que a primeira e a segunda pessoas do plural não são reais pluralizações das pessoas correspondentes do singular, ao passo que a terceira efetua tal papel, representando, de fato, a pluralização da terceira pessoa do singular (BENVENISTE, 1995).

O emprego da terceira pessoa do singular importa, uma vez que é potencializado nos prefácios da Real Academia, como exposto no Capítulo 1. Isso conduz a privilegiar a observação nesta pesquisa das marcas de uso da terceira, utilizada em lugar da primeira do singular. Fiorin (ibid.) apresenta, ainda, um recurso ao qual nomeia *neutralização* da terceira pessoa. Destaca, também, que nessa estratégia se pode empregar muitas vezes um substantivo em lugar do pronome, ou seja, a opção principal de designação para *neutralizar* é usar substantivos.

Na neutralização, o enunciador se esvazia de *subjetividade* (*aproximação*) e se apresenta através de seu papel social. Levando em conta que a expressão da *subjetividade* só tem relevo na 1ª pessoa, *ele* faz parte do discurso enunciado por *eu* (BENVENISTE, 1995). Fiorin (1996) aponta que não existe *objetividade* (*distanciamento*) na linguagem - o que há são *efeitos de sentido* produzidos “por apagamento das marcas de enunciação no enunciado e por controle dos termos mais nitidamente avaliativos”. Na *embreagem*, a primeira pessoa é o lugar da

---

<sup>63</sup> Helena Brandão (s.d., p.48), assim como outros autores também o fazem, reflete sobre a *subjetividade* proposta por Benveniste e aponta: “a subjetividade é inerente a toda linguagem e sua constituição se dá mesmo quando não se enuncia o *eu*”, contrariando Benveniste para quem a subjetividade se constrói pela capacidade de dizer *eu*. O discurso científico, por exemplo, segundo a autora, enuncia desse lugar descentrado: o *ele* é referência ao *eu*.

*subjetividade* e a terceira, da *objetividade*. Propõe, ademais, Fiorin (ibid.) que “empregar a terceira pessoa no lugar de outra qualquer é ressaltar o papel social em detrimento do individual, objetivar o enunciado e esvaziar a pessoa”. Ainda para dar suporte ao exame dos prólogos da Real Academia, é relevante lembrar que os conjuntos de morfemas que expressam ou indicam a *pessoa* são os pronomes pessoais, os pronomes possessivos e as desinências verbais de número e pessoa (ibid., p. 61).

Nos prefácios examinados, o processo de neutralização é uma constante observável:

Tan ahincadamente se ha procurado el acierto en la obra de depuración y de reforma llevada a cabo en esta edición última, que para conseguirlo **ha dedicado la Academia** atención especial a sus contradictores, estudiando reposadamente y con la imparcialidad debida las opiniones por ellos sustentadas en libros, revistas y periódicos, (DRAE, Prólogo, 1914, p.1, grifos nossos)

Em efetivo, as referências à Academia não remetem a uma terceira pessoa, a um *outro*, mas a um *eu* que opta por um distanciamento, como propõe Fiorin.

As questões que envolvem subjetividade direcionam a um enlace com as concepções de *ethos*, cuja relevância nesta pesquisa se relaciona ao fato de que, através de seu assinalamento, é possível verificar as formas de legitimação e autoridade do *sujeito* nos prefácios dos dicionários da RAE, atendendo aos objetivos propostos. A função preponderante e inerente ao *gênero prefácio* - apresentar a obra - se representa nesse texto de funcionamento especial como o que vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que lhe sucede, enaltecendo-a (PETRI, 2007). De acordo com tais aspectos, promove a possibilidade de observar o *sujeito* e as políticas linguísticas que subjazem no dicionário.



### 3.2.3 *Gênero discursivo*: características inerentes

Em relação aos *gêneros*, todas as diferentes *esferas da atividade humana*, segundo Bakhtin (1997), se ligam ao uso da língua, assim como as formas de emprego da língua são tão variadas quanto as esferas da atividade humana. Partindo dessas considerações, o autor assevera que tal utilização se realiza sob forma de “enunciados (orais e escritos) concretos e singulares”, que pertencem aos participantes das *esferas*. Cada enunciado é individual, porém, cada *esfera* de uso da língua elabora “tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros discursivos” (BAKHTIN, *ibid.*, p. 279). Maingueneau retoma a proposta e, através das concepções bakhtinianas, assinala que as condições de produção dos enunciados estão determinadas pelas coerções impostas pelo *gênero*.

Entende-se que a seleção de recursos linguísticos (lexicais, fraseológicos, gramaticais e, principalmente, a construção composicional) estão a par da indicada *estabilidade relativa*, relacionada de modo direto ao que conforma a concepção de *gênero* (BAKHTIN, 1997). E isso implica dizer que há características significativas que marcam os gêneros. Por exemplo, compare-se um anúncio publicitário sobre calçados destinado a jovens e um prefácio de dicionário elaborado por uma instituição que dita normas sobre a língua. Normalmente, não caberia uma escolha lexical que privilegiasse a informalidade no prefácio, o que seria compatível com a publicidade, por constituição. Assim, o anúncio publicitário poderia enfatizar gírias empregadas pela faixa etária alvo, enquanto um prólogo de dicionário deveria utilizar vocabulário mais neutro e formal, uma vez que se dirige a um leitor mais “geral”.

A reconhecível imensa heterogeneidade dos *gêneros* existentes provoca, segundo Bakhtin (*ibid.*), dificuldades para determinar a *natureza comum* dos

enunciados. O autor diferencia os gêneros em primários (ou simples) e secundários (ou complexos), indicando que os complexos (por exemplo, um romance) podem absorver e incluir os simples (como um diálogo do cotidiano) em sua elaboração. Isso nos leva a observar que os gêneros fundem-se uns com outros muitas vezes (MAINGUENEAU, 1997), permitindo “transgressões” propositais consideradas “lícitas”, dependendo dos objetivos com que se produzem os textos (id., 2001).

A noção de *gênero* é de difícil manejo e uma listagem deles se apresenta irrealizável, dada a quantidade de possibilidades existentes, segundo apontam Bakthin (1998) e Maingueneau (1997, 2001, 2003). A proposta mais coerente, diante disso, seria conhecer as *coerções* que limitam os gêneros, uma vez que esse saber possibilita assinalá-los de modo mais estrito. Considerando-se que há uma relativa estabilidade dos gêneros, o fato permite que seus diversos tipos de organização sejam identificados. Dessa forma, o co-enunciador, ao reconhecê-los, afirma Maingueneau (1997), obtém uma *economia cognitiva*. O conhecimento anterior dos variados gêneros conduz a que seja determinado com mais eficácia o que se tem “à vista” – o que traz a possibilidade de concentração do co-enunciador em um número reduzido de elementos, evitando percorrer todos os detalhes dos enunciados que o rodeiam. Levando-se em consideração que o *gênero* é decisivo na interpretação de enunciados, seu conhecimento prévio se torna crucial para a construção de sentidos de um texto.

Tomando as concepções sobre *gênero*, se consideram os prólogos dos dicionários como um deles e se busca assinalar as marcas encontradas nos prefácios que acreditam tal afirmativa. Os estudos realizados no âmbito da História das Ideias Linguísticas (HIL) dão suporte a essa proposta.

O prefácio (ou *prólogo*) é um *gênero discursivo*, categoria inaugurada através dos dicionários monolíngues que remontam aos primórdios do processo de gramatização:

Além da nomenclatura e dos verbetes, os prefácios são materiais importantes para o conhecimento das condições de produção do dicionário. Consideramos o prefácio como um gênero discursivo. Como mostra Mazière (1986, p. 33), os prefácios dos primeiros dicionários monolíngües do fim do século XVII e primeira metade do XVIII, instalam esse gênero e "fundam a relação entre a legitimidade político social do autor e a legitimidade linguística do objeto". Os prefácios instituem a autoridade do dicionário e estabelecem a representividade dos sujeitos na relação com a língua. Geralmente, os prefácios constroem imagens da língua, do dicionário, do lexicógrafo e do público leitor (NUNES, 2007, p. 2).

A partir da observação dos elementos que organizam e constituem essa modalidade de texto escrito, identifica-se *prólogo* como a abertura de uma obra, que tem as funções de apresentar, de mostrar ao público os aspectos conformadores, a trajetória de elaboração do trabalho, os traços positivos do "produto" que é oferecido ao usuário e será "degustado" por ele. Nesse sentido, o prefácio assume um caráter essencialmente promissório. No caso específico do *prólogo de dicionário*, a forma "clássica" traz, além dos itens comuns que se descrevem anteriormente, informes acerca do número de verbetes que a obra lexicográfica contém, incluindo também dados sobre seus elaboradores e, ainda, relativos aos destinatários da obra.

Para dar suporte às observações sobre as páginas de abertura dos dicionários, se incluem algumas considerações sobre os propósitos dos prefácios:

Hoje, ao analisar dicionários, me pergunto, o que é um prefácio, afinal? É um sinônimo de advertência, introdução, apresentação, prefação, preâmbulo, prólogo... considerando que o processo sinonímico também se constitui na imperfeição, no recobrimento, na falta, podendo promover deslizamentos de sentidos. **Um prefácio é, portanto, um texto que precede o texto principal.** É assim com os

manuais didáticos, com os textos científicos, com as obras literárias e também com os dicionários. E é um texto com funcionamento muito próprio: ele vem antes, antecede, apresenta e representa a obra que vem na sua seqüência, bem como **revela marcas da posição-sujeito** que produz a obra como um todo (PETRI, 2007, p.2, grifos nossos).<sup>64</sup>

As reflexões de Petri (2007) acerca dos papéis dos prefácios corroboram o que se ponderou até o momento sobre o que *produz* tal introdução, com respeito à obra que expõe: mais que iniciá-la, funciona como um espaço reconhecível do *sujeito*.

Portanto, essas introduções têm importância, “peso”, autoridade, nas obras lexicográficas, como assevera Nunes (2006). Isso faz com que surjam outras formas menos usuais de apresentação (uma crônica seria um dos possíveis gêneros) que levam o título *prólogo* e funcionam como textos introdutórios.

Observou-se anteriormente que os prefácios trazem os objetivos do dicionário e as imagens que o organizador (ou organizadores) da obra lexicográfica tem (ou têm) da *língua* em que foi elaborada e do que constitui (ou deve constituir) um *dicionário* (aqui, um dicionário de língua). Tais características permitem que o leitor identifique o texto produzido como pertencente ao *gênero* prólogo, do mesmo modo que reconheceria uma receita culinária ou uma história em quadrinhos - pelos traços que social e historicamente conformam os *gêneros* e fazem parte de seu conhecimento de mundo como leitor.

---

<sup>64</sup> *Posição-sujeito* é termo utilizado pela corrente da AD relacionada aos estudos de Pêcheux. Neste trabalho se opta por não usar essa orientação.

#### 4 LÍNGUA E CIÊNCIA NO DICIONÁRIO: A CONSTRUÇÃO DE CONCEPÇÕES

*En el 'Arte poético' decía Horacio que "al igual que los bosques mudan sus hojas cada año, pues caen las viejas, acaba la vida de las palabras ya gastadas, y con vigor juvenil florecen y cobran fuerza las recién nacidas. [...] Renacerán vocablos muertos y morirán los que ahora están en boga, si así lo quiere el uso, árbitro, juez y dueño en cuestiones de lengua". (DRAE, Advertencia, 2001, p.1)*

Para analisar concepções de *língua* e de *ciência* nos prefácios e em entradas dos dicionários da Real Academia Espanhola, tomam-se os conceitos de *norma*, *uso* e *registro* propostos, discutidos e reformulados por linguistas ao longo da trajetória dos estudos da linguagem. Essas propostas, ao lado de outras já apresentadas e problematizadas nos Capítulos 3 e 2 e que se referem à organização lexicográfica, seus critérios e orientações, realizam uma aproximação entre Lexicografia e Análise do Discurso. Relacionadas à construção do *gênero*, do *enunciador* e do *co-enunciador*, no entendimento do dicionário como *instrumento linguístico de gramatização*, são significativas para identificar e debater as concepções de *língua* e *ciência* nos dicionários da RAE. Da mesma forma, são retomados, na análise das concepções de *língua* e *ciência*, aspectos inerentes à instituição Real Academia Espanhola da Língua e o papel dos *movimentos intelectuais* na formação institucional e na elaboração das obras lexicográficas da RAE. As referências à *norma* e ao *uso*, este assinalado através do *registro*, estão presentes no planejamento e na organização dos dicionários da instituição e, por isso, assumem um papel de norteadores do que se recolhe ao repertório lexical. Nesse sentido, a construção da obra lexicográfica gira, em conjunto, em torno dos aspectos

pontuados nos capítulos de fundamentação teórica, da representação da Real Academia que se enlaçam e dão suporte às análises efetuadas nesta seção.

#### 4.1 DICIONÁRIO E LÍNGUA: ASSINALANDO PAPÉIS E FUNCIONAMENTOS

As propostas sobre *norma linguística culta*, segundo reflexões principalmente de Ducrot & Todorov (1988 [1972]), Dubois *et al* (1993[1973]), Reyes (1999) e Bagno (2001, 2007) em comparação com a *norma linguística* tomada de um ponto de vista mais abrangente, de acordo com Charaudeau & Maingueneau (2001), e Bagno (2001, 2007), mais significativamente, se inserem neste trabalho por trazer à discussão o modelo de língua que está de acordo com o que propõem apresentar os dicionários analisados.

Procura-se traçar um panorama introdutório sobre as concepções de norma, uso, registro tomando-se inicialmente, para isso, pressupostos de Ducrot e Todorov (1988 [1972]) e de Dubois *et al* (1993 [1973]).

Ducrot e Todorov associam a preocupação de fixar uma *norma linguística* à necessidade de descrever as línguas. Assinalam que na raiz do que leva à descrição de línguas se potencializa um cuidado em fixar de forma precisa o bom uso, a correção – uma *norma linguística* que fosse um divisor entre formas utilizadas efetivamente e aquelas tidas como incorretas, impuras, imprecisas, vulgares. Exemplificam os autores essa necessidade com a primeira descrição linguística conhecida, a do oriental sânscrito clássico, que se efetiva no momento em que o sânscrito prestigiado era ameaçado por falas populares e, assim, precisava de estabilização para, pelo menos, fixar textos sagrados. Nesse sentido, *norma* se relaciona ao bom uso e à correção também nas sociedades do ocidente, assim

como a aspectos sociais porque possuir *boa linguagem* é entendida como uma marca das classes dominantes.

Dubois *et al* afirmam que *norma* é um sistema de instruções que define o que deve ser escolhido entre os usos de uma determinada língua, de acordo com ideais estéticos ou socioculturais. Implica, de forma complementar, admitir a existência de usos proibidos, não aceitáveis. A concepção de *norma*, ainda de acordo com princípios estabelecidos pelos autores, em primeiro momento, está vinculada à norma culta, e de acordo com um conjunto de regras que regem os usos linguísticos considerados *corretos* em uma comunidade de falantes. Por outro lado, também consideram *norma*, em segunda possibilidade, em um sentido mais amplo, “como tudo que é de uso comum e corrente em uma comunidade linguística” (ibid., p. 435), gerando correlações com a instituição social constituinte da língua.

Nas propostas apontadas nos anos 1970 por Dubois *et al* e Ducrot & Todorov, ratificadas nos estudos de Reyes do fim do século XX, *norma* e *uso* estão constantemente vinculados, o que constrói uma relação indissociável entre as duas instâncias - e uma implica a outra: o *uso* considerado *correto* depende do rigor da *norma culta*, do que esta estabelece como aceitável ou proibido, a partir de padrões que provêm de *instruídos*.

A concepção de *norma* sofre ajustes e provoca discussões e questionamentos em sua trajetória de construção. O reconhecimento das *variedades* faz parte do conceito a partir das mudanças nos estudos das ciências da linguagem, embora já estivesse presente nas primeiras noções através da dicotomia *bom uso* versus *mau uso*. Atribuem-se, entretanto, marcas de desprestígio em relação ao mau uso, ao uso incorreto, por contrariarem a *norma culta*.

Em suas propostas, Corbeil (2001, p. 201) estabelece que “em todas as línguas, a regulação linguística põe à frente uma norma dominante, em torno da qual gravitam as **variedades e as atitudes dos falantes para com sua própria variedade e para com a variedade dominante**” (grifos nossos). A introdução do conceito de *variação linguística*, uma contribuição da sociolinguística dos anos 1960, principalmente com Labov (TRASK, 2004), está incorporada a essas construções sobre a concepção de *norma* relacionada à *variação*. Corbeil (ibid., p. 201) aponta um paradoxo na incorporação da variação às línguas de grande difusão: “integrar a variação sempre respeitando uma norma unificadora”. Esse movimento de reunir as variedades contemplando a unidade faz parte de uma política linguística direcionadora dos dicionários da Academia Espanhola e da própria instituição RAE, em todas as suas ações.

A concepção de *norma*, segundo Bagno (2007), pode ser estabelecida de acordo com duas vertentes conflitantes que se relacionam a esse termo. *Norma* pode referir-se ao *normal*, entendido como habitual, frequente, ou ao *normativo*, o que é elaborado sob regras impostas. A discussão proposta pelo autor se intensifica especialmente sobre *norma culta*, baseada nas reflexões sobre *norma* enquanto lei, regulação. A tradição imposta pela *norma culta* se sustenta através da língua escrita e pelos escritores clássicos. Incorpora-se às gramáticas, que se inspiram nos usos desses autores consagrados para compor um padrão, um modelo de língua, geralmente calcado no passado, o que preserva usos da tradição linguística. Constrói-se uma correlação com o que se observa nos dicionários da RAE, especialmente com o Dicionário de Autoridades, que legitima seus lemas através de abonações dos *clássicos*, como se estabelece nos Capítulos 1 e 3.



O emprego da linguagem literária para organizar a norma linguística, um conjunto padronizado de regras sobre a língua, é justificável em momentos históricos em que poderia ser a única forma de expressão em língua escrita e, portanto, reproduziria o uso comum ao período em que se inscreve (BAGNO, 2007).

A noção de *uso* linguístico (REY, 2001) vinculada à ideologia dominante se apresenta submetida a juízos de valor relacionados à *norma* – como o que *deve* ser realizado. Sobre o *uso*, o autor afirma ainda que “nenhuma língua escapa àqueles que a utilizam”. (ibid., p. 115). Nesse sentido, o *uso* se estabelece em correlação com o *dever* e não com a obediência preconizada pela *norma*, pela regra, que funciona de modo mais restritivo.

Relacionando *norma* e *uso*, Charaudeau e Maingueneau (2006) assinalam a existência de várias *normas* que correspondem aos diferentes *usos*, com base na premissa de que há muitas formas de falar a mesma língua. Na concepção da AD francesa, assim como na de autores relacionados à sociolinguística, *norma* e *uso* continuam estreitamente vinculadas. Isso ocorre desde as primeiras reflexões dos linguistas até as proposições atuais, embora o *uso* seja agora entendido não mais em sua rigidez inicial, mas no sentido de incorporar as *variações* como também *normas*.

Propostas para classificar *registro* mostram-se variáveis e nos estudos de Dubois *et al* (1988 [1973], p. 515) se enunciam como “utilizações que cada falante faz dos *níveis de língua* existentes no uso social de uma língua”. Os *níveis* são entendidos por Dubois como vinculados à língua culta, à popular, o que difere conceitualmente de investigações atuais, que relacionam níveis a *variantes* disponíveis aos falantes (PAQUETTE, 2001).

Proposições recentes situam *registro* (LEFEBVRE, 2001), com base em estudos ingleses, em correlação com o fato de que cada falante possui diversas variedades linguísticas e as usa alternadamente. A seleção das variedades se faz a partir de certo tipo de linguagem ser apropriado a certo uso, levando em conta que o mesmo falante dispõe de vários códigos linguísticos. O conceito de *registro* se vincula ao de *uso*, na posta em ação da língua pelos usuários, que arbitram sobre as variedades linguísticas mais adequadas ao momento e à situação em que se inserem.

Tentativas de teorização sobre os critérios que definem classificações terminológicas para os variados *registros* se apresentam sem uma organização constituída de forma homogênea. Os utilizadores usuais da terminologia que se reporta aos *níveis de língua* (entendidos aqui como o mesmo que *registros*) são os lexicógrafos, embora de forma normalmente indefinida e imprecisa (PAQUETTE, 2001).

Em decorrência, a noção de *registro*, como o conjunto de diferenças em função das relações entre texto e contexto situacional, é incorporada aos dicionários de língua de forma diversa e irregular.

Nas marcas de uso empregadas pelo dicionário da RAE encontram-se, por exemplo, *antiquado* e *desusado* (*Advertencias para el uso de este diccionario*, DRAE eletrônico, 1992), o que conduz à indagação sobre qual seria a diferença semântica específica entre esses termos. Nos dicionários, as páginas preliminares têm a função de informar acerca dessas rubricas de uso. No DRAE de 2001, como exemplificação, se inclui uma distinção pautada nas etiquetas *desusado* ou *antiquado*, *antigo*, que toma como referência a frequência de uso do termo de acordo com os anos 1500 e 1900. Entretanto, as justificativas apresentadas no

dicionário não estabelecem um parâmetro de diferenças semânticas que justifiquem as escolhas de uma ou outra rubrica<sup>65</sup>.

O *registro* depende da relação entre as características linguísticas e os traços do contexto situacional e faz parte de uma decisão estilística do usuário da língua, determinada pela função do texto e pelo contexto (MALDONADO, 1999). Nesse sentido, o contexto situacional em que se encontra o usuário é determinante para orientar suas seleções, construindo uma relação de interdependência entre *uso/usuário/registo/norma*.

Reitera-se a incorporação de questões que envolvem noções de *norma* e de *uso* porque importam neste trabalho como suporte para a discussão dos objetos analisados. Esses conceitos estabelecem parâmetros teóricos para examinar o que determina o recolhimento das variações ao repertório dos dicionários. As variações, no contexto das obras lexicográficas elaboradas pela RAE, representam elementos linguísticos de destaque porque seu conjunto conforma o ideal que se pretende representar como a *unidade* da língua. Desse modo, é necessário que as muitas formas de falar a mesma língua, representadas pelas *variações*<sup>66</sup>, sejam incorporadas ao dicionário geral, mantendo a concepção de língua como elemento de *uso comum* aos membros da *comunidade*. A variação também constitui *norma*, como a entendem Charaudeau e Maingueneau (2006) e, nesse sentido, a variação lexical de origem americana passa a incorporar-se aos dicionários gerais de modo prestigioso, principalmente no século XX<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> A 22ª edição do DRAE inclui *anticuado* ou *antiguo* («ant.»), quando a última documentação é anterior a 1500, *desusado* («desus.»), quando a última documentação é posterior a 1500 e anterior a 1900 e *poco usado* («p. us.») para marcar empregada lemas ainda em uso após 1900, cujo uso atual é difícil ou impossível de documentar (Cf. Cap 3).

<sup>66</sup> Embora existam variações em outros níveis como fonéticas, fonológicas, sintáticas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998), este trabalho trata somente das variações léxicas.

<sup>67</sup> Cf. item 4.1.2.

A análise dos conceitos de língua e ciência em sua relação com o dicionário está dividida em dois blocos. No primeiro bloco, se enfocam sentidos de língua no dicionário como *uso correto* em sua relação com a *norma*. O uso correto se articula com os *registros* geográficos e sociais que se incorporam aos dicionários.

O segundo bloco expõe a associação entre dicionário e *ciência*, enquanto um *instrumento lingüístico de gramatização*, assinalado como uma produção relacionada à cientificidade.

#### 4.1.1 Língua e correção: enlaces entre norma e uso

Os primeiros prefácios elaborados para apresentar os dicionários da Real Academia estabelecem uma relação sistemática com autores consagrados da literatura, como um insumo para legitimar o *uso* da língua, como se constata a partir do prefácio do Dicionário de Autoridades (1726). O *uso* autorizado pelos *clássicos* passa a ter valor de *norma*, de *regra* que remete à *correção* e à *boa língua*, tal como se apresenta nas propostas de Dubois *et al* (1993[1973]) e Ducrot e Todorov (1988 [1972]).

**Como bafa y fundamento de este Diccionario, fe han puefto los Autóres** que ha parecido à la Académia han tratado la Léngua Elpañóla con la mayor propiedad y elegância: conociendofe por ellos fu buen juício, claridad y proporción, con **cuyas autoridades eftán afianzadas las voces**, y aun algunas, que por no practicadas fe ignóra la noticia de ellas, y las que no eftán en ufo, pues aunque fon próprias de la Léngua Elpañóla, (DA, Prólogo, 1726, p.1, grifos nossos).

No Dicionário de Autoridades (1726), declara-se o propósito de recolher os usos da língua espanhola através, principalmente, das abonações dos escritores de prestígio, autores de reconhecida erudição (aqueles que tratam a língua com

propriedade e elegância). Essa perspectiva demonstra um determinado entendimento de uso - o uso *correto*, isto é, aquele que *bons* autores fazem. As inclusões das exemplificações dos escritores de prestígio dão crédito aos lemas e cumprem uma função preconizada pela Lexicografia em relação aos dicionários de língua, a de contextualizar os usos através dos exemplos inseridos nos enunciados lexicográficos que conformam as entradas.

O Dicionário de Autoridades, entre as várias abonações que inclui, retira uma exemplificação do clássico Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, século XVI, para legitimar o lema *doncella*:

DONCELLA. Se llama también la criada de una casa, que sirve a la Señora, y de hacer labór. Lat. *Famula puella, pedissequa*. **Cerv. Quix.** tom.r. cap. 33. Siempre andaba rodeada de sus criados y criadas, especialmente de una **doncella** suya llamada Leonéla, à quien ella mucho quería. (DA, 1732, p. 336, grifos nossos)

O objetivo de manter o entendimento de *uso* como *correção* continua sendo incorporado aos prefácios quando se reformula e compacta o Dicionário de Autoridades (DA, 1726), que passa a ser publicado em um único tomo, a partir de 1780. Essa obra, nomeada inicialmente Dicionário da Língua Castelhana, é identificada pela sigla DRAE (Dicionário da Real Academia Espanhola) e também é referenciada como *Diccionario Usual*<sup>68</sup>. A proposta de condensar o Dicionário de Autoridades em um só volume representa um discurso por uma circulação maior da obra. Nesse sentido, dotar o dicionário de um manuseio mais fácil indica um objetivo de torná-lo mais acessível aos usuários. Na reformulação, mantêm-se todos os lemas que se repertoriavam no Dicionário de Autoridades e exclui-se o que se julga dispensável aos enunciados, indicando uma mudança nos critérios de informação:

---

<sup>68</sup> Cf. Cap. 1.

y deseando hacerle de **mas fácil uso**, y que el **Público pueda tenerle por un precio cómodo**, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial. [...]

**Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, definicion y la correspondencia latina** (DRAE, Prólogo, 1780, p. 1, grifos nossos).

A manutenção das correspondências latinas, que se conserva no DRAE, realiza um vínculo com a tradição e contextualiza os lemas em relação aos *usos* eruditos correspondentes ao Latim. Essa manutenção se faz significativa, levando-se em conta que, na compactação dos volumes realizada para formar o DRAE, em 1780, foram retiradas as *autoridades*, os exemplos tomados de autores consagrados.

O dicionário começa a apresentar características de bem de consumo cultural, pela maior circulação e apresentação mais facilmente manejável, disponibilizado por um preço reduzido, apresentando um caráter comercial, ausente até então. No discurso dos prefácios, entretanto, o dicionário está destinado a co-enunciadores letrados que, por tal característica, são os que podem transitar nas bibliotecas e em instituições religiosas e de ensino, lugares nos quais a obra se deposita. A representação do perfil de um co-enunciador culto e ilustrado, *instruído*, se evidencia em alguns prólogos (1817, 1843, 1899) do século XIX<sup>69</sup> :

Justo es manifestar aqui lo que la presente edicion ha aumentado ó corregido sobre las precedentes, en muestra del zelo que anima á la Academia de perfeccionar obra tan importante, y de corresponder á la expectacion y confianza del **público ilustrado**. [...]

la Academia usando de la severidad que aconseja la conservaci3n de la pureza de la lengua, ha solido inclinarse mas bien á la reforma y supresion que al aumento, sino de otras diccionnes que la **autoridad de nuestros mejores escritores ó el uso comun**, constante y

<sup>69</sup> Os prólogos de 1783 e 1791 são quase idênticos e o de 1803, também semelhante aos anteriores, inclui um acréscimo sobre regras ortográficas (Cf. Cap. 1).

continuado de las **personas cultas** (DRAE, Prólogo, 1817, p.2, grifos nossos).

Em 1817, o perfil do co-enunciador instituído no discurso dos prefácios é formado pelos *instruídos*. Esse perfil se representa em outros dois prólogos do século XIX (1843 e 1899):

Un Diccionario de un idioma destinado al uso del público debe abrazar todas las voces del lenguaje comun de la sociedad, **distinguiendo el familiar del mas culto y propio de las gentes instruidas**, y del poético considerado en sí mismo; es decir, con exclusión de las materias ó asuntos en que haya de emplearse (DRAE, Prólogo, 1843, p.2, grifos nossos).

La Academia se ha dedicado con toda asiduidad á perfeccionar su obra en cuanto le ha sido dable, rectificando etimologías, corrigiendo definiciones, suprimiendo superfluidades, enmendando errores y aumentando el caudal de voces, ya con algunas hasta ahora omitidas y cuyo empleo abona la autoridad de **buenos escritores**, ya con muchas otras que han alcanzado la sanción del **uso general bien dirigido** (DRAE, Advertencia, 1899, p.1, grifos nossos)<sup>70</sup>.

Nos prefácios publicados entre 1843 e 1899<sup>71</sup>, se substancia a visão da existência de movimento constante que relaciona o *uso geral da sociedade* com o *uso de pessoas cultas*. Incorporam-se lemas também a partir do *uso bem orientado* do vocabulário, não só apoiado na tradição do uso literário, mas tomado a partir de outras fontes de recolhimento de informações, desde que avalizadas pelo uso geral *de qualidade*. Nesses prólogos, como ocorre a partir da edição do primeiro DRAE (1780) não se incluem as abonações dos clássicos da literatura, mas a referência a eles continua registrada nos prefácios:

<sup>70</sup> O prólogo de 1899 não faz referência direta a um leitor instruído. A concepção de língua que se apresenta, entretanto, permite reconhecer o perfil desse leitor.

<sup>71</sup> Há três edições do DRAE publicadas nesse intervalo: 1852, 1869 e 1884.

De esta ocupación, á que la Academia se ha entregado con un teson infatigable, ha nacido el inmenso caudal de cédulas que posee de voces castellanas, autorizadas por el **uso de buenos escritores** (DRAE, Prólogo, 1817, p. 1, grifos nossos).

Mantém-se, portanto a tendência instaurada pelo Dicionário de Autoridades (1726) de exemplificar e justificar o uso dos lemas por seu emprego na tradição literária:

En compensacion de tantas supresiones se han añadido muchos artículos nuevos de voces que autorizadas por **los escritores sabios y el uso**, se han fijado ya en la lengua castellana, y se echaban de menos en las ediciones anteriores (DRAE, Prólogo, 1822, p. 1, grifos nossos).

No fim do século XIX assinala-se igual tendência:

[La Academia] enmendando errores y aumentando el caudal de voces, ya con algunas hasta ahora omitidas y **cuyo empleo abona la autoridad de buenos escritores**, ya con muchas otras que han alcanzado la **sanción del uso general bien dirigido** (DRAE, Advertencia, 1899, p.1, grifos nossos).

Esse movimento, oriundo do século XVIII, de incorporar o literário para legitimar o *uso* se flexibiliza no século XX e o prefácio de 1925 registra:

Después la Academia atendió con preferencia a incorporar al Dicionario la mayor parte del habla común de las **personas ilustradas**. (DRAE, Advertencia, 1925, p.1 grifos nossos).

A referência aos literatos como suporte para a abonação dos lemas, se desloca para a de *instruídos* no século XX, mantendo o perfil de um co-enunciador culto e letrado.



O percurso dos prefácios dos séculos XVIII e XIX sinaliza uma concepção de língua voltada para o *uso correto*, ou seja, o conceito de língua nessas páginas introdutórias se relaciona à *norma* entendida como regra e como correção. Esses conceitos acompanham as produções elaboradas pela Real Academia e o apoio que substancia e legitima o uso está centrado nos autores da literatura ou nos *instruídos*. Nos séculos XVIII e XIX o conceito de correção e o uso dos autores literários como norma estão potencializados e reiterados com constância, de acordo com propostas que fazem parte do discurso da RAE nos instrumentos linguísticos elaborados pela instituição em períodos posteriores, assinalando uma proposta de defesa do que é *correto* linguisticamente. Escolhe-se - gramaticaliza-se nos instrumentos linguísticos - o que será norma culta a partir de determinados usos, que se transformam em modelo do *correto*, do bom uso, que passa a significar a expressão dos letrados.

Como contraponto do que se observa nos prefácios, se inclui o lema *língua*, elaborado nos dicionários da Real Academia. Algumas definições do lema<sup>72</sup> variam, ao longo das edições, para atender às tendências de descontinuidades que conformam uma coerção própria do gênero *verbete*. O *artigo lexicográfico* (ou *verbete*) se organiza, assim, em torno de uma exigência de mudanças e ajustes periódicos nos enunciados definitórios.

Em um período ainda determinado pelos postulados iluministas, que remonta às primeiras edições do DA (1734: volume correspondente à letra L) e DRAE (1780), a definição de *língua* se constrói de acordo com decisões particulares tomadas por cada nação, respeitando, porém, um dado significativo: as especificidades das diversidades linguísticas. Naquele momento, nos conceitos sobre *língua* já é admitida uma variação linguística que está nos discursos dos prólogos desde 1726,

---

<sup>72</sup> Foram feitos recortes nos verbetes e selecionadas somente as acepções que estão de acordo com os objetivos deste trabalho.

o que mantém a relação de continuidade com respeito a incorporar as diferenças advindas dos regionalismos, potencializadas pelo *uso*. O co-enunciador se correlaciona e se aproxima do repertório lexicográfico através das variações dialetais:

LENGUA.  
Se llama tambien **el conjunto de voces y términos, voluntariamente elegidos, con que cada Nacion** explica sus conceptos, pronunciandolos ò articulandolos **segun sus dialectos**. Lat. *Lingua, Idioma*. (DA, 1734, 1770; DRAE, 1780, grifos nossos)

No fim do século XIX, *língua* segue concebida de acordo com uma visão de conjunto, ainda entendida como um repertório de palavras, de termos. Ou seja, o conjunto lexical é a própria língua. Nesse momento, também, a concepção de língua se enuncia de forma mais reduzida, embora mantendo o sentido de *conjunto* inicialmente formulado. A elaboração do enunciado está vinculada a uma tendência compactadora, provavelmente herdada dos preceitos do Iluminismo. O co-enunciador do verbete se mantém estável, relacionado às particularidades linguísticas:

Lengua  
El conjunto de voces y términos con que **cada nacion explica sus conceptos**. *Língua, sermo*. (DRAE de 1803 a 1884, grifos nossos)<sup>73</sup>

A definição de língua é muito pouco ajustada no período compreendido entre 1884 e a edição de 1970, que reforça o co-enunciador que se relaciona com as diversidades:

---

<sup>73</sup> A definição foi transcrita do DRAE de 1803. Ao longo das edições posteriores, sofre pequenos ajustes ortográficos e se reformula a etimologia.

Lengua. (Del lat. *lingua*)  
 Conjunto de palabras y **modos de hablar de un pueblo ó nación.**  
 (DRAE, 1899 a 1970, grifos nossos)

A definição de língua se especifica e particulariza no fim do século XX, em concordância com a especialização mais intensa promovida no âmbito das ciências da linguagem. Os argumentos científicos da época assinalam língua como um *sistema* ou *sistema lingüístico*. Nesse sentido, a RAE incorpora a contribuição dessas ciências às teorias da mudança linguística para fundamentar as diferenças dialetais que registra na definição de *língua*.

O assinalamento da visão da *língua* como *sistema* se potencializa nessas definições de dicionários do século XX, assim como se estabiliza uma visão propiciada a partir de estudos da Linguística, registrada no DRAE de 1984:

Del lat. *lingua*.  
 2. Sistema de comunicación y expresión verbal propio de un pueblo o nación, o común a varios.  
 3. **Sistema lingüístico** que se caracteriza por estar plenamente definido, **por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una cultura diferenciada** y, en ocasiones, **por haberse impuesto a otros sistemas lingüísticos.**  
 4. Sistema lingüístico considerado como ordenación abstracta.  
 (DRAE, 1984, 1992, grifos nossos)

Incorpora-se à discussão o conceito de *língua* de Manuel Alvar (1961):

**sistema lingüístico** del que se vale una comunidad hablante y que se caracteriza **por estar fuertemente diferenciado, por poseer un alto grado de nivelación**, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, **en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos de su mismo origen.** (ALVAR, 1961, ap. Moreno, 1998, p.350, grifos nossos)<sup>74</sup>

<sup>74</sup> O conceito faz parte do *Glosario sociolingüístico* elaborado por Moreno Fernández (1998). O texto original, entretanto, está disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/>

Alvar estabelece os parâmetros de nivelamento e padronização, próprias do registro escrito e culto, mas, ao mesmo tempo, sinaliza a diversidade que geralmente é decorrente de dados do registro oral, nas funções comunicativas corriqueiras e informais. Nos enunciados apresentados, os conceitos de Alvar (de 1961), anteriores às do DRAE, guardam uma forte relação de semelhança com as definições dos dicionários de 1984 e 1992.

Nesse sentido, constroem um *continuum* entre o que as autoridades em matéria de língua (no caso, Manuel Alvar) postulam e o que se apresenta para definir *língua* no dicionário da Real Academia. Instaure-se, portanto, um diálogo entre um enunciador lexicógrafo da RAE e um enunciador autoridade linguística que contribui para a legitimação do lema, constituindo um movimento de autenticação de entradas através de autoridades, embora não citadas. Esse recurso de legitimação através de autoridades tem se mostrado recorrente nas análises das edições do dicionário efetuadas neste trabalho.

As correlações entre *língua* e *sistema* se reproduzem no século XXI, mas há um retorno aos primórdios da elaboração do dicionário, em que a *língua* é constantemente vinculada à visão de *correção*, de acordo com os ideais propostos na fundação da RAE<sup>75</sup>.

**lengua.**

(Del lat. *lingua*).

2. f. **Sistema de comunicación verbal** y casi siempre escrito, propio de una comunidad humana.

3. f. **Sistema lingüístico** cuyos hablantes **reconocen modelos de buena expresión**. *La lengua de Cervantes es oficial en 21 naciones.*

4. f. Sistema lingüístico considerado en su estructura. (DRAE, 2001, grifos nossos)

<sup>75</sup> Cf. Cap. 1.

Relacionando-se à necessidade de ter um *modelo*, a estabilidade de alcance desejável em relação à *língua* só pode advir dos princípios defendidos pela instituição Real Academia: “a autoridade dos bons gramáticos, a etimologia dos termos e os modelos dos bons escritores”, de acordo com pressupostos de Garrido (1987). As assertivas de Garrido mantêm uma correlação com a norma culta, com o par de interlocução enunciador-co-enunciador instruídos, ratificando as propostas institucionais que se conservam tradicionalmente.

Há poderes em jogo nesse modo de entender língua – a garantia de que há um espaço destinado aos que a dominam e que esse espaço não pode ser ocupado pelos *outros*, que vão ser tratados como iletrados, o que constrói um não reconhecimento desses como falantes e usuários da mesma língua. Fortalece-se a já consagrada parceria entre os *instruídos*, excluindo-se dessa correlação os que não pertencem à *categoria*.

#### 4.1.2 Língua e uso: a variação lexical

O conceito de *variação* traz a noção de *uso* entendido não mais em sua rigidez dos estudos linguísticos iniciais, vinculado à *correção*, mas no sentido de incorporar as variações como também *normas*. A língua incorpora a legitimidade da *variação americana* e ratifica a *variação espanhola*, mas continua incluindo o co-enunciador *instruído*, nesse momento representado pelos hispânicos que atendem a esse perfil. Nesse sentido, o prefácio de 1925 tem um papel preponderante:

Después la Academia atendió con preferencia a incorporar al Diccionario la mayor parte del habla común de las **personas ilustradas**.

Ha concedido también atención muy especial a los regionalismos de España y de América que se usan entre **la gente culta** de cada país,

voces que estaban muy escasamente representadas en las ediciones anteriores.

Esperamos que esta **atención consagrada a los americanismos** sea una de las principales ventajas que se aprecien en este Diccionario respecto de los anteriores.

Como consecuencia de esta **mayor atención consagrada a las múltiples regiones lingüísticas, aragonesa, leonesa e hispanoamericana, que integran nuestra lengua literaria y culta**, el nuevo Diccionario adopta el nombre de “lengua española” en vez del de “castellana” que antes estampó en sus portadas. (DRAE, Advertencia, 1925, p.1, grifos nossos)

As variações se incorporam ao dicionário como *registros de uso* e a informação sobre o emprego dos lemas é registrada, nos dicionários de língua, por meio de *rubricas* ou *marcas* ou *etiquetas de uso*<sup>76</sup>, que fornecem dados sobre as escolhas possíveis entre a diversidade de *registros*, diastráticos (sociais), diatópicos (geográficos) e diafásicos como forma de orientar o usuário. Esse tipo de referência dá a quem utiliza a obra as ferramentas para reconhecer critérios de emprego do termo definido e direciona o leitor na sua prática em relação à língua.

Ao especificar os *registros*, o dicionário aporta elementos de natureza pragmática através do recolhimento e assinalamento do *uso* dos lemas que compõem a microestrutura. A informação sobre a diversidade de *registros* promove a distinção, dentro do repertório lexical, entre usos familiares e usos formais, entre vulgares e eruditos, por exemplo, em atendimento ao objetivo de demarcar situações de uso. As informações sobre os *registros* variados têm lugar no dicionário, visando a *instruir* o usuário sobre como e quando usar o léxico, desde o século XVIII:

En quanto á la **censura** se ha puesto la que debe tener la voz segun la calidad de ella y **el estado de su uso, como de familiar, metafórica, poética, jocosa, baxa, poco usada, antiquada** &c. **dexando sin censura ninguna** las voces, frases ó locuciones que no pertenecen á estilo alguno particular, son del **uso comun de la lengua**, (DA, Prólogo, 1770, p. 4, grifos nossos).

---

<sup>76</sup> Cf. Cap. 3.

As coerções às quais se faz referência no prólogo do Dicionário de Autoridades, de 1770, assim como suas ausências, são consignadas como recursos para delimitar as restrições de uso dos termos que demandam uma diferenciação daqueles que estão incluídos na classificação *uso comum da língua*.

Os dois verbetes do DA sustentam as informações do prefácio sobre a indicação de *registros de natureza social* (diatráticos) que, em 1770, é feita no próprio enunciado lexicográfico:

SACRISMOCHE Ò SACRISMOCHO. s.m. **voz de burla y desprecio**, que se dá al que vestido de negro, como los Sacristanes, está derrotado y sin asséo (DA, 1770, grifos nossos)

RUFALANDAINA. S.f. chacota, bulla y zambra. **Es voz de estilo familiar**. (DA, 1770, grifos nossos)

No DA, a variação da língua inclui os diferentes registros empregados socialmente em situações distintas e marcadas. A correção vinculada à norma estabelece que sejam usados os lemas de acordo com a adequação e, por isso, há necessidade de especificar registros no dicionário (“voz familiar”, “voz de burla”). O conceito de *norma* desenvolvido pela sociolinguística a partir dos anos 1960, como *regra*, está de acordo com o que se indica do prefácio e se assinala nessas entradas do Dicionário de Autoridades de 1770.

Atendendo ao propósito de informar ao co-enunciador sobre os *usos*, a variação representada pelos socioletos, *registros diatráticos*, no Dicionário de Autoridades assinala-se também em prefácios posteriores ao do século XVIII. Amplia-se o foco de atenção, de modo explícito, a segmentos da sociedade que conformam um grupo mais amplo e variado. A ênfase, entretanto, permanece na qualidade de *letrados*, dos *cultos*, os *instruídos* citados explicitamente em prefácios

de 1726, cujas referências se incluem nos prefácios até 1925<sup>77</sup>. Embora se incluam desde o século XVIII, edições anteriores (1770) e posteriores, como a 16<sup>a</sup>, de 1936-1939<sup>78</sup>, entretanto, há relativizações ao nomear esse leitor - o *público*: “La misma preocupación de salir al encuentro con nuestra diligencia al anhelo del **público** por disponer del nuevo Diccionario” (DRAE, Advertencia, 1936-1939, p. 1, grifos nossos). Nesse prefácio, as referências estão voltadas para um co-enunciador menos específico, uma *abertura* em relação a um perfil constituído pelo leitor *instruído*.

As citações ao leitor letrado retornam ao prefácio na edição seguinte, provocando a alternância dessas referências em relação a 1936/1939:

considerando la Academia que el mayor mal que podría originarse para el cumplimiento de su misión estatutaria para **los estudiosos** en general sería la absoluta carencia de ejemplares del Diccionario (DRAE, Advertencia, 1947, p.1, grifos nossos).

Tenidas en cuenta estas advertencias, el **conocedor de la lengua** (DRAE, Preámbulo, 1956, p.2, grifos nossos)

Há uma tendência a reformular a representação do co-enunciador em edições posteriores a 1956. Isso se evidencia pelo fato de que a publicação seguinte, de 1970, marca o recolhimento de termos reconhecidamente vulgares<sup>79</sup>, com a justificativa de que esse vocabulário faz parte do cotidiano dos diversos segmentos sociais:

[tecnicismos] pasan diariamente de la nomenclatura especializada al **lenguaje culto general** e incluso al **dominio común**. [...] Además se ha dado acogida a palabras, locuciones y frases pertenecientes al lenguaje familiar, sin excluir muchas de carácter

<sup>77</sup> Cf p. 129 a 134 deste capítulo.

<sup>78</sup> Cf. Cap. 3; Apêndice A.

<sup>79</sup> Cf. Cap. 3.



popular que a veces lindan con lo **francamente vulgar** (DRAE, Preámbulo, 1970, p.1, grifos nossos).

A incorporação de vulgarismos<sup>80</sup>, classificados e indicados dessa forma, legitima o caudal léxico e promove o contraponto em relação à tradição literária, à erudição, o que abre um espaço para representações diversas de língua. Os vulgarismos aos quais se refere o prefácio de 1970 estão representados pelas palavras de baixo calão que se incluem explicitamente a partir dessa edição<sup>81</sup>, ao lado de lemas reunidos a partir da *tradição literária*:

Siguiendo no solo una tradición de la Academia, sino tendencias de nuestro idioma ya desde tiempos anteriores al siglo XVIII, **no ha guiado a la Academia un espíritu de purismo y limitación**, sino que el el DICCIONARIO **recoge voces y usos vulgares, junto a la tradición literaria**, y acepta de la ciencia y la técnica los términos que entran con tanta fuerza y autoridad en la lengua oral y escrita (DRAE, Preámbulo, 1984, p. 1,grifos nossos).

Constitui um movimento de mudança com relação ao co-enunciador o recolhimento desse tipo especial de léxico, que passa a coexistir de forma legítima com lemas vinculados à literatura, à erudição.

Em decorrência dessas incorporações do vulgar, do que *soa mal*, do que é usado em situações restritas, o dicionário funciona como um lugar de abrangência quanto às amostras de língua e mantém uma continuidade no diálogo com o co-enunciador *instruído* ao preservar as entradas relacionadas à erudição e, por outro lado, incorporar co-enunciadores *usuários* da língua. Isso se realiza a partir do acolhimento, além dos chamados *vulgarismos*, de elementos dialetais, de expressões de registros diversos, oriundas dos campos da ciência, da técnica, sem se restringir ao que conforma o universo literário.

<sup>80</sup> Como exemplo, se reproduz definição do verbete *coño*: *Parte externa del aparato genital de la hembra. Es voz malsonante. 2. Ú. frecuentemente como interjección* (DRAE, 1984, grifos nossos).

<sup>81</sup> Cf. nota imediatamente anterior.

A preocupação com o assinalamento de *usos* nos artigos lexicográficos percorre outras edições do dicionário:

sacrismoche.  
1.m. **fam.** El que anda vestido de negro, como los sacristanes, y además desharrapado y sin aseo (DRAE, 1992, grifos nossos).

No verbete *sacrismoche*, se cumpre a função de estabelecer a contextualização, indicando o uso do lema como *familiar*. Restringindo-se a um âmbito mais informal de emprego, portanto, é limitada a utilização do termo definido a situações específicas.

Uma das definições de *indio* incorpora marcas de uso ao enunciado, mantendo correlação quanto aos assinalamentos de uso com o artigo *sacrismoche*:

**indio**<sup>1</sup>, **dia. 1.** adj. Natural de la India. U. t. c. s.  
**2.** adj. Pertenciente o relativo a este país de Asia.  
**3.** adj. Se dice del indígena de América, o sea de las Indias Occidentales, al que hoy se considera como descendiente de aquel sin mezcla de otra raza. U. t. c. s.  
**4.** adj. Pertenciente o relativo a estos **indios**. *Traje indio. Lengua india.*  
**5.** adj. **despect.** *Guat. y Nic.* **inculto** (de modales rústicos) (DRAE virtual, 2001, despect: grifos nossos)

Na quinta acepção do verbete *indio*, são incluídas rubricas (despectivo, inculto) para contextualização do uso relacionado a registros diastráticos. O enunciado lexicográfico ainda indica uma restrição geográfica, que situa o uso do lema com aspecto depreciativo em dois países, referenciados pelas abreviações *Guat. y Nic.*. Nessa entrada do dicionário do século XXI estão relacionados uso e registros, indicando o contexto do lema definido. O dicionário do século XXI procura, através das etiquetas de uso, uma precisão maior para atender aos princípios

lexicográficos de indicar os possíveis usos relacionados ao lema, de acordo com tratados teóricos de Lexicografia, apresentados no Capítulo 3, que consideram o emprego de marcas diastráticas, diafásicas e diatópicas através de rubricas individualizadoras, como uma prática considerada desejável e recomendada na elaboração de dicionários gerais.

A inclusão de registros de diferentes níveis constatadas nas entradas *sacrismoche*, *indio*, *rufalandaina*, retiradas do DA e do DRAE, assinala pistas pragmáticas de situações comunicativas precisas ao longo dos dicionários, das quais se valem os usuários. A marcação dessas situações importa para assinalar alguns juízos de valor que direcionam os lexicógrafos ao estabelecer parâmetros e critérios de uso dos lemas definidos, e que são fornecidos ao leitor através das definições dos termos da macroestrutura.

O acolhimento e o assinalamento das formas regionalmente diferentes, os *registros diatópicos*, ou *geográficos*, que fazem parte do repertório da língua em geral, são indicados desde os primeiros prefácios de dicionários da RAE, registrando usos ibéricos do século XVIII e que fazem parte dos prefácios de 1726 e 1770. São inseridas de modo sistemático as rubricas sinalizadoras da origem ibérica nas entradas e, nos prefácios, se assinala o recolhimento de marcas diatópicas que referenciam *geolectos*, registros tomados de regiões geográficas (peninsulares, aquí) em que se inscrevem.

En el cuerpo de esta obra, y en el lugar que les corresponde, **se ponen varias voces** peculiares y propias, que se usan frecuentemente en algunas provincias y reinos de **España, como en Aragón, Andalucía, Afturias, Murcia**, &c. aunque no son **comunes en Castilla**: (DA, Prólogo, 1726, p.4, grifos nossos).

Las **voces provinciales** se ponen tambien y sin autoridad, siendo **comun y corriente su uso en la provincia**: y de las voces antiguas de Aragon se escusan todas las lemosinas, poniendo solo **las que**

**son castellanas**, y con autoridad que lo califique (DA, Prólogo, 1770, p.3, grifos nossos).

O repertório lexical confirma as inclusões de registros diatópicos referidos nos prefácios:

**ALBERCHIGA.** S.f. Nombre que se dá en algunas **Provincias como en Castilla la Vieja y Astúrias** à la fruta conumente llamada Albérchigo. Vease. Lat. *Mala perfica aut cotonea*. (DA, 1726, p. 168, enunciado: grifos nossos)

Nas duas edições do Dicionário de Autoridades, de 1726 e 1770, se explicitam referências a *usos* linguísticos de diversas localidades vinculadas à Espanha, sendo Castela o ponto contrastivo de referência. O assinalamento indica que a norma linguística de uso está centrada nessa região específica, uma vez que, ao contribuir de modo preponderante para a formação da nação espanhola, conseguiu que sua própria língua prevalecesse sobre os dialetos afins que se falaram ou se falam nos antigos reinos de *León, Aragón e Navarra*. Apesar do discurso dos dois prefácios sobre o predomínio da norma castelhana, em 1729 (DA, letra C) registram-se lemas oriundos da América, embora sem marcas de uso explícitas.

O poder do qual a instituição espanhola é instituída permite que estabeleça as indicações lexicográficas dos registros, deslocando para regiões determinadas os termos da língua *correta*, apresentando-os aos co-enunciadores *instruídos*.

O exemplo mais emblemático da inclusão da América no dicionário é o lema *canoas*, que se define como uma embarcação feita pelos *Índios*, à qual se atribui várias denominações de acordo com o local - *canoas* é a mais geral e foi dada pelos espanhóis, por ser o primeiro nome que encontraram na Ilha de Santo Domingo.

*Canoa*, ainda na definição da entrada de 1729, é o mesmo que barco, na língua dos *Índios da Ilha Espanhola*. Embora sem as etiquetas de uso diferenciadoras, *canoa* traz em seu enunciado lexicográfico referências suficientes para que seja relacionada ao uso e à origem da América. Outro verbete, *papas*<sup>82</sup> (DA, 1737), traz uma referência pontual aos *Índios* em seu enunciado lexicográfico: *papas* é uma raiz chamada por *Índios* desse modo. No DA começam a se incluir algumas menções aos lemas americanos em quantidades reduzidas que evidenciam o predomínio ibérico do momento em relação aos lemas que devem conformar o repertório lexical<sup>83</sup>.

Mantém-se a vinculação do poder institucional com o registro lexicográfico – o *novo mundo*, em processo de colonização começa a ficar visível para o leitor *instruído*. A América pode ser vista através de uma relação que ultrapassa o vínculo com o marinheiro ou com quem ia em busca de aventuras no além mar. O que é americano se presentifica em uma dimensão um pouco mais ampla, forjada além do comércio, da exploração, da descoberta, das viagens. Começa-se a trazer um mundo real constituído por diferenças sociais, lexicais, culturais, para mais próximo da vivência peninsular, através do dicionário.

Os prefácios, desde a segunda edição do Dicionário de Autoridades (1770) apresentam referências a regiões situadas fora da Península, o que assinala o movimento de reconhecer a presença da América no repertório lexical, em correlação com regiões espanholas. No dicionário de 1770 se registra um primeiro indício de afastamento do exclusivismo dos moldes geolectais da língua de Castela, que passa a acolher de modo mais sistemático lemas oriundos da América,

---

<sup>82</sup> O lema *papas* significa, em português, *batatas* (tradução nossa).

<sup>83</sup> Esta pesquisa não prevê fazer um levantamento de toda a microestrutura dos dicionários para identificar as referências a usos americanos. Por isso, se limita a trazer amostras para referendar a análise proposta.

legitimados como integrantes de um idioma único. Nesse sentido, o *uso* é a variação que define sua própria *norma*, como propõem Chauraudeau e Maingueneau (2006):

De los nombres gentílicos y nacionales se ponen los adjetivos, especialmente los pertenecientes á las provincias y principales pueblos de España, y sus dominios, como **Castellano, Andaluz, Madrileño, Burgales, Mexicano, Perulero**: porque las varias inflexiones de estos nombres tocan tambien á la lengua, y son parte de su caudal (DA, Prólogo, 1770, p.1, grifos nossos).

México e Peru têm, contudo, uma situação prestigiosa e específica junto a Castela e Andaluzia por sua condição de Vice-reinos, no século XVIII. Tal condição envolve um status de paralelismo político em relação à Península e, nesse sentido, a interlocução varia porque inclui também territórios e domínios espanhóis.

A marcada posição com respeito ao uso da língua que indica Castela como modelo se repete em outros prefácios. Nesse sentido, as indicações de marcas de uso de referência ao centralismo de Castela não estão restritas ao século XVIII: a centralidade do poder de Castela está em toda parte, inclusive nos modos de existência dos instrumentos linguísticos de gramatização.

A la expresión *En algunas partes*, con que antes se indicaba que aquella voz ó frase se usaba en alguna provincia, se ha sustituido *prov.* esto es *Provincial*, pues su realidad **por tales deben tenerse las voces y los modismos que no se usen en Castilla** (DRAE, Prólogo, 1832, p.1, grifos nossos).

O padrão de uso castelhano que constitui uma referência nos dicionários nos séculos XVIII e XIX, entretanto, começa a flexibilizar-se e a incluir, no DRAE de 1884, referências a interlocuções com outras instâncias - as Academias de língua espanhola existentes fora da Península e destacados colaboradores americanos. Contudo, ainda é a norma de Castela que prevalece, é a Real Academia Española

que define *o que* será incorporado ao repertório lexical a partir do que foi enviado pelas outras Academias, porque a instituição está em busca de leitores instruídos em outros espaços geográficos, mas com o mesmo modelo de uso e norma.

Pertenecen otros de los aciertos que le avaloran á las **Academias Colombiana, Mejicana y Venezolana, Correspondientes de ésta, y á insignes americanos** que ostentan igual título. Ahora, por vez primera, **se han dado las manos España y la América Española para trabajar unidas en pro del idioma** que es bien común de entrambas: (DRAE , Advertencia, 1884, p. 3, grifos nossos).

As rubricas sinalizadoras das origens americanas indicam os propósitos de repertoriar um número expressivo de realizações linguísticas de *uso*. Isso se aponta nos prefácios elaborados posteriormente aos do Dicionário de Autoridades, nas páginas apresentadoras dos DRAE. O momento em que essas rubricas de *uso* ganham destaque é registrado na publicação de 1925<sup>84</sup>. Na 15ª edição do DRAE, de 1925, se observa atenção especial aos *americanismos*<sup>85</sup>, amostras de termos geolectais específicos. Tais lemas são classificados e nomeados desse modo pela primeira vez, através da 15ª edição do dicionário da Real Academia. A publicação de 1925 divulga e dá status aos *americanismos* enquanto padrões de uso, integrando a procedência lexical e investindo na construção de um modelo pan-hispânico de língua, o que confere ao DRAE o papel *ousado* de interlocutor de toda a Hispano-América.

<sup>84</sup> A edição de 1925 inaugura uma nova denominação para o dicionário “Diccionario de la Lengua Española”, até a edição anterior intitulado “Diccionario de la Lengua Castellana” (Cf. Cap. 1).

<sup>85</sup> Sem o propósito de discutir profundamente a questão, neste trabalho, nomeiam-se *americanismos* aos termos oriundos da América Hispânica, acompanhando a classificação que lhes é atribuída nos prefácios de dicionários da RAE. Entretanto, a designação mais exata é *hispano-americanismos*, como propõe Cunha (1986), porque esse procedimento descarta as outras origens pautadas em peculiaridades léxicas de áreas americanas em geral, incluindo neste grupo o francês, o inglês, o português. Ou, ainda, resumindo de acordo com Richard (2000), *hispano-americanismos* são os termos originários dos 19 países hispano-americanos. Rona (1969) diferencia esse grupo dos *regionalismos*, apontando que regionalismos seriam fatos linguísticos próprios de uma determinada região e não fazem parte do quadro ampliado do Espanhol da América.

Después la Academia atendió con preferencia a incorporar al Diccionario la mayor parte del **habla común de las personas ilustradas**. [...]

**Esta edición XV es más condescendiente con el uso**; ha atendido más solícitamente que las anteriores a **la lengua moderna comúnmente hablada y escrita** en los países de lengua española por **las personas cultas** y por las que con éstas más íntimamente se relacionan. [...]

Ha concedido también atención muy especial a los **regionalismos** de España y de América que se usan entre **la gente culta** de cada país, voces que estaban muy escasamente representadas en las ediciones anteriores (DRAE, Advertencia, 1925, p.1, grifos nossos).

A inclusão explícita dos *americanismos* no dicionário de 1925 marca a passagem a uma *categoría* que lhes confere uma condição precisa dentro dos dialetos hispânicos. Essas representações circulam no âmbito das produções lexicográficas da RAE e são instrumentalizadas por todos os que estão relacionados ao hispanismo. A diversidade, em decorrência, é autenticada e repertoriada como parte integrante do repertório que constitui a língua de *bom uso*.

Para legitimar essa categoria no século XX, a participação ativa de dois intelectuais hispano-americanos do século XIX - Bello e Cuervo - e a repercussão de suas propostas na discussão, recoloca algumas questões de princípio. Em primeiro lugar, é descartado o pressuposto de que o espanhol da América é uma modalidade *corrompida* do espanhol peninsular. Os *americanismos* representam, no âmbito hispânico, o reconhecimento de uma produção normativa de americanos cultos, o que concede vocação de abrangência ao DRAE, através da incorporação hipotética de *todas* as possibilidades de uso da língua espanhola. Reitera-se a questão da autoridade que acompanha as obras da Real Academia: as *vozes* dos americanos *instruídos* dão crédito suficiente para solucionar o embate entre possíveis “espanhóis”, um puro (da Espanha) e um impuro (da América), trazendo razoamentos a favor da existência da unidade da língua dentro da sua diversidade. Desse modo, a participação efetiva desses americanos no debate que contrapõe um



*espanhol* da Espanha a um possível *espanhol* da América cumpre o papel essencial de buscar desfazer essa oposição.

Esse debate vem sendo retomado por outros intelectuais e continua em construção através das proposições que partem de orientação baseada na variedade: “No hay un español de España y otro de América, sino muchos españoles a ambos lados de la mar” (ALVAR, 1996, p. 17). A assertiva de Alvar traz uma visão que se pode relacionar a propostas sociolinguísticas para dar fundamento à realidade da variação linguística hispano-americana. A proposta, trazida por outra autoridade no âmbito das ciências da linguagem, ratifica a relação entre o par interlocutivo enunciador instruído/ co-enunciador instruído e fortalece o papel do dicionário que se legitima a partir das contribuições da variação que busca contemplar a unidade linguística.

Para rejeitar a concepção do espanhol *corrompido* da América frente ao modelo vinculado ao espanhol peninsular, Cuervo (1954 [1874]), principalmente, introduz a noção de *registro*. Essa noção não é entendida como ela é abordada atualmente, mas na distinção de diferentes funções, em que fundamenta que a língua, no seu uso literário e no seu uso *corrente*, guarda uma unidade, excluídas as formas populares (GARRIDO, 1987). Nesse sentido, a RAE incorpora essas contribuições desde o século XIX às teorias da mudança linguística para basear as diferenças de uso territoriais. Desse modo, a língua assume a variação e o co-enunciador é o *falante* do espanhol.

O embate entre esses pontos de vista resulta em uma concepção de um co-enunciador instruído concomitantemente americano e peninsular que, embora territorialmente afastada a América da Península, mantém uma visão comum de língua, pauatada na correção e no bom uso.

O reconhecimento da legitimidade dos americanismos é emblemático na promoção do diálogo entre os países que têm o espanhol como língua oficial. Embora alguns deles já estivessem dicionarizados desde o DA de 1726, como *canoas*<sup>86</sup>, se autenticam a partir do momento em que, em 1925, são nominalizados, codificados. Para essa validação, os dicionários guardam para os vocábulos patrimonializados, aqueles já integrados ao espanhol geral, o lugar da etimologia para a explicação da origem ameríndia.

Simbolicamente, portanto, constituem um aspecto diferenciador do DRAE de 1925 e são referidos como elementos de relevância para a elaboração do dicionário em edições posteriores. Os americanismos passam a integrar de modo institucional o repertório da língua e assumem um lugar de destaque no dicionário geral. Nos prefácios seguintes a 1915, os de 1936-1939 e de 1947, não há referências aos americanismos. Essas remissões retornam aos prólogos em 1956, vinculados à produção das Academias e, portanto, aos *instruídos*:

La **admisión de nuevos americanismos** ha llevado un ritmo más lento porque en este terreno la Academia Española sigue en espera de **la colaboración** que repetidamente ha solicitado de sus **Academias Correspondientes** (DRAE, Preámbulo, 1956, p.1, grifos nossos).

O prefácio de 1970 faz referências semelhantes às de 1956, associando a inclusão dos americanismos às Academias hispano-americanas e aos *instruídos* da América, que passam a fazer parte de um grupo que opera diretamente com a RAE<sup>87</sup>:

---

<sup>86</sup> Cf. item 4.1.2.

<sup>87</sup> Em 1965 foi constituída uma Comissão Permanente da Associação de Academias da Língua Espanhola que atua em Madri, junto à Real Academia (DRAE, Preámbulo, 1970, p. 1; página *web* rae.es).

**En las voces y acepciones americanas se han podido añadir unas y fijar otras** en su sentido y localización gracias a una **mayor relación con las Academias hermanas y a la presencia de académicos suyos** que han cooperado en nuestros trabajos (DRAE, Preámbulo, 1970, p.1, grifos nossos).

O mesmo padrão de associação entre os americanismos e o papel das Academias se apresenta nos prólogos de 1984 e 1992:

[la Academia] **está abierta a los americanismos**, que con Asociación de Academias de la Lengua Española tienen su órgano de presencia en las comisiones académicas de la de Madrid (DRAE, Preámbulo, 1984, p.1, grifos nossos).

Gracias a tal colaboración [correspondientes y asociadas] ha sido posible **revisar y enriquecer en la presente edición el contingente americano y filipino**. (DRAE, Preámbulo, 1992, p.1, grifos nossos).

Os americanismos crescem, ganham valor em decorrência de momentos históricos. Ao levar em consideração que em 1898 já não há mais colônias espanholas e esses antigos domínios têm organizações governamentais próprias, é preciso que a Península continue mantendo vínculos com esses territórios e, em uma possível estratégia de legitimação e propagação da língua espanhola, que a orienta na atualidade, acolhe essas variações como próprias do espanhol para, de certa forma, mantê-las sob *guarda e controle*.

O critério quantitativo definido no prefácio de 2001 ratifica a importância dessa categoria no dicionário e mantém o destaque para a incorporação dos americanismos feita a partir do uso das gentes cultas, ou do trabalho das Academias, estabelecida na edição de 1925. O ano de 2001 configura a era do espanhol internacional, da grande divulgação da língua, dos movimentos de ganhar novos territórios linguísticos. Em consonância com esses propósitos assumidos pela política pan-hispânica da Real Academia ([www.rae.es](http://www.rae.es)), é previsível que os americanismos assumam, de forma potencializada, um lugar no dicionário geral.

El paso que se ha dado es muy importante: **se ha más que duplicado el número de americanismos en artículos**, acepciones y marcas, que en este momento superan las 28 000. Con ello nos situamos en el camino correcto para conseguir un diccionario verdaderamente panhispánico, reflejo no solo del español peninsular sino del de todo **el mundo hispanohablante** (DRAE, Preámbulo, 2001, p.1, grifos nossos).

Es de justicia destacar en este caso la colaboración de las **Academias hermanas de América y de Filipinas**, tanto en el trabajo general como en el específico de la revisión o incorporación de voces y acepciones propias de cada país (DRAE, Preámbulo, 2001, p.1, grifos nossos).

Os americanismos têm um papel marcante no dicionário, vinculados à consolidação do lugar da América no imaginário do que constitui a língua espanhola e isso se marca nos prefácios. Um processo de legitimação se constrói através dessa categoria lexical, originária de empréstimos, mas pertencente à língua espanhola geral ou comum de um lado e, de outro, desses itens localizados geograficamente, setorializados por área, marcados sua procedência e uso. A partir do momento em que se categorizam nos prefácios e são recolhidos na macroestrutura, se legitimam como variações de uso que integram o espanhol. O léxico se autentica, portanto, através de informações metalinguísticas sobre os registros de uso e de variação que os dicionários gerais incorporam.

O movimento que determina a inclusão da variação nas obras da RAE constrói um enunciador correlacionado ao acesso ao *saber* que forma um par de interação com um co-enunciador também *instruído*. A língua, de acordo com os prefácios, se relaciona à norma culta, que acolhe representações de diversidade a partir, da mesma forma, de uma regra que a orienta e a conduz. As marcas de referência às variações têm papel significativo na organização do dicionário:

Un Diccionario de un idioma destinado al uso del público debe abrazar todas las **voces del lenguaje comun de la sociedad**,

distinguendo **el familiar del mas culto y propio de las gentes instruidas**, y del poético considerado en sí mismo; es decir, con exclusión de las materias ó asuntos en que haya de emplearse (DRAE, Prólogo, 1843, p.2, grifos nossos).

A partir do que os prefácios apresentam acerca das concepções de língua e de uso, reitera-se a relação de equivalência em que *enunciadores instruídos* se correlacionam a *co-enunciadores instruídos*. A flexibilização dessa interlocução está somente no modo de fazer referência ao co-enunciador, que é nomeado *público* em alguns prólogos. Entretanto, o nível do vínculo *enunciador instruído/co-enunciador instruído* permanece sem alterações significativas porque o *público* recebe informações de *instruídos*, que se constituem por autores clássicos da literatura e pelas Academias, formadas por também *instruídos*.

As variações incluídas no repertório do dicionário em decorrência de sua autenticidade provêm dos *instruídos* também, representados pelas Academias de Língua da América Hispânica (responsáveis por registrar os americanismos) e pela Real Academia Espanhola (que recolhem os provincialismos e os regionalismos espanhóis, entre outras atribuições). Desse modo, o conceito de língua se vincula sistematicamente à norma culta que acolhe, incorpora e legitima a variação estabelecida pelo uso e por diferenças geográficas, distinções entre estratos sociais e pelas que são provocadas por intervalos temporais.

Variações de diversas características como os estrangeirismos, as novidades da ciência, as palavras obscenas são consolidadas como parte integrante da língua e são representações que garantem o *ideal de completude* que o dicionário procura alcançar, assim como busca efetivar o *pan-hispanismo*, ideal de unidade que conforma as políticas linguísticas da Real Academia.

As questões de mudança no repertório lexical decorrentes do *uso* sempre estiveram presentes nos prólogos, como comprovam a referência ao trecho da *Arte Poética*, de Horácio, incluída no prefácio de 1832: “Como **el uso, árbitro y juez del lenguaje**, no solo admite y desecha voces, sino que suele variar la acepcion de las mismas”, (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos), repetida como citação em 2001: “Renacerán vocablos muertos y morirán los que ahora están en boga, si así lo quiere **el uso, árbitro, juez y dueño en cuestiones de lengua**”, (DRAE, Preâmbulo, 2001, p.1, grifos nossos). A relação uso/variação se evidencia nessa retomada de um poeta consagrado da Antiguidade, um *instruído*, que instaura uma reflexão nos prefácios, que assumem papel de *condutores* de concepções de língua no dicionário.

#### 4.2 DICIONÁRIO E CIÊNCIA: CORRELAÇÕES

A ciência e o dicionário se articulam a partir da busca pelo cientificismo própria do século XVIII, cuja origem está nas propostas iluministas<sup>88</sup>. No dicionário se estabelece uma relação com a ciência porque, como instrumento linguístico de gramatização (AUROUX, 1992), está vinculado a uma estrutura de organização funcional que propõe incorporar critérios de cientificidade para obter legitimação. A incorporação do que se vincula à *ciência* confere, em última instância, autenticidade a um instrumento linguístico que se pretende *científico*.

As referências à ciência nos prefácios dos dicionários da RAE se relacionam ao repertório do léxico oriundo da ciência, da arte, da técnica. Essas referências se incluem desde o primeiro prefácio do Dicionário de Autoridades de 1726.

---

<sup>88</sup> Cf. Cap.1.

En este Diccionario se ponen generalmente todas las voces de la Lengua, estén, o no en uso, con algunas pertenecientes à las **Artes y Ciencias**, para que con su noticia se pueda saber su significado con la proporción correspondiente (DA, Prólogo, 1726, p.2, grifos nossos).

Procura-se incorporar o *uso comum* e incluir lemas para construir o diálogo com a ciência e com a técnica, cujos avanços e inovações promovem a circulação de termos originalmente pertencentes a esse registro específico. Esse diálogo se reproduz em outros prefácios da Real Academia, embora de modo não sequencial:

De las voces de **ciencias, artes y oficios** solo se ponen aquellas que están recibidas en el **uso comun de la lengua** (DA, Prólogo, 1770, p.1, grifos nossos)

Produz-se um intervalo, quanto às referências à ciência, entre o DA de 1770 e o DRAE de 1817:

Se han aclarado y rectificado muchas definiciones, especialmente en **los artículos que pertenecen á ciencias naturales**, (DRAE, Prólogo, 1817, p.2, grifos nossos)

Há outro espaço de tempo em 1822, em que não se menciona ciência, e os DRAE de 1832, 1837 e 1843, que incluem as referências sequencialmente:

Entre ellos [artículos] han llamado su atención **las voces tomadas de artes y ciencias**, y en particular de los diversos ramos que comprende las ciencias naturales. [...] La Academia [...] más en general ha procurado no faltar á la exactitud cuidando solo de **evitar en las definiciones los términos meramente científicos**, que por lo mismo no constan en el Diccionario. (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos)

La Academia se ve por tanto en la precision de advertir, que tales nombres [nomenclatura de origen griego] pertenecen ménos al caudal de los idiomas vulgares, que al **lenguaje técnico y peculiar de las ciencias á que se refieren**. Por lo mismo no se juzga autorizada para darles lugar en su Diccionario, hasta tanto que el

trascuro del tiempo los va haciendo familiares, y **el uso comun los adopta y prohija** (DRAE, Prólogo, 1837, p.2, grifos nossos)

Ya en el prólogo de la edicion octava indicó la Academia los motivos en que se funda para excluir del Diccionario las **voces técnicas de las ciencias y las artes, que no han salido del círculo de los que las cultivan** (DRAE, Prólogo, 1843, p.2, grifos nossos)

As referências ao registro técnico relacionado às artes (entendidas em paralelismo com ciência) e ao termo ciência encontradas na edição seguinte, de 1852, se incluem ainda em outros prefácios apesar de se apresentarem intervaladas:

ya del rápido vuelo que á su sombra tutelar han tomado las **artes**, el comercio y la industria (DRAE, Al Lector, 1852, p.1, grifos nossos).

La ACADEMIA se ha aplicado igualmente á corregir ó reformar las definiciones de algunos vocablos, singularmente de los técnicos de **ciencias y artes**, que por su índole varían no poco en valor y significacion á causa de los adelantamientos científicos é industriales. (DRAE, Al Lector, 1852, p.1, grifos nossos).

Por la difusión, mayor cada día, de los conocimientos más elevados, y porque las bellas letras contemporáneas propenden á ostentar erudición científica en símiles, metáforas y todo linaje de figuras, se emplean hoy á menudo **palabras técnicas en el habla común**.[...] [la Academia], decidida á cumplir su espinoso intento con arbitrio discrecional, **ha elegido, de entre innumerables términos técnicos**, los que tienen en su abono **pertenecer á las ciencias y las artes de más general aplicación**, (DRAE, Advertencia, 1884, p.1, grifos nossos).

Há um espaço de tempo de uma edição (a de 1869) nessas referências à ciência relacionada à inclusão de um conjunto de termos ao repertório do dicionário. Na edição de 1899, esse grupo é especificado como *tecnicismos científicos é industriales* (DRAE, Advertencia 1899, p.1). Novo intervalo de uma edição (1914) registra-se entre 1899 e 1925:

Primeramente se han incluído muchas voces técnicas, en especial las que tienen alguna difusión fuera del círculo de los profesionales, y se ha procurado en este punto poner el Diccionario al nivel del **estado actual de las ciencias y de las artes**. (DRAE, Advertencia, 1925, p.1, grifos nossos).



Os prefácios de 1936-1939 e de 1947 não incluem referências às ciências, que retornam ao de 1956. Mantêm-se as remissões ao léxico (e o ajuste das respectivas definições) que conforma as disciplinas e setores vinculados à ciência e à técnica em sua correlação com o *uso*:

**se han corregido muchas definiciones de botánica, zoología y otras ciencias biológicas y no pocas referentes a física y química** que resultaban anticuadas a la luz de los adelantos recientes en estas disciplinas; y, por último, se han incorporado al DICCIONARIO **muchas voces que corresponden al vocabulario puesto en circulación por las técnicas modernas en medicina, automovilismo, deportes, radio, física nuclear, etc** (DRAE, Preámbulo, 1956, p.1, grifos nossos).

Se ha aumentado un número importante de voces y acepciones con el criterio, ya iniciado antes de incorporar las que, como consecuencia **del rápido progreso que se observa en las ciencias y en las técnicas** (DRAE, Preámbulo, 1970, p.1, grifos nossos).

Los cambios en la vida y en la sociedad, **las novedades constantes en la ciencia y en la técnica**, le han impuesto el estudio y la **aceptación de multitud de novedades en el léxico** (DRAE, Preámbulo, 1984, p.1, grifos nossos).

Otro objeto de atención especial ha sido la **incorporación de neologismos** puestos en curso por los **hallazgos de la ciencia y los progresos de la técnica**. (DRAE, Preámbulo, 1992, p.1, grifos nossos).

No prefácio de 2001 são assumidos aspectos um pouco distintos do modo de referenciar ciência nos prólogos anteriores e se relacionam à organização do dicionário realizada por setores especializados:

Todas y cada una de las decisiones se estudian en **comisiones especializadas – Ciencias humanas, Vocabulario científico y técnico**, Etimologías (DRAE, Preámbulo, 2001, p.1, grifos nossos).

A concepção sobre ciência apresentada pelos prefácios se estabelece, principalmente, em sua relação com as inclusões do léxico no dicionário que,

embora não seja uma referência contínua em *todas* as edições, constrói um movimento de retomada constante. Esse conceito se correlaciona explicitamente com o *uso* que se faz do léxico oriundo da ciência e o *uso* determina, de modo efetivo, o acolhimento lexical ao repertório.

O conceito de ciência não se *mostra* nos prefácios do dicionário. As referências estão restritas aos movimentos de incorporação do léxico determinados por *o quê* circula sobre ciência entre os usuários do dicionário e essa circulação se relaciona ao *uso* que esses leitores fazem do repertório. Nesse sentido, a incorporação do que é *novo* recebe um tratamento de destaque nas páginas introdutórias para manter um diálogo como um co-enunciador instruído e justificar as inclusões e, também, as não-inclusões.

No recolhimento do *uso* vinculado à ciência, as *comissões especializadas* do dicionário têm um papel significativo que se potencializa no século XXI. Se, até o início do século XX, a comprovação de uso dos lemas se baseava nos escritores de prestígio, essa legitimação se desloca e se apoia no trabalho das comissões específicas, compostas por especialistas em áreas diversas.

Como es bien sabido, la tarea lexicográfica de la Academia se realiza de forma colegiada. Todas y cada una de las decisiones se estudian en **comisiones especializadas – Ciencias humanas, Vocabulario científico y técnico, Etimologías** (DRAE, Preámbulo, 2001, p.1, grifos nossos).

Entretanto, ambas as formas de legitimar os termos da ciência continuam baseadas nos mesmos parâmetros do século XVIII, na colaboração efetiva dos *instruídos*.

A maneira de incorporar o léxico busca formas de organização para o dicionário e se mantém a correlação com o que é *novo*. A legitimação do *novo* faz

parte do discurso dos prólogos, também determinada em consequência da instalação mais efetiva e ordenada dessas atividades nas práticas sociais do século XIX, vinculadas à Revolução Industrial do século XVIII<sup>89</sup>. A Revolução desloca o eixo das relações de poder que se identificam com o domínio dos monarcas, antes de sua conflagração, para o controle de comerciantes e de industriais. Instaure-se a necessidade de recolher o léxico *novo* ou novas acepções para um lema registrado anteriormente, que ganha novo sentido, e mantém correlação com a nova ordem instituída. Desse modo, lemas e acepções surgidos a partir do *mundo* do comércio e da indústria devem ser acolhidos, por seu caráter informativo, no dicionário geral. Os verbetes incorporados ao DRAE de 1869 exemplificam e validam as proposições feitas:

ENGRANAJE. m, El conjunto de los dientes ó piñones de una rueda.  
(DRAE, 1869, primeira aparição.)

ENGRANAR. n. Encajar una cosa en otra. Dícese generalmente de las ruedas y piñones para transmitir el movimiento de una máquina  
(DRAE, 1869, primeira aparição.)

A inclusão do que é *novo* se categoriza e se classifica como *neologismo* no DRAE a partir de 1884, e marca o discurso de validação do léxico que acompanha as mudanças *da* e *na* sociedade. Nesse momento, ampliam-se as formas de legitimar o *novo*, não só tomado da ciência ao lado do movimento já consagrado de incluir esse léxico:

Varias de las palabras admitidas recientemente son **neologismos** que se han creído necesarios para designar cosas faltas de denominación castizas, ó que por su frecuente y universal empleo ejercían ya en nuestra lengua dominio incontrastable (DRAE, Advertencia, 1884, p.1, grifos nossos).

<sup>89</sup> Cf. Cap. 1.

No mesmo prólogo se identifica o movimento recorrente de inclusão do léxico relacionado à ciência. Neologismos e referências à ciência se apresentam de forma conjunta, reiterando um perfil de co-enunciador *instruído*, representado pelas *Reais Academias*:

**Las Reales Academias de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales** y de Medicina, dando inestimable testimonio de hidalguía y generosidad, han ilustrado, con no escasa copia de artículos concernientes á las materias en que tienen irrecusable autoridad, **el nuevo léxico de la lengua patria** (DRAE, Advertencia, 1884, p.2, grifos nossos).

Após intervalo (1899 a 1947) em que os termos novos não são denominados explicitamente *neologismos*, o discurso que justifica o acolhimento ampliado desses termos se reforça em 1956:

En este punto la Academia, que siempre anduvo parca en la admisión de tecnicismos, ha abierto esta vez la mano, dando así satisfacción a importantes sectores de opinión que desean hallar en el DICCIONARIO, no sólo la definición de las voces de nuestro patrimonio tradicional, sino también la **explicación de esos neologismos** (DRAE, Preámbulo, 1956, p.1, grifos nossos).

Instala-se uma mudança através da ampliação na relação com o co-enunciador, que já não é somente o *instruído* nas letras, tradicional na Real Academia, mas também o que mantém ligação com as *técnicas*. As inclusões dos termos de registro técnico se relacionam às frequências de uso desses termos pelo público do dicionário e a um usuário vinculado à *técnica*.

muchas personas amantes del bien decir han solicitado de este Cuerpo literario parecer y consejo sobre la más apropiada manera de designar **objetos antes poco ó nada conocidos**, y la consideración de que muchas veces esa actitud pasiva es causa de que corran y se vulgaricen palabras de muy viciosa estructura, sobre todo en **los**

**tecnicismos científicos é industriales**, han traído la necesidad de incluir, **tras detenida discusión y maduro examen**, algunas voces, aunque pocas, desprovistas de aquellos requisitos y formadas por la misma Academia con **estricta sujeción á las leyes por que se rige nuestro idioma** (DRAE, Advertencia, 1899, p.2, grifos nossos).

A realização de inclusões periódicas exatas se relaciona à diversificação dos co-enunciadores da obra e faz parte das exigências normativas da Real Academia, no que diz respeito à atualização do repertório do dicionário. Ainda, de acordo com os direcionamentos da RAE em relação à língua e ao dicionário, este deve conter o léxico de uso efetivo, configurando um repertório que fará sentido para o co-enunciador.

Esse prefácio de 1899 acolhe o *uso* legítimo, uma proposta presente nos propósitos da Real Academia, e registra o esboço de um planejamento linguístico (“tras detenida discusión y maduro examen”). Relaciona-se à política estabelecida pela intenção de legislar, intervir, determinar os usos da língua (CALVET, 2007a): os usos que fazem sentido para o co-enunciador relacionado à técnica devem estar submetidos à norma que rege a língua (“estricta sujeción á las leyes por que se rige nuestro idioma”) e que é determinada pela RAE, em última instância.

Há uma continuidade no movimento de modernizar e melhorar o dicionário através da inclusão de lemas de *usos* oriundos da técnica, o que estabelece relações diretas com o público da obra, que recebe, cada vez mais, insumos para utilizá-la. Nesse momento, o público está representado pelos co-enunciadores *instruídos* em letras e em técnicas.

A repetição das justificativas para as inclusões de termos especializados relativos a determinados campos do saber e que são de *uso comum*, torna-se relevante na constituição do dicionário, atentando ao fato de que tais referências

fazem parte dos prefácios elaborados pela Real Academia desde as duas edições do Dicionário de Autoridades, publicadas de 1726 a 1939 e em 1770:

En este Diccionario se ponen generalmente todas las voces de la Lengua, eñen, ò no en uño, con algunas pertenecientes à las **Artes y Ciências, para que con su noticia se pueda saber su significado con la proporción correspondiente** (DA, Prólogo, 1726, p.1, grifos nossos).

O objetivo de acolher a terminologia do léxico de uso comum vinculado à ciência segue em relação de continuidade com um co-enunciador instruído e se evidencia no prefácio da segunda edição do DA:

De las voces de **ciencias, artes y oficios** solo se ponen aquellas que están recibidas en el **uso comun** de la lengua (DA, Prólogo, 1770, p.3, grifos nossos).

O discurso sobre a necessidade de registrar sistematicamente novos termos pertencentes ao campo de saberes especializados que gravitam em torno à ciência não aparece nos prefácios posteriores a 1770, omissão recorrente até 1803<sup>90</sup>. Entretanto, após essa breve descontinuidade, o discurso de incluir os neologismos provenientes da ciência retorna aos prólogos no início do século XIX, relacionado aos *avanços* alcançados nesses campos. Esse prólogo aponta para um co-enunciador que acompanha as evoluções vinculadas à ciência:

**Se han aclarado y rectificado** muchas definiciones, especialmente en los **artículos** que pertenecen á **ciencias naturales**, en las que **los adelantamientos de estos últimos tiempos** han aclarado y corregido diferentes equivocaciones que antes eran comunes (DRAE, Prólogo, 1817, p.2, grifos nossos).

<sup>90</sup>Essa descontinuidade não indica movimento extraordinário porque os prólogos desse período (1780, 1783, 1791, 1803), de acordo com as descrições feitas no Capítulo 1, são muito semelhantes ou praticamente iguais e, assim, não são entendidos como marcos de diferenças que interfiram na referência de ciência apresentada nos demais prefácios.

A reformulação indicada em 1817 (“se han aclarado y rectificado muchas definiciones”) é retomada em 1832, mantendo a tendência de inclusão de termos oriundos das artes e das ciências, visando ao mesmo co-enunciador instruído que acompanha as mudanças científicas. O acolhimento desses termos *funciona* como um indicador do nível de desenvolvimento científico no momento da elaboração das edições anteriores (“imperfecion de las ciencias em aquel tiempo”) e está de acordo com a expectativa do grau de exigência do co-enunciador em relação ao repertório léxico:

Las definiciones de estas [voces tomadas de artes y ciencias] en las primeras ediciones no pudieron menos de resentirse de la **imperfecion de las mismas ciencias en aquel tiempo**, (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos).

No prefácio de 1832 podem ser observadas marcas do Racionalismo, em que a razão é a própria justificativa para determinar a existência de imperfeições na ciência <sup>91</sup>, o que retoma um usuário que é também marcado por essa trajetória dos movimentos intelectuais que ele vivencia e tem eco na organização e no recolhimento do léxico do dicionário.

O interesse crescente pela ciência continua marcando o discurso dos prefácios, assim como se ratifica neles a necessidade de relacionamento dessa inclusão restringir-se aos lemas de *uso*. A busca pela renovação é uma proposta reiterada nos prólogos:

ha intentado la Academia **acortarlas** [explicaciones de voces de la ciencia], **poniéndolas al mismo tiempo con la posible exactitud**. **La empresa á la verdad es difícil, porque si es cierto que el Diccionario no debe presentarlas como las da un profesor á sus discípulos**, tambien lo es que no teniendo por lo comun idea perfecta de semejantes cosas sino los que se han dedicado á observarlas profundizando la materia, se tropieza en el escollo, ó de

---

<sup>91</sup> Cf. Cap. 2.

que las definiciones sean vagas, inexactas y acaso falsas, **cuando se acomodan á la idea vulgar, ó de que separándolas de ella, sean oscuras para un gran número de lectores.** (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos).

Nesse prefácio (1832), se assinala que a função do dicionário se distancia do discurso didático, em uma tentativa de incorporar elementos de caráter científico. Constitui-se uma ruptura em relação ao didatismo historicamente vinculado a esse tipo de obra, considerada um gênero *menor* pelo senso comum.

As referências à ciência e à exatidão da definição lexicográfica que devem orientar o uso dos lemas assinala uma não-normatividade em relação ao dicionário (“no presentarlas como un profesor”). Abre-se um diálogo com o co-enunciador relacionado a uma trajetória que envolve o discurso científico e as mudanças propiciadas pelo movimentos intelectuais, visando a estabelecer que o dicionário não é um repertório de termos técnicos que só possam ser amplamente compreendidos por especialistas. De qualquer modo, esse co-enunciador continua sendo um *instruído* que tem acesso ao *científico* e é sensível às transformações sociais.

Indica-se um movimento de continuidade sobre o que se refere aos registros relacionados à ciência e ao *uso* na edição de 1837. Isso se explicita quando é sinalizada a necessidade de recolher lemas de uso comum, que se encontram no cotidiano:

no se juzga autorizada [RAE] para darles [**nombres del lenguaje técnico y peculiar de las ciencias** á que se refieren] lugar en su Diccionario, hasta tanto que el **trascuro del tiempo los va haciendo familiares**, y el **uso comun los adopta y prohija** (DRAE, Prólogo, 1837, p.2, grifos nossos).



As frequentes inserções desse registro apontam um discurso do enunciador, nos prólogos, sobre a necessidade de acolhimento dos lemas relativos à ciência e sobre a precisão e ajustes das definições. Isso se vincula ao objetivo de obter correção, norma e exatidão, que fazem parte das metas instituídas para a elaboração do dicionário, estabelecidas pelos documentos de fundação da Academia Espanhola<sup>92</sup>. Visa-se a informar de forma precisa o leitor que consulta o dicionário sobre terminologia específica, revelando técnicas de planejamento linguístico nas propostas de inclusão desses registros. O co-enunciador permanece sendo o *instruído*, mas que se relaciona a um trato com a ciência mais próximo e familiar.

Habiéndose aumentado desmedidamente la **nomenclatura de origen griego**, aplicada **no solo á varias ciencias, sino á los diversos ramos** que comprende cada una, **acuden los curiosos al Diccionario** en busca de los nombres de aquella procedencia, y no hallándose en él, lo acusan de pobre y diminuto (DRAE, Prólogo, 1837, p.2, grifos nossos).

No mesmo prólogo (1837), os argumentos pontuam de forma reiterada que os termos técnicos pertencem a um registro específico e não fazem parte do uso comum da língua. Nesse momento, justificam-se o fazer lexicográfico e as decisões tomadas quanto à inclusão de termos e se assinala ao co-enunciador a limitação de possibilidades de acolhimento lexical exaustivo. Contemplam-se critérios lexicográficos, pois o crédito e o prestígio de um dicionário de língua se relacionam à capacidade que este apresenta de definir os lemas com o máximo de exatidão<sup>93</sup>.

O ideal de *completude* (ou a ilusão de que o dicionário contém *toda* a língua), que conforma o imaginário popular, não será atingido por nenhuma obra

---

<sup>92</sup> Cf. Cap. 1.

<sup>93</sup> Cf. Cap. 3.

lexicográfica (ORLANDI, 2002). A explicitação dessa restrição faz parte do discurso do enunciador desde o primeiro prefácio de dicionário publicado pela RAE, o do Dicionário de Autoridades:

De las **voces propias pertenecientes à Artes liberales y mecánicas** ha difcurrido la Academia **hacer un Diccionario leparado**, quando este se haya concludido: por cuya razón **se ponen folo las que han parecido mas comúnes y precifas al ufo**, y que se podían echar menos (DA, Prólogo, 1726, p.4, grifos nossos).

O léxico específico desse registro somente é acolhido na medida em que circula no âmbito do uso geral e passa a ser classificado linguisticamente como *neologismo*, nomeação incluída no prefácio de 1956. O status dos termos desse registro específico se constrói e se legitima em relação de co-referencialidade com os lemas que constituem o patrimônio linguístico, pertencentes a outros registros:

En este punto la Academia, que siempre anduvo parca en la admisión de **tecnicismos**, ha abierto esta vez la mano, dando así satisfacción a importantes sectores de opinión que desean hallar en el DICCIONARIO, no sólo la definición de las voces de nuestro patrimonio tradicional, sino también la explicación de esos **neologismos** (DRAE , Preámbulo, 1956, p.1, grifos nossos).

A maneira de fazer referências ao registro técnico e aos termos que constroem uma relação com as ciências no prefácio de 1956, ratifica que os prefácios da Real Academia são espaços adequados de apresentação dos motivos, das justificativas para a organização da obra. Nesse sentido, estão destinados a apresentar a argumentação sobre as escolhas das inclusões do léxico que conformam o repertório do dicionário.

A referenciação de ciência no dicionário se apresenta tanto nos prefácios como nas definições lexicográficas das entradas. As referências à ciência e

correlatos ocorrem, de forma reiterada, na maior parte dos prefácios analisados e no verbete ciência, que faz parte dos dicionários desde a primeira edição do Dicionário de Autoridades (DA), de 1726<sup>94</sup>.

No prefácio do DA, as referências à ciência se vinculam às inclusões lexicais que se efetuam na macroestrutura, de modo específico, visto que a obra está destinada a compilar os termos da língua:

pero la opinión de los Sabios es que la edición de los Dictionarios ha perjudicado mucho à la República literária, **porque no fe estudian las Ciéncias con sólidos fundamentos, fino por la ligera superficialie de la explicación de las voces**, ò términos fueltos y divididos por Abecedario, en los Dictionarios. Esta evidente senténcia no fe debe entender, ni comprehende à los Dictionarios de las Lénguas, (DA, Prólogo, 1726, p.3, grifos nossos).

O verbete ciência forma um contraponto com o que se referencia sobre língua e ciência nos prólogos. Inclui-se nesta análise por ser o lema, em sua essência, mais próximo ideologicamente do que o dicionário procura alcançar para atender a um grau de cientificidade mínimo, exigido no início da trajetória de elaboração da obra.

No Dicionário de Autoridades, o verbete define ciência, em primeira acepção, como:

CIENCIA. S.f. **Conocimiento cierto** de algúna cosa por sus cáusas, y principios: por lo qual se llaman así las Facultades, como la **Theología, Filosofía, Jurisprudencia, Medicina**, y otras. Es del Latino *Scientia*, que significa esto mismo (DA, 1726 e 1770, grifos nossos).

A definição da entrada do DA de 1726 e 1770, contrastada com a do primeiro DRAE, de 1780, permite que se observem mudanças. Dentre essas, no conjunto das disciplinas citadas no DA – Theología, Filosofía, Jurisprudencia, Medicina –, é

<sup>94</sup> O verbete *ciencia* foi publicado em 1729 porque pertence ao segundo tomo, referente à letra C (Cf. Cap. 1).

suprimida uma referência à Teologia, já na primeira edição do Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), de 1780.

CIENCIA. S.f. **Sabiduría de las cosas humanas por principios ciertos, como los de la Matemática.** Llámanse también ciencias algunas facultades, aunque no tengan esta **certidumbre** de principios, como la Filosofía, la Jurisprudencia, la Medicina, &c. *Scientia, sapienti.* (DRAE, 1780 a 1832, grifos nossos).

Os verbetes produzem descontinuidades em relação às referências sobre ciência ao construir os enunciados lexicográficos, porque se procura incluir o que é *novo* no dicionário. Admitir as novidades e ajustar as definições faz parte da trajetória de revisões lexicográficas propostas no planejamento do próprio dicionário, instaurando um processo de ampliação de informações que fornece ao co-enunciador elementos para usar os lemas relacionados à ciência.

No primeiro DRAE (1780), o sintagma *conocimiento cierto*, que constava da definição anterior (do DA), se modifica e estabelece uma relação comparativa entre *Sabiduría* e *Matemática*. No verbete do DRAE que se reproduz de 1780 a 1832, portanto, se aproximam *ciência* e *matemática*: os *principios certos* que direcionam a *matemática* estão de acordo com os princípios da *ciência*. O nome *certidumbre* (certeza) e o qualificativo *cierto* (certo) estão relacionados aos termos que fazem parte das concepções de ciência. Em comparação com os DA de 1726 e de 1770, *cierto* (*principios ciertos*) qualifica Teologia, Filosofia, Jurisprudência, Medicina.

Estabelece-se outra relação a partir da edição do primeiro DRAE, especificamente com a *matemática*. O conceito de ciência que, em 1726, se encontra associado a disciplinas, a saberes com ênfase no caráter reflexivo ou no experimental, passa a vincular-se à razão e à exatidão.

As referências à *Teologia* e à *Sabiduría Divina*, que relacionam ciência e religião são retiradas do DRAE, em 1780, em outro assinalamento que marca a ruptura entre ciência e religião. Nessa ocasião, é suprimida do verbete *ciencia* do DRAE, a subentrada *ciencia infusa* que faz parte do DA e está relacionada à orientações pautadas na religião católica:

CIENCIA INFUSA. **La infundida, ò inspirada por Dios nuestro Señor:** como se la concedió al Rey Salomón. Lat. *Scientia divinitus tradita*. M. AGRED. Introd.num.17. Y pidió *ciencia infusa* al Señor para adornarme con ella (DA, 1726, 1770, grifos nossos).

A ciência, que em algumas definições do DA está vinculada a aspectos religiosos, é incluída na entrada no DRAE, a partir de 1780, sem essa referência. O *novo* é a comparação à exatidão da *matemática*, provocando um rompimento entre saber e religião, que são afastados no verbete do DRAE. Retira-se da religião o foco da autoridade sobre o saber, instaurando-se uma concepção ampliada, em que o pensamento racional aparece como a principal fundamentação da representação de ciência<sup>95</sup>. O enunciador é, nessa circunstância, não somente o *instruído* na religião (católica) que detinha o saber, mas o *instruído* que se apresenta vinculado ao pensamento racionalista e tem legitimidade para discutir e explicar *sobre* ciência a um co-enunciador não necessariamente ligado à religião:

CIENCIA. S.f. **Sabiduría de las cosas humanas por principios ciertos, como los de la Matemática.** Llámense tambien ciencias algunas facultades, aunque no tengan esta certidumbre de principios, como la Filosofía, la Jurisprudencia, la Medicina, &c. *Scientia, sapientia*.  
 Á CIENCIA Y PACIENCIA. mod. adv. Que vale con noticia, permision y tolerancia de alguno. *Alio sciente, ac sinente*.  
 CIERTA CIÉNCIA . Lo mismo que PLENO CONOCIMIENTO. (DRAE, 1780, grifos nossos)

---

<sup>95</sup> Cf. Cap. 2.

Os prefácios do DRAE do período de 1780 a 1832, entretanto, registram poucas referências à ciência e somente o fazem nas publicações de 1817 e 1832, mantendo correlacionamento com a forma de inclusão dos lemas, determinada pelos progressos da própria ciência. Assim, o que é *novo* continua ocupando espaço significativo na obra, anunciado e explicado nas páginas apresentadoras. As ciências garantem o lugar de referência no dicionário e em torno delas gira o prestígio do avanço, da inovação.

**Se han aclarado y rectificado muchas definiciones, especialmente en los artículos que pertenecen á ciencias naturales**, en las que los adelantamientos de estos últimos tiempos han aclarado y corregido diferentes equivocaciones que antes eran comunes (DRAE, Prólogo, 1817, p.2, grifos nossos).

Entre ellos [artículos] **han llamado su atencion las voces tomadas de artes y ciencias, y en particular de los diversos ramos que comprende las ciencias naturales** (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos).

Há uma relativização nos DRAE do século XIX, de 1843 a 1869, quanto ao processo de referenciação de ciência, contemplando as *ciências naturais*, de caráter empírico e verificável. Esse movimento estabelece a existência de campos do saber distintos da *certeza* da matemática, mas a exatidão do pensamento científico continua assinalada na definição da entrada, acompanhando o quadro histórico da própria ciência, dividida entre *ciências exatas* e *empíricas*.

<p>CIENCIA. f. Sabiduría de las cosas humanas por principios ciertos, <b>como los de las matemáticas. Llámanse tambien ciencias algunas facultades, aunque no tengan esta certidumbre de principios</b>: como la filosofía, la jurisprudencia, la medicina etc. <i>Scienza, sapientia</i> (DRAE, 1843, 1852, 1869, grifos nossos).</p>
--

Os DRAE publicados no período de 1780 a 1869, em correlação com proposições racionalistas, assinalam que a matemática representa a *ciência* em sentido estrito, pois se relaciona à certeza quanto aos conceitos produzidos.

Em prefácios do século XIX há referências aos debates em torno à ciência que se organizam através de um maior número de especializações, em relação com o pensamento racionalista cartesiano, que vêm acompanhando os critérios de elaboração do dicionário<sup>96</sup>:

Se han aclarado y rectificado muchas definiciones, especialmente en los artículos que pertenecen á **ciencias naturales**, en las que los adelantamientos de estos últimos tiempos han aclarado y corregido diferentes equivocaciones que antes eran comunes (DRAE, Prólogo, 1817, p.2, grifos nossos).

A subdivisão das ciências reitera o movimento de continuidade de inclusão do *novo* no prefácio de 1832:

Entre ellos [artículos] han llamado su atencion las voces tomadas de artes y ciencias, y en particular de los diversos ramos que comprende las **ciencias naturales** (DRAE, Prólogo, 1832, p.2, grifos nossos).

Os prólogos dos DRAE do século XIX seguem registrando os estudos relativos às ciências naturais, atendendo a impulso que teve início nos séculos anteriores (XVII e XVIII). O movimento de continuidade faz parte da busca pelo conhecimento instaurada pelo Iluminismo, que leva à criação das Academias<sup>97</sup>. Essa tendência à apropriação de saberes marca um tipo de assinalamento incluído no dicionário, que atende às demandas do usuário de *conhecer* sobre o léxico e *dominar* a língua em uso.

---

<sup>96</sup> Cf. Cap. 2.

<sup>97</sup> Cf. Cap. 1.

A divisão *ciencias naturales*, estabelecida nos prólogos de 1817 e 1832, não é mais incorporada aos textos introdutórios, e só se inclui no enunciado da entrada ciência em 1843. Essa é a primeira alteração realizada na redação do verbete depois do período 1780/1832, durante o qual se manteve estável, em relação de continuidade com as edições anteriores, as do dicionário de Autoridades. Permanece instalado o perfil do co-enunciador *instruído*, que recebe insumos sobre as novidades que giram em torno da mais intensificada especialização das ciências.

A atualização e a preocupação com a ciência fazem parte da discussão epistemológica do século XIX e é recorrente o discurso da atualização na justificativa de especificar os prefácios.

Há uma retomada desse discurso pós século XIX, e o verbete do DRAE que reproduz o mesmo enunciado lexicográfico entre 1914 a 1970 repete as referências à *matemática*, estabelecidas em relação sinonímica, especificamente nesse momento, com *ciência exata*: feita por *antonomásia*, como é assinalado na definição:

**Ciencia.** (Del lat. *scientia*; de *sciens*, instruído, ciente.)  
 f. Conocimiento cierto de las cosas por sus principios y causas.//  
 Cuerpo de doctrina metódicamente formado y ordenado.  
**Ciencias exactas. Las que sólo admiten principios, consecuencias y hechos rigurosamente demostrables.**  
 //Por antonom., matemáticas.//  
 naturales. Las que tienen por objeto el conocimiento de las leyes y propiedades de los cuerpos.// (DRAE, 1914, 1925, 1936-39, 1947, 1956, 1970, grifos nossos)

Em termos conceituais, *matemática* e *ciências exatas* têm significados correlatos e, portanto, ambas têm base no que é *demonstrável, exato e certo*. Nas definições, se assume a divisão da ciência em *exatas* (as que demonstram) e *naturais* (as que se relacionam a leis e propriedades dos corpos). Organizando uma cadeia de associações, as ciências exatas, como a matemática, porque têm rigor



procedural, são categorizadas como ciência *strictu sensu*, apontando um enunciador relacionado a princípios racionalistas.

A maneira de referenciar ciência nos prefácios de 1914 a 1970 mantém os propósitos de atualizar os enunciados contidos desde o princípio da elaboração dos dicionários da Real Academia. O co-enunciador deve encontrar respostas sobre temas discutidos no momento em que se inserem e constrói para ele um perfil relacionado à “modernidade” da ciência:

y se ha procurado en este punto **poner el Diccionario al nivel del estado actual de las ciencias y de las artes.**(DRAE, Prólogo, 1925, p.1, grifos nossos)

Os enunciados lexicográficos das edições de 1984 e 1992 apresentam princípios classificatórios para a ciência, atendendo ao critério de acolher o *novo* sistematicamente:

**// ciencias exactas. Decíase especialmente de las matemáticas.**  
**//humanas.** Las que se ocupan de los aspectos del hombre y de la sociedad no estudiados en las **ciencias naturales**, como psicología, antropología, sociología, historia, etc.**// naturales.** Las que tienen por objeto el estudio de la naturaleza (geografía, botánica, zoología, etc., a veces se incluyen la física, la química, etc.). **// ocultas.** Conocimientos y prácticas misteriosos, como la magia, la alquimia, la astrología, etc., que desde la antigüedad, pretenden penetrar y dominar los secretos de la naturaleza. **// sociales.** Aplícase a menudo a las ciencias humanas (DRAE, 1984, grifos nossos)

**// ciencias exactas. 1. Matemáticas.**// (DRAE, 1992, grifos nossos)

A entrada de 1984 incorpora aspectos de novidade, registrando a acepção *ciências ocultas*, proveniente do uso comum, além dos princípios classificatórios

pertinentes às especializações. O uso comum é recuperado pelo dicionário e está disponível ao co-enunciador vinculado à “modernidade” e ao cotidiano.

A partir da organização classificatória, observam-se modificações que incluem fragmentações cada vez mais detalhadas que assinalam o período em que o conhecimento científico se especializa marcadamente, mas que acolhem aspectos do *sensu comum*, por outro lado.

No DRAE editado no século XXI, a definição do verbete ciência, embora ainda associada ao saber e à erudição, relaciona ciência à obtenção de conhecimentos pautados na observação e na razão. Há uma tendência a seguir princípios do Racionalismo na microestrutura e, nesse sentido, princípios metodológicos estão incorporados ao verbete de 2001:

**Ciencia.** (Del lat. *scientia*).

**1. f. Conjunto de conocimientos obtenidos mediante la observación y el razonamiento**, sistemáticamente estructurados y de los que se deducen principios y leyes generales. **2. f.** Saber o erudición. (DRAE, 2001, grifos nossos)

No prefácio da edição de 2001, em relação de continuidade com os prefácios elaborados nos séculos anteriores, as referências à ciência remetem à inclusão dos lemas no repertório lexical e ao objetivo de consagrar o *novo*.

Há um *continuum* nos prefácios no que diz respeito às referências à ciência, que se registra em associação com as inclusões de lemas *novos* ao repertório do dicionário. Quanto à elaboração dos verbetes há ajustes determinados por duas vertentes: uma assinala uma tradição característica do *fazer* lexicográfico da RAE, que busca sempre incorporar o *novo* e, por outro lado, a outra conserva o *antiquado*, o *desusado*, o *antigo*, simultaneamente. Na segunda vertente, são conservadas definições nas entradas determinadas pela ênfase em concepções que se vinculam

aos movimentos intelectuais que perpassam os momentos históricos de elaboração das obras<sup>98</sup> e que estão em consonância como o co-enunciador que participa desses movimentos que norteiam a sociedade da qual faz parte.

Os verbetes, portanto, vistos em relação comparativa entre si, produzem descontinuidades em relação às referências sobre ciência nos enunciados lexicográficos, incorporando as atualizações das concepções de ciência e as que se referem ao uso da linguagem. Por outro lado, registra-se um movimento distinto nos prólogos, cuja remissão à ciência está continuamente relacionada à repertoriação do léxico que conforma o *novo*.

A vinculação com a *novidade* permeia os prefácios dos dicionários da Real Academia em associação com os avanços científicos, mas também com os estrangeirismos, com dialetalismos, com os provincianismos, mantendo a preocupação de incorporar o máximo possível dos termos de uso ao dicionário geral. Ao mesmo tempo, há uma preservação da tradição que faz com que o dicionário conserve termos que permitam a leitura de textos escritos a partir do século XVI, inclusive. Esse movimento novidade/tradição é uma constante na trajetória da Real Academia e se registra nos prólogos, cuja leitura analítica evidencia essas buscas reiteradas. Assim como se conserva o léxico da tradição, procura-se também conservar um perfil de co-enunciador *instruído* vinculado ao que é tradicional, mas também à modernidade. Daí, a necessidade de trazer a ciência para o contexto do dicionário, um tipo de obra que busca alcançar contornos científicos, como um recurso para legitimar-se dentro da comunidade idiomática a que se dirige, e à qual pertence. Esse co-enunciador assume alguns matizes em termos de referenciação nos prefácios. Contudo, apesar de ser, por vezes, o co-enunciador *ligado* às

---

<sup>98</sup> Cf. Cap. 2.

*técnicas, à religião católica, ser o público, os detratores do dicionário*, todos os perfis conformam um *instruído* que, mesmo para decodificar as definições apresentadas nos verbetes, deverá ter uma competência linguística que permita fazê-lo com eficiência e que, em ocasiões, *não* será a mínima, tendo em vista o vocabulário nem sempre simples e objetivo empregado nos enunciados lexicográficos.

#### 4.3 DICIONÁRIO, LÍNGUA, CIÊNCIA: VINCULAÇÕES

Língua, ciência e dicionário se relacionam a partir do momento em que se inicia a elaboração de dicionários gerais monolíngues, que procuram basear-se em princípios de organização metodológica que se pretendem científicos, ou que buscam incorporar conceitos científicos em consonância com o fim do Renascimento e as propostas do Iluminismo e do Racionalismo.

Em relação aos prefácios dos dicionários da RAE dos séculos XVIII e XIX, as tentativas de aproximar o discurso lexicográfico de temas relacionados à ciência se configuram através do que é *novo* e *atual* dentro do repertório do léxico elencado na macroestrutura e definido na microestrutura.

O intuito de organizar o dicionário tendo como base o pensamento científico geral se enfatiza de modo mais próximo a uma pretendida metodologia científica a partir do século XX. Nesse século, o objetivo que a obra seja elaborada com o mesmo rigor do método de trabalho exato e preciso, próprio das investigações científicas, é sinalizado nos prólogos, que explicitam essa preocupação<sup>99</sup>:

---

<sup>99</sup> A transcrição indicada é de caráter fonético.

Por eso ha parecido oportuno suprimir en esta edición la grafía árabe y sustituirla por su **transcripción rigurosamente científica** (DRAE, Preámbulo, 1956, p.1, grifos nossos).

Se han corregido etimologías y definiciones conforme a **criterios científicos actuales**. (DRAE, Preámbulo, 1970, p. 1, grifos nossos).

Nos prefácios de 1956 e 1970 se evidenciam a busca e o interesse por incorporar a rigidez da metodologia científica à organização da obra lexicográfica, o que está relacionado ao discurso de legitimação da RAE como instituição elaboradora de instrumentos lexicográficos confiáveis.

Esse aspecto da autoridade da RAE no âmbito linguístico se constitui em correlação com a função atribuída ao dicionário monolíngue enquanto “instrumento linguístico de gramatização” (AUROUX, 1992), que oferece insumos para escrever e usar a língua com precisão. E precisão e exatidão são aspectos referenciados de maneira reiterada nos prólogos dos dicionários, marcando um discurso que estabelece *norma* em correlação com a *regra*. A sujeição a essa correlação norma/regra que constrói os dicionários gerais da RAE está de acordo com os parâmetros de correção vinculados à própria instituição e a seu papel normativo.

Nos prefácios, se estabelece um movimento sequencial explícito de incorporação dos lemas oriundos da linguagem técnica e científica de uso comum e se justifica a supressão de uma terminologia especializada com o argumento de que deve ser retirada do dicionário geral da língua e reunida em uma obra específica.

Nos prólogos da Real Academia não se estabelecem conceitos sobre ciência que é referenciada neles em relação à organização lexicográfica dos dicionários, ao que deve compor o caudal léxico da obra. As referências à ciência fazem parte da função apresentadora do prefácio como *gênero*, que prevê indicar os critérios e os encaminhamentos adotados no arcabouço de cada uma das edições.

A trajetória das referências à ciência nos prefácios se organiza através da preocupação inicial com a terminologia e inclui alguns preceitos científicos, adotando uma metodologia descritiva simples. Na última edição do DRAE (2001) é declarado um interesse por aspectos de cientificidade e indicações metodológicas, configurados pela coleta de dados que inclui o recolhimento do léxico através de *corpora* eletrônicos<sup>100</sup>.

As análises do verbete ciência permitem constatar que os conceitos apresentados nas definições estão vinculados às reflexões surgidas a partir dos movimentos historicamente ligados ao saber humano. Nos enunciados lexicográficos, os termos *conhecimento, sabedoria, ordem, estrutura e exatidão* traçam as diretrizes, alternadamente ou em conjunto, do que conforma cada época e cada *movimento intelectual*. Os co-enunciadores dos dicionários, como participantes desses movimentos regidos por propostas que visam a novas ordenações, assumem características próprias compatíveis com cada época, embora representados marcadamente pelos *instruídos*.

O significado que se atribui ao lema ciência varia temporalmente e os enunciados lexicográficos evidenciam as *continuidades e discontinuidades*, permanências e mudanças, entre as definições das entradas, nas várias edições do dicionário. Um distanciamento significativo assumido nos enunciados elaborados para a obra se relaciona à retirada das *autoridades*, sinal da reformulação que transformou o DA (1726 a 1739 e 1770) em DRAE (1780), como se expõe no Capítulo 3.

Nos prólogos, a partir da edição do 1º DRAE (1780), portanto, não se incluem as abonações dos clássicos da literatura, mas a referência a esses autores continua

---

<sup>100</sup> Cf. Cap. 3.

registrada nos prefácios. Os escritores de prestígio são declarada fonte de consulta para legitimação do *uso* de 1780 a 1914, embora só constem exemplos tirados de suas obras nos enunciados lexicográficos dos verbetes dos DA de 1726-1739 e de 1770. Esses movimentos de referenciação reforçam o vínculo enunciador instruído/co-enunciador instruído como par de interlocução constante nos prefácios.

Através da entrada ciência, ao longo das diversas edições dos dicionários da RAE, de 1726 a 2001, também é possível observar matizes de perfis diversificados para a composição dos co-enunciadores das obras. Esses traços são relevantes na medida em que se vinculam às referências dos prólogos ao leitor *instruído*, assinalado alternadamente como *culto*, *especialista*, *letrado*, *douto*. As referências acompanham a trajetória da sociedade à medida em que ela própria se modifica em decorrência de novos modos de *pensar*, consequência de descobertas, dos avanços científicos que circulam e dos movimentos intelectuais.

O papel da ciência em relação a esses co-enunciadores é, assim, redefinido e as diferenças se evidenciam ao comparar as mudanças nas definições dos verbetes que acolhem essas acomodações. Nesse sentido, a inclusão de subentradas cada vez mais detalhadas e específicas, remetem a um co-enunciador *instruído* que está submetido a quantidades maiores de informações correntes *novas*, oriundas da *técnica* e da sua própria trajetória na sociedade. A incorporação do léxico recém-criado e com o espaço que a ciência passa a ocupar na vida do cidadão comum é uma preocupação que atravessa os discursos dos prefácios de modo reiterado.

Nos artigos lexicográficos, a trajetória do conceito de ciência que se vincula às humanidades, nos primeiros dicionários, incorpora aspectos do Iluminismo em que ciência e matemática estão relacionados conceitualmente, até consolidar-se na última edição, do século XXI, em associação a dados comprováveis, tomados dos

*corpora* eletrônicos. Ao contrário dos prefácios, a concepção de ciência é explícita nos verbetes, contemplando o *gênero*, que prevê explicações, descrições, comparações e definições dos lemas, retomando o que se propõe no item 3.1.3.

Os blocos de análise marcam uma contradição entre o que se apresenta nos prefácios como ciência e o que se inclui como ciência nos verbetes. Nos prefácios, as modificações são pouco significativas e os planejamentos apresentados neles repetem características de relacionar ciência ao recolhimento do léxico. Os verbetes articulam as modificações no sentido de representar as mudanças no *conceito* de ciência que não são registradas nos prólogos explicitamente.

As concepções sobre *língua* nos prólogos apresentam níveis estáveis quanto a mudanças se comparadas dentro do período em que se inserem. Nos primeiros dicionários, a língua é apresentada como repertório léxico relacionado, em princípio, à correção da norma e da regra considerando o uso como o *uso regrado*, estabelecido pela norma. Progressivamente, as obras incorporam e legitimam variações decorrentes do *uso*, já não entendido somente em relação ao emprego que se resgata através dos escritores clássicos, mas aos *usos gerais corretos*. Nesse sentido, a *correção* permanece como um aspecto orientador básico, vinculado a uma *norma culta*.

Os *registros de uso* e as *variações linguísticas* de nível léxico aproximam o dicionário do co-enunciador usuário da língua. As variações diatópicas, incorporadas de forma destacada a partir do século XX, como parte integrante do espanhol, estão disponíveis a todo o mundo hispânico como elementos componentes de uma política em prol da unidade linguística e do pan-hispanismo. Nesse sentido, essas noções estão direcionadas a co-enunciadores que tanto podem estar deslocados do unicentrismo da península como fazer parte dela. Essa conjugação de *todos* os que



fazem parte da comunidade hispânica constrói o imaginário da língua como pertencente a *todos* e se recolhe ao dicionário para que *todos* possam usá-la, em princípio, sem distinções de territórios, estratos sociais ou períodos históricos. As políticas linguísticas da Real Academia voltadas para o pan-hispanismo acentuam a necessidade de reunir e registrar um imaginado repertório léxico comum disponível aos hispano-falantes em geral.

A preocupação recorrente com o recolhimento do léxico novo, com a atualização do dicionário, com a indicação das especialidades científicas se resgatam nos movimentos de incorporação e de apropriação da língua, em que a norma e o uso se correlacionam como regra, mas que incluem as variações com um papel de significação próprio. As concepções instituídas através dos prólogos e das entradas estão vinculadas à autoridade da instituição RAE e assinalam os conceitos de língua subjacentes à obra lexicográfica.

O dicionário geral, a língua e a ciência constroem uma relação que se estabelece a partir dos próprios papéis que desempenham na sociedade. O dicionário, como repertório que recolhe e concentra o léxico da língua, se responsabiliza pelo estabelecimento de uma norma, cuja gênese está na relação com a metodologia e com os princípios científicos de produção linguística. A presença de aspectos de caráter científico de forma cada vez mais específica faz com que o dicionário de língua busque, de forma reiterada, em relação à ciência, mencioná-la, apoderar-se de seus conceitos, adotar seus métodos. Nesse movimento se realiza um diálogo com o usuário, um co-enunciador instruído em consonância com o que é moderno e atual no momento em que se insere.

Os sentidos de língua e ciência representados no dicionário são atravessados pela mudança e pela permanência. As permanências constroem relações com a

preservação de memórias representadas nos dicionários e as mudanças se vinculam às diversificações que se instalam por força dos *movimentos intelectuais*, do uso da língua, das incorporações do léxico, dos avanços científicos trazidos à sociedade .

O instrumento linguístico de gramatização *dicionário* se responsabiliza por produzir os enlaces e apresentar esse universo ao usuário com o intento de parecer alcançar o grau máximo de neutralidade em seu discurso. Entretanto, ao buscar um distanciamento do que pode configurar a *voz* do lexicógrafo, o que é dito e o que *não* é dito estão, da mesma forma, representados no dicionário. O que permanece e o que muda nos prefácios e, também, nas entradas, assinalam as marcas desses *dizeres*, cabendo ao co-enunciador identificá-las e estabelecer seus sentidos em relação à língua e à ciência. De todo modo, o dicionário reforça a conjugação língua/ciência, associando-as para dar base à elaboração da obra e concretizando o vínculo *enunciador instruído/co-enunciador instruído*. Mantido o foco na incorporação de aportes da ciência, dá legitimidade a um instrumento que procura ser marcadamente científico.

O *ethos* do enunciador coincide com a imagem que projeta para seu co-enunciador: é um espelho em que *eu-dicionário* é também *eu-leitor* do dicionário. Nesse sentido, como *dois do mesmo*, constituem um só, verdadeiramente. Ao formarem essa imagem reflexiva, ambos coincidem e se fundem no *instruído*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Por meio da língua, que conhecemos ao nascer e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados. (Lilian M. Schwarcz In Comunidades Imaginadas, 2008)*

Esta tese, procurando fazer um enlace de continuidade com a dissertação de mestrado, retomou o estudo referente a dicionários elaborados pela Real Academia Espanhola da Língua (RAE). Buscou-se analisar as concepções de ciência e língua que atravessam as vinte e quatro edições do dicionário geral de língua da instituição e relacioná-las aos perfis de enunciadores e co-enunciadores construídos nessas publicações. Nessa correlação, observa-se o papel da Real Academia nas construções e concepções.

No viés determinado para nortear este trabalho de doutorado, se manteve uma relação de comparabilidade dos dicionários da Real Academia com os movimentos da sociedade de épocas determinadas. Sob tal perspectiva, as obras lexicográficas atendem, nessa vinculação, às necessidades dos diversos segmentos no momento em que se inscrevem.

Além da ligação aos movimentos da sociedade, os *movimentos intelectuais*, a obra mantém correlação sistemática entre um *enunciador*, que assume um perfil de *nuanças* variadas, com um *co-enunciador* que se constrói da mesma forma: através de uma posição que se *matiza*. Buscando identificar o co-enunciador, em algumas edições, principalmente nas publicações dos séculos XVIII e XIX, são encontradas referências a que segmento da sociedade se dirige o dicionário: o *público*. Embora tenha este título genérico e abrangente em tese, o co-enunciador é representado,

principalmente, pelos *instruídos*. Há uma preocupação por declarar a inclusão do léxico de uso de possíveis *não-letrados*, que se repertoria nas primeiras edições do dicionário. O dicionário procura abarcar, de forma ampla, os que têm acesso aos textos literários, nos quais se inclui, em alguns enunciados, a terminologia que é atribuída aos *não-letrados*. Gradativamente, a obra vai acolhendo *registros* mais diversificados, que se somam aos que já haviam sido repertoriados e pertencem à tradição.

A proposta da *língua como correção* é postulada nas obras da Real Academia no fim do século XIX e no início do século XX, em resposta a exigências de ordem científica e a objetivos de ordem prática. Assim, o respeito absoluto em relação à norma literária cede espaço ao uso que os falantes fazem da língua, visto como um produto social. Desta maneira, as variações linguísticas são entendidas como consequência também das modificações que ocorrem na estrutura social.

O movimento de abertura ao assinalamento do *uso* ao longo dos prólogos se volta a um direcionamento que compreende a *todos* das comunidades idiomática ou linguística. Isso se presentifica em edições do dicionário do século XX, que apresentam posicionamentos a favor de recolher a diversidade oriunda dos países hispano-americanos, com o fim de integrá-los e preservar a pretendida manutenção da unidade linguística. Essa proposta integradora encontra-se nos prefácios desde os primeiros dicionários, que incorporam amostras dialetais americanas<sup>101</sup>, embora em número menor, se comparadas à quantidade de modelos oriundos da Espanha. A intenção de abrangência se mostra de modo mais enfatizado na publicação do século XXI, que assume um explícito direcionamento a uma proposta *pan-hispânica*.

---

<sup>101</sup> Uma das primeiras formas americanas incorporadas ao dicionário é *canoas*, conforme o Capítulo 4.

Buscou-se, ainda, neste trabalho, estabelecer um enlace entre o que se concebe nas obras lexicográficas como *ciência* e *língua*, a partir da suas relações com o segmento da sociedade para quem o dicionário da Real Academia é elaborado. O exame do verbete *ciência*, contrastado com os prólogos correspondentes, evidencia que o conceito sofreu alguns ajustes e os intervalos entre as modificações, muitas vezes, foram longos. As escolhas lexicais que se fizeram e a organização dos enunciados lexicográficos das definições sinalizam o momento em que se inserem as definições, apontando as concepções de ciência vinculadas a épocas determinadas. Essas seleções não podem ser vistas como aleatórias ou ocasionais porque se vinculam ao critério lexicográfico de *exatidão* e *precisão* que devem ser preservados nas definições. Ao contemplar esses aspectos, o dicionário assume um papel ideológico por fazer circular informações específicas em relação às concepções de ciência e de língua.

Esse papel se impõe através da *subjetividade*, a presença do *sujeito* no discurso, que se pretende seja ocultado nessas concepções. O sujeito, normalmente representado pela terceira pessoa, visando à *neutralização*, apagando o *eu*, que não é incluído nos prefácios em nenhuma situação, toma a forma de um recurso de legitimação de um discurso que se objetiva científico. O fazer lexicográfico regrado implica uma posição de distanciamento, própria do discurso científico, para produzir a *veracidade*, característica vinculada ao gênero *texto científico*. E esse critério, em ocasiões, não se concretiza nas definições das entradas, nas obras em estudo.

Nos prefácios se identificam movimentos que sinalizam continuidades e descontinuidades com respeito ao que deve acolher (e como fazê-lo) um dicionário geral de língua. Esse acolhimento visa a atingir os objetivos de reunir a língua, em suas possíveis realizações, marcada pela multiplicidade de *registros*, que se

representam pelas etiquetas de uso *formal, informal, coloquial, literário, vulgar, erudito, familiar, antiquado, desusado*, entre diversas possibilidades classificatórias, desde que sejam convenientes aos propósitos que regem a elaboração e a aclaração dos lemas. Há, ainda, continuidades e descontinuidades relacionadas estreitamente aos *movimentos intelectuais* e, assim, se resgatam concepções vinculadas ao Iluminismo, ao Racionalismo, à Era da Informação, através dos dicionários.

Como herança das propostas de clareza e de concisão do Iluminismo, a composição editorial do dicionário compactada em um só volume dá agilidade ao manejo do dicionário e marca um direcionamento de ordem e razão iluministas que acompanha a trajetória funcional da Real Academia até a atualidade. A variação que constrói as continuidades e descontinuidades em relação às concepções de *língua* e de *ciência* se reproduz em enunciados diversificados e, em verdade, conforma um *redizer*. Em última instância, produz uma normatização com base nas regras racionais de *correção* seguidas de perto pela instituição tradicionalmente.

Nas reiteraões sistemáticas assinaladas no discurso da RAE, nos prefácios, se confirma a autoridade atribuída à instituição em relação à língua, que apresenta o dicionário, enquanto *instrumento linguístico de gramatização*, como modelo para outras obras lexicográficas.

**El Diccionario de la Real Academia Española**, en el que, como se acaba de decir, colaboran estrechamente las veintiuna Academias con ella asociadas, **tiene universalmente reconocido un valor normativo que lo hace único en su género** (DRAE, Preámbulo 2001, p.2).

O discurso da Real Academia, ao conferir aspectos de prestígio ao seu principal produto, o dicionário, e ao discutir *sobre* a obra, dota a própria instituição de

poder e legitimação com respeito ao que se relaciona à língua. O dicionário assume um lugar na circulação das informações e também da política linguística dominante, exercendo um papel ideológico ao veicular um discurso de poder e legitimação que se encontra nas concepções de língua, principalmente, apresentadas na obra.

O dicionário elaborado pela Real Academia desde 1726 *funda*, constrói, organiza e determina a Lexicografia Espanhola. Em decorrência, toda a produção lexicográfica hispânica estará marcada, de forma mais ou menos explícita, pela obra produzida pela RAE para, segundo seus propósitos, *todos* os que têm o espanhol como língua nacional. Através dos mecanismos de autenticação utilizados pelo organismo, pode-se observar o caráter institucional do discurso, isto é, o lugar enunciativo representativo da língua espanhola, apresentando princípios e aspectos fundadores ideológicos, de um lado e, de outro, as diretrizes de política linguística explícita. O acionamento da *unidade linguística* é crucial nessa representação - a partir desse pressuposto, a função da Real Academia Espanhola é instrumentalizar uma norma supostamente capaz de congrega e *padronizar* a individualidade dos seus falantes em qualquer território.

A coincidência nos dicionários entre as instâncias enunciator/co-enunciator que convergem para a formação de um par de *instruídos* reforça o caráter ideológico da instituição RAE que vem, ao longo de quase três séculos, construindo de modo recorrente, para si e para o seu público o perfil do culto, do douto, do que tem acesso a saberes. Na verdade, a Real Academia e o leitor de suas produções linguísticas se projetam um no outro, constituídos por características comuns, formando *um só* – a instituição se relaciona a um outro que é o espelho de si mesma.

## REFERÊNCIAS

APPEL, R., MUYSKEN, P. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: Edward Arnold, 1987.

ALFARO, Consuelo. Política lingüística hispánica, catequesis y castellanización. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos II**. Madrid: La Factoría de Ediciones, S.L. 2001, p. 39-52.

ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. 1961. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras>. Acesso em agosto 2009.

\_\_\_\_\_. “Introducción” in: **Manual de dialectología hispánica - el español de América**. Barcelona: Ariel, S.A., 1996, p. 3 -18.

ALVAR EZQUERRA, Manuel. **Lexicografía Descriptiva**. Barcelona: Biblograf, 1993.

AMARAL, Vera Lúcia do. **Análise crítica de dicionários escolares bilíngues Espanhol – Português: uma reflexão teórica e prática**. Assis, SP: UNESP, 1995. Tese de Doutorado em Letras.

AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 1995.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Comunidades Imaginadas**. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: UNICAMP, trad. de Eni P. Orlandi, 1992.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

BAGNO, Marcos. **Introdução: norma linguística & outras normas**. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta: língua e poder na sociedade**. 7 ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BAJTÍN, Mijail. **El problema de los géneros discursivos**. In: **Estética de la creación verbal**. México: Siglo XXI, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: **Estética da Criação Verbal**. Trad. a partir do francês de Maria Ermantina Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum, 4 ed. Campinas, SP: Pontes / UNICAMP, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos S.A, 1978.

\_\_\_\_\_. “Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas”. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, 2001, p. 131-144.

\_\_\_\_\_. “Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss”. In ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (orgs.) **As Ciências do Léxico** vol II. Campo Grande: UFMS, 2004, p 185-200.

\_\_\_\_\_. “Um dicionário para o Português do Brasil”. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**, Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários: uma Introdução à Lexicografia**. São Paulo: Unesp, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7 ed, 2ª reimpressão. Campinas, SP: Pontes / UNICAMP, s.d.

BRICE HEATH, Shirley. **La Política del Lenguaje en Méjico: de la colonia a la nación**. Instituto Nacional Indigenista: Méjico, 1972.

BROWN, Gillian e YULE, George. **Análisis del Discurso**. Título original: Discourse Analysis. Madrid: Visor libros, 1993.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Trad. de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno, Coleção Na ponta da língua 17, São Paulo: Parábola / IPOL, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Socioligüística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. Coleção Na ponta da língua 4, São Paulo: Parábola, 3 ed, 2007b.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática** referente à Língua Portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: J. OZON, 1970.

CERVONI, Jean. **A Enunciação**. Original: L'enonciation. São Paulo: Ática, 1989.

CHAVES-FERREIRA, Angela Marina. “A Real Academia Espanhola nos prólogos de seus dicionários: imagens de si e do outro”. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas, Sara Rojo et al (orgs.), Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, CD-ROM.

\_\_\_\_\_. “Dicionários e práticas leitoras: além de funções e usos canonizados”. In: **Hispanismo 2006: língua espanhola**, Vera Lucia de Albuquerque Sat’Anna, Cristina de S. Vergnano Junger, Angela Marina Chaves Ferreira (orgs.), Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius: Associação Brasileira de Hispanistas, vol. 3, 2008.

\_\_\_\_\_. “Dicionários da Real Academia Espanhola da Língua: aspectos de subjetividade”. In **Cadernos Neolatinos**, ano V, nº 5, 1º Simpósio Neolatinas Internacional de Letras Neolatinas: “Entre moinhos e livros: audácias e impasses da modernidade”, UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. “Presença da língua portuguesa no dicionário da Real Academia Espanhola da Língua”. Rio de Janeiro: CiFEFiL. **Revista Philologus**, ano 9, nº 25, 2003.

\_\_\_\_\_. “O dicionário na sala de aula: uma proposta de leitura em língua estrangeira”. In **Cadernos do CNLF: Semântica e Lexicografia**, v.X, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004.

\_\_\_\_\_. **Unidade e diversidade da língua em duas edições do Dicionário da Real Academia Espanhola (1947 e 1992): o léxico indígena mexicano**. Orientador: Consuelo Alfaro, Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas, 2002.

\_\_\_\_\_. “DRAE: americanismos, evolución y cuestiones ideológicas en el diccionario oficial español”. In: **Hispanismo 2000**, Ministerio de Educación, Cultura y Deportes, Associação Brasileira de Hispanistas, I Congresso Brasileiro de Hispanistas, TROUCHE, André Luiz G; REIS, Lívia de Freitas. (Org.), 2001, v. 1, p. 74-83.

\_\_\_\_\_. “Funções e usos do dicionário: questões ideológicas e de autoridade”. In: **Cadernos do CNLF: Semântica e Lexicografia**, Série IV, nº 10. Rio de Janeiro: CiFEFiL 2000, v. 10, p. 148-156.

\_\_\_\_\_. “Constitución argentina: lengua y nación en la escritura oficial”. Rio de Janeiro, Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina Questões metodológicas de ensino/ aprendizagem E/LE: Discurso escrito em espanhol língua estrangeira, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRJ (Mestrado), não publicado, 1999.

\_\_\_\_\_ e COSTA, Jannaina Vaz. “A *mulher* em dicionários portugueses e brasileiros: uma visão a partir do Caldas Aulete”. In **Cadernos do CNLF**, Vol. XII, nº 10 e **Almanaque CiFEFiL**, 2009, cd-rom.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. Dicionario de análise do discurso. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto: 2006.

**CLAVE** - Dicionario de uso del español actual. Madrid: SM, 2000.

COLLADO, María de los Ángeles García. “Los americanismos, entre la diversidad y la unidad del español”. In **Revista APEERJ 20 años de APEERJ: El español: un idioma universal**, ano 5, número 5. Rio de Janeiro, 2002, p. 33 - 42.

CORBEIL, Jean-Claude. "Elementos de uma teoria de regulação linguística". In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. sec edition Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CUERVO, Rufino José. "Observaciones sobre el Diccionario de la Real Academia" (undécima, año de 1869) [1874]. In **Obras, II**, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1954, pág. 58-84.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, 123 p.

\_\_\_\_\_. **Que é um brasileirismo?**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987, 68 p.

**DICCIONARIO DEL ESPAÑOL USUAL EN MÉXICO**. México: El Colegio de México, organizado por Luis Fernando Lara, versão digital, s/d.

\_\_\_\_\_. 1 ed. 1996, 3 reimpressão, 2005.

**DICCIONARIO DE HISPANOAMERICANISMOS** – no recogidos por la Real Academia. Coord. Renaud Richard. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 2 ed. aumentada, 2000.

**DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA SÉCULO XXVI**. SP: Nova Fronteira, Lexikon Informática.

DOMINGUES, Ivan. **Desafios da filosofia no século XXI: ciência e sabedoria**. Belo Horizonte: Kriterion, v. 47, n. 113, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2006000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2006000100001&script=sci_arttext) 2006. Acesso em maio de 2008.

DUBOIS et al. **Dicionário de linguística**. Tradução Frederico de Barros, Gesuína Ferretti, John Schmitz, Leonor Cabral, Maria Elizabeth Salum, Valter Khedi. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. **Diccionario enciclopédico das ciências da linguagem**. Tradução Alice Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Barros e Geraldo de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1988.

EPSTEIN, Isaac. **Gramática do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

FALCON, Francisco José Calazans. **O Iluminismo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. 1996, "El diccionario de la Real academia: un puente entre el pasado y el presente de nuestra lexicografía". In: **Cuadernos Cervantes de la lengua española**. Madrid: ELR, p. 16 - 20.

FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. AUROUX, Sylvain. Resenha. SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, Disponível em [http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/41A%20](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/41A%20). Acesso em novembro de 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. CD-ROM.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação** - as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. (rev. e atualizada), São Paulo: Ática, 2007.

FORGAS BERDET, E. "La (de)construcción de lo femenino en el diccionario". In: **El sexismo en el lenguaje**, Málaga: Servicio de Publicaciones del CEDMA, 1999. Disponível em: <http://pizarro.fll.urv.es/continguts/hispanica/profes/public/deconstruccion.htm>. Acesso em julho de 2006 e agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. **Diccionario, cortesía lingüística y norma social**. In: BRAVO & BRIZ. Pragmática socio-cultural: estudio sobre el discurso de cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004.

FORGAS BERDET, E. & FERNÁNDEZ, J. **La inclusión del componente pragmático en los diccionarios monolingües del español**. In: Perspectivas aplicadas de la lingüística moderna, Zaragoza: Anubar, 1998. Disponível em: <http://pizarro.fll.urv.es/continguts/hispanica/profes/public/zaragoza.htm>. Acesso em agosto de 2006 e agosto de 2008.

GARCIA, Dantielli Assumpção. **Discurso lexicográfico: os dicionários no século XIX**. Anais do XII SETA: Seminário de Teses em Andamento, volume 1, 2007. Disponível em <http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewarticle.php?id=7>. Acesso em setembro de 2008 e agosto de 2009.

GARRIDO, Antonio. "La contribution de R.J. Cuervo (1844-1911) a la Norma Hispánica", **Histoire Épistémologie Langage**, tome IX, fascicule II, La tradition espagnole d'analyse linguistique, Org. Ramón Sarmiento, Presses Universitaires de Vincennes, 1987.

GARZÓN, Tobías. **Diccionario Argentino**. Barcelona: Imprenta Elzeviriana de Borrás y Mestres, 1910.

GIUSTI, César. **Teoria e Prática dos Prefácios e estudo sobre os prefácios de Tutaméia** Disponível em: <http://portrasdasletras.folhadaregiaio.com.br/prefacio.html>. Acesso em 25 de março de 2003.

GONÇALVES, Maria Filomena, Lexicografia e ortografia no Dicionário da Academia (1793), **Actes de XX Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**, de 6 a 11 de abril de 1992, Tome IV, Section VI, Zürich: Lexicographie / Iberomania, 1993.

GRANADOS et al. **Lengua Española- manual de orientación universitaria**. Madrid: Rosas, 1982.

GUERRERO RIVERA, Javier. “El diccionario: signo ideológico-sociocultural”. In: **Revista Folios Digital**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 1º semestre de 1998, Disponível em: <http://www.pedagogica.edu.co/index.php?inf=1049>. Acesso em agosto de 2006. Disponível em: [http://www.pedagogica.edu.co:8080/w3/storage/folios/articulos/fol08\\_08art.pdf](http://www.pedagogica.edu.co:8080/w3/storage/folios/articulos/fol08_08art.pdf). Acesso em agosto de 2008.

HAENSCH, Günther. **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI**. 1 ed., 2 reimpressão. Salamanca: Ed Universidad Salamanca, 1997, 1999.

\_\_\_\_\_. et al. **La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1992.

\_\_\_\_\_.et WERNER, Reinhold. Un Nuevo Diccionario de Americanismos, **Revista Thesaurus**, Tomo XXXIII, n.1, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1978

HAMEL, Rainer Henrique. La política del lenguaje y el conflicto interétnico- problemas de investigación sociolingüística, **Política lingüística na América Latina**. (Org.) Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. Políticas y planificación del lenguaje: una introducción, **IZTAPALAPA** Revista n. 29, año 13 - Políticas del lenguaje en América Latina, enero-junio de 1993.

HAUGEN, Einar. “Dialeto, língua, nação”. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Language Conflict and Language Planning**. The case of Modern Norway. Cambridge, ME: Harvard University Press, 1966.

HEINE, Palmira Bahia. “Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs” . In: UFBA **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 1, p. 149-174, jan./abr. 2008 Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0801/080106.pdf>. Acesso em novembro de 2008.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. SP: Objetiva, 2001.

JURT, Joseph. L'identité nationale: une fiction, une construction ou une réalité sociale?. **Regards Sociologiques**. 16: 37-50. Estrasburgo: Université Marc Blch, 1998.

KRIEGER, Maria da Graça. **Lexicografia: o léxico no dicionário**. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). O léxico em estudo, Belo Horizonte, MG: UFMG, 2006.

LANDAU, Sidney I. **Dictionaries: the art and craft of lexicography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 477 p.

LARA, Luis Fernando **De la Definición Lexicográfica**. México: El Colegio de México, 2004.

\_\_\_\_\_. **O dicionário e suas disciplinas**. Isquerdo, Aparecida Negri e Krieger, Maria da Graça (org.) As Ciências do Léxico vol II. Campo Grande, MS: UFMS, 2004, p. 133 -152.

LAURIA, Daniela. **Los primeros diccionarios del español de la Argentina: Un abordaje discursivo**. Actas del XV Congreso Internacional. Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, Montevideo: Uruguay, agosto 2008. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/indexe.htm>>. Acesso em setembro 2008 e CD-ROM.

LÁZARO CARRETER, Fernando. **Primer Diccionario de la Academia**. In: Estudios de lingüística. Barcelona: Crítica, [1980]. 2000.

LÁZARO, Fernando y TUSÓN, Vicente. **Literatura Española 2**. Madrid: Grupo Anaya, 1995.

LEFEBVRE, Claire. "As noções de estilo". In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPE BLANCH, Juan M. "México". In: **Manual de dialectología hispánica - el español de América**. Barcelona: Ariel, S.A., 1996, p. 81-87.

\_\_\_\_\_. **El léxico indígena en el español de México**. México: El Colegio de México, 1969.

LÓPEZ MORALES, Humberto. "La Actuación de las Academias en la Historia del Idioma". In: **Historia de la Lengua Española: El Español en la Época Moderna**. 2 ed at. Rafael Cano (coord), Barcelona: Ariel, 2005, p. 919-944.

MALDONADO, Concepción. **El uso del diccionario en el aula**. Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Términos Clave del Análisis del Discurso**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. de Freda Indursky; revisão dos originais de tradução de Solange Gallo, Maria da Glória de Moraes. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. de Sírio Possenti, São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-90.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola. POSSENTI, Sírio e SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.), 2008.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia – Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARIANI, Bethania. “A institucionalização da Língua, História e Cidadania no Brasil do Século XVIII: O Papel das Academias Literárias e a Política do Marquês de Pombal”. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **História das idéias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

MARRERO, Juan Fernández. “Actividad normativa y conciencia lingüística - Técnicas de control de las evaluaciones populares, Identidad cultural y lingüística en Colombia, Venezuela y en Caribe hispánico”. **Actas del Segundo Congreso Internacional del Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA) de la Universidad de Mangucia** en Gernersheim, 23-27 de junio de 1997, Sonderdruck: editadas por Matthias Perl y Klaus Pörtl, 1999.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de Lexicografía Práctica**. Barcelona: Biblograf, 1995.

MEDINA GUERRA, Antonia M. (coord.) **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel, 2003.

MIRANDA, Alberto. *Lexicografía aplicada a la enseñanza - aprendizaje del español*, **Cuadernos del Lazarillo- revista literaria y cultural**, n. 6, Salamanca: Colegio de España, julio – diciembre 1994.

MOLINER, María. **Diccionario de uso del español**. 2 ed. 2 reimpressão, Madrid: Gredos, 2 tomos, 1998.

MORAGA, Antonio M. Garrido. “Lexicografía y enseñanza”. In: **La enseñanza del español como lengua moderna**. Editor: Humberto López Morales, Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico. Actas del II Seminario Internacional sobre aportes de la lingüística a la enseñanza del español como lengua materna, 1991.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco / Libros, 2000.

\_\_\_\_\_. “Planificación Lingüística en España”. In: **Hispanismo 2004: língua espanhola/3**. Congresso Brasileiro de Hispanistas; Vera de Aquino Vieira, Maria José Damiani Costa, Luizete Guimarães Barros (orgs), [Florianópolis, UFSC, Departamento de Língua e Literatura estrangeiras]: ABH, 2006.

MORENO DE ALBA, José G. **El Español en América**. México D F: Fondo de Cultura Económica, S.A. de C.V., Cap. I, II, III, VII, [1988], 1993.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **O primeiro Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva – Estudo crítico da edição de 1813**. SP, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1984. Dissertação de Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES RJ. **Espanha - séc. XVIII - o Sonho da Razão**, Rio de Janeiro, folheto da exposição, julho/agosto de 2002.

NEBRIJA, Elio Antonio de. **Gramática de la Lengua Castellana** de Antonio de Nebrija Madrid: SGEL, [1492], 1992, p. 107-109.

\_\_\_\_\_. **Vocabulario de romance en latín** - Transcripción crítica de la edición revisada por el autor (Sevilla, 1516) con una introducción, de Gerald J. Macdonald. Madrid: Editorial Castalia, s/d, p.v a xiv.

NUNES, José Horta. “O Espaço Urbano: a ‘Rua’ e o Sentido Público”. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Cidade atravessada**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**.

Campinas: Pontes. (2006).

\_\_\_\_\_. **Prefácios de dicionários**: as imagens do leitor. In: Divulgação de dicionários de língua portuguesa no Brasil. Disponível em <[www.ibilce.unesp.br](http://www.ibilce.unesp.br)>. Acesso em outubro 2007.

\_\_\_\_\_. **Léxico e Língua Nacional**: Apontamentos sobre a História da Lexicografia no Brasil. In: ORLANDI, Eni P., (org.). História das idéias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes, 2001.

OBEDIENTE SOSA, Enrique. **Biografía de una lengua: nacimiento, desarrollo y expansión del español**. Costa Rica: Libro Universitario Regional, 2000.

ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.



\_\_\_\_\_ (org.). “Apresentação” In: **História das idéias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.) “Ler a cidade: o arquivo e a memória” In: **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_ e Susy Lagazzi-Rodrigues (orgs.). “Introdução”. In: **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PADLEY, G.A. “A norma na tradição dos gramáticos”. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luis. **Historia da Filosofia**. , 15 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

PAQUETTE, Jean-Marcel. “Processos de normatização e níveis/registros de língua”. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

PETRI, Verli. **A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários**. Disponível em [http://www.discurso.ufrgs./sead/trabalhos\\_aceitos](http://www.discurso.ufrgs./sead/trabalhos_aceitos). Acesso em abril de 2008.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madrid: Arco / Libros, 2002.

RABANALES, Ambrosio. **Introducción al estudio del español de Chile**: determinación del concepto de chilenismo. Santiago: Instituto de Filología de la Universidad de Chile, 1953.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Castellana**. Madrid, 6 vol: 1726, 1729, 1732, 1734, 1737, 1739.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. Madrid, 2 impresión corregida y aumentada, 1770.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**, reducido a un único tomo para su más fácil uso. 1 ed. Madrid, 1780.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 2 ed Madrid, 1783.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 3 ed. Madrid, 1791.

- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 4 ed. Madrid, 1803.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 5 ed. Madrid, 1817.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 6 ed. Madrid, 1822.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 7 ed. Madrid: 1832.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 8 ed. Madrid, 1837.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 9 ed. Madrid: 1843.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 10 ed. Madrid, 1852.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 11 ed. Madrid, 1869.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 12 ed. Madrid, 1884.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 13 ed. Madrid, 1899.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Castellana**. 14 ed. Madrid, 1914.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 15 ed. Madrid, 1925.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 16 ed. Madrid, 1936/1939.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 17 ed. Madrid, Espasa-Calpe, vol. único, 1947.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 19 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 21 ed. 2 vol. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 21 ed. CD-ROM Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 22 ed., Madrid: Espasa-Calpe, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario de la Lengua Española**. 22 ed., Madrid: Espasa-Calpe, 2001. Disponível em [www.rae.es](http://www.rae.es), atualizado em 2003.
- \_\_\_\_\_. **Compendio Gramática de la Lengua Española** – dispuesto para la segunda enseñanza. Madrid: Espasa-Calpe, 1949.
- \_\_\_\_\_. **Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Perlardo, Páez y Compañía (Sucesores de Hernando) Impresores y Libreros de la Real Academia, nueva edición, reformada, 1924.

\_\_\_\_\_. **Gramática de la Lengua Española**. nueva edición, reformada. Madrid, Espasa-Calpe S.A., 1931.

\_\_\_\_\_. **Gramática de la Lengua Española**. nueva edición, reformada. Madrid: Espasa-Calpe S.A., , 1999.

REY, Alain. “Usos, julgamentos e prescrições linguísticas”. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

REYES, Graciela. **Cómo escribir bien en español - Manual de Redacción**. 2 ed. Madrid: Arco/Libros S.L, , 1999.

RONA, José P. “¿Qué es un americanismo?”, **Simposio de México - Actas, Informes y Comunicaciones**. México: Universidad Autónoma de México, 1969.

RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, María del Carmen. **El Diccionario de la Real Academia de la Lengua del año 2000**. Disponível em [www.geocities/szamora.geo](http://www.geocities/szamora.geo). Acesso em 1999.

SECO, Manuel. “El léxico hispanoamericano en los diccionarios de la Academia Española”. In: **Boletín de la Real Academia**, t. LXVIII, 1988.

SECO, Manuel. **Estudios de Lexicografía Española**. 2 ed. aum. Madrid: Gredos, 2003.

SILVA, António de Moraes. **Dicionário da lingua portugueza**. Lisboa: Typografia Lacérdina, 1813.

SILVA, Edvania Gomes da. **Os (des)encontros da fé- Análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica**. São Paulo: Unicamp, 2006. Tese de Doutorado em Linguística, Orientador: Sirio Possenti.

SOLANO, Francisco. **Documentos sobre Política Lingüística en Hispanoamérica - 1492-1800**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.

TRASK, R.L. Dicionário de linguagem e lingüística. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

UFRJ. **Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses**. 3 ed. rev. atual. e ampl. , Sistema de Bibliotecas e Informação, 2004.

VERA, Francisco. **Evolución del pensamiento científico**. Buenos Aires: Sudamericana, 1945.

VERDELHO, Telmo. “As origens e o processo de transmissão da lexicografia moderna” (cap 2) e “Dicionários de língua” (cap 3). In **As Origens de Gramaticografia e da Lexicologia Latino-Portuguesas**. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

VILELA, Mario. "O dicionário do século XX (em comparação com os dicionários até agora existentes)". In **Actas II do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo, 1983**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

VILLA, Laura e DEL VALLE, José. **¡Oye! Língua e negócio entre o Brasil e a Espanha. Calidoscópico**. Vol. 6, n 1, p. 45-55, jan/abr 2008, Unisinos, 2008.

WERNER, Reinhold. "¿Qué es un diccionario de americanismos?", **Unidad y variación léxicas del español de América**, ed. WOTJAK G. e ZIMMERMANN K. Vervuert: Iberoamericana, 1994.

\_\_\_\_\_. "¿Cómo explicar el significado de unidades léxicas en los diccionarios diferenciales?" **Separata del Boletín de Filología**, tomo XXXIV, Santiago: Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Lingüística y Filología, 1993, 1994.

\_\_\_\_\_. "Principios diferenciales y contrastivos en la lexicografía del español americano". In **Presencia y destino - El Español de América hacia el siglo XXVI**, tomo I, Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1991.

## **DOCUMENTOS ELETRÔNICOS**

[http://www.accademiadellacrusca.it/primordi\\_fondazione.shtml](http://www.accademiadellacrusca.it/primordi_fondazione.shtml). Acesso em maio 2008 e agosto 2009.

<http://www.academie-francaise.fr/histoire/index.html>. Acesso em maio 2008 e agosto 2009.

<http://www.rae.es>, Acesso em 2002, em novembro 2005, em agosto 2006, em abril 2007, em 2008 e em 2009.

<http://buscon.rae.es/drael/>. Acesso em junho de 2008.

<http://asale.org/ASALE/ConAALEBD?IDDOC=1&menu=1>. Acesso em fevereiro 2009.

[http:// INEG.gob.mx](http://INEG.gob.mx) . Acesso em 2002 e 2005.

NUEVO TESORO LEXICOGRÁFICO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (NTLLE). In <http://www.rae.es>. Acesso em 2005, 2006, 2007, 2008, 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Visão geral prólogos e dicionários por época de edição

**XVII, XVIII: Iluminismo  
fim XVIII[?], XIX:(Contemporaneidade)**

<b>Dicionário acadêmico (tipo)</b>	<b>Título da obra</b>	<b>Data publicação</b>	<b>Edição</b>	<b>Nº de volumes</b>	<b>Título das páginas introdutórias</b>
Autoridades (DA)	Diccionario de la Lengua Castellana	1726 a 1739	1ª	6	Prólogo
Autoridades (DA)	Diccionario de la Lengua Castellana	1770	2ª	6	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1780	1ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1783	2ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1791	3ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1803	4ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1817	5ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1822	6ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1832	7ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1837	8ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1843	9ª	1	Prólogo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1852	10ª	1	Al Lector
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1869	11ª	1	Al Lector

Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1884	12 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1899	13 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Castellana	1914	14 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1925	15 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1936	16 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1939	16 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1947	17 <sup>a</sup>	1	Advertencia
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1956	18 <sup>a</sup>	1	Preámbulo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1970	19 <sup>a</sup>	1	Preámbulo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1984	20 <sup>a</sup>	2	Preámbulo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	1992	21 <sup>a</sup>	2	Preámbulo
Diccionario Usual (DRAE)	Diccionario de la Lengua Española	2001	22 <sup>a</sup>	2	Preámbulo

## APÊNDICE B – Modos de determinar/referir língua nos prólogos: amostras por séculos

### No século XVIII:

[DA, 1726]

Lengua

- 1) la grandéza y poder de la Léngua,
- 2) la grandéza y poder de la Léngua,
- 3) Theforo de la Léngua Castellana, ò Eſpañóla
- 4) dilatado Oceano de la Léngua Eſpañóla,
- 5) han tratado la Léngua Eſpañóla con la mayor propiedad y elegáncia:
- 6) fon próprias de la Léngua Eſpañóla,
- 7) Diccionario de fu Léngua:
- 8) la Léngua Eſpañóla fe entienden comúnmente por Vocabularios
- 9) otra Léngua, como Latina, Franceſa, ò Toſcana
- 10) fe vierten en otra Léngua
- 11) todas las voces de la Léngua
- 12) Diccionarios de la Léngua Franceſa,
- 13) Diccionario de la Léngua
- 14) hablar una y otra Léngua,
- 15) las palabras de la una, y de la otra Léngua
- 16) Diccionario de la Léngua Franceſa,
- 17) Diccionario de fu Léngua,
- 18) faltandole à la Léngua Eſpañóla el fuyo,
- 19) fin que fea fu fin emendar, ni corregir la Léngua
- 20) la energía y elegáncia de la Léngua,
- 21) la vivacidad y pureza de fu Léngua.
- 22) Léngua Lemofina
- 23) ninguna Léngua
- 24) las ha deſterrado de la Léngua
- 25) haver tratado la Léngua con mayor gallardía y elegáncia,
- 26) energía de la Léngua Eſpañóla
- 27) Es fecundíſima eſta Léngua en los diminutivos
- 28) Léngua mui voluntária,
- 29) las confunde la Léngua Eſpañóla

Idioma

- 1) lo que haſta ahóra no hemos viſto ejecutado en otro Idioma.
- 2) eſta eſſencial parte de explicar por eſcrito el Idioma

[DRAE, 1780]

Lengua, idioma, lenguaje: não há referências

### No século XIX

[DRAE, 1817]

Lengua

- 1) Diccionario de una lengua
- 2) lengua viva
- 3) Diccionario de la lengua castellana
- 4) conservación de la pureza de la lengua,
- 5) facilitar entre ellos el conocimiento de nuestra lengua



## 6) mejoras ortográficas de la lengua castellana

## Idioma

- 1) promover el conocimiento y perfeccion de nuestro idioma
- 2) no defraudar al público de parte alguna del caudal de nuestro idioma

## Lenguaje

- 1) novedades progresivas del lenguaje
- 2) lenguaje comun

## [DRAE, 1832]

## Lengua

- 1) Diccionario de la Lengua castellana
- 2) lengua latina

## Idioma

- 1) nuestro idioma
- 2) noble y magestuoso idioma de Castilla.
- 3) facilitar el estudio y conocimiento del idioma pátrio entre nacionales y extranjeros.

## Lenguaje

- 1) Como el uso, árbitro y juez del lenguaje
- 2) aceptación entre las demás del lenguaje.
- 3) por algunos sabios españoles celosos del buen lenguaje,
- 4) lenguaje comun,

## [DRAE, 1843]

## Lengua

- 1) alteración mas análoga al genio de nuestra lengua
- 2) que ocasionen en la lengua la variedad de circunstancias y la corriente de los años.
- 3) dar á conocer las palabras propias y adoptivas de la lengua castellana, sancionadas por el uso de los buenos escritores
- 4) Diccionario de la lengua castellana
- 5) el Diccionario de una lengua
- 6) Diccionario de la lengua comun,
- 7) Diccionario de la lengua
- 8) Diccionario comun de la lengua castellana
- 9) no tiene, ni presume tener otra autoridad ni otro oficio, que ir notando gradualmente los progresos de la lengua

## Idioma

- 1) Diccionario de cualquier idioma
- 2) un Diccionario de un idioma destinado al uso del público
- 3) el vocabulario comun de un idioma
- 4) enriquecen el idioma general
- 5) incorporados en el idioma general,
- 6) Solo así puede un Diccionario servir de norma á los que desean hablar y escribir su idioma con propiedad (p.1)

## Lenguaje

- 1) no han pasado al lenguaje social,
- 2) lenguaje comun de la sociedad,
- 3) lenguaje social
- 4) lenguaje comun

[DRAE, 1884]

Lengua

- 1) DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA se distingue
- 2) ejercían ya en nuestra lengua dominio incontrastable
- 3) el nuevo léxico de la lengua patria
- 4) léxico de una lengua viva nunca está definitivamente acabado
- 5) elevar el diccionario de la lengua castellana hasta el último grado de perfección

- 1) pro del idioma que es bien común

Idioma

- 2) Comisión encargada de estudiar los orígenes de nuestro idioma

Habla

- 1) palabras técnicas en el habla común.

**No século XX:**

[DRAE, 1925]

Lengua

- 1,2) lengua moderna comúnmente hablada y escrita en los países de lengua española por las personas cultas

- 3) nuestra lengua literaria y culta,

- 4) nuevo Diccionario adopta el nombre de "lengua española"

- 5) dos denominaciones de lengua castellana y española

- 6) lengua literaria principal de la Península

Idioma

- 1) antiguo fondo patrimonial de nuestro idioma.

Lenguaje

- 1) conforme con el lenguaje moderno.

Habla

- 1) incorporar al Diccionario la mayor parte del habla común de las personas ilustradas.(9)

[DRAE, 1956]

Castellano/lengua

- 1) si tal término griego ha entrado en el castellano directamente o a través de otra lengua;

- 2) el conocedor de la lengua que tenga a la vista la tabla de equivalencias podrá restablecer con exactitud la grafía árabe.

Lenguaje

- 1) tienen amplia difusión en el lenguaje

[DRAE, 1970]

- 1) Comisión Permanente de la Asociación de Academias de la Lengua Española.

- 2) lenguaje culto general

- 3) lenguaje familiar,

[DRAE, 1984]

Lengua

- 1) lengua oral y escrita,

2) Asociación de Academias de la Lengua Española

3) La ciencia etimológica aplicada a nuestra lengua  
Idioma

1) tendencias de nuestro idioma ya desde tiempos anteriores al siglo XVIII,

2) guardar la unidad del idioma oficial en tantos Estados independientes

### **No século XXI**

[DRAE, 2001]

Lengua

1) perfeccionamiento y actualización de su *Diccionario de la lengua española*.

2) si así lo quiere el uso, árbitro, juez y dueño en cuestiones de lengua

3) sin ocultar arbitrariamente los usos reales de la lengua.

4) lo que se ha llamado el genio de la lengua, [el genio de la lengua, sino, también, ajena a un purismo trasnochado]

Idioma

1) para poder ir reflejando la cambiante realidad del idioma.

Español

1) reflejo no solo del español peninsular sino del de todo el mundo hispanohablante.

2) *Banco de datos del español*

3) a la unidad del español.

APÉNDICE C – **Definiciones do verbete *ciencia*: comparações entre enunciados**

DA (letra C: 1729) e DA (1770)

DRAE (1780, 1783, 1791, 1817, 1822 e

1832)

<p>CIENCIA. S.f. Conocimiento cierto de alguna cosa por sus causas, y principios: por lo qual se llaman así las Facultades, como la Theología, Filosofia, Jurisprudencia, Medicina, y otras. Es del Latino <i>Scientia</i>, que significa esto mismo. FONSEC. Vid. De Christ. Tom. 4-pl. 678. Las <i>ciências</i> humanas, el poder y la justicia, todas son siervas del poder y de la Justicia Divina, y no pueden las <i>ciências</i> humanas subir al Alcazar en que reside la Sabiduria Divina, si ella misma no las llama y las convida, y dandolas la mano las ayúda. SAAV. Empr. 4. Los Ingenios mui entregados à la especulacion de las <i>ciências</i> son tardos en obrar, y tímidos en resolver. CERV. Perfil.lib.a.cap.I La tormenta creció de manera, que agotó la <i>ciência</i> de los Marinéros. CALDER. Com. La Estátua de Prometeo. Jorn. I.</p> <p>.....Y como es la mas celebrada <i>Cúria</i> de Artes y <i>ciências</i> de la <i>Siria</i>, donde de toda <i>Asia</i> cursan los mas floridos ingénios.</p> <p>CIENCIA ADQUIRIDA. La conseguida por medio de las taréas de aplicación al estudio. Lat. <i>Scientia studio comparata</i>.</p> <p>CIENCIA INFUSA. La infundida, ò inspirada por Dios nuestro Señor: como se la concedió al Rey Salomón. Lat. <i>Scientia divinitus tradita</i>. M. AGRED. Introd.num.17. Y pidió <i>ciência infus</i> al Señor para adornarme con ella.</p> <p>Cierta <i>ciência</i>.. Lo mismo que pleno conocimiento de causa. Suele ponerse esta phrase en los privilegios ù concesiones de mercédes Reales, para mayór firméza. Lat. <i>Cierta scientia</i>. RECOP. Lib. 5 tit. 10. 1.3. Aunque el Rey de su proprio motu, y <i>cierta ciencia</i>, y absoluto poderio quiera usar en tales enajenamientos.</p>	<p>CIENCIA. S.f. Sabiduría de las cosas humanas por principios ciertos, como los de la Matemática. Llámanse tambien ciencias algunas facultades, aunque no tengan esta certidumbre de principios, como la Filosofia, la Jurisprudencia, la Medicina, &amp;c. <i>Scientia, sapientia</i>.</p> <p>Á CIENCIA Y PACIENCIA. mod. adv. Que vale con noticia, permission y tolerancia de alguno. <i>Alio sciente, ac sinente</i>.</p> <p>CIERTA <i>CIÊNCIA</i> . Lo mismo que PLENO CONOCIMIENTO.</p> <p style="text-align: center;">DRAE (1843, 1852, 1869)</p> <p>CIENCIA. f. Sabiduría de las cosas humanas por principios ciertos, como los de las matemáticas. Llámanse tambien ciencias algunas facultades, aunque no tengan esta certidumbre de principios: como la filosofia, la jurisprudencia, la medicina etc. <i>Scientia, sapientia</i>. Á CIENCIA Y PACIENCIA. mod. adv. Con noticia, permission y tolerancia de alguno. <i>Alio sciente, ac sinente</i>. CIERTA <i>CIÊNCIA</i>.. PLENO CONOCIMIENTO. EXACTAS. Las que están sujetas a demostracion; como las matemáticas. NATURALES. Las que tienen por objeto la investigacion de la naturaleza material de otros seres.</p>
<p>DRAE (1884, 1899)</p> <p><b>Ciencia.</b> (Del lat. <i>scientia</i>; de <i>sciens</i>,</p>	<p>DRAE (1914, 1925, 1936-39, 1947, 1956, 1970)</p> <p><b>Ciencia.</b> (Del lat. <i>scientia</i>; de <i>sciens</i>,</p>

<p>instruído, hábil.) <i>f.</i>Conocimiento cierto de las cosas por sus principios y causas.// Cuerpo de doctrina metódicamente formado y ordenado. Que constituye un ramo particular del humano saber. // fig. Saber ó erudición. <i>Tener mucha, ó poca, CIENCIA; ser un pozo de CIENCIA; hombre de CIENCIA y virtud.</i>// fig. Habilidad, maestría, conjunto de conocimientos en cualquier cosa. La <i>CIENCIA del caco, del palaciego, del hombre vividor.</i>//Cierta ciencia. Pleno conocimiento. //Gaya ciencia. Arte de la poesía. // Ciencias exactas. Las que sólo admiten principios, consecuencias y hechos rigurosamente demostrables. //Por antonomasia, matemáticas.// naturales. Las que tienen por objeto el conocimiento de las leyes y propiedades de los cuerpos.//. <i>Á</i> ciencia y paciencia. m. adv. Con noticia, permisión y tolerancia de alguno.</p>	<p>instruído, ciente.)  <i>f.</i>Conocimiento cierto de las cosas por sus principios y causas.// Cuerpo de doctrina metódicamente formado y ordenado. Que constituye un ramo particular del humano saber. // fig. Saber ó erudición. <i>Tener mucha, ó poca, CIENCIA; ser un pozo de CIENCIA; hombre de CIENCIA y virtud.</i>// fig. Habilidad, maestría, conjunto de conocimientos en cualquier cosa. La <i>CIENCIA del caco, del palaciego, del hombre vividor.</i>//Cierta ciencia. Pleno conocimiento. //Gaya ciencia. Arte de la poesía. // Ciencias exactas. Las que sólo admiten principios, consecuencias y hechos rigurosamente demostrables. //Por antonom., matemáticas.// naturales. Las que tienen por objeto el conocimiento de las leyes y propiedades de los cuerpos.// <i>Á</i>, o de, ciencia cierta. m. adv. Con toda seguridad, sin duda alguna. Úsase, por lo común, con el verbo <i>saber.</i>// <i>A</i> ciencia y paciencia. m. adv. Con noticia, permisión y tolerancia de alguno.</p>
--	---

DRAE (1984)	DRAE (1992)
<p><b>ciencia.</b> (Del lat. <i>scientia</i>.)  <i>f.</i>Conocimiento cierto de las cosas por sus principios y causas.// 2.Cuerpo de doctrina metódicamente formado y ordenado. Que constituye un ramo particular del humano saber. // 3.fig. Saber o erudición. <i>Tener mucha, o poca, CIENCIA; ser un pozo de CIENCIA; hombre de CIENCIA y virtud.</i>// 4,fig. Habilidad, maestría, conjunto de conocimientos en cualquier cosa. La <i>CIENCIA del caco, del palaciego, del hombre vividor.</i>//5. hombre de ciencia.//6. Conjunto de</p>	<p><b>ciencia.</b> (Del lat. <i>scientia</i>.)  1. <i>f.</i> Conocimiento cierto de las cosas por sus principios y causas.//2. Cuerpo de doctrina metódicamente formado y ordenado, que constituye un ramo particular del saber humano.//3. fig. Saber o erudición. <i>Tener mucha, o poca, CIENCIA; ser un pozo de CIENCIA; hombre de CIENCIA y virtud.</i>//4. fig. Habilidad, maestría, conjunto de conocimientos en cualquier cosa. La <i>CIENCIA del caco, del palaciego, del hombre vividor.</i>//5. V. hombre de ciencia.//6.</p>

<p>conocimientos relativos a las ciencias exactas, fisicoquímicas y naturales. <i>Facultad de CIENCIAS</i>, a diferencia de <i>Facultad de LETRAS</i>. // ficción. Género de obras literarias o cinematográficas, cuyo contenido se basa en hipotéticos logros científicos y técnicos del futuro. // <i>gaya ciencia</i>. Arte de la poesía. // ciencias exactas. Decíase especialmente de las matemáticas. // humanas. Las que se ocupan de los aspectos del hombre y de la sociedad no estudiados en las ciencias naturales, como psicología, antropología, sociología, historia, etc. // naturales. Las que tienen por objeto el estudio de la naturaleza (geografía, botánica, zoología, etc., a veces se incluyen la física, la química, etc.). // ocultas. Conocimientos y prácticas misteriosos, como la magia, la alquimia, la astrología, etc., que desde la antigüedad, pretenden penetrar y dominar los secretos de la naturaleza. // sociales. Aplícase a menudo a las ciencias humanas // <i>á</i>, o de, ciencia cierta. loc. adv. Con toda seguridad, sin duda alguna. Ú. por lo común, con el verbo <i>saber</i>. // a ciencia y paciencia. loc. adv. Con noticia, permisión y tolerancia de alguno.</p>	<p>pl. Conjunto de conocimientos relativos a las ciencias exactas, fisicoquímicas y naturales. Facultad de CIENCIAS, a diferencia de Facultad de LETRAS. // ficción. 1. Género de obras literarias o cinematográficas, cuyo contenido se basa en hipotéticos logros científicos y técnicos del futuro. // <i>infusa</i>. 1. Saber no adquirido mediante el estudio. Ú. m. en sent. irón. // <i>pura</i>. 1. Estudio de los fenómenos naturales y otros aspectos del saber por sí mismos, sin tener en cuenta sus aplicaciones. // <i>gaya ciencia</i>. 1. Arte de la poesía. // ciencias exactas. 1. Matemáticas. // humanas. 1. Las que, como la psicología, antropología, sociología, historia, filosofía, etc., se ocupan de aspectos del hombre no estudiados en las ciencias naturales. // naturales. 1. Las que tienen por objeto el estudio de la naturaleza (geología, botánica, zoología, etc., a veces se incluyen la física, la química, etc.). // ocultas. 1. Conocimientos y prácticas misteriosos, como la magia, la alquimia, la astrología, etc., que, desde la antigüedad, pretenden penetrar y dominar los secretos de la naturaleza. // sociales. 1. Aplícase a menudo a las ciencias humanas. // <i>a</i>, o de, ciencia cierta. 1. loc. adv. Con toda seguridad, sin duda alguna. Ú. por lo común con el verbo <i>saber</i>. // a ciencia y paciencia. 1. loc. adv. Con noticia, permisión o tolerancia de alguno.</p>
--	---

DRAE (2001)	
<p><b>Ciencia.</b> (Del lat. <i>scientia</i>).</p> <p>1. f. Conjunto de conocimientos obtenidos mediante la observación y el razonamiento, sistemáticamente estructurados y de los que se deducen principios y leyes generales.</p> <p>2. f. Saber o erudición. <i>Tener mucha, o poca, ciencia. Ser un pozo de ciencia. Hombre de ciencia y virtud.</i></p> <p>3. f. Habilidad, maestría, conjunto de</p>	

conocimientos en cualquier cosa. *La ciencia del caco, del palaciego, del hombre vividor.*

**4.** f. pl. Conjunto de conocimientos relativos a las **ciencias** exactas, fisicoquímicas y naturales. *Facultad de Ciencias*, a diferencia de *Facultad de Letras*.

~ **ficción.**

**1.** f. Género de obras literarias o cinematográficas, cuyo contenido se basa en hipotéticos logros científicos y técnicos del futuro.

~ **infusa.**

**1.** f. Conocimiento recibido directamente de Dios.

**2.** f. Saber no adquirido mediante el estudio. U. m. en sent. irón.

~ **pura.**

**1.** f. Estudio de los fenómenos naturales y otros aspectos del saber por sí mismos, sin tener en cuenta sus aplicaciones.

~**s exactas.**

**1.** f. pl. **matemáticas.**

~**s humanas.**

**1.** f. pl. Las que, como la psicología, antropología, sociología, historia, filosofía, etc., se ocupan de aspectos del hombre no estudiados en las **ciencias** naturales.

~**s naturales.**

**1.** f. pl. Las que tienen por objeto el estudio de la naturaleza, como la geología, la botánica, la zoología, etc. A veces se incluyen la física, la química, etc.

~**s ocultas.**

**1.** f. pl. Conocimientos y prácticas misteriosos, como la magia, la alquimia, la astrología, etc., que, desde la antigüedad, pretenden penetrar y dominar los secretos de la naturaleza.

~**s puras.**

**1.** f. pl. Las que no tienen en cuenta su aplicación práctica.

~**s sociales.**

**1.** f. pl. **ciencias humanas.**

**gaya** ~.

**1.** f. cult. **gaya doctrina.**

**a** ~ **y paciencia.**

**1.** loc. adv. Con noticia, permisión o tolerancia de alguien.

**a**, o **de**, ~ **cierta.**

**1.** locs. advs. Con toda seguridad, sin duda alguna. *Saber a ciencia cierta.*

**no tener**, o **tener**, algo **poca** ~.

**1.** locs. verbs. coloqs. Ser fácil de realizar.

**ser**, o **parecer**, algo **de** ~ **ficción.**

**1.** loc. verb. Resultar increíble por su

exageración o demasiado fantástico.

V.

**árbol de la ciencia del bien y del mal**



## APÊNDICE D – Quem elabora prólogos?

Tendo em conta as funções dos prefácios como introdutores da obra lexicográfica (ver capítulo 3) , é oportuno refletir sobre *quem* (ou “quens”) elabora tais páginas apresentadoras.

Examinando as páginas de abertura de vários dicionários de língua disponíveis, se observa que as introduções variam quanto às origens/características dos elaboradores. São reconhecidas aqui algumas possibilidades, sem que haja a pretensão de alcançar seu esgotamento:

(i) o lexicógrafo (ou lexicógrafos) pode identificar-se como o autor do dicionário e comentar a obra, como, por exemplo, faz António Morais no primeiro dicionário monolíngue de língua portuguesa:

*“Apliquei me pois á lição delles, e succedia me isto em terra estranha, onde me levarão [...]”* (*Diccionario da língua portugueza*, de António de Morais Silva, 1813, grifo nosso);

Nesse momento, o *eu* é assumido, toma a palavra e se mostra explicitamente.

(ii) a editora (ou o editor) informa sobre o dicionário;

*Señas é* o primeiro dicionário de espanhol concebido para estudantes brasileiros. **Compõe-se** de uma base monolíngüe constituída pelo *Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños* (ver a “Apresentação da edição espanhola) elaborado pela Universidad de Alcalá de Henares. Este dicionário, com 22.000 entradas e mais de 45.000 significados, **traz** definições simples e claras, escritas com um vocabulário restrito e 2.000 palavras definidoras, com a finalidade precípua de responder às necessidades que têm os não-falantes de espanhol ao estudarem essa língua.(...) (“Apresentação da edição brasileira” do *SEÑAS - Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños*, 2006, assinada por O EDITOR, grifo nosso)

Patrimônio comum dos povos que nela se expressam, a língua portuguesa sempre teve, nas sucessivas edições atualizadas deste dicionário, o índice mais elevado da sua lexicografia. Ideado em Portugal, cercado desde o início pelo carinho e compreensão de prestimosos editores, bem cedo passou o “Dicionário Contemporâneo” a irradiar no Brasil as suas generosas luzes. (...)

**Temos**, pois, realizado o propósito que estimulou os **nossos** esforços neste amplíssimo empreendimento: estender a todo o mundo de fala portuguesa o precioso cabedal do “Dicionário Contemporâneo”, emprestar-lhe ainda maior vitalidade com uma atualização em forma e conteúdo, alargar para uma ativa circulação os benefícios que esta obra emérita vem prestando ao Brasil e a Portugal. (“Nota dos Editôres” do *Caldas Aulete - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 1958, sem assinatura, grifo nosso.)

As *peessoas* variam nos prólogos, que podem estar escritos em primeira do plural (nós) como no *Caldas Aulete*. Ainda, em terceira, no *Señas* (o dicionário é, *traz*), que opta pela *neutralização* para apresentar a obra.

(iii) a instituição responsável pela elaboração compõe o prólogo:

“*Oy la Real Academia Española dá principio al Diccionario de la Lengua*, (DA, RAE, 1726, grifo nosso); ou “*Esta es la edicion que publicó la Academia en el año de 1780, y que ahora repite por quinta vez, esperando que tendrá tan favorable acogida como las anteriores*” (DRAE, 1817, grifo nosso).

(iv) um autor literário, que não pertence ao círculo lexicográfico, introduz a obra;

**Tenía** cinco años cuando mi abuelo el coronel me **llevó** a conocer los animales de un circo que estaba de paso em Aracataca. El que más **me llamó** la atención fue una especie de caballo maltrecho y desolado com una expresión de madre espantosa. “Es un camello”, **me dijo** el abuelo. Alguien que estaba cerca le salió al paso. “Perdón, coronel”, le **dijo**. “Es un dromedario”. (...)

Aquella tarde del circo **volvió** abatido a casa y me **llevó** a su sobria oficina con un escritorio de cortina, un ventilador y un librero con un solo libro enorme. Lo **consultó** con una atención infantil, (...) Al final **me puso** el mamotreto en el regazo y me **dijo**:

-Este libro no solo lo sabe todo, sino que es el único que nunca se equivoca.

**Era** el diccionario de la lengua (...)

(parte inicial do “PRÓLOGO” de CLAVE – Diccionario de uso del español actual, 2000, assinado pelo escritor Gabriel García Márquez, grifo nosso)

É empregada a terceira do singular no dicionário da *Real Academia Espanhola* (sobre a própria instituição) e no *Señas* (sobre o dicionário). É possível observar mesclas (primeira e terceira do singular) em um período que inclui narração/descrição, exemplo do *CLAVE* (iv).

Na amostragem feita, as variações na constituição de páginas de abertura de dicionários de língua portuguesa e espanhola trazem desde as formas mais padronizadas e comuns (elaboradas pelos editores, pela instituição), até a inclusão de textos não canônicos em relação ao que se representa esquematicamente como “prefácio de dicionário”.

É possível reconhecer que essas introduções têm importância, “peso”, autoridade, nas obras lexicográficas, como assevera Nunes (2006). Isso faz com

que surjam outras formas menos usuais de apresentação que levam o título *prólogo*, como a que introduz (incluído aqui como exemplo somente o trecho inicial), o dicionário espanhol *Clave*, elaborada pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez.<sup>102</sup>

Observou-se anteriormente que os prefácios trazem os objetivos do dicionário e as imagens que o organizador (ou organizadores) da obra lexicográfica tem (ou têm) da *língua* em que foi elaborada e do que constitui (ou deve constituir) um *dicionário* (aqui, um dicionário de língua). Tais características permitem que o leitor identifique o texto produzido como pertencente ao *gênero* “prólogo”, do mesmo modo que reconheceria uma receita culinária ou uma história em quadrinhos - pelos traços que social e historicamente conformam os *gêneros* e fazem parte de seu conhecimento de mundo como leitor.

---

<sup>102</sup> *Clave* apresenta dois textos intitulados *prólogo*, um elaborado pelo lingüista Humberto López Morales, que trata da unidade e diversidade do espanhol e outro, por García Márquez, que a partir do trecho copiado neste trabalho, reflete sobre a importância do dicionário na sua função enquanto escritor (*CLAVE*, 2000, Prólogo).

## ANEXOS

## ANEXO A - PRÓLOGOS DO DICIONÁRIO DE AUTORIDADES

1726

## PROLOGO.

**E**l principal fin, que tuvo la Real Académia Española para su formación, fue hacer un Diccionario copioso y exacto, en que se viesse la grandéza y poder de la Léngua, la hermosúra y fecundidad de sus voces, y que ninguna otra la excede en elegáncia, phrasés, y pureza: siendo capáz de expressarse en ella con la mayor energía todo lo que se pudiese hacer con las Lénguas mas principales, en que han florecido las Ciéncias y Artes: pues entre las Lénguas vivas es la Española, sin la menor duda, una de las mas compendiosas y exprefsivas, como se reconoce en los Poétas Cómicos y Lyricos, à cuya c primorosas de Europa, y tan fecunda, que se hallan en ella, entre obras de singular artificio, cinco Novelas de bastante cuerpo, compuestas con tal especialidad, que en cada una de ellas en todas las voces, que en sí contienen, falta una de las cinco vocáles: lo que hasta ahora no hemos visto ejecutado en otro Idioma,. Esta obra tan elevada por su asunto, como de grave peso por su composición, la tuvo Académia por precisa y casi inexcusable, antes de empeñarse en otros trabájos y estúdios, que acreditassen su desvelo y aplicación: porque hallandose el Orbe literario enriquecido con el copioso número de Diccionarios, que en los Idiomas, ò Lénguas extrangeras se han publicado de un siglo à esta parte, la Léngua Española, siendo tan rica y poderosa de palabras y locuciones, quedaba en la mayor obscuridad, pobreza è ignorancia, aun de los próprios que la manejan por estudio, y remóta enteramente à los extrangeros, sin tener otro recurso, que el libro del Tesoro de la Léngua Castellana, ò Española, que sacò à luz el año de 1611. Don Sebastian de Covarrubias, y despues reimprimiò Gabriel de Leon en el año de 1672, añadido de algunas voces y notas por el Padre Benito Remigio Noidens de los Clerigos Regulares Menores.

2 Es évidente que à este Autor le debe la glória de haver dado principio à obra tan grande, que ha servido à la Académia de clara luz en la confusa obscuridad de empreñà tan infligie; pero à este sabio Escritor no le fué fácil agotar el dilatado Oceano de la Léngua Española, por la multitud de sus voces: y así quedo aquella obra, aunque loable, defectuosa, por faltarla crecido número de palabras; pero la Real Academia, venerando el noble pensamiento de Covarrubias, y siguiendole en las voces en que halló proporción y verisimilitud, ha formado el Diccionario, sujetandose à aquellos principios, y continuando despues debaxo de las reglas que la han parecido mas adecuadas y convenientes, sin detenerse con demasiada reflexión en el origen y derivación de las voces: porque además de ser trabájo de poco fruto, sería penoso y desagradable à los Lectores, que regularmente buscan la propiedad del significado: y el origen ò la derivación, quando no es muy evidente y claro, quedaba siempre sujeto à varios conceptos, despues de ser desapacible su lección, y que ocasionaría un volumen fastidioso y dilatado.

3 Como bafa y fundamento de este Diccionario, se han puesto los Autores que ha parecido à la Academia han tratado la Léngua Española con la mayor propiedad y elegáncia: conociendose por ellos su buen juicio, claridad y proporción, con cuyas autoridades están afianzadas las voces, y aun algunas, que por no practicadas se ignora la noticia de ellas, y las que no están en uso, pues aunque son propias de la Léngua Española, el olvido y mudanza de términos y voces, con la variedad de los tiempos, las ha hecho ya incultas y despreciables:

como igualmente ha sucedido en las Lenguas Toscana y Francesa, que cada dia se han pulido y perfeccionado mas: contribuyendo mucho para ello los Diccionarios y Vocabularios, que de estos Idiomas se han dado à la estampa, y en lo que han trabajado tantas doctas Académias: sobre lo que es bien reparable, que habiendo sido Don Sebastian de Covarrubias el primero que se dedicó à este nobilísimo estudio, en que los extrangeros siguiendole se han adelantado con tanta diligencia y esmero, sea la Nación Española la última à la perfección del Diccionario de su Lengua: y sin duda no pudiera llegar á un fin tan grande à no tener un fomento tan elevado como el de su Augusto Monarca.

4 Para la formación de este Diccionario se han tenido presentes los de las Lenguas extrangeras, y especialmente el Vocabulario de la Crusca de Florencia, cuya última edición, que fue la tercera, se hizo el año de 1691., y no le llama Vocabulario, porque en la Lengua Española se entienden comúnmente por Vocabularios los libros en que se expresan las voces, sin explicarlas, ni adornarlas con etymologías y phrases que se vuelven en otra Lengua, como Latina, Francesa, ò Toscana, y por Diccionarios se entienden los libros, donde no solo se vierten en otra Lengua los vocablos, sino que se explica su naturaleza, y el sentido de las phrases, quando la voz se junta con otra, ò otras: y siendo de esta idea el actual, ha parecido à la Academia con este fundamento llamarle Diccionario, no pudiendose dudar de esta común aprehensión en las voces Diccionario, y Vocabulario, aun que en la realidad parezcan à primera luz synonymas, como lo son sus raíces *Dicción*, y *Vocablo*. En este Diccionario se ponen generalmente todas las voces de la Lengua, estén, ò no en uso, con algunas pertenecientes à las Artes y Ciencias, para que con su noticia se pueda saber su significado con la proporción correspondiente: y aunque se ha procurado con la vigilancia posible poner todas las voces con los significados mas propios, sin duda que en esta primera impresión se echarán menos algunas, y se notarán otras con muchos errores, ò equivocaciones, en que inculpablemente se haya incurrido: pero una obra tan grande como la del Diccionario no puede salir de una vez con toda la perfección que debe, por el inmenso trabajo que ha costado el hallar las voces, sus significados, y las autoridades que corresponden à cada una: y así es preciso que se noten muchos defectos: porque como depende de excitación de especies, y de retención en la memoria, no es posible apurarla en toda perfección: además, que ningun Vocabulario, ni Diccionario salió de la primera edición tan perfecto, que no haya sido preciso corregirle, y emendarle en las siguientes impresiones: y con ser tan amplio el de la Academia de la Crusca, al tiempo de la última impresión se notaron algunos errores, que en el Prólogo se ofrece emendarlos en la siguiente: la qual no se ha repetido hasta ahora desde el año de 1691. y reconociendose el progreso de los Diccionarios de la Lengua Francesa, es evidente que aquella Real Academia, que se empezó à establecer el año de 1629. tuvo por principal objeto formar un Diccionario de la Lengua. El qual no le concluyó hasta el año de 1694. que se publicó la primera impresión; aunque el de 1675. se imprimió en París el Diccionario Francés y Latino por el Abad Danet, de orden de aquel gran Rey Luis XIV. Para el uso de los estudios del serenísimo Delphin, que el año de 1712. se volvió à estampar, enriquecido de los mejores modos de hablar una y otra Lengua, con notas de Crítica y de Grammatica, cuya obra es excelente: y en el año de 1680. P. de Richeler imprimió en Ginebra su Diccionario Francés, con advertencias bien curiosas; pero habiendo fallecido Antonio Furetiere, Abad de Chalivoy, y de la Academia Francesa, se estampò con su nombre en el Haya, y Roterdán el año de 1694. el Diccionario universal, con todas las palabras Francesas, así antiguas, como nuevas, y los términos de todas las Artes y Ciencias, en tres volumenes en quarto: cuya impresión se acaba de aumentar en quatro libros en folio, que en fin del año pasado de 1725. se han impreso en el Haya. La Academia Francesa emendando su Diccionario, le volvió à estampar en París en dos tomos en folio el año de 1718. sumamente corregido y aumentado; pero à todos estos adelantó el universal Francés y Latino, que apareció en aquella ilustre y grande República literaria, y contiene la significación, y definición, tanto de las palabras de la una, y de la otra Lengua con

sus diferentes uso, como de los términos propios de cada estado y profesión, la descripción de todas las cosas naturales y artificiales, sus figuras, especies, usos y propiedades, la explicación de todo lo que encierran las Ciencias y Artes liberales, y mecánicas, con notas erudición, y de crítica, obra de los R.R.P.P. de la Compañía de Jesus del Colegio de Trevous, Capital de la soberanía de Combes, que el año de 1721. ilustraron, y engrandecieron en segunda impresión en quatro volúmenes muy gruesos: con cuya frecuencia de impresiones, y con estos últimos Diccionarios se ha perfeccionado una empresa tan árdua como el Vocabulario, ò Diccionario de la Lengua Francesa, en que hombres tan insignes, y grandes por su sabiduría se emplearon con singular diligencia cerca de un siglo: pues Richelet dice en su Prólogo el año de 1680. *Que personas ilustres en las letras trabajaban cerca de quarenta y tres años en una obra de esta calidad:* y aun cada dia la están adelantando y puliendo, como se reconoce en la frecuente repetición de impresiones. Oy la Real academia Española dá principio al Diccionario de su Lengua, con la satisfacción y gloria de ser la primera À romper tantas y tan insuperables dificultades como se han ofrecido en su práctica: y las Críticas que se hicieren à esta dilatada obra, si fueren apreciables, servirán de luz para corregirla en la segunda impresión; pero sino fueren estimables, quedarán sepultadas en su propio desprecio.

5 El amor à las letras, y la cultura y pulidéz del trato humano ha reducido casi todas las Ciencias, ò Artes À Diccionarios, intentando que por ellos se aprendan y sepan. Mas acomodado y de menos fatiga es su estudio; pero la opinión de los Sabios es que la edición de los Diccionarios ha perjudicado mucho à la República literaria, porque no se estudian las Ciencias con sólidos fundamentos, sino por la ligera superficie de la explicación de las voces, ò términos sueltos y divididos por Abecedario, en los Diccionarios. Esta evidente senténcia no se debe entender, ni comprehende à los Diccionarios de las Lénguas, donde se expresan los significados de las voces, su variedad, el sentido de cada una, sus phrasas y elegancia, cuya inteligencia y estudio es preciso à propios y extraños, y el método mas regular y facil es el de los Diccionarios: y por esta razón han sido tan apreciables todos los que han salido hasta ahora en los países extraños: y faltandole à la Lengua Española el suyo, ha sido este el principal empeño de la Academia, sin que sea su fin emendar, ni corregir la Lengua (con cuya vulgaridad se ha impugnado su instituto) sí solo explicar las voces, phrasas, y locuciones, desterrar y dar à conocer los abusos introducidos, para lo qual no ha omitido explicar muchas voces antiquadas, algunas que tienen ya menos uso, y calificar la energía y elegancia de la Lengua, así para el uso de los extrangeros, como para curiosidad de la Nación: y sobre todo para su mayor aplúso y gloria, porque es común vanidad de todas hacer pública la vivacidad y pureza de su Lengua.

6 Es muy grande el descuido, ò ignorancia que se padece en la Orthographía, aunque en ninguna Lengua habrá mas tratados de esta esencial parte de explicar por escrito el Idioma, porque pasan de treinta Autores los que han escrito sobre la Orthographía Castellana. La Academia no se ha introducido à impugnar, ni calificar à ninguno, y para su propio uso ha establecido, y fijado su Orthographía, porque su intención no es enseñar, sino proceder por sí, constante en el modo de escribir, siguiendo para este fin las reglas que le han parecido mas proporcionadas de los mismos Autores que han escrito de este asunto: como se comprueba por el tratado de Orthographía, que figure à este Prólogo: en cuya inteligencia se podrá seguir el método que pareciere conveniente, pues en tanta confusa variedad no podrá faltar comprobación.

7 Por lo que mira à las Etymologías hace la Academia la misma ingénuo expresión, como se reconocerá por el discurso de ellas, que en adelante se pone. Habla la Academia de las Etymologías con el pulso y moderación que corresponde al peligro de errar: y tiene por mas congruentes evitar muchas, antes que exponerse à un error cierto, que justamente se le impugnasse.

8 De las voces propias pertenecientes à Artes liberales y mecánicas ha discurrido la Académia hacer un Diccionario separado, quando este se haya concluído: por cuya razón se ponen solo las que han parecido mas comunes y precisas al uso, y que se podían echar menos.

9 En el cuerpo de esta obra, y en el lugar que les corresponde, se ponen varias voces peculiares y propias, que se usan frecuentemente en algunas provincias y reinos de España, como en Aragón, Andalucía, Asturias, Murcia, &c. aunque no son comunes en Castilla: y en las de Aragón se omiten las que vienen de la Lengua Lemofina, y no están autorizadas con los Fueros, Leyes, y Ordenanzas de aquel reino.

10 Tambien se anotan las voces de la Geringonza ò Germanía, de que suelen usar los que vulgarmente se llaman Gitanos, y los precitados de guapos para entenderse entre sí, segun la explicación que de ellas hizo Juan Hidalgo en su Vocabulario, y se halla en el de las Lenguas Españolas y Francesa de César Oudin, impresso en Bruselas el año de 1625. así por ser casi todas las dichas palabras en su formación Castellanas, aunque tomadas en diverso significado, como por encontrarse muchas veces en algunas obras jocosas de prosa y verso de autores clásicos, à fin de que se entienda y perciba al sentido en que las usaron.

11 Las citas de los Autores para comprobación de las voces, en unas se ponen para autoridad, y en otras para ejemplo, como las voces que no están en uso, y el olvido las ha desterrado de la Lengua, de calidad que se haría extraño y reparable el que hablase en voces Castellanas antiguas, que ya no se practican; pero aunque la Académia (como se ha dicho) ha elegido los Autores que la han parecido haver tratado la Lengua con mayor gallardía y elegancia, no por esta razón se dexan de citar otros, para comprobar la naturaleza de la voz, porque se halla en Autor nacional, fin que en estas voces sea su intento calificar la autotidad por precisión del uso, fino por afianzar la voz: y en los Autores que la Académia ha elegido para comprobar las voces por castizas y elegantes, se ponen las citas, sin graduación ni preferencia entre sí, evitando hacer este juicio comparativo, siempre odioso: pues solo ha puesto el cuidado de citar los que usaron con la mayor propiedad la voz de que se habla.

12 Los synonymos que se ponen en este Diccionario, para declarar è ilustrar las voces, son pocos; pero los mas escogidos, semejantes, inmediatos al significado, porque bien examinada la energia de la Lengua Española, son muy limitados los synonymos que en ella corresponden enteramente: y así se ha determinado omitirlos, no haciendo falta para la explicación de las voces, y solo se expresan los que no admiten duda en lo conforme de la significación.

13 Es fecundísima esta Lengua en los diminutivos, y aumentativos, cuyas derivaciones son varias en *ito*, en *illo*, en *ote*, en *azo*: como de *perro*, *perrito*, *perrillo*, *perrote*, *perrazo*, de *macho*, *machito*, *machillo*, *machote*, *machazo*, ò en *ita*, y en *illa*: como de *tabla*, *tablita*, *tablilla*, *tablote*, *tablazo*: y de este genero se pueden sacar diminutivos, y aumentativos de casi todas las voces, como igualmente los superlativos, porque en esto es la Lengua muy voluntaria, cuya expresión sería sumamente difusa y penosa, y en este Diccionario se ponen solo los mas usados, y que se hallan autorizados por los Escritores escogidos.

14 Se han puesto todas y solas las voces apelativas Españolas, observando rigurosamente el orden Alfabético en su colocación: y así todas se deben buscar por él, y no por sus raíces y voces primitivas de quienes se derivan, habiendo tenido la Académia este método por mas claro: del qual solo se exceptúan los participios de los verbos, porque en ellos para mayor brevedad, y no repetir todos los significados de cada uno (que algunas veces son muchos) se ponen inmediatos à los verbos, no observando en ellos el rigor Alfabético, en cuyo orden varias veces tuvieran lugar muy lejos de sus verbos, y las mas antes que estos, lo que sería de notable desproporción: y han quedado excluidas del Diccionario todas las voces y nombres propios de personas y lugares, que pertenecen à la Historia, y à la Geographía, y se han excusado tambien todas las palabras que significan desnudamente objeto indecente: y en cada voz se explica la parte que es de la oración, si verbo, nombre, ò participio, &c. con la

advertencia de haver puesto en los verbos los tiempos que tienen irregulares: como en *andar*, *anduve*, en *traer*, *traxe*, y lo anómalo de otros verbos.

15 La primera vez que se ponen las voces para explicarlas se han escrito con letras verdiales, para que se puedan hallar con mayor facilidad, y quando se repiten en artículo aparte, por razón de tener otro sentido, ò estar en principio de phrase, ò refrán, se ponen con versalillas. Y atendiendo à que en las fundiciones de esta especie de letras no hai acentos, y que para noticia del modo de pronunciar la voz podrían hacer falta, se ha tomado el medio de que à las dicciones, que en los artículos de su explicación ván repetidas en las autoridades ù por otro motivo, se les ponen alli los acentos que les corresponden, y en las que no hai esta oportunidad se repiten de letra pequeña entre paréntesis, inmediatamente à las verdiales, y se les ponen los acentos que necesitan: y aun esta circunstancia se fueletambien excusar en aquellas cuya pronunciación es conocida de todos, como los infinitivos de los verbos, que no se puede ignorar ser larga la última syllaba, y en los participios en que lo es la penúltima.

16 Se refieren las voces primitivas con su definición, descripción, ò etimología, y las derivadas y compuestas, y las pocas que hai synónimas, con los epítetos mas usados, sus phrasés, y los refranes que convienen con las propias voces, y son mas morales: omitiendo la Academia referirlos todos, porque algunos son sumamente sencillos, y de literal significación: además, que haviendose estampado en los años de 1555. de 1568. y 1619. los refranes ò adagios, que recogió en romance y glosó Hernan Nuñez de Guzman, llamado el Pinciano, y mas comunmente el Comendador Griego, y antes juntó en gran parte el Marqués de Santillana Don Iñigo Lopez de Mendoza, impressos en Sevilla en el año de 1508. y la Philosophía vulgar de Juan de Malára en mil refranes glossados, y los que explicó y sacó à luz el año de 1675. el Licenciado Geronimo Martin Caro y Cejúdo, y otros Autores, sería trabajo mui inútil expresar los que no tienen moralidad, y buen sentido, quando todos ò las mas se pueden ver en los Autores que los han impresso.

17 Despues de todas las acepciones que convienen à cada voz, y ván en artículos aparte, se ponen todas las phrasés que le corresponden, y luego los refranes, observando tambien en uno y otro el riguroso orden Alfabético.

18 En la versión Latina de las voces ha procurado poner la Academia la mayor conformidad; aunque muchas veces es casi imposible convertir igualmente la voz Castellana en otra Latina, por cuya razón para inteligencia de los extrangeros se ha usado de algunas phrasés en los casos que ha sido preciso, con el deseo de la mayor claridad, y conocimiento de los Lectores: y tambien por evitar no volver la voz Española en otra Latina, menos expresiva, y no tan correspondiente.

19 Algunos Autores se han citado por los folios, ò páginas de sus obras, para mas conveniencia de quien quisiere cotejar la autoridad que se refiere: y tambien porque no dividiendose sus escritos por Capítulos, ò con otro género de distinciones, ha sido preciso usar de este método, para la comprobación, si se buscare: y para inteligencia de las cifras de sus nombres y obras, se pone al principio de cada tomo la declaración conveniente de los Autores que en él se citan.

20 Los verbos se han de buscar por los infinitivos: como *arrojar*, *atender*, *herir*. Los nombres adjetivos se deben buscar en su terminación masculina.

21 Los refranes se hallarán en su voz dominante, y quando tienen dos, en una ò en otra: y las phrasés se encontrarán de la misma suerte, aunque por lo general ván puestas en el verbo que les corresponde.

22 La *V*, y la *B*, las confunde la Lengua Española, por la poca advertencia y por esta razón no se puede dár regla fixa. En el tratado de Orthographía, que la Academia ha hecho para su uso, se explica la diferencia de estas dos letras: y quien buscare alguna voz, como *avilantes* en la *a*, y *b*, fino hallare, la encontrará en la *av*, *avilantéz*.



23 Las voces principales, que figuen el orden Alphabético, están escritas en todas sus letras, segun el tratado de Orthographía; pero se debe advertir, que en la explicación de las voces, y en los textos de los Autores citados, se encontrará alguna variedad, ocasionada así por la incuria de los Impressores, como porque en algunas voces es muy dudosa la letra con que se deben escribir, hallandose en ellas *B*, ò *V*, cuya determinación es de bastante estudio: y hasta que estas voces lleguen à ser principales no se pueden fijar: por cuya razón podrá suceder que se hallen con alguna variedad en lo escrito.

24 Estas advertencias y consideraciones ha tenido preferentes la Academia, para manifestarlas à los Lectores con la mas ingenua sinceridad, remitiendo à su prudente juicio las demás que hallaren, y se hayan omitido por el descuido inculpable: como igualmente las faltas, errores, ò equivocaciones que tenga este Diccionario: pues una obra de tanto estudio y grandeza no puede salir enteramente perfecta en muchos años de trabajo, y sin la repetición de algunas impresiones; pero lo que no se empieza no puede llegar el caso de que se concluya: y para que se emiende y perficione, pone oy la Real Academia Española à vista del Orbe literario este primer volumen de su obra, con la satisfacción de haver vencido tantos y tan graves embarazos como havían ocurrido para su logro: y sívala de mérito, para disculpa de sus omisiones involuntarias, su ardiente zelo por la gloria de la Nación.

1770

## PRÓLOGO.

Desde que la Academia concluyó el Diccionario trató de corregir los defectos que habia notado en él, y de aumentarle por medio de un Suplemento, de forma que quando en el año de 1739 publicó el sexto y último tomo ya estaba trabajando en uno y otro, como lo manifestó la Academia en la continuacion de su Historia que está en el mismo tomo, pero el ánimo fue dar primero el Suplemento á imitacion de lo que han hecho otras Academias. Este trabajo se interrumpió por el Tratado de Ortografía que hizo la Academia y dio á luz el año de 1742, y por la gramática castellana que emprendió entonces y continuó hasta el de 1747, en que suspensa esta, volvió la academia al trabajo del Suplemento, y le prosiguió con tan constante aplicación que en el año de 1751 pasaban ya de trece mil las voces y significaciones aumentadas, y habia suficiente materia para un tomo de crecido volumen.

Antes de pasar á su impresion reconoció la Academia el estado que tenia la del Diccionario, y halló que habia un corto número de juegos completos, por lo que obligando esto á que se reimprimiese toda la obra, pareció que no cumplia con dar solo el Suplemento, que ofreció en distintas circunstancias, ni la reimpression sin dar corregido el diccionario. Por estas y otras consideraciones determinó la academia en 5 de Diciembre de 1753 reimprimirle con su correccion, y con el aumento de las voces que se habian recogido y recogiesen hasta que llegára este caso.

Hiciéronse en el mismo año con prolixo exámen las reglas que se consideraron convenientes para proceder en uno y otro con uniformidad y acierto, dando á esta segunda impresion toda la mejora y perfeccion posible. Y segun estas reglas establecidas para toda la obra, y practicadas en este primer tomo, se añaden las voces, frases y locuciones, así del uso antiguo, como del comun y corriente de la lengua, que faltan en la primera edicion: y de las que estaban puestas se omiten las inventadas sin necesidad, las metafóricas que no están admitidas en el uso general de la lengua, y otras que ha parecido no deben entrar en el Diccionario, como se dirá despues.

De los refranes se ponen, no solo los que tienen moralidad, como hasta aquí se ha hecho, sino tambien todos los demas que tienen uso.

Se ponen los nombres geográficos y mitológicos, así sustantivos como adjetivos: v.g. *Istmo, golfo, bósforo, amadíades, febéo, pegaséo &c.* De los quales hay muchos puestos en la primera edicion, y hacen conocida falta sus semejantes. De que se exceptúan los nombres propios de ciudades, villas, lugares y territorios, como tambien los propios de los falsos dioses de la gentilidad, los quales se omiten porque pertenecen al Diccionario histórico.

De los nombres gentílicos y nacionales se ponen los adjetivos, especialmente los pertenecientes á las provincias y principales pueblos de España, y sus dominios, como *Castellano, Andalúz, Madrileño, Burgales, Mexicano, Perulero*: porque las varias inflexiones de estos nombres tocan tambien á la lengua, y son parte de su caudal.

Por la misma razon se añaden los nombres propios de personas, y los diminutivos y derivados de ellos, quando unos y otros tienen alguna especialidad notable en su formación: ya sean antiguos, como *Iban* por *Juan*, *Illan* por *Julian*: ó ya de actual uso, como *Pepe* por *Joseph*, *Paco* ó *Pancho* por *Francisco*, *Belica* por *Isabelica*, *Cota* por *Mariquita*.

Asimismo se añaden todos los patronímicos con expresion de los nombres propios de que se derivan, y del uso antiguo que tuvieron en castellano, como *Enriquez* por el hijo de *Enrique*, *Sanchez* por el hijo de *Sancho*: y se advierte, que despues se usaron y usan hoy estos nombres como apellidos y distintivos de familias.

Tambien se ponen los adjetivos derivados de los nombres de autores de sectas, de fundadores de escuelas, y de escritores famosos, como *Luterano, Calvinista, Platónico, Pitagórico, Pindárico, Ciceroniano*.

Las voces de la germanía ó gerigonza, de que suelen usar los que vulgarmente se llaman Gitanos y los preciados de guapo, se ponen segun la explicacion que de ellas hizo Juan Hidalgo en su Vocabulario, así por ser casi todas estas voces en su formacion castellanas, aunque tomadas en diverso significado, como por hallarse freqüentemente usadas en algunas obras jocosas de prosa y verso de autores clásicos, á fin de que se entienda el sentido en que las usaron.

Los verbos que nunca se usan en castellano, sino con los pronombres *me, te, se, nos, vos*, como *abribonarse, amancebarse, abroquelarse, arrepentirse*, se ponen y distinguen con el nombre de recíprocos; pues aunque no lo son en propiedad, atendida su significacion, se ha acomodado la Academia para darles este nombre al uso de los gramáticos de otras lenguas vulgares que comunmente los llaman así; pero se escusa en estos y en todos los demas verbos, que se juntan con los mismos pronombres, la denominacion de *reflexivos*, que en la primera edicion se entendió por lo mismo que recíprocos.

Otros verbos hay que admiten y dexan igualmente estos pronombres, sin padecer las mas veces alteracion alguna en el sentido, como *ir ó irse, estar ó estarse, pasear ó pasearse*. Y estos verbos se ponen por activos ó neutros, segun les corresponde considerados por si solos, añadiendo en el mismo artículo despues de la definicion esta nota: *Usase tambien como recíproco*, poniendo autoridades que comprueben uno y otro uso.

En la misma forma y con igual nota se ponen diferentes verbos, que aunque son activos, no significan accion externa quando se juntan con los referidos pronombres, porque se toman en ciertas acepciones absolutas: v.g. *me espanto, me atemorizo, me maravillo, me compadezco*: en las quales no se entiende que yo me acuso á mi mismo espanto, temor, maravilla ó compasión, sino que la padezco y recibo de objetos ó causas externas.

Todos los verbos activos se usan comúnmente en castellano con los referidos pronombres, sin mas diferencia que la de tener su accion por objeto á la misma persona que la hace: como *yo me amo, tu te alabas, Pedro se estima, nosotros nos mortificamos, vosotros os regalais, aquellos se castigan*. Estos verbos, de que hay muchos puestos en la anterior edicion, se omiten ahora del todo, por no haber causa suficiente para separarlos de la clase general de los activos. Tambien dexan de ponerse los verbos activos, quando con el pronombre *se* tienen en los infinitivos y en las terceras personas de singular ó plural significación pasiva: v.g. *Hacerse la paz, leerse los libros, la Gramática se enseña poco á poco, las cartas se escriben presto*: y asimismo quando estos mismos verbos se juntan con los pronombres *nos, os, se*, denotando en los infinitivos y en las personas de plural accion recíproca: v.g. *Pelearse, desafiarse: nosotros nos hablamos, vosotros os abrazais, aquellos se matan*. Y la razon de no ponerlos en el Diccionario es, porque estos no son verbos distintos, sino unas meras locuciones con significacion pasiva ó recíproca, las quales corresponde notrase en la Gramática, que es su propio lugar.

Los tiempos irregulares así del uso antiguo, como del actual se ponen segun orden alfabético con expresion de los verbos á que pertenecen: como *priso, ó prisió, visquió, plegue, plugo, quepo, cupe*: cuyas raices son *prender, vivir, placer, caber*. En la primera edicion se notaron en los mismos verbos sus irregularidades, pero después ha parecido que esto toca advertirse en la Gramática, y que en el Diccionario deben ponerse estos tiempos para facilitar su inteligencia, pues quien acude á él quiere hallar explicada en su propio lugar la misma voz que busca que es una de las principales utilidades de este género de obras.

Las voces provinciales se ponen tambien y sin autoridad, siendo comun y corriente su uso en la provincia: y de las voces antiguas de Aragon se escusan todas las lemosinas, poniendo solo las que son castellanas, y con autoridad que lo califique.

Se omiten todas las voces inventadas sin necesidad por algun autor, ya sea por jocosidad ó ya por otro cualquier motivo, si después no han llegado á tener uso alguno: como *adonizada* que usó Lope de Vega por el que mató á Adonis: *piogicida* que dixo Calderon por el que mata piojos: *adanismo* que usó Quevedo por el conjunto de gente desnuda, y otras muchas que forman arbitrariamente en la conversacion familiar: cuyas voces, de que hay algunas puestas en el Diccionario, no se deben considerar como parte de la lengua castellana, porque nunca han llegado á tener posesion en ella: de que solo se exceptúan algunas que por lo estraño de su sentido ó por la dificultad de su inteligencia merezcan explicacion, especialmente aquellas que se encontraren en los principales autores de nuestra lengua. Pero sin excepcion alguna se omiten todas las voces deshonestas é indecentes.

De las voces de ciencias, artes y oficios solo se ponen aquellas que están recibidas en el uso comun de la lengua, sin embargo de que la Academia pensó antes ponerlas todas, y para esto hizo repartimiento de ellas entre los Académicos, como se previno en el sexto tomo de la primera edicion. La razon de haber variado consiste, en que este no es un Diccionario universal, pues aunque se propuso hacerle copioso y esto se ha procurado, se debe entender de todas las voces que se usan en el trato ó comercio comun de las gentes, y así no deben entrar en él las de ciencias, artes, y oficios que no han salido del uso peculiar de sus profesores: y por esta razon la Academia Francesa, y la de la Crusca excluyen de sus Diccionarios estas voces.

Las antiquadas se incluyeron en la primera impresión del Diccionario, así por haber sido del uso comun de la lengua, como por ser importantes para la inteligencia de nuestras leyes, fueros y ordenanzas, crónicas é instrumentos antiguos. Y habiendo reconocido que faltaban muchas, se ha procurado con particular cuidado recogerlas, y con efecto se ha logrado que en esta parte tan principal salga tambien aumentada la presente edicion.

En cada artículo del Diccionario se dice qué parte de la oracion es la que se explica, como si es nombre sustantivo, adjetivo, aumentativo, pronombre, verbo &c. ó si es modo adverbial ó de hablar, frase ó refrán. Si unos nombres se usan solo en singular y otros en plural ó tienen mas uso en uno de los números, se nota esta diferencia, como tambien la de algunos nombres que admiten los dos géneros, masculino y femenino, como estos: *el puente ó la puente: el mar ó la mar*: lo que no se entiende quando se muda el artículo solo para evitar el encuentro de una misma vocal, como *el alba, el alma*, porque entonces no varía el género que tienen por su naturaleza estos nombres. Quando el verbo en alguna acepcion muda de calidad generalmente en alguna provincia, como si el que es activo pasa á usarse como neutro, ó al contrario, se nota tambien esta diferencia, pues en Extremadura y en algunas partes de Castilla la vieja usan como activos algunos verbos neutros, y así dicen *caer* por derribar ó dexar caer, y *quedar* por dexar. Y en los nombres aumentativos, diminutivos, superlativos y participios pasivos solo se expresa, quando se dice su calidad, el positivo ó verbo de que salen ó se derivan, por no ser necesario mas para entender su significacion.

Las definiciones redundantes por la moralidad ó por la erudicion se han corregido y reducido: y las que tenían algun defecto por estar demasiado contraida se han hecho mas generales, poniendo unas y otras en términos claros y concisos. En algunas cosas propias y antiguas de España no se contenta la Academia con la definición precisa de las voces, porque no bastaria para darlas á conocer: y por esta razon explica con individualidad lo que fueron en lo pasado *Alferez del Rey, Alferez mayor de los Peones de Castilla, Almogavar, Aportelladoy* otras se mejantes.

Si una cosa tiene distintos nombres, se pone la definicion en el que es actualmente de mas comun uso, y los demas se remiten á este: y quando son de igual uso, se pone en el nombre que viene primero según el orden alfabético. Los verbales en *ento*, como *arruinamiento, llamamiento*, se definen diciendo *la accion y efecto de arruinar, de llamar*, y así todos los semejantes, quando no hay otras voces que den idéa mas clara del sentido. En los

verbales en *or*, como *adulador*, *alborotador*, se pone tambien la terminacion femenina, pero la definicion se hace solo por el género masculino, diciendo *el que adula*, *el que alborota*, y así los demas.

De las etimologías se han escusado las impropias, violentas ó inciertas, poniendo solo las que han parecido mas propias, naturales ó fundadas: y en las que vienen del latin se omite la nota del origen, siempre que le manifiesta la misma correspondencia latina. En las voces compuestas se advierte su composicion, quando es dificultosa de conocer, porque las muy claras, que se explicaron antes, no lo necesitan, como *anteponer*, *contraponer*, *malgastar*, *deshacer* y otras semejantes.

En quanto á la censura se ha puesto la que debe tener la voz segun la calidad de ella y el estado de su uso, como de familiar, metafórica, poética, jocosa, baxa, poco usada, antiquada &c. dexando sin censura ninguna las voces, frases ó locuciones que no pertenecen á estilo alguno particular, son del uso comun de la lengua, y están en su sentido propio.

El intento de la Academia en las correspondencias latinas ha sido dar á conocer á los estrangeros las voces que comprende el Diccionario: y para conseguirlo con toda la perfeccion posible se pone la voz propia y rigurosamente latina, siempre que la hay, y en su defecto la que el uso comun tiene admitida, aunque sea de la baxa latinidad, ó nuevamente inventada. Quando faltan voces latinas correspondientes á las castellanas, se usa de circunloquio, especialmente en aquellas que son propias y peculiares de nuestro idioma, para facilitar su inteligencia á los estrangeros. Y de semejantes circunloquios se usa en otros modos de hablar que no tienen equivalente en el latin, pues siempre es mejor poner á estas voces y modos de hablar algun latin con que se expliquen, quando no le hay propio, que dexarlos sin ninguno, privando á los estrangeros del medio de entender su significacion.

A las voces que se remiten á otras como sus equivalentes no se pone latin por tenerle ya ó haberle de tener las otras voces á que se remiten: y por la propia razon dexa de ponerse á las voces de la germanía, quando equivalen á otras voces castellanas, como casi siempre sucede.

No se pone latin á los participios pasivos, porque no le necesitan, teniendole los verbos á que se refieren: y de lo contrario se seguiria haber de poner á cada participio otros tantos latines como son las significaciones de su mismo verbo y de las frases que con él se forman, lo que serviria mas de confusion, que de facilitar su inteligencia.

La nota lat. que se halla en la primera impresion puesta delante de todas las correspondencias latinas, se omite ahora, porque impresa como allí está con el mismo carácter redondo que las demas voces, se confunde con ellas y no llama la atencion: lo que no sucede con la voz latina impresa con letra bastardilla, como ahora se ha puesto, pues así queda bastantemente perceptible, siendo costumbre distinguir con este carácter las voces latinas en el contexto de otro idioma: á que se añade que muchas de las dicciones á que se antepuso la referida nota no son latinas, sino puramente griegas.

Las autoridades con que se prueba la significacion y uso de una voz, frase ó locucion, se ha procurado que sean propias, claras y terminantes, reduciendolas todas á las palabras precisas que basten á comprobar la voz, con tal que hagan sentido, para no abultar sin necesidad el Diccionario.

En las voces del uso corriente se evita la superflua multiplicacion de autoridades, poniendo una sola que sea suficiente para su apoyo, cuidando en esta y en todas de que el autor de quien se toma la autoridad sea propio para autorizar la voz, esto es, que no se compruebe una voz seria con un autor jocoso, ó al contrario.

Quando las voces que hoy están en uso le han tenido desde muy antiguo, se comprueban con dos autoridades, la una de escritor antiguo y la otra de moderno que pruebe la permanencia de su uso hasta nuestros tiempos, de suerte que ambas concurren á autorizarlas plenamente.

Las voces antiquadas ó de uso raro y estraño se comprueban á lo menos con dos autoridades, y estas de diversos autores, siempre que se puede, para que de este modo se afiance mas su verdadero significado.

En las voces fácilmente formables, como son los aumentativos, diminutivos, superlativos y verbales, especialmente los que acaban en *ble* y en *or* (de cuyas especies de nombres abunda tanto nuestra lengua) se escusa autoridad para su apoyo, siempre que no tienen alguna particularidad en su significacion.

No se usa para autorizar las voces, de los Índices, Diccionarios ó Vocabularios, á excepcion de los que tiene admitidos la Academia, y son el de *Nebrixa*, con exclusion del añadido por sus continuadores, el de *Covarrubias*, el del *Padre Pedro de Alcalá*, el de *Alonso de Palencia* y el de *Rodrigo Santaella*, pues los otros solo han servido y deben servir de acordar las voces que se han olvidado.

Las autoridades de voces antiquadas se ponen con la misma ortografía que tienen en las obras é impresiones de que se tomaron: y quando hay tal variedad que no puede resolverse por el uso antiguo, se ponen conforme á la Ortografía de la Academia. Pero las autoridades de voces del uso corriente se escriben siempre con arreglo á esta, porque la variedad que en ellas se halla suele depender de los impresores ó de un uso arbitrario, y no de algun particular sistema de los autores.

En la colocacion de las voces se sigue rigurosamente el orden alfabético, observando en quanto á su ortografía las últimas reglas que la Academia ha establecido en el tratado que ha impreso: y así se ponen los participios activos y pasivos en el preciso lugar que les corresponde, y no á continuacion de sus verbos, como se hizo antes.

Las frases y refranes se colocan en aquella voz que tiene mas alma ó fuerza: y quando la tienen en dos ó mas voces, se ponen en la que viene primero al orden alfabético, el qual se observa respectivamente entre las misma frases y refranes.

Los modos adverbiales, como *á sabiendas*, *á buenas*, se ponen donde les corresponde segun la voz principal, esto es, en *sabiendas*, en *bueno*: y quando el modo adverbial consta de dos nombres, como *á buenas noches*, *á duras penas* se pone en el que hace su principal sentido.

Las notas de ser una voz peculiar de alguna ciencia y arte ó provincia se ponen entre paréntesis antes de la definicion, y despues de las palabras que explican en abreviatura la calidad de la voz.

En algunos autores y Diccionarios estrangeros se hallan por castellanas diferentes voces que no lo son, á lo menos en el sentido que la ponen, como sucede con la voz *acudia*, cuyo nombre se atribuye en el Diccionario de Trevoux, y en la Enciclopedia á un ave de Nueva España, por equivocacion nacida de no haber entendido bien un pasage de Antonio de Herrera en su Historia de Índias, á quien dan por autor: el qual en la década I. lib. 5. cap. II. hablando del Cocuyo (que él llama Cocuyo) que es un insecto con alas parecido al escarabajo, especie de luciérnaga, muy comun en las Islas Española y de Cuba, dice: *Tomábanle de noche con tizones porque acudia á la lumbre, y llamándole por su nombre, acudia, y es tan torpe que en cayendo no se podia levantar*. Como dixo Herrera, que llamándole por su nombre *acudia*, esto es, venia adonde le llamaban, entendieron los autores del Diccionario de Trevoux y de la Enciclopedia que su nombre era *acudia*, por ignorancia de nuestra lengua, ó por ligereza con que los estrangeros suelen pasar por nuestras cosas, cuyo yerro se halla ya en otros Diccionarios: de que ha parecido advertir, para que no se echen menos en el nuestro esta y otras voces semejantes.

En esta forma sale la presente edicion del Diccionario, así corregida como aumentada, pues solo este primer volúmen, sin embargo de las muchas voces que se han excluido de las que comprehendia el de la primera edicion, por las razones que se han apuntado, tiene el aumento de mas de dos mil y doscientos artículos. Y aunque esto manifiesta el especial

cuidado y atencion que ha puesto la Academia, sin embargo para satisfaccion del Público, á cuya utilidad dirige esta y todas sus obras, debe hacer presente que no hay voz, frase, ni locucion en el presente volúmen que no haya pasado por repetidos exámenes, y últimamente por el que ha hecho la misma Academia en sus Juntas, consultando en las dudas que se han ofrecido el uso y los buenos autores de la lengua: y con igual prolixidad y cuidado ofrece los demas que irá dando sucesivamente hasta concluir el Diccionario.

No se persuade por esto la Academia á que su trabajo y diligencia sean tan felices que esta segunda edicion salga sin defectos: conoce que no dexará de tenerlos y que están sujetas á ellos todas las obras de los hombres por limadas que sean, especialmente los Diccionesarios por su multitud de partes y el preciso órden que entre si tienen. Un solo artículo que expresa la voz, su calidad, censura, definicion, etimología, correspondencia latina y la autoridad ó autoridades que apoyan su significacion y uso, pide especial atencion para formarle con acierto ¿pues quanta necesitará la obra que se compone de tantos artículos y partes? Por esto espera la Academia que el Público disimule los defectos que encontrare, y en lo que hallase mejorado conozca el zelo con que ha trabajado por su utilidad.

## ANEXO B - PRÓLOGOS DO DICIONÁRIO USUAL

1780

## PRÓLOGO.

**H**abiendo publicado la ACADEMIA en el año de 1739 el tomo sexto y último de su *DICCIONARIO*, trató desde luego de corregir los defectos que habia notado en él, y de aumentarle por medio de un Suplemento, en que habia empezado á trabajar aun ántes de la publicacion del expresado último tomo.

Interrumpióse este trabajo con la composición de la Ortografía y de la Gramática castellana, que salieron á luz, la primera el año de 1742, y la segunda el de 1771. Pero antes de concluir la Gramática, y suspenso por entonces este trabajo, volvió la ACADEMIA al del Suplemento con ánimo de imprimirle separadamente.

Quando tenia ya materia bastante para un tomo de crecido volúmen, advirtió que era muy corto el número que habia de juegos completos del *DICCIONARIO*, lo que la obligó á pensar de diverso modo, y determinó reimprimir toda la obra con su correccion, y con el aumento de las voces que se habian recogido para el Suplemento, y de las que se fuesen recogiendo en adelante.

Para proceder con acierto y uniformidad así en la correccion como en el aumento, formó ántes el plan que tuvo por conveniente, y con arreglo á él publicó el año de 1770 el primer tomo corregido y aumentado, que comprehende la A y la B, y continuó haciendo el mismo trabajo en la letra C y demas restantes.

Desde que la ACADEMIA tomó esta última resolucion, ha mirado siempre como el primer objeto de sus tareas la correccion y aumento del *DICCIONARIO*. Pero ya por los repetidos y prolixos exámenes, que es preciso hacer de cada uno de sus artículos, ya porque otros trabajos, propios tambien de su instituto, han interrumpido á temporadas el principal del *DICCIONARIO*, se ha retardado este, y la experiencia ha hecho ver, que se retardará indispensablemente mas de lo que la ACADEMIA quisiera, á pesar de toda la diligencia y aplicacion con que procura adelantarle.

Entretanto el Público carece de un *DICCIONARIO* completo, porque se ha acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando, serán regularmente muy pocos los juegos completos que queden al fin, como sucedió con la primera impresion, y es preciso que suceda con toda obra, que constando de varios volúmenes, se publican sucesivamente.

Por todas estas razones creyó la ACADEMIA hallarse en el caso preciso de deber reimprimir desde luego todo el *DICCIONARIO*, para ocurrir por de pronto á esta necesidad: y deseando hacerle de mas fácil uso, y que el Público pueda tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial.

Para poderlo conseguir, ha sido preciso valerse de todas las economías posibles, y así se ha impreso en un tomo folio á tres columnas por llana y cada una con noventa líneas, y con letra pequeña, pero muy clara y limpia. En la calidad y censura de las voces se ha usado de varias abreviaturas, cuya explicacion se pone al principio del tomo. Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, definicion y la correspondencia latina.



Las letras A, B y C se han puesto con la correccion y aumento que tienen en el tomo primero de la segunda impresion, y en el segundo, que aunque enteramente concluido, está todavía inédito, y se publicará á su tiempo en continuacion de la nueva edicion corregida y aumentada. La D y demas letras restantes van sin aumento, ni correccion como estan en el *DICCIONARIO* antiguo; pero alterada la ortografía, y conforme á las últimas reglas que ha establecido la ACADEMIA, y que ha observado en las primeras letras que lleva corregidas, pues sería una deformidad muy grande, que en un mismo tomo se usase de diversa ortografía.

Segun las reglas y plan formado por la ACADEMIA para la correccion del *DICCIONARIO*, varios artículos deben trasladarse de unas letras á otras. De aquí resulta que algunas voces, que en el *DICCIONARIO* antiguo se hallan definidas en las letras A, B y C, en el nuevo estan sin definicion en estas letras, y se remiten á otras para definir las en ellas. Por exemplo, el artículo *Bienes profecticios*, que en el *DICCIONARIO* antiguo está definido en la B en la palabra *Bienes*, en el nuevo, segun las reglas de correccion, se remite de la B á la P en la palabra *Profecticio*, adonde se debe definir. Por esto muchas remisiones de la nueva edicion no pueden hallarse evacuadas en los tomos de la antigua en aquellas letras á que se remiten, ni deben buscarse en ellos mientras no esté corregida toda la obra. Pero en esta impresion, como se ha hecho toda de una vez, se han podido definir todas las voces remitidas en aquellas letras á que se remiten, y se ha executado así, para cuyo efecto se han recorrido con prolixidad y cuidado todas las remisiones: y si acaso se ha omitido alguna, habrá sido por uno de estos olvidos, ó descuidos, que son casi inevitables en obras largas, y que constan de muchas partes inconexas entre sí, qual es un *DICCIONARIO*, y mucho mas este, en que ha variado tanto el orden alfabético y ortográfico.

Como la ACADEMIA trabaja siempre en dar al suyo toda la perfeccion y aumento que puede, nunca cesa de recoger voces con que enriquecerle, aun de aquellas letras que se han publicado ya. Por esto sin embargo del considerable aumento que se dió al tomo primero en la segunda impresion, despues de publicado se han recogido otras voces pertenecientes á la A y la B, y siendo ya un número competente, pues llegan á unas mil y quinientas, ha parecido conveniente ponerlas al fin de este tomo por via de Suplemento, no habiéndose podido intercalar en sus lugares correspondientes, porque quando se acabaron de exáminar y ordenar, estaba ya impresa la A y la B.

Si esta obra mereciese aceptacion, y llegase el caso de reimprimirla, se añadirán todos los aumentos y correcciones, que se hubieren hecho al tiempo de la reimpresion. Entretanto espera la ACADEMIA, que el Público disimulará los defectos que encontrare en ella, en atencion al zelo con que procura desempeñar las obligaciones de su instituto, proponiéndose siempre por objeto en todas ellas la pública utilidad.

## PRÓLOGO.

Habiendo publicado la ACADEMIA en el año de 1739 el tomo sexto y último de su *DICCIONARIO*, trató desde luego de corregir los defectos que habia notado en él, y de aumentarle por medio de un Suplemento, en que habia empezado á trabajar aun ántes de la publicacion del expresado último tomo.

Interrumpióse este trabajo con la composicion de la *ORTOGRAFÍA* y de la *GRAMÁTICA* castellana, que saliéron á luz, la primera el año de 1742, y la segunda el de 1771. Pero antes de concluir la *GRAMÁTICA*, y suspenso por entónces este trabajo, volvió la ACADEMIA al del Suplemento con ánimo de imprimirle separadamente.

Quando tenia ya materia bastante para un tomo de crecido volúmen, advirtió que era muy corto el número que habia de juegos completos del *DICCIONARIO*, lo que la obligó á pensar de diverso modo, y determinó reimprimir toda la obra con su correccion, y con el aumento de las voces que se habian recogido para el Suplemento, y de las que se fuesen recogiendo en adelante.

Para proceder con acierto y uniformidad así en la correccion como en el aumento, formó ántes el plan que tuvo por conveniente, y con arreglo á él publicó el año de 1770 el primer tomo corregido y aumentado, que comprehende la A y la B, y continuó haciendo el mismo trabajo en la letra C y demas restantes.

Desde que la ACADEMIA tomó esta última resolucion, ha mirado siempre como el primer objeto de sus tareas la correccion y aumento del *DICCIONARIO*. Pero ya por los repetidos y prolixos exámenes, que es preciso hacer de cada uno de sus artículos, ya porque otros trabajos, propios tambien de su instituto, han interrumpido á temporadas el principal del *DICCIONARIO*, se ha retardado este, y la experiencia ha hecho ver, que se retardará indispensablemente mas de lo que la ACADEMIA quisiera, á pesar de toda la diligencia y aplicacion con que procura adelantarle.

Entretanto el Público carece de un *DICCIONARIO* completo, porque se ha acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando, serán regularmente muy pocos los juegos completos que queden al fin, como sucedió con la primera impresion, y es preciso que suceda con toda obra, que constando de varios volúmenes, se publican sucesivamente.

Por todas estas razones creyó la ACADEMIA hallarse en el caso preciso de deber reimprimir desde luego todo el *DICCIONARIO*, para ocurrir por de pronto á esta necesidad: y deseando hacerle de mas fácil uso, y que el Público pueda tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial.

Para poderlo conseguir, ha sido preciso valerse de todas las economías posibles, y así se ha impreso en un tomo folio á tres columnas por llana y cada una con noventa líneas, y con letra pequeña, pero muy clara y limpia. En la calidad y censura de las voces se ha usado de varias abreviaturas, cuya explicacion se pone al principio del tomo. Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, definicion y la correspondencia latina.

Las letras A, B y C se han puesto con la correccion y aumento que tienen en el tomo primero de la segunda impresion, y en el segundo, que aunque enteramente concluido, está todavía inédito, y se publicará á su tiempo en continuacion de la nueva edicion corregida y aumentada. La D y demas letras restantes van sin aumento, ni correccion como están en el

*DICCIONARIO* antiguo; pero alterada la ortografía, y conforme á las últimas reglas que ha establecido la ACADEMIA, y que ha observado en las primeras letras que lleva corregidas, pues sería una deformidad muy grande, que en un mismo tomo se usase de diversa ortografía.

Segun las reglas y plan formado por la ACADEMIA para la correccion del *DICCIONARIO*, varios artículos deben trasladarse de unas letras á otras. De aquí resulta que algunas voces, que en el *DICCIONARIO* antiguo se hallan definidas en las letras A, B y C, en el nuevo están sin definicion en estas letras, y se remiten á otras para definir las en ellas. Por exemplo, el artículo *Bienes profecticios*, que en el *DICCIONARIO* antiguo está definido en la B en la palabra *Bienes*: en el nuevo, segun las reglas de correccion, se remite de la B á la P en la palabra *Profecticio*, adonde se debe definir. Por esto muchas remisiones de la nueva edicion no pueden hallarse evacuadas en los tomos de la antigua en aquellas letras á que se remiten, ni deben buscarse en ellos miéntras no esté corregida toda la obra. Pero en esta impresion, como se ha hecho toda de una vez, se han podido definir todas las voces remitidas en aquellas letras á que se remiten, y se ha executado así, para cuyo efecto se han recorrido con prolixidad y cuidado todas las remisiones: y si acaso se ha omitido alguna, habrá sido por uno de aquellos olvidos, ó descuidos, que son casi inevitables en obras largas, y que constan de muchas partes inconexas entre sí, qual es un *DICCIONARIO*, y mucho mas este, en que ha variado tanto el órden alfabético y ortográfico.

Como la ACADEMIA trabaja siempre en dar al suyo toda la perfeccion y aumento que puede, nunca cesa de recoger voces con que enriquecerle, aun de aquellas letras que se han publicado ya. Por esto sin embargo del considerable aumento que se dió al tomo primero en la segunda impresion, despues de publicado se han recogido otras voces pertenecientes á la A, y la B, y siendo ya un número competente, pues llegan á unas mil y quinientas, ha parecido conveniente ponerlas al fin de este tomo por via de Suplemento, no habiéndose podido intercalar en sus lugares correspondientes, porque quando se acabáron de exáminar y ordenar, estaba ya impresa la A, y la B.

Si esta obra mereciese aceptacion, y llegase el caso de reimprimirla, se añadirán todos los aumentos \* y correcciones, que se hubieren hecho al tiempo de la reimpresion. Entretanto espera la ACADEMIA, que el Público disimulará los defectos que encontrare en ella, en atencion al zelo con que procura desempeñar las obligaciones de su instituto, proponiéndose siempre por objeto en todas ellas la pública utilidad.

\* Así se ha executado en esta segunda Edicion, en la qual se ha añadido al fin un nuevo Suplemento de Artículos correspondientes á las letras A, B y C.

## PRÓLOGO.

Habiendo publicado la ACADEMIA en el año de 1739 el tomo sexto y último de su *DICCIONARIO*, trató desde luego de corregir los defectos que habia notado en él, y de aumentarle por medio de un Suplemento, en que habia empezado á trabajar aun ántes de la publicacion del expresado último tomo.

Interrumpióse este trabajo con la composicion de la *ORTOGRAFÍA* y de la *GRAMÁTICA* castellana, que saliéron á luz, la primera el año de 1742, y la segunda el de 1771. Pero ántes de concluir la *GRAMÁTICA*, y suspenso por entonces este trabajo, volvió la ACADEMIA al del Suplemento con ánimo de imprimirle separadamente.

Quando tenia ya materia bastante para un tomo de crecido volumen, advirtió que era muy corto el número que habia de juegos completos del *DICCIONARIO*, lo que la obligó á pensar de diverso modo, y determinó reimprimir toda la obra con su correccion, y con el aumento de las voces que se habian recogido para el Suplemento, y de las que fuesen recogiendo en adelante.

Para proceder con acierto y uniformidad así en la correccion como en el aumento, formó ántes el plan que tuvo por conveniente, y con arreglo á él publicó el año de 1770 el primer tomo corregido y aumentado, que comprende la A y la B, y continuó haciendo el mismo trabajo en la letra C y demas restantes.

Desde que la ACADEMIA tomó esta última resolucion, ha mirado siempre como el primer objeto de sus tareas la correccion y aumento del *DICCIONARIO*. Pero ya por los repetidos y prolixos exámenes, que es preciso hacer de cada uno de sus artículos, ya porque otros trabajos, propios tambien de su instituto, han interrumpido á temporadas el principal del *DICCIONARIO*, se ha retardado este, y la experiencia ha hecho ver, que se retardará indispensablemente mas de lo que la ACADEMIA quisiera, á pesar de toda la diligencia y aplicacion con que procura adelantarle.

Entretanto el Público carecia de un *DICCIONARIO* completo, porque se habia acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando, serán regularmente muy pocos los juegos completos que queden al fin, como sucedió con la primera impresion, y es preciso que suceda con toda obra, que constando de varios volúmenes, se publican sucesivamente.

Por todas estas razones creyó la ACADEMIA hallarse en el caso preciso de deber reimprimir desde luego todo el *DICCIONARIO*, para ocurrir por de pronto á esta necesidad: y deseando hacerle de mas fácil uso, y que el Público pudiese tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial.\*

---

\*

De aquí se deduce con bastante claridad, que este no es un extracto, ó compendio, como equivocadamente dice el autor de la Obra intitulada: *Nouveau Voyage en Espagne*, impresa en Paris año de 1789, el qual con la misma equivocación atribuye el trabajo de todo el cuerpo á un solo individuo de él, cuyas dos equivocaciones habria evitado, si hubiese leído este prologo, y aun sin este corto trabajo, con solo haber visto el título de la misma Obra que queria dar á conocer, la qual dice en su portada: *Diccionario de la lengua Castellana compuesto por la Real Academia Española*, por donde se ve que ni es compendio, ni obra de un autor particular.

Para poderlo conseguir, pareció valerse de todas las economías posibles, y así se ha impreso en un tomo en folio á tres columnas por llana y con letra pequeña, pero muy clara y limpia. En la calidad y censura de las voces se ha usado de varias abreviaturas, cuya explicacion se pone al principio del tomo. Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, definicion y la correspondencia latina.

Las letras A y siguientes hasta la F inclusive, se han puesto con la correccion y aumento que tienen en el tomo primero de la segunda impresion, y en el segundo y tercero, que aunque enteramente concluidos, están todavía inéditos, y se publicarán á su tiempo en continuacion de la nueva edicion corregida y aumentada. La G y demas letras restantes van sin aumento, ni correccion como están en el *DICCIONARIO* antiguo; pero alterada la ortografía, y conforme á las últimas reglas que ha establecido la ACADEMIA, y que ha observado en las primeras letras que lleva corregidas, pues seria una deformidad muy grande, que en un mismo tomo se usase de diversa ortografía.

Segun las reglas y plan formado por la ACADEMIA para la correccion del *DICCIONARIO*, varios artículos deben trasladarse de unas letras á otras. De aquí resulta que algunas voces, que en el *DICCIONARIO* antiguo se hallan definidas en las letras A y siguientes hasta la F inclusive, en el nuevo está sin definicion en estas letras, y se remiten á otras para definir las en ellas. Por exemplo, el artículo *Bienes profecticios*, que en el *DICCIONARIO* antiguo está definido en la B en la palabra *Bienes*; en el nuevo, segun las reglas de correccion, se remite de la B á la P en la palabra *Profecticio*, adonde se debe definir. Por esto muchas remisiones de la nueva edicion no pueden hallarse evacuadas en los tomos de la antigua en aquellas letras á que se remiten, ni deben buscarse en ellos mientras no esté corregida toda la obra. Pero en esta impresion, como se ha hecho toda se una vez, se han podido definir todas las voces remitidas en aquellas letras á que se remiten, y se ha executado así, para cuyo efecto se han recorrido con prolixidad y cuidado todas las remisiones y si acaso se ha omitido alguna, habrá sido por uno de aquellos olvidos, ó descuidos, que son casi inevitables en obras largas, y que constan de muchas partes inconexas entre sí, qual es un *DICCIONARIO*, y mucho mas este, en que ha variado tanto el orden alfabético y ortográfico.

Comno la ACADEMIA trabaja siempre en dar al suyo toda la perfeccion y aumento que puede, nunca cesa de recoger voces con que enriquecerle, aun de aquellas letras que se han publicado ya. Por esto sin embargo del considerable aumento que se dio al tomo primero en la segunda impresion, despues de publicado se recogieron otras voces pertenecientes á la A, y la B, y siendo ya un número competente, pues llegaban á unas mil y quinientas, pareció conveniente ponerlas al fin de la edicion primera del año de 1780 de esta obra por via de Suplemento, no habiéndose podido intercalar en sus lugares correspondientes, porque quando se acabaron de examinar y ordenar, estaba ya impresa la A, y la B. En la segunda del año de 1783 sucedió lo mismo, aun habiendo en sus respectivos lugares aquel primer Suplemento, y así recogidas otras voces tuvo á bien la ACADEMIA formar nuevo Suplemento de ellas, dándole suelto, ademas del que agregó al final de la misma segunda edicion, para que los que tuvieran la primera, con él vinieran á gozar de todo lo publicado en la segunda.

Extendida en el Público y acabada enteramente, procedió la ACADEMIA á tercera edicion, y en ella ha puesto el Suplemento de la segunda que fue de las letras A, B y C en sus respectivos lugares alfabéticos, y siguiendo la idea principiada de ir dando á luz lo que tenga trabajado para la reimpression de los seis tomos corregidos y aumentados, como se hizo con la letra C, se dan en esta las letras D, E y F, con la correccion y aumento que tiene trabajadas hasta el presente; y por no defraudar al Público, y que los que tengan qualquiera de las dos ediciones anteriores no carezcan de este aumento, y lo gocen completo, como hasta el dia lo da reimpresso la ACADEMIA, publica el propio tiempo un nuevo Suplemento de todo lo añadido á las tres expresadas letras D, E y F.

Si esta obra mereciese aceptación, y llegase el caso de reimprimirla, se añadirán todos los aumentos y correcciones, que se hubieren hecho al tiempo de la reimpresión. Entretanto espera la ACADEMIA, que el Público disimulará los defectos que encontrare en ella, en atención al zelo con que procura desempeñar las obligaciones de su instituto, proponiéndose siempre por objeto en todas ellas la pública utilidad.

1803

## PRÓLOGO.

Habiendo publicado la Academia en el año de 1739 el tomo 6º y último de su *Diccionario*, trató desde luego de corregir los defectos que habia notado en él, y de aumentarle por medio de un Suplemento en que habia empezado á trabajar aun ántes de la publicacion del expresado último tomo.

Interrumpióse este trabajo con la composicion de la *Ortografía* y de la *Gramática* castellana, que salieron á luz, la primera el año de 1742, y la segunda el de 1771. Pero ántes de concluir la *Gramática*, y suspenso por entónces este trabajo, volvió la Academia al Suplemento con ánimo de imprimirle separadamente.

Quando tenia ya materia bastante para un tomo de crecido volúmen, advirtió que era muy corto el número que habia de juegos completos del *Diccionario*, lo que la obligó á pensar de diverso modo, y determinó reimprimir toda la obra con su correccion, y con el aumento de las voces que se habian recogido para el Suplemento y de las que se fuesen recogiendo en adelante.

Para proceder con acierto y uniformidad así en la correccion como en el aumento, formó ántes el plan que tuvo por conveniente, y con arreglo á él publicó el año de 1770 el primer tomo corregido y aumentado, que comprende la A y la B, y continuó haciendo el mismo trabajo en la letra C y demas restantes.

Desde que la Academia tomó esta última resolucion ha mirado siempre como el primer objeto de sus tareas la correccion y aumento del *Diccionario*. Pero ya por los repetidos y prolixos exámenes, que es preciso hacer de cada uno de sus artículos, ya porque otros trabajos, propios tambien de su instituto, han interrumpido á temporadas el principal del *Diccionario*, se ha retardado éste, y la experiencia ha hecho ver, que se retardará indispensablemente mas de lo que la Academia quisiera, á pesar de toda la diligencia y aplicacion con que procura adelantarle.

Entre tanto el público carecia de un *Diccionario* completo, porque se habia acabado del todo la primera edicion, y quando llegue el caso de concluirse la segunda, habiéndose de publicar los tomos cada uno de por sí conforme se vayan acabando, serán regularmente muy pocos los juegos completos que queden al fin, como sucedió con la primera impresion, y es preciso que suceda con toda obra, que consta de varios volúmenes, los quales se publican sucesivamente.

Por estas razones creyó la Academia hallarse en el caso preciso de deber reimprimir desde luego todo el *Diccionario*, para ocurrir por de pronto á esta necesidad: y deseando hacerle de mas fácil uso, y que el público pudiese tenerle por un precio cómodo, determinó reducir los seis tomos á uno solo; pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial.

Para poderlo conseguir, pareció preciso valerse de todas las economías posibles, y así se ha impreso en un tomo en folio á tres columnas por llana y con letra pequeña, pero muy clara y limpia. En la calidad y censura de las voces se ha usado de varias abreviaturas, cuya explicacion se pone al principio del tomo. Se han quitado todas las autoridades, etimologías de las voces y anomalías de los verbos, dexando solo la voz, su definicion y la correspondencia latina.

En esta edicion, que es la quarta, llega la Academia con el trabajo de su revision hasta la L inclusive; pero queriendo satisfacer á las insinuaciones de muchas personas, que deseaban se pusiesen las voces que faltaban en las otras letras, ha intercalado en todas ellas quantas poseia, y quantas han recogido los actuales individuos de la Academia, corrigiendo asimismo algunos artículos de estas combinaciones, añadiendo ademas varias voces á las letras anteriores, y mejorando las definiciones de otras.

A este nuevo trabajo, y á la estrechez de tiempo que ha habido para disponerle, era consiguiente que se cometiesen algunos descuidos y erratas, que son casi inevitables en semejante género de obras. Pero deseando la Academia dar á esta edicion la correccion y perfeccion que permiten las circunstancias, despues de impreso todo el *Diccionario*, le ha vuelto á reconocer y leer enteramente con el objeto de comprobar las remisiones, y de observar si estaban en su debido lugar de las voces usadas en las definiciones de diferentes artículos. Y para reparar las faltas advertidas, se ha formado un Suplemento, que va unido como por apéndice al fin del tomo, en el qual se colocan muchos artículos que se han echado ménos; y tambien se ha dispuesto una fe de erratas, en que se comprenden las mas notables y que podian inducir á un juicio equivocado.

Como la *ch che* y la *ll elle* son letras distintas de las demas de nuestro alfabeto, aunque dobles en su composicion y figura, ha creido la Academia mas sencillo y oportuno darles el lugar y órden que les corresponde con separacion. Por esta causa todas las palabras que empiezan con las combinaciones *cha, che, chi, cho, chu*, se han entresacado de en medio de la letra *c*, donde se colocáron en las ediciones anteriores, y se han puesto ahora despues de concluida esta: y lo mismo se ha executado respectivamente con las voces pertenecientes á iguales combinaciones de la *ll elle*.

El mismo órden se ha observado en las combinaciones de las demas letras en que entran las referidas *ch che* y *ll elle*; de suerte que la primera se halla siempre á continuacion de la combinacion *cu*, y la segunda de la combinacion *lu*. Así *encha* se deberá buscar despues de *encurrir*, y *enllenar* despues de *enlutar*.

Siguiendo la Academia estos principios para simplificar mas y mas la escritura, ha suprimido el signo llamado capucha en las palabras en que la *ch* no tenia el mismo valor y sonido que en *chapin* y otras semejantes, y ha trasladado aquellas á las letras equivalentes, con las cuales deben escribirse en lo sucesivo. Así las voces *chimera, chimérico, chimerino, chimerizar, chimia, chimica*, que por medio del signo expuesto se pronunciaban con un sonido diferente del de la *ch*, se han colocado en las combinaciones de la *q*, al modo que se ha hecho yá con las palabras que podian reducirse y se han reducido en efecto á la combinacion *ca*.

Por igual razon de conservar á la *ch* solamente el sonido de *cha*, se ha suprimido la *h* en todas las voces en que no tiene este mismo valor, como en *Cristo* y sus derivados; pues no hay diferencia alguna entre ellas y las demas que según los principios establecidos, se han trasladado á otros caracteres equivalentes, para excusar equivocaciones y hacer mas fácil y corriente la escritura. A esta clase pertenece tambien la *ph*, cuyo sonido se expresa igualmente con la *f*, por cuyo motivo se han colocado en esta última letra las palabras *phalange, phalangio, pharmacéutico, pharmacia, phármaco, pharmacopea, pharmacópola, pharmacopólico, phase, philaucia*.

Últimamente se ha excluido la *k* de todas nuestras voces, poniendo las que ántes se escribian con ella en las combinaciones *ca, cu* y *que, qui*, que son de una pronunciacion equivalente. Pero se ha conservado su figura y noticia en el *Diccionario*, para saber su valor en los nombres extranjeros, en que se usa de ella, los cuales si no, podrian desconocerse facilmente.



5ª. Edição

## PRÓLOGO.

Cuando el estado en que se hallaba el despacho del Diccionario en el año de 1808 obligaba á la Academia á pensar en otra nueva edicion, sobrevino a guerra interior de la Península, que no le permitió realizar este pensamiento. Entretanto continuó disminuyéndose el surtido de la última impresion hecha en el año de 1803, de manera que al restablecerse la paz en el de 1814 se habia consumido enteramente la edicion, y era ya forzoso y urgente el repetirla.

A pesar de esta necesidad y de los deseos é impaciencia del público, la Academia no se hallaba en situacion de emprender y acabar obra tan costosa por falta de los fondos necesarios; ni le hubiera sido posible el hacerlo sin los auxilios que imploró y obtuvo de la munificencia del Rey nuestro Señor.

S.M. se dignó mandar que la imprenta Real anticipase los caudales que fuesen menester para esta empresa; con lo cual pudo la Academia seguir el impulso de sus deseos, y suspendiendo otras empresas que traia entre manos, se dedicó con empeño á disponer y preparar una nueva edicion con las mejoras que habian producido en la anterior sus tareas y meditaciones.

Los que tengan idea de las dificultades que ofrece la formación del Diccionario de una lengua, podrán juzgar del mérito que han tenido los trabajos de la Academia Española desde su establecimiento: dificultades que son aun mayores tratándose de una lengua viva, cuyo Diccionario es una obra interminable é inmortal, por decirlo asi, en que las novedades progresivas del lenguaje traen por necesidad reformas y correcciones continuas.

Á los veintiséis años de su fundacion acabó la Academia de publicar el Diccionario de la lengua castellana en seis tomos; obra que aplaudieron propios y extraños, y que se miró con razon como fruto de una extraordinaria laboriosidad y diligencia. La correccion y aumento de esta grande obra ha sido desde entonces el objeto primario de sus continuados afanes, en que lleva trabajado hasta fines de la letra P; sin que por esto deba entenderse que está agotada la materia, ni concluido para siempre el trabajo de la Academia en las letras anteriores.

De esta ocupación, á que la Academia se ha entregado con un teson infatigable, ha nacido el inmenso caudal de cédulas que posee de voces castellanas, autorizadas por el uso de buenos escritores: mina tan abundante como preciosa, que cuanto mas se profundiza mas riqueza ofrece, y que la Academia continúa beneficiando con la eficacia que le prescribe la naturaleza de su instituto y su anhelo de promover el conocimiento y perfeccion de nuestro idioma.

Con el fin de que el público disfrutase cuanto antes de estas riquezas, y de que las disfrutase con mas facilidad y a menos costa, se ideó la reduccion del diccionario á un solo tomo, suprimiendo las autoridades y las etimologías, pero sin quitar ningun artículo, ni alterar cosa sustancial de las que contenian los seis tomos precedentes. Esta es la edicion que publicó la Academia en el año de 1780, y que ahora repite por quinta vez, esperando que tendrá tan favorable acogida como las anteriores.

En estas ediciones ha ido la Academia adoptando sucesivamente aquellas mejoras que han dictado las reflexiones y oportunas advertencias de sus individuos y de otros hombres doctos, como asimismo las que han resultado de los progresos de nuestra ortografia, que en

manos de la Academia ha llegado á ser de las mas sencillas y claras, y por consiguiente de las mas perfectas de Europa.

Justo es manifestar aqui lo que la presente edicion ha aumentado ó corregido sobre las precedentes, en muestra del zelo que anima á la Academia de perfeccionar obra tan importante, y de corresponder á la expectacion y confianza del público ilustrado.

En primer lugar, es muy considerable el número de artículos que ha adquirido de nuevo el Diccionario, y estos no de voces fácilmente formales ó anticuadas, ni de significación metafórica ó de uso pasajero, en que la Academia usando de la severidad que aconseja la conservación de la pureza de la lengua, ha solido inclinarse mas bien á la reforma y supresion que el aumento, sino de otras dicciones que la autoridad de nuestros mejores escritores ó el uso comun, constante y continuado de las personas cultas obliga á admitir en el Diccionario, á pesar de la pausada circunspeccion con que en esto procede la Academia, y que quizá parecerá á algunos excesiva.

Se han aclarado y rectificado muchas definiciones, especialmente en los artículos que pertenecen á ciencias naturales, en las que los adelantamientos de estos últimos tiempos han aclarado y corregido diferentes equivocaciones que antes eran comunes.

Se han suprimido tambien muchas palabras y expresiones redundantes, y varias noticias y etimologías que han parecido poco necesarias y oportunas: reforma que aun sería mayor, si la estrechez del tiempo hubiera dado lugar á mas detenido examen.

A consecuencia de las reglas adoptadas por la Academia para la correccion del Diccionario, y en obsequio de la claridad y buen método, se ha reducido á menor número el de las notas que sirven para expresar la calidad y censura de los artículos. Asi que, se ha suprimido la calificacion de *raro* y de *poco usado*, que no excluye á una palabra de ser parte legítima del lenguaje comun; y cuando las ha dejado sin uso su mala suerte, han pasado como debian á la clase de anticuadas. Las notas de *bajo*, *vulgar*, *festivo* y *jocoso* se han reducido á la de *familiar*, que las comprende todas. Acaso habrá quien considere estas novedades como cosas de poca gravedad é importancia; pero la Academia no puede menos de dar valor á todo cuanto contribuya á la exactitud, á la uniformidad y á la simplificacion del método, de lo que pende en gran parte el mérito de un Diccionario.

En esta edicion se ha seguido un órden diverso del de las anteriores para los artículos que constan de mas de una dicion, como frases, modos proverbiales y refranes. La regla que para esta clase de artículos se propuso desde los principios la Academia, fue colocarlos en aquella voz que tiene mas alma ó fuerza; y cuando la tienen en dos ó mas voces, en aquellas que precede en el órden alfabético. Pero esta regla (que tampoco puede decirse que se observó constantemente) no alcanza á infinitos casos en que la opinion ó humor de quien habla ó lee, y no razon alguna conocida, da mas ó menos fuerza é importancia á las diferentes palabras de una frase, quedando por consiguiente vago é incerto el modo de buscarla y hallarla en el Diccionario. Queriendo remediar este inconveniente la Academia, y creyendo que el método debe ser tal que excluya toda ambigüedad, y facilite el encontrar sin grande atencion ni discursos el artículo que se busca, ha establecido, despues de larga deliberacion, las reglas siguientes, con las cuales entiende haber conseguido cumplidamente su propósito.

- I. Los artículos que constan de dos ó mas voces, y entre ellas tienen algun sustantivo, corresponden al lugar alfabético propio de este, ó al del primero de los sustantivos, si hay mas de uno, exceptuándose la palabra *cosa* por ser tan general.
- II. El artículo de esta clase que no tenga ningun sustantivo, estará donde toque al verbo, si lo hay; ó al primero de los verbos, si hay mas de uno. Exceptuáanse de esta última parte de la regla los verbos auxiliares *haber* y *ser*, y los que hacen veces de auxiliares, como *tener*, *ir*, *venir*, los cuales no se considerarán en este caso como verbos, por evitar la excesiva repeticion, que dificultaria encontrar con brevedad lo que se busca.

- III. Si no fuere sustantivo ni verbo ninguna de las voces del artículo, se hallará este en el lugar que por orden alfabético corresponde al adjetivo ó al primero de los adjetivos, si tiene varios.
- IV. Si ninguna de las voces del artículo es sustantivo, verbo ni adjetivo, búsquese en su primera palabra, sea cual fuere.

Arreglados así los artículos del Diccionario que constan de mas de una diccion, y puestos los restantes en el orden alfabético prescrito por el sistema ortográfico de la Academia, se ha procurado con esmero rectificar las remisiones de las voces sinónimas ó equivalentes, sobre cuyo punto se habia notado alguna negligencia en las anteriores ediciones. En la actual se ha corregido este defecto, cotejando escrupulosamente los artículos de remision con aquellos á que se remiten como principales, y que alguna vez solian echarse menos.

Tambien se habia observado algun descuido en las correspondencias latinas, que desde la primitiva formación del Diccionario quiso la Academia que acompañasen á las palabras castellanas, tanto por hacer participantes de la utilidad del Diccionario á los extranjeros, y facilitar entre ellos el conocimiento de nuestra lengua, como por mostrar, según sucede frecuentemente, la etimología y origen de nuestras voces. En los mas de los artículos pertenecientes á la Historia natural se ha puesto la correspondencia latina señalada por el célebre Linneo; y en los de objetos comunes y muy conocidos se ha expresado el nombre que les dieron los autores clásicos romanos ó los naturalistas de la media edad. La premura con que se ha hecho la edicion, no ha permitido que la correccion en este punto sea tan completa y uniforme como pudiera desearse; pero se han señalado correspondencias á varios artículos que carecian de ellas todavía, y se han mejorado muchas de las restantes.

Hubiera sido inconsecuencia inexcusable el que la Academia no siguiese con puntualidad en su Diccionario las reglas que tiene prescritas en su tratado de Ortografía. Algunas de ellas se han simplificado y perfeccionado en la última edicion hecha en el año de 1815, y esto ha obligado en el Diccionario á variaciones que siempre son de mucha consideracion en obras donde tanto influye y de tanta importancia es el orden alfabético. Ni debe extrañarse que la aceleración y rapidez con que se ha ejecutado la impresion, haya dado lugar en esta parte á algunas equivocaciones, de las cuales las mas notables se salvan en la fe de erratas, omitiéndose otras, aunque pocas, en que es obvia la correccion.

Posible es que los inteligentes noten aun alguna variedad ó falta de constancia en la escritura de ciertas voces de sonido y pronunciación semejante. Aunque la Academia ha manifestado en su Ortografía el deseo que tiene de que el sonido áspero y gutural se circunscriba exclusivamente á la *j*, todavía lo conserva la *g* en algunas combinaciones. Otro tanto viene á suceder con las letras *c* y *z*. La Academia preferiría que se escribiesen con esta última las dicciones que la tienen en su raiz, como *pazes*, *felizes*; pero en este y otros casos hay diversidad entre los doctos, el uso fluctúa, y la Academia que puede dirigirlo, no tiene derecho por sí sola para fijarlo. Es de desear que la práctica comun y general señale y establezca reglas sencillas, uniformes é inalterables en esta materia; y la Academia que ha experimentado ya la docilidad con que la nacion ha contribuido á realizar las mejoras ortográficas de la lengua castellana, siguiendo y adoptando sus consejos é insinuaciones, así como aprovecha esta ocasion de manifestar su gratitud por tan honrosa deferencia, así tambien espera que el uso de las personas instruidas y de los buenos impresores continúe auxiliando sus deseos de dar la última mano á la perfeccion de este ramo de nuestra cultura.

Á pesar de toda la diligencia con que la Academia ha procurado que el Diccionario saliese desde luego cabal y completo, no era posible que dejasen de ocurrir durante la impresion artículos nuevos, suministrados ó por la incesante aplicacion de sus individuos, ó por el loable zelo (que siempre agradece como es razon la Academia) de otras personas que

han querido contribuir con sus noticias y advertencias al aumento del Diccionario. Por esta causa, y para no defraudar al público de parte alguna del caudal de nuestro idioma, ha sido necesario formar el suplemento que se pone al fin de la obra: en el cual se incluyen además varios artículos á que se remitan otros del cuerpo del Diccionario, y se habian omitido en sus propios lugares. Cuando estos y algunos otros artículos que se citan en el discurso del Diccionario no se encuentran en el sitio que les corresponde, deben buscarse y se hallarán en el suplemento.

Ya se ha indicado antes de ahora la escasez del tiempo que ha habido para preparar y ejecutar la edicion presente. Solo diez y siete meses han mediado desde que se resolvió emprenderla hasta su publicacion. Dividida la Academia entre la urgente necesidad de satisfacer la impaciencia del público, y el deseo de no desmerecer su opinion y confianza, ha tenido que suplir con su laboriosidad lo que faltaba de tiempo y espacio para perfeccionar la empresa; y espera que por esta consideracion se disimularán los defectos é inadvertencias en que puede haber incurrido, y que son casi inevitables en obra de tanta prolijidad y menudencia.

La Academia, que considera el buen concepto de la nacion como la recompensa mas apreciable y grata de su trabajo, no quisiera defraudar de ella á sus individuos difuntos que han contribuido con su aplicacion y sus luces á las mejoras de la actual edicion, ya en los cotejos y revisiones que la han precedido, ya en las demas tareas anteriores del cuerpo, las cuales siempre tienen por principal objeto el aumento y correccion del Diccionario. Esto la mueve á poner aquí el catálogo de los Académicos que han fallecido desde el año de 1803, en que se hizo la última edicion, como un desahogo del sentimiento que le causa su dolorosa pérdida, con el que manifestando el aprecio que le merecen tan dignos compañeros, excite tambien á los demas á respetar y honrar, como es justo, su memoria.

1822

## PRÓLOGO.

La imposibilidad de reimprimir el Diccionario mientras duró la guerra de la independencia, y las dificultades que produjo después la falta de fondos para principiar la edicion, ocasionaron por un efecto necesario tal escasez de los ejemplares de la publicada en 1803, que llegaron á tener en el comercio un valor exorbitante; y de aqui nació la impaciencia del público para que se repitiese, y el empeño y solicitud de la Academia en acelerarla. Tuvo esta que vencer tambien el nuevo obstáculo que oponian á la celeridad de la reimpression sus deseos de darla mejorada y corregida; pero todo lo superó su celo, y la quinta edicion salió solo con aumento notable de artículos, sino tambien con las reformas que ocasionó el arreglarlos todos al sistema de ortografía publicado dos años antes. Como de la escasez de Diccionarios y del anhelo del público, que siempre ha honrado con su aprecio los trabajos de la Academia, dimanase el pronto despacho de los seis mil ejemplares de la quinta edicion, trató inmediatamente de repetirla, y para no hacerla mas embarazosa con el aumento de voces, que tenia reunidas, acordó la supresion de algunas fórmulas y artículos que creyó podrian excusarse sin perjuicio de la claridad conveniente y con mucho ahorro de palabras. Asi es que ha omitido en las voces sinónimas ó de un significado la fórmula *Lo mismo que*, poniendo en versalillas la voz correspondiente mas castiza ó de un uso mas general, por ejemplo *Alfabeto* s.m. *Abecedario*, *Ebriedad* s.f. *Embriaguez*, *Mote* s.m. *Apodo*. Igual economía ha tenido en las expresiones: *que es como mas comunmente se dice*, *que es mas usado*, *que se usa frecuentemente*; y otras semejantes; pues solo la remision de una voz á otra, que está definida, basta para indicar que esta es la mas propia y de un uso mas comun y constante. Tambien ha prestado motivo para la supresion ó reforma de muchos artículos la razon de que los diversos estados de pronunciacion y ortografía que padece una voz desde que sale de una lengua madre, de la latina por ejemplo, hasta que se fija en un idioma vulgar como el castellano, no deben mirarse como palabras diversas, bien se considere la alteracion que con los tiempos sufren las letras de un mismo órgano, como la *e* y la *i*, la *o* y la *u*, la *b* y la *p*, la *t* y la *d*, y asi otras, ó la torpe pronunciacion de la gente rústica por el vicio contraido y aun casi peculiar de algunas provincias, ó la corrupcion de los tiempos del mal gusto y de la decadencia de las letras.

En esta última clase deben colocarse las voces *Probe* por *Pobre*, *Probedad* por *Pobreza*, *Pusicion* por *Posicion*, *Quequier* por *Cualquiera*, *Qui* por *Quien*, *Quillotro* por *Aquel otro* &c: las que por viciosa pronunciacion en algunas provincias no merecen adoptarse, como *Puya* por *Pulla*, *Plumaye* por *Plumage*; las acabadas en *l* ó en *z* que antes tuvieron *e* en su final, como *docile*, *facile*, *imbecile*, *eficace*; las que terminan en *t*, que despues se ha convertido en *d*, como *amistat*, *caridat*, *heredat*, *salut*: las que concluian en *de* á quienes el uso ha quitado después la *e* final, como *honestade*, *amistade*, *meatade*, *virtude*; las que principian en *f* por depravado uso como *faca* por *haca*., *figado* por *higado*, *fuerta* por *huerta*; y las que por traer en su origen latino la *f* se usaron alguna vez, especialmente por los poetas, y han quedado anticuadas, como *figural*, *fongo*, *formiga*, *forno*. Otras voces se han suprimido porque el uso antiguo las hacia mas ásperas y desabridas, ya interponiendo la *s* en los verbos, como *apresciar*, *acaescer*, *carescer*, *reconoscer*, *rescibir*, ya duplicando la *n* en voces que pronunciamos con *ñ*, que es el signo que se estableció para denotar la duplicacion de aquella letra y equivale á la *gn* de los franceses é italianos, como en *anno*, *estranno*; y muchas corrompidas por los resabios de la primera educacion, como las que por *r* tienen *n* en los compuestos de la preposicion *in*, por ejemplo *inremediable*, *inresistible*, *inreparable*, ó

que interponen la *r*, como en *impropiar*, *lábrio*, *oprobrio*, ó en ella convierten por mala pronunciación la *l*, como en *Facistor*, *Fretar*, *Frete*, ó al contrario; la *e* por *i*, en *incorporar*, *enducir*, *enfleccionar*, *ingenioso*, *homecida*, *impremir*, *freso*; la *i* por *e*, en *invlar*, *inorme*, *intendimiento*, *lóbrigo*, *licion*. Tambien se han omitido los adverbios en *mient*, en *ment*, en *miente*, *mentre*, *miente*, como *liberament*, *librementre*, *honestamientre*, *plenamientre*, que tuvieron un uso vario y vacilante hasta que se ha fijado su terminacion en *mente*. Aun en estas reformas se ha procurado solo aquellas voces cuyo significado se comprende con facilidad, y cuya composicion y caracter se ha conservado en las que se les han sustituido. Sin embargo son tantas que se omite el expresarlas por evitar prolijidad y fastidio, resultando de todo una economía que hace al Diccionario mas breve y de un uso mas fácil y expedito.

Estas alteraciones viciosas, que tanto han perjudicado á la pureza y fijacion del idioma castellano, vienen desde muy antiguo; pues ya en los primeros años del reinado de Cárlos V se quejaba el autor del *Dialogo de las lenguas* de que se dijese *arbor* por *arbol*, *resolgar* por *resollar*, *rancor*, *rabaño* por *rencor* y *rebaño*, *levar* por *llevar*, *espera* por *esfera* y asi otros vocablos; atribuyendo la variacion, supresion ó transmutacion de sus letras mas á la inadvertencia, que á la deliberacion ó estudio de los que entonces los hablaban ó escribian. Asi debió suceder en aquel siglo, en que poco despues muchos célebres escritores procuraron pulir y suavizar las voces mismas que tomaron de la lengua latina; pero con la decadencia del buen gusto en las letras y las artes se introdujo posteriormente el prurito de afectar latinidad escribiendo *asumpto*, *presumpcion*, *escripto*, dificultando la pronunciacion y complicando la ortografía y la escritura, al mismo tiempo que se abandonan otros vocablos mas significativos y elegantes que los que sustituyeron: de modo que unos y otros contribuian á multiplicar los que eran de un mismo origen y significado, como *coluna* y *columna*, *afeto* y *afecto*, *repunar* y *repugnar*, *ecelente* y *excelente* y otros de esta clase que por lo mismo no merecen artículos separados en el Diccionario.

En compensacion de tantas supresiones se han añadido muchos artículos nuevos de voces que autorizadas por los escritores sabios y el uso, se han fijado ya en la lengua castellana, y se echaban de menos en las ediciones anteriores. Muchos de estos artículos han sido fruto de la aplicacion y laboriosidad de los académicos, y no pocos son debido al celo é ilustracion de varias personas doctas que han tenido la atencion de enviarlos, notando tambien algunos descuidos ó negligencias en las definiciones ó en las remisiones á otros artículos. Se todo se ha aprovechado la Academia, y tributa á sus autores la gratitud que merecen; pero ha sido muy corto el número de las voces remitidas que ha podido adoptar, porque la mayor parte corresponden al lenguaje técnico de alguna profesion, á cuyos Diccionarios pertenecen peculiarmente por no haber pasado el uso comun de la lengua.

Ademas de estas innovaciones, que la Academia ha tenido por convenientes en su Diccionario, hubiera querido fijar la calificacion de los nombres verbales, particularmente los que terminan en *or*, como *adulador*, *ra*, *lector*, *ra*, *vencedor*, *ra*, para guardar consecuencia en este punto esencial de nuestra Gramática. Conoce bien que muchos de ellos se usan ahora como sustantivos mas bien que como adjetivos, aunque algunas veces lo sean y lo fueron efectiva y rigurosamente al principio; pero esta determinacion pende de cuestiones gramaticales que estan aun por resolver.

En cuanto á los artículos que constan de mas de una dccion, la Academia ha conservado el mismo método y reglas que adoptó en la anterior edicion, y que conviene repetir para que sirvan de guia a los que los busquen y puedan encontrarlos mas fácilmente.

- I. Los artículos que constan de dos ó mas voces, y entre ellas tienen algun sustantivo, corresponden al lugar alfabético propio de este, ó al del primero de los sustantivos, si hay mas de uno, exceptuándose la palabra *cosa* por ser tan general.
- II. El artículo de esta clase que no tenga ningun sustantivo, estará donde toque al verbo si lo hay, ó al primero de los verbos si hay mas de uno. Exceptuándose de esta última

parte de la regla los verbos auxiliares *haber* y *ser*, y los que hacen veces de auxiliares, como *tener*, *ir*, *venir*, los cuales no se considerarán en este caso como verbos, para evitar la excesiva repeticion, que dificultaria encontrar con brevedad lo que se busca.

- III. Si no fuere sustantivo ni verbo ninguna de las voces del artículo, se hallará este en el lugar que por orden alfabético corresponde al adjetivo ó al primero de los adjetivos si tiene varios.
- IV. Si ninguna de las voces del artículo es sustantivo, verbo ni adjetivo, búsquese en su primera palabra, sea cual fuere.

Arreglados asi los artículos del Diccionario que constan de mas de una dición, y puestos los restantes en el orden alfabético prescrito por el sistema ortográfico de la Academia, se ha procurado con esmero rectificar las remisiones de las voces sinónimas ó equivalentes, corregir y mejorar algunas correspondencias latinas, y dar mayor claridad usando de términos comunes á las definiciones de las voces de Historia natural ó de otras facultades que por haberlas usado nuestros buenos historiadores, oradores ó poetas, ó por haberse introducido ya en el lenguaje comun han tenido lugar en el Diccionario.

La diligencia con que la Academia procura siempre aumentarle y corregirle, y la premura y prontitud con que ha atendido á su impresion, en medio de otras atenciones propias tambien de su instituto, ha producido un número considerable de artículos nuevos no incluidos en las letras que estaban ya impresas: y no queriendo privar de ellos el público los ha coordinado en un suplemento que se publica é incluye al fin de este volumen. Allí se encontrarán definidas muchas voces que acaso se echarán de menos en las respectivas remisiones donde debieron definirse, ó que se han usado en otras definiciones, y rectificados otros artículos que la celeridad de la impresion ó un olvido inevitable ha hecho que no puedan colocarse en sus lugares propios y oportunos.

Bastan las advertencias indicadas para que el público conozca cuánto ha sido el esmero de la Academia para corresponder al buen concepto que siempre le ha dispensado, procurando constantemente no solo acrecentar en el Diccionario el caudal de nuestra lengua, sino facilitar el medio de hacerlo mas sencillo y manejable. La Academia ha creído justo añadir aquí el catálogo de los individuos que han fallecido desde principios del año 1817 en que se publicó la última edicion, como testimonio del aprecio á que son acreedores, y para conservar su buena memoria entre aquellos que pueden conocer el mérito de los que se dedican al cultivo de las letras y á contribuir de este modo á la gloria é ilustracion de nuestra amada patria.

7ª. Edição

## PRÓLOGO.

El aprecio con que el Público ha recibido siempre el Diccionario de la Lengua castellana, de que es buen testimonio el pronto despacho de las seis ediciones anteriores, aun en medio de los estorbos que á veces oponian a su venta cosas extrañas y en estos últimos tiempos de reimpressiones furtivas hechas por algunos particulares fuera del reino, han movido á la Academia á continuar ocupándose con teson en mejorarle y reformarle, ya que á la limitada capacidad humana no sea permitido, principalmente en esta clase de obras, aspirar á la última perfeccion. Dos objetos se ha puesto en las reformas que sucesivamente ha ido haciendo: una, facilitar su uso á los lectores, y otra corregir las definiciones y juntamente enriquecerlo. Ya desde la segunda edicion le redujo á un tomo para que se pudiese adquirir á menos costa, y manejar con mas comodidad, y del mismo modo se ha publicado después, pero sin alteracion notable en esta parte, hasta que en la sexta se suprimieron algunas fórmulas y artículos, de que se dió razon en el prólogo. Siguiendo pues el mismo plan en la séptima, que ahora se publica, lleva adelante las supresiones hechas en la anterior, y añade ciertas innovaciones, que debiendo disminuir su volúmen, le hacen todavía mas manejable. Una de las mas importantes ha sido la de reunir en un solo artículo, conforme se ha practicado en otros Diccionarios, las diversas acepciones de una voz, distinguiendo unas de otras con esta señal //, y añadiendo á continuación las frases, modos adverbiales, y refranes que pertenecen á cada una. En estas locuciones, si hay que repetir la voz ó frase anterior, se omite, porque como las restantes no forman sentido por sí solas, fácilmente tomará el lector de la anterior las que principien aquella locución, v. gr., en una frase del artículo *Mano* se encontrará: *En alguna cosa*, debe suplirse *Cargar la mano*, que se halla en otra acepción anterior. Artículo *Espalda*, se lee: *Seguras las espaldas*, súplase *Tener*, que está anteriormente. Artículo *Firma*, dice *En blanco*, entiéndese suplido aquel sustantivo. Artículo *Hacer*, se ve *Dura alguna cosa*, súplase *Hacerse* &c. &c. Los verbos usados como recíprocos se hallarán en los artículos de los activos ó de los neutros á que correspondan.

Se ha quitado tambien la abreviatura *s.* que significa *sustantivo* en todos los nombres, y la *v* en los *verbos*, quedando solo en aquellos *m.* y *f.* que se interpretan *masculino* y *femenino*; y en estos *a.*, *n.* y *r.* que quieren decir *activo*, *neutro* y *recíproco*, porque estas letras no tienen otra interpretacion en el Diccionario, y por tanto no dan lugar á equivocaciones; pero se han conservado las omitidas, cuando el primer significado pertenece á un adjetivo ó á un verbo, y el segundo á un sustantivo y al contrario. Véanse entre otros, *Contenido*, *Cordial*, *Genitivo* &c.

A la expresión *En algunas partes*, con que antes se indicaba que aquella voz ó frase se usaba en alguna provincia, se ha sustituido *prov.* esto es *Provincial*, pues su realidad por tales deben tenerse las voces y los modismos que no se usen en castilla.

Como para mayor economía en el Diccionario debe ponerse cuidado en omitir lo que no fuere de absoluta necesidad, la Academia ha continuado suprimiendo las voces anticuadas que solo se diferencian de las corrientes en el aumento, disminución ó alteracion de una ó dos letras, y en particular varias que tenian al principio la redundancia de una *a*, conservándose sin embargo algunas para que no se olvide totalmente su uso en lo antiguo, como *Atal*, *Abastar* &c. Con mas razon ha proseguido suprimiendo los vocablos que solo por viciosa prononciación se diferencian en algo de los propios y castizos.

Estas supresiones comenzaron á hacerse en la sexta edicion, y para mayor ahorro de artículos inútiles se suprimen tambien en esta los participios pasivos regulares, los adverbios



en *mente* que proceden de superlativos, y además otros términos, que pudiéndose fácilmente formar, aunque por esta razón no disuene al oírse, no son con todo eso de uso general, ó no se hallan autorizadas en los clásicos: tales son principalmente muchos nombres de acción terminados en *azo*. En la gramática se explica el modo como se forman todas estas especies de voces, y la modificación que causan en las primitivas, y á ella debe acudir el que por ventura lo ignore. Finalmente se omiten en la mayor parte los refranes que sirven para autoridad de algunas palabras; pero los que merecen subsistir por su significado ó gracia se han puesto en su respectivo lugar.

Fuera de las razones expresadas, la concisión que requiere el Diccionario exigía que las definiciones se reluciesen á los términos precisos sin dañar á la claridad. Así ha tratado de hacerlo la Academia, y ha aplicado igualmente su conato á corregirlas, trabajando en ello con celo todos sus individuos, aunque sujetándose el dictámen de cada uno, según costumbre, al general del cuerpo. Por este medio cree haber mejorado notablemente un gran número de artículos, como fácilmente podrá juzgar el lector.

Entre ellos han llamado su atención las voces tomadas de artes y ciencias, y en particular de los diversos ramos que comprende las ciencias naturales. Las definiciones de estas en las primeras ediciones no pudieron menos de resentirse de la imperfección de las mismas ciencias en aquel tiempo, y después al corregirlas se convirtieron no pocas de ellas en explicaciones ó descripciones demasiado largas, porque se consideró que todavía no eran muy conocidos los objetos de que se trataba. Pero como por una parte se ha extendido ya más la afición á este género de estudios, y por otra solo á los tratados científicos corresponden semejantes explicaciones, ha intentado la Academia acortarlas, poniéndolas al mismo tiempo con la posible exactitud. La empresa á la verdad es difícil, porque si es cierto que el Diccionario no debe presentarlas como las da un profesor á sus discípulos, también lo es que no teniendo por lo común idea perfecta de semejantes cosas sino los que se han dedicado á observarlas profundizando la materia, se tropieza en el escollo, ó de que las definiciones sean vagas, inexactas y acaso falsas, cuando se acomodan á la idea vulgar, ó de que separándolas de ella, sean oscuras para un gran número de lectores. La Academia en obsequio de los mismos ha sacrificado á veces lo segundo á lo primero: más en general ha procurado no faltar á la exactitud cuidando solo de evitar en las definiciones los términos meramente científicos, que por lo mismo no constan en el Diccionario. Así entiende que ayuda á los profesores á conocer mejor el nombre castellano de lo que acaso no ha llegado á su noticia sino por obras extranjeras, y á los demás lectores á formar la idea verdadera y precisa de lo que conocen imperfectamente. La Academia prosigue trabajando con esmero en este punto, para que en las ediciones sucesivas no quede nada que desear.

Como el uso, árbitro y juez del lenguaje, no solo admite y desecha voces, sino que suele variar la acepción de las mismas, ocasionando así grandes dificultades para comprender lo que en rigor significan, tomó la Academia desde el principio para fijar más bien el significado de las palabras el medio de poner en seguida las correspondencias latinas. No es necesario detenerse á manifestar la utilidad de este método, no solo para los extranjeros que busquen la significación que ignoran de las palabras, sino también para los naturales, especialmente cuando una palabra tiene varias acepciones, como por experiencia podrá cualquiera conocer; pero sí es oportuno advertir que la Academia con el fin de dar más realce á la obra, ha puesto asimismo la mira en reformar esta parte del Diccionario, sustituyendo en muchos artículos voces ó frases de pura latinidad á las que antes había, y proponiéndose ejecutarlo en todos más adelante. Con lo cual, además de conseguirse el fin deseado, se logrará saber en lo posible la rigurosa correspondencia de las voces castellanas con las de la lengua latina, cosa que al fin debe redundar en beneficio de nuestro idioma y de nuestra literatura. En los artículos de historia natural se observa lo que otras veces se ha hecho, á saber: poner la voz

que se encuentra en los clásicos, á falta de esta la introducida en la baja latinidad, y faltando una y otra la denominacion que se da al objeto en el sistema de Lineo.

A todas estas ventajas se añade la de un aumento considerable de voces, ya sacadas de la lectura de varios autores clásicos, distribuidos entre los Académicos, ya remitidas por individuos ausentes, que han cooperado remitiendo el fruto de sus tareas en una multitud de cédulas y notas, ya tambien presentadas por algunos sabios españoles celosos del buen lenguaje, de las que se han aprovechado bastantes. A cuantos de esta manera han mostrado interés por la correccion y aumento del Diccionario, tributa la Academia su gratitud, dispuesta á tomar siempre en consideración las observaciones que se le dirijan con tan loable intento. Pero como no falta quien todavía acuse de escasez al Diccionario académico, echando menos en él voces que en su concepto debieran incluirse, la Academia tiene por conveniente advertir que ahora y siempre ha procedido con suma circunspeccion en dar lugar á voces que no le han tenido anteriormente; porque el verdadero caudal de las lenguas vivas no se compone sino de las palabras y frases usadas generalmente entre las personas cultas. La Academia ha sido severa en esta calificación; y lejos de adoptar fácilmente y sin mucho examen voces y locuciones nuevas, ha desechado todas las que no se hallan autorizadas por el ejemplo de nuestros escritores clásicos ó por el uso claramente reconocido como general y constante. Muchas veces ha diferido la admisión, dando tiempo á que prescriban voces bien formadas, que empiezan á introducirse, y suenan ya con alguna aceptación entre las demás del lenguaje. Así que ha excluido los nombres caprichosos y pasajeros de trajes y modas que hoy se emplean y mañana desaparecen para no volverse á oír nunca. Por igual raspón ha excluido infinitas voces técnicas de ciencias, artes y oficios que no pertenecen al lenguaje comun, único objeto del Diccionario. Por la misma no ha admitido las voces fácilmente formables, propias del estilo familiar que permite el uso de una voz, pero sin darle derecho al uso perpetuo, de lo que hay ejemplos en nuestros buenos escritores. Si se diera entrada á estas y otras clases de voces en el Diccionario, fácil cosa fuera añadirle no solo cinco sino muchos mas millares de artículos. Sirva esto para satisfacer la delicadeza de los que todavía pudieran tachar al Diccionario de escaso y diminuto. Y prescinde la Academia de los reparos que se han opuesto al suyo por no hallarse en él algunos artículos de voces extranjeras como *mutualmente*; ó de voces estropeadas y desfiguradas como *Barberescos*; ó escritas con mala ortografía como *grafio*; ó pronunciadas á la manera del ínfimo vulgo como *hospital*. Adoptar artículos de esta especie sería no enriquecer sino manchar el Diccionario, y profanar el carácter del noble y majestuoso idioma de Castilla.

La presente edicion está ajustada á las reglas ortográficas de la Academia igualmente que las anteriores; las erratas que se han echado de ver se han corregido; se han rectificado tambien las remisiones contenidas en el cuerpo de la obra, y se ha procurado después de un cotejo prolijo que ninguna falte, ni se remitan los artículos mutuamente; pero sobre este último es preciso advertir, que no todo lo que aparezca en versalitas es en rigor verdadera remision, sino solo indicacion de equivalencia de voces ó frases. Así no extrañará el lector que siendo equivalentes varios adjetivos á participios, en algunos nombres vulgares á nombres propios, y otros vocablos á locuciones compuestas de dos ó mas de ellos, se hayan impreso las equivalencias en versalitas para proceder de un modo uniforme en todo el Diccionario.

A pesar del sumo cuidado que se ha tenido en la impresión y correccion de pruebas, es imposible haber evitado ciertos defectos y erratas. De estas las que se han notado en nuevo exámen, se apuntan en su lugar; el olvido casual de algunas voces, acepciones ó correcciones, junto con los artículos adquiridos durante la impresión, han producido el suplemento que va al fin del Diccionario.

En cuanto á los artículos que constan de mas de una diction, la academia ha conservado el mismo método y reglas que adoptó en la quinta edicion, y que conviene repetir para que sirvan de guia á los que los busquen, y puedan encontrarlos mas facilmente.

- I. Los artículos que constan de dos ó mas voces, y entre ellas tiene algun sustantivo, corresponden al lugar alfabético, propio de este, ó al del primero de los sustantivos, si hay unas de uno, exceptuándose la palabra *cosa*, por ser tan general.
- II. El artículo de esta clase, que no tenga ningun sustantivo, estará donde toque el verbo, si lo hay, ó al primero de los verbos si hay mas de uno. Exceptúanse de esta última parte de la regla los verbos auxiliares *haber* y *ser*, y los que hacen veces de auxiliares, como *tener*, *ir*, *venir*, los cuales no se considerarán en este caso como verbos, para evitar la excesiva repeticion que dificultaria encontrar con brevedad lo que se busca.
- III. Si no fuere sustantivo ni verbo ninguna de las voces del artículo, se hallará este en el lugar que por orden alfabético corresponde al adjetivo, ó al primero de los adjetivos, si tiene varios.
- IV. Si ninguna de las voces del artículo es sustantivo, verbo ni adjetivo, búsquese en su primera palabra, sea cual fuere.

Concluye la academia dando en seguida al público, como en otras ediciones, el catálogo de los individuos que han fallecido desde la última hecha el año de 1822 en justo obsequio de su memoria por lo que contribuyeron con su talento, instrucción y desvelos á perfeccionar los trabajos académicos y á facilitar el estudio y conocimiento del idioma pátrio entre nacionales y extranjeros.

## PRÓLOGO.

**A**purados ya, mas ha de diez meses, los ejemplares de la séptima edicion de este Diccionario, la Academia Española ofrece al público otra nueva, en la cual se han hecho mejoras notables, tanto por el aumento de voces castellanas y correspondencias latinas, quanto por la correccion de muchas definiciones, que después de un exámen escrupuloso ha parecido conveniente alterar, ya aclarando las oscuras, ya rectificando las poco exactas, y ya ampliando ó abreviando las diminutas ó redundantes.

Mas como en el método que en esta edicion se ha seguido á fin de facilitar el manejo del Diccionario, la Academia no ha hecho la mas ligera mudanza, tiene por inútil repetir las prevenciones que estampó en el prólogo de la séptima. Para suplir su falta bastará recorrer la nota que precede á la página 1<sup>a</sup>, donde encontrará el lector la explicacion de las abreviaturas, y el medio seguro de hallar las frases y locuciones compuestas de mas de una palabra.

En lo que se echarán de ver algunas, aunque no muchas, innovaciones, es en la parte ortográfica, pues atendiendo al deseo y conveniencia general de simplificar en lo posible la escritura de la lengua patria, ha creido oportuno la Academia sustituir la *j* á la *g* fuerte en gran número de voces que hasta aquí se habian escrito con la segunda de estas consonantes. Mas procediendo con el pulso y la circunspeccion que acostumbra, se ha limitado por regla general á escribir con *j* las palabras en cuya etimología no se halla la *g*, conservando en las demás esta letra por respeto á su origen y á la antigua posesion que lo autoriza. Tal vez algunos años más serán suficientes á legitimar el uso contrario, y entonces la academia, como fiel observadora del rumbo seguido por los buenos escritores, hallará quizá mas fundados motivos para descartar la *g* fuerte de todas las voces castellanas, empleando exclusivamente esta letra en aquellas sílabas en que se pronuncia con suavidad, como *gracia* y *golilla*.

Otra novedad va introduciendo, de algunos años acá, la práctica de varios impresores, y es la de escribir con *es* la sílaba *ex*, bien se halle en principio de diction, como en *extraño*, *experto*, bien en medio de ella, como en *pretexto*, *contextura*. Sin embargo no es tal ni tan calificada la generalidad de esta alteracion, que se atreva la Academia á adoptarla, y mucho menos al considerar que por ella se confunden voces de diferente significado; v.g. los verbos *espíar* y *expiar*, y que só color de suavizar la pronunciacion de las indicadas sílabas, se desvirtúa y afemina en cierto modo la noble y varonil robustez en nuestro idioma.

Mas repugnante, si bien no tan general, parece á la Academia la manía de escribir con *cs* las sílabas *xa*, *xen*, *xi*, como en *exámen*, *exento*, *eximio*, poniendo en su lugar *ecsamen*, *exento*, *ecsimio*; innovacion que ninguna razon justifica, y de la cual no se sigue la mas leve utilidad ó ahorro. Desterrada ya la *x* de las voces en que representaba el sonido de la *j*, su pronunciacion es fija, conocida, uniforme, sin que en ningun caso ofrezca duda ni ambigüedad. ¿Qué razon, pues, hay para echarla del alfabeto? Aun cuando su sonido fuese idéntico al de *cs*, que no lo es en rigor, pues mas se acerca al de *gs*, ¿qué ventaja ó economía trae al amanuense ó al impresor el emplear dos letras en lugar de una sola? Así la Academia está muy léjos de admitir una novedad, que sobre no representar con exactitud la verdadera pronunciacion de la *x*, complica la escritura en vez de simplificarla, y de tal modo desfigura las palabras españolas, que parecen de alguno de los idiomas septentrionales.

Habiéndose aumentado desmedidamente la nomenclatura de origen griego, aplicada no solo á varias ciencias, sino á los diversos ramos que comprende cada una, acuden los curiosos al Diccionario en busca de los nombres de aquella procedencia, y no hallándose en él, lo acusan de pobre y diminuto. La Academia se ve por tanto en la precision de advertir, que tales

nombres pertenecen ménos al caudal de los idiomas vulgares, que al lenguaje técnico y peculiar de las ciencias á que se refieren. Por lo mismo no se juzga autorizada para darles lugar en su Diccionario, hasta tanto que el trascurso del tiempo los va haciendo familiares, y el uso comun los adopta y prohija. Así se ha conducido en cada una de sus varias ediciones, en las cuales han hallado cabida progresivamente muchas de las voces enunciadas, según han ido adquiriendo cierta especie de naturalizacion, é incorporándose, por decirlo así, en el fondo general de la lengua.

A esto se reduce cuanto la Academia Española tiene que hacer presente al público al ofrecerle la octava edicion de su Diccionario, esperando que la recibirá con no menor benevolencia que las anteriores.

## PRÓLOGO.

Seis años van corrido desde que la Academia publicó la octava edición de su Diccionario, y en este largo período no ha creído de ocuparse en mejorarlo, dando á las definiciones de las voces, que le requerían, mayor exactitud y claridad; admitiendo muchas nuevas que el tiempo y el uso común han legitimado paulatinamente, y procediendo en todo con la meditación y el pulso que acostumbra. Sin embargo de este esmero, la Academia está muy distante de creer que ofrece al público una obra acabada: al contrario está bien persuadida de que nunca merecerá tal calificación una tarea de suyo interminable por las novedades continuas que introduce el uso en los idiomas, ya prohiendo voces nuevas, ya dando á las conocidas acepciones desusadas, ya desnaturalizando de todo punto la significación primitiva de algunas, ya arrinconado como inútiles y anticuadas las que pocos años antes eran de uso corriente. Para haber de deslindar en esta incesante fluctuación las palabras que deben considerarse como dignas de aumentar el caudal del habla castellana de las intrusas y desautorizadas, cuya inundación nunca mayor que en nuestros días, se ha difundido desde los papeles periódicos hasta el taller de los artesanos, es preciso consultar muchas obras, extractar, y comparar autoridades, investigar etimologías hasta donde sea posible, meditar y pesar desapasionadamente los reparos de la crítica, y observar en todas sus clases la tendencia de nuestra sociedad en orden á adoptar tales voces ó locuciones; ver si la adopción es constante y sostenida, ó solo temporal y transitoria; si el nuevo vocablo se admite en toda su desnudez extranjera, ó se halla castellanizado por medio de alguna desinencia ú otra alteración mas análoga al genio e nuestra lengua, y por fin si el uso tiene en su favor el sello de una razonable antigüedad que justifique y afiance admisión. He aquí porque la formación del Diccionario de cualquier idioma se ha considerado como una obra de que solo puede encargarse un cuerpo, que dure tanto como aquel, que de continuo se rejuvenecen con nuevos individuos, y siga perennemente observando y notando paso á paso las vicisitudes, que ocasionen en la lengua la variedad de circunstancias y la corriente de los años. El voto de un escritor, sea el que fuere, jamás tendrá otro carácter que el de una opinión particular, ni podrá por lo mismo infundir en igual grado la confianza que el trabajo metódico é incesante de un cuerpo colectivo. Solo así puede un Diccionario servir de norma á los que desean hablar y escribir su idioma con propiedad y parezca, adquirir fuerza legal é indeclinable en los asuntos contenciosos, en que la genuina inteligencia de una voz suele ser de gran peso en la balanza de la justicia; y por último, solo así podrá llenar cumplidamente objeto, igual en todo al de un contraste autorizado para calificar la verdadera ley y valor de los metales preciosos.

Esto es el objeto primordial del Diccionario, dar á conocer las palabras propias y adoptivas de la lengua castellana, sancionadas por el uso de los buenos escritores; pero muchos no lo entienden así; y cuando no encuentran en el Diccionario una voz que les es desconocida, en vez de inferir que no es legítima y de buena ley, lo que infieren es que el Diccionario está diminuto. Así hemos visto lamentarse algunos de no hallar en él palabras *comité* (por comisión), *secundar* (por cooperar), y otras muchas extranjeras de que están infestados la mayor parte de los escritos que diariamente circulan y que todo el mundo lee por la importancia de los asuntos sobre que versan.

Otros echan menos en el Diccionario de la lengua castellana la multitud de términos facultativos pertenecientes á las artes y las ciencias, de las cuales solo debe admitir aquellos, que saliendo de la esfera á que pertenece, han llegado á vulgarizarse, y se emplean sin afectación en conversaciones y escritos sobre diferente materia. Cree la Academia no haber

omitido ninguno de los que se hallan en este caso, y cree igualmente que léjos de merecer reconvenciones por no haber omitido otros que no han pasado al lenguaje social, las merece por haber dado entrada en su Diccionario á muchos vocablos técnicos de Náutica, de Blason, de Esgrima &c. que no debieran estar en él, y solo conserva por respeto á su posesion y á la memoria de nuestros predecesores. Ya en el prólogo de la edicion octava indicó la academia los motivos en que se funda para excluir del Diccionario las voces técnicas de las ciencias y las artes, que no han salido del círculo de los que las cultivan; pero habiendo recibido después sobre este particular ciertas observaciones amistosas y urbanas de una respetable é ilustrada corporación, se considera en cierto modo obligada á dar mayor explanation á sus ideas, repitiendo las que expuso en respuesta y satisfacción á los reparos del citado cuerpo.

Un Diccionario de un idioma destinado al uso del público debe abrazar todas las voces del lenguaje comun de la sociedad, distinguiendo el familiar del mas culto y propio de las gentes instruidas, y del poético considerado en sí mismo; es decir, con exclusion de las materias ó asuntos en que haya de emplearse. Hay sin embargo en el lenguaje social voces de uso corriente, que por designar objetos frívolos, transitorios y casi siempre de origen y estructura extranjera no deben tener entrada en el Diccionario de una lengua, y si bien no faltan en el nuestro vocablos de esta clase pertenecientes á tiempos pasados, la Academia está persuadida de que no deben admitirse. Tales son los que se refieren á objetos de modas pasajeras y fugases, como *canesús*, *bandolina*, *capotas* y otros á este tenor que nacen hoy y mueren mañana sin dejar mas vestigios que la burla que de ellos suele hacer para diversion del público algun festivo escritor satírico ó dramático.

Pero hay tambien una inmensa nomenclatura de las ciencias, artes, y profesiones, cuyo significado deben buscar los curiosos en los vocabularios particulares de las mismas; tales voces pertenecen á todos los idiomas y á ninguno de ellos, y si hubieran de formar parte del Diccionario de la lengua comun, léjos de ser un libro manual y de moderado precio, circunstancias que constituyen su principal utilidad, seria una obra voluminosa en demasía, semi-enciclopédica y de difícil adquisicion y manejo. Si el naturalista se quejase de no encontrar en él las voces todas con que de dia en dia se ya aumentado el caudal de su profesion predilecta, con igual motivo se quejaria el astrónomo, el químico, el anatómico, el farmacéutico, el veterinario, y en suma los aficionados á cuantos ramos del saber componen hoy el inmenso tesoro de los conocimientos humanos. ¿Y qué diremos de los términos propios de los oficios y artes industriales complicadísimas, como las fábricas de tejidos, de destilaciones, de tintes, de quincalla &c. &c.? ¿Qué razon habrá para que se descarten del Diccionario, como se han descartado siempre, los nombres históricos y vulgares, los de los pueblos y ciudades del Globo, que no milite respecto de los de las ciencias, artes y oficios? Si para no admitir los indicados nombres hay motivos de tal fuerza que desde tiempos antiguos han sido confinados, digámoslo así, á los Diccionarios biográficos y geográficos, serian menores los inconvenientes que se originasen de admitir en el vocabulario comun de un idioma todos los términos técnicos de las ciencias naturales, cuyos progresos é innovaciones alteran tan aceleradamente su nomenclatura? ¿No se forman é inventan á cada paso nuevos sistemas, divisiones, combinaciones y afinidades, que obligan al trastorno total de las precedentes con tan rápida sucesion, que no es compatible con la mesurada y lenta marcha del Diccionario usual de la lengua? De esta misma volubilidad nace la que experimentan las definiciones técnicas, las cuales aunque no sufriesen tan frecuente alteracion, nunca podrian convenir en un Diccionario destinado al comun de los lectores, para quienes la definición científica de una voz seria tal vez mas oscura é ininteligible que la voz misma. Definanse técnicamente las voces más triviales, como *pan*, *calor*, *cebolla*, y se verá que su comprension está reservada á los versados en la física y botánica, siendo para la generalidad de las gentes un verdadero enigma.

De ese modo, se nos dirá, ¿a qué vendrá á quedar reducido el Diccionario comun de la lengua castellana, si no han de admitirse en él las voces y locuciones propias de las diferentes artes y ciencias, cuando apenas hay cosa en el mundo que no pertenezca á alguna de ellas, mas ó menos directamente? Empezando por recordar que la mayor parte de los objetos de todas clases tienen un nombre vulgar y otro científico, no negaremos la fuerza aparente de esta objecion sobre la cual expondrá en breves palabras su dictámen la Academia, y las razones y ejemplares en que la funda. El estado de civilización universal, y el comercio recíproco de todas las profesiones, introducen en el lenguaje comun frases y vocablos técnicos de las mismas, los cuales saliendo de los límites de las ciencias y artes á que corresponden, enriquecen el idioma general, y ora en su sentido recto, ora en el metafórico y figurado, se repiten en la conversación, se encuentran en los libros y llegan á ser de un uso tan vulgar, que todas las personas de alguna cultura las comprenden y emplean, aun cuando no hayan saludado la ciencia á que debieron su origen. Estos son, como dejamos indicado arriba, los que el Diccionario no puede menos de admitir, considerándolos ya incorporados en el idioma general, del mismo modo que aumentan el caudal de un rio los arroyuelos que recoge; por lo cual la Academia dedica su continúa observación á conocerlos y calificarlos, pues no tiene, ni presume tener otra autoridad ni otro oficio, que ir notando gradualmente los progresos de la lengua, y apuntando, como un cronista, las innovaciones que introduce y generaliza el uso de las gentes instruidas y en particular el de los escritores que procuran explicarse con propiedad y pureza. Cuando en una obra histórica, en una disertacion legal, en una novela, en una arenga parlamentaria, en un tratado de Economía ó de materias filosóficas ó morales se emplean oportunamente los términos anatómicos *tráquea, pulmon, espina dorsal*, ó bien las voces *radio, diámetro, ó círculo*, propias de la Geometría, ó se habla del *cáliz* de una flor, ó se nombra la *jarcia*, la *quilla* ó la *proa* de un navío, nadie tachará el uso de tales palabras, supuesta la conveniencia de su aplicación. Pero ¿quién no se burlaria del que en semejantes escritos sacase á colación el *coccix* ó las *vértebras cervicales*; los *catetos* ó la *ciclóide*, ó bien el tallo de los *Monocotiledoues* ó el *cáliz* de *cuatro lacinias*? Tales vocablos son tan desconocidos para la generalidad de las gentes, que no pueden salir de las técnicas á que pertenecen, y en ellas es donde deben buscar los curiosos su significado. Tal vez llegará tiempo en que se hagan familiares y el uso comun los prohije. Entonces tendrán derecho á entrar en el Diccionario, y podrá cualquiera servirse de ellos en la conversación y en sus escritos sin nota de afectación ó pedantería.

Expuesto ya el sistema que sigue sobre este punto la Academia en su Diccionario, le resta solo advertir que es conforme al que otras naciones tienen adoptable en el suyo. El célebre de la Crusca, y el inglés de Jonson, que se hallan en nuestra biblioteca, y son mucho mas voluminosas que el nuestro, carecen de infinidad de voces técnicas, y si bien contiene algunas más el Diccionario de la Academia francesa publicado por el Instituto de Francia de 1835, el mayor cultivo de algunas ciencias en aquel pais, y la consiguiente anterioridad de los adelantamientos é innovaciones que experimentan, es muy natural que hagan mas conocidos y familiares varios términos que en España no han salido aun del recinto de las aulas y del estudio de los profesores. Sin embargo es tal la escasez de los que contiene con respecto á los que le faltan, que á fin de suplirla ha sido menester que veinte sabios pertenecientes á todas las profesiones tomasen á su cargo la redaccion de otro diccionario que llenase aquel vacío. Esta obra publicada el año próximo pasado con el título de COMPLEMENTO DEL DICCIONARIO DE LA ACADEMIA FRANCESA, y en la cual no hay un solo artículo de los comprendidos en este, es un gran tomo de 1230 páginas de cuatro columnas y de letra muy menuda.

Aun cuando con lo que dejamos dicho queda sobradamente justificada la Academia de la tacha de escasez que algunos atribuyen á nuestro Diccionario, convendrá trasladar aquí varias cláusulas del prólogo, estampado por el Instituto de Francia al frente de la última edicion del de la Academia francesa, relativas al objeto que nos ocupa. *Un diccionario*, dice,



*en que se hallasen bien definidas y analizadas elemental y cronológicamente, todas las voces que emplea una nación en los usos de la vida, y las pertenecientes á las ciencias, seria la mas lenta de las obras difíciles; y esta dificultad dentro de algun tiempo rayaria en lo imposible por la extensión poco menos que infinita de los conocimientos que requiere. Y mas adelante añade hablando de una edicion anterior del mismo diccionario: Un escritor de nuestros dias, sabio filólogo, y notable por el colorido brillante de su estilo (Mr. Nodler), ha justificado á la Academia francesa de que faltasen en aquel la inmensidad de términos técnicos de que por entonces hicieron compilaciones especiales Borel y Tomás Corneille, enteramente olvidadas en la actualidad. Tales nomenclaturas, que forman en efecto otras tantas lenguas particulares, sufren tan completas mutaciones por los progresos mismos de las ciencias, que hoy solo servirian para designar la fecha de un error desvanecido, ó de una verdad ignorada.*

El sistema ortográfico, seguido por la Academia en esta edicion, es igual al de la precedente, sustituyendo siempre la *j* á la *g* á excepcion de aquellas voces que *de notoriedad* tienen en su origen esta última consonante, como *regio*, *ingenio*, *régimen*. El arrojo con que algunos escritores con mas ligereza que discreción se empeñan en desnaturalizar la escritura de las voces castellanas, ha obligado á la Academia á proceder en esta parte con el mayor detenimiento y mesura.

1852

## AL LECTOR.

Al ordenar la presente edicion no se ha separado la Real Academia Española del sistema que ha seguido en las anteriores y especialmente en la octava y la novena. Se abstiene, pues, de exponerlo y justificarlo en un largo prefacio, que nada sustancial añadiría á lo que latamente manifestó en el prólogo á la última, dada á luz en 1843. No obstante, sin variar el plan de la obra ha procurado mejorarla; no solo enriqueciéndola con muchas voces y locuciones que, é desde antes le faltaban, ó modernamente introducidas se han generalizado en el uso, sino quitando á varias la inmerecida nota de anticuadas cuando por plumas doctas las ha visto rejuvenecidas. El mayor número de vocablos ahora agregados procede, ya de las novedades que se han ido experimentando en todos los ramos de la administracion pública por consecuencia de las actuales instituciones políticas, ya del rápido vuelo que á su sombra tutelar han tomado las artes, el comercio y la industria. No faltará, sin embargo, quien todavía eche de menos en esta edicion algunas voces novísimas; pero, ó las ha excluido de propósito la Academia, bien por demasiado técnicas, bien porque, apenas empleadas por algunos escritores, han caido en completo desuso, ó se han medio naturalizado en Castilla cuando ya se habia impreso el pliego donde habrían de colocarse. Por lo que respecta á estas últimas, la Academia ha preferido reservar su insercion, para hacerlo mas adelante y con mayor autoridad, á la publicacion de un prolijo suplemento que retardaria la de la obra mas de lo conveniente, agotados como lo están meses ha todos los ejemplares de la precedente impresion.

Fácil hubiera sido á la Academia añadir muchas páginas á este volúmen, acudiendo al inagotable repertorio de las antiguas crónicas y otras venerables leyendas, y tomando de ellas multitud de palabras, que no harian ni mas elegante, ni en rigor mas copiosa el habla castellana; pero, si bien se propuso desde luego esta corporacion no limitarse en su Diccionario á la explicacion del lenguaje corriente, sujeto á tantas y tan continuas variaciones, sino que quiso siempre y quiere hacer mérito de dicciones y cláusulas *anticuadas*, nunca fue su ánimo, ni seria de grande utilidad para el público en general, el incluir las que *caducaron* no mucho despues de haber adquirido de haber adquirido forma propia, regularidad y robustez nuestro romance.

Ni todo el trabajo de los Académicos ha consistido en hacer más ó menos adiciones á las columnas de este libro. Tambien se han suprimido algunas locuciones por impropias ó por conocidamente supérfluas. Pero en lo que se ha puesto mayor conato ha sido en corregir las definiciones oscuras y defectuosas, ampliar las sobradamente diminutas y abreviar las que pecaban de redundantes, dando de paso la debida publicidad á ciertas acepciones de tal ó cual voz, ya inserta en el Diccionario, que en épocas anteriores, ó no se usaban, ó no se tuvieron presentes.

Bajo el aspecto, pues, de la mayor correccion, así literaria como tipográfica, aun mas que bajo el del aumento de artículos, cree la Academia que este nuevo fruto de sus tareas merecerá, no ménos que los anteriores, la pública aceptacion.

1869

## AL LECTOR.

EN los diez y siete años transcurridos desde que se dio á luz (en 1852) la décima edicion del DICCIONARIO, la ACADEMIA ESPAÑOLA, fiel á su instituto, se ha aplicado sin descanso á revisar y perfeccionar esta su más importante y delicada obra. Atenta á las observaciones que se le han dirigido, pero más atenta todavía á las bases fundamentales sobre que debe descansar el inventario razonado de una lengua, ha seguido en la presente edicion de su DICCIONARIO el movimiento progresivo que en todo idioma necesariamente se verifica; pero sus pasos han sido lentos y mensurados, que no de otra suerte se conserva la integridad de las lenguas cultas y se asegura el acierto en su natural desenvolvimiento.

Así es que, desatendiendo el vulgar clamoreo de los que miden la riqueza de una lengua por el número de vocablos, sean ó no necesarios, estén ó no estén analógicamente formados, ofrezcan ó no prendas de duracion, se ha mantenido firme en su decision de no sancionar más palabras nuevas que las indispensables, de recta formacion, é incorporadas en el Castellano por el uso de las personas doctas. Aun así, sale esta edicion notablemente aumentada con algunos centenares de vocablos, de frases y de nuevas acepciones.

Otro aumento indirecto, y no escaso, resulta tambien de haber suprimido la calificacion de *anticuadas* en muchas voces que hasta aquí la llevaban; calificacion que podia retraer de emplearlas á los que miran como un estigma afrentoso la mucha edad de un vocablo. La ACADEMIA desea rehabilitar en el uso la mayor parte de tales voces, arrinconadas más bien por ignorar muchos su existencia, que por ser propiamente anticuadas.

La ACADEMIA se ha aplicado igualmente á corregir ó reformar las definiciones de algunos vocablos, singularmente de los técnicos de ciencias y artes, que por su índole varían no poco en valor y significacion á causa de los adelantamientos científicos é industriales. En la definicion de los vocablos comunes ha procedido con mayor cautela, así por el carácter autorizado de las definiciones de este DICCIONARIO, como por las dificultades que trae semejante reforma. Lenta, pero atinadamente, ha de hacerse, y se hará, esta reforma, utilizando para ello los estudios en que se ocupa la ACADEMIA para su ensayo de su Diccionario de SINÓNIMOS. Solamente después de apurar el valor íntimo de los significados, y de cotejar su vario uso en los buenos escritores, se puede llegar á una *explicacion* suficiente (que nunca á una *definicion* rigurosamente *lógica*) de las voces representativas de los infinitos conceptos mentales.

La mayor novedad que respecto de las ediciones anteriores ofrece la presente, es la supresion de las correspondencias latinas. Estas adolecian de algunas inexactitudes inevitables, y, sin poder hacer las veces de un Vocabulario hispano-latino, ocupaban grande espacio y sobre todo podian inducir á error. Tampoco podian servir de seguro guia para la etimología de las voces castellanas, por cuanto el mayor número de éstas procede inmediatamente del latin *vulgar*, y las correspondencias se tomaban del latin *clásico*. Ni era posible otro arbitrio en punto á las muchas voces representativas de objetos nuevos, de usos y costumbres modernas, sin equivalentes en el latin, y que era forzoso explicar por medio de largas y enojosas perífrasis. Tales consideraciones, y la de estarse ocupando la ACADEMIA en la formacion de un Diccionario ETIMOLÓGICO, que consigne el origen, la formacion y las vicisitudes de cada vocablo, la han movido á suprimir las referidas correspondencias.

Respecto de la ortografía, ninguna novedad notable ofrece esta undécima edicion. Sin estimar del todo perfecta la ortografía castellana actual, y sin renunciar por completo á las

reformas que andando el tiempo puedan adoptarse, ha creído, no obstante, la ACADEMIA que por ahora no conviene alterar su ortografía, bien consentida años hace por los doctos, y dotada ya de cierta perfección relativa, que al Castellano envidian otras lenguas neolatinas.

Por último, adoptando un carácter de letra mayor y más claro que el de las ediciones anteriores, esmerándose en la corrección de las pruebas, y abaratando notablemente el precio de su DICCIONARIO, juzga la ACADEMIA haber cumplido su deber respecto de la más principal, á la par que la más difícil, de sus tareas.

## ADVERTENCIA.

Propónese únicamente en esta advertencia preliminar la Academia Española reconocer deudas de gratitud y manifestar con brevedad y sencillez las novedades por que la duodécima edición de su DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA se distingue de las demás.

En la de 1869 omitió, razonando su acuerdo, las llamadas *correspondencias latinas* que siempre había llevado este libro, y ahora, en vez de tales *correspondencias*, de las etimologías de los vocablos españoles; pero, lejos de estimar del todo acabado y perfecto su trabajo en tan ardua materia, no ve él sino tentativa sujeta á corrección. La necesidad de llevarle á cabo perentoriamente para que por mucho tiempo no careciese el público de este DICCIONARIO, cuya última edición estaba agotada, ha sido causa de que en la nueva no se atribuya etimología ninguna á voces de origen que no se podía desentrañar sin más largo y feliz estudio. En caso de duda, ha parecido preferible, á omitir la etimología, darla con signo de interrogación. Si filólogos españoles ó extranjeros hicieran acerca de esta peligrosa labor útiles observaciones, la Academia se complacería en aprovecharlas.

Otra novedad de la duodécima edición es el considerable aumento de palabras técnicas con que se la ha enriquecido. Por la difusión, mayor cada día, de los conocimientos más elevados, y porque las bellas letras contemporáneas propenden á ostentar erudición científica en símiles, metáforas y todo linaje de figuras, se emplean hoy á menudo palabras técnicas en el habla común. Tal consideración, la de que en este léxico había ya términos de nomenclaturas especiales, y las reiteradas instancias de la opinión pública, lograron que la Academia resolviese aumentar con palabras de semejante índole su DICCIONARIO; aunque sin proponerse darle carácter enciclopédico, ni acoger en él todos los tecnicismos completos de artes y ciencias. Algunos hay que no ofrecen señales inequívocas de duración, y raro es aquel en que no abundan dicciones híbridas ó, por diverso concepto, impuras, á que no conviene dar cabida en el vocabulario de la Academia: la cual, decidida á cumplir su espinoso intento con arbitrio discrecional, ha elegido, de entre innumerables términos técnicos, los que tienen en su abono pertenecer á las ciencias y las artes de más general aplicación, haber echado hondas raíces en tecnologías permanentes y estar bien formados ó ser de ilustres abolengo, como nacidos del griego ó del latín. Al definirlos se ha esquivado emplear voces de igual género, que, para quien no las comprendiese, hicieran la definición ó poco ó nada inteligible.

En palabras, acepciones y frases del lenguaje literario y vulgar es también más copiosa que otra ninguna la presente edición, donde los artículos nuevos se cuentan por miles, y por decenas de millares las adiciones y enmiendas hechas en los antiguos. Varias de las palabras admitidas recientemente son neologismos que se han creído necesarios para designar cosas faltas de denominación castizas, ó que por su frecuente y universal empleo ejercían ya en nuestra lengua dominio incontrastable. Á los que hoy la afean y corrompen sin fundado motivado, ni siquiera leve pretexto, no se ha dado aún carta de naturaleza. La Academia no puede sancionar el uso ilegítimo, sino cediendo á fuerza mayor.

Asimismo ha cuidado de acrecentar en su léxico el número de los diminutivos y aumentativos que no acaban en *ico*, *illo*, *ito* y en *on* y *azo*. Pero, exceptuados aquellos que tienen acepciones de positivos ó alguna particularidad excepcional, se han suprimido todos los de estas vulgares desinencias, como igualmente los superlativos en *ísimo* que conservan sin modificación alguna las letras radicales de los vocablos de que proceden. En ningún diccionario constan, ni es preciso ni quizá posible que consten, todos los diminutivos, aumentativos y superlativos de estas desinencias usados en el lenguaje familiar: incluyendo

parte de ellos tan sólo, se haría creer que las exclusiones significaban reprobación: de eliminarlos todos, con las excepciones indicadas, no resulta daño ninguno, porque las reglas de su formación, que pueden y deben estudiarse en la Gramática, irán, á mayor abundamiento, como apéndice del DICCIONARIO.

El aumento indirecto encarecido en el prólogo de la edición anterior se acerca en ésta á sus últimos límites, por hacerse ahora adoptado regla más eficaz para evitar que lleve el calificativo de anticuada ninguna voz que no deba llevarle: caso en que, descontadas muy pocas, están cuantas viven con juventud eterna en las obras de ingenios próceres de los siglos XVI y XVII.

Minucioso examen de toda la obra ha permitido librarla de errores materiales que desde muy antiguo la mancillaban. Cometidos, por regla general, en voces hoy olvidadas ó desconocidas, no era nada fácil notarlos ni se podían comprobar sino con el estudio etimológico de dichas voces, ó pidiendo favor á literatos españoles ó americanos idóneos para dar noticia de ellas por algún motivo especial, ó buscándolas, á costa de ímproba fatiga, ya en códices muy peregrinos, ya en ediciones príncipes de los libros en que fuera dable encontrarlas; y así la Academia, como los autores de otros diccionarios que han reproducido estos yerros, merecen disculpa.

La nueva ortografía observada en el libro no consentirá ya dudar acerca de la verdadera prosodia de ninguna de las palabras en él incluídas.

Lisonjéase además la Academia de haber regularizado el plan general de la obra, ordenándola y esclareciéndola, y facilitando así el trabajo de quien la estudie. Compuesta, no por un Académico solo, ni por varios, sino por toda la Corporación, de temer es que aun adolezca de faltas de método, casi inevitables en labor de muchas personas con igual señorío. Tampoco en diccionarios que una sola hizo ó dirigió sin contrariedad, escasean tales imperfecciones, superabundantemente compensadas en el de la Academia con la ventaja de haber contribuído á componerle hombres nacidos y educados en diferentes regiones de España y dedicados al estudio y cultivo de distintos ramos del humano saber.

Será parte igualmente á facilitar el hallazgo de cuanto en el libro se busque, lo claro y vario de los caracteres tipográficos empleados dentro de cada artículo.

Ni deja de merecer alguna estimación el empeño con que la Academia ha procurado y conseguido encerrar el nuevo DICCIONARIO (sin hacerle por sus condiciones materiales incómodo ó ingrato á la vista) en un solo volumen, cuyo precio será inferior al de publicaciones análogas. La supresión de diminutivos, aumentativos y superlativos, á distinta causa debida, contribuyó al logro de este empeño, y con el mismo fin se arbitraron medios tan oportunos como el de purgar de palabras inútiles las definiciones, al par beneficioso por más grave razón, y como el de emplear únicamente siglas en las abreviaturas, siempre que así era dado hacerlo sin detrimento de la claridad. Antes, por ejemplo, se repetía en muchas ocasiones *Úsase también como sustantivo*, y ahora no se repiten más que las siglas *Ú.t.c.s.*

Á consecuencia de las adiciones, enmiendas y reformas enunciadas y de otras cuya explicación sería prolija, algo ha debido ganar el libro; y si se exceptúa la primera edición, superior á todas en virtud de los textos de autores clásicos que la ennoblecen, ninguna de las posteriores iguala quizá en mérito relativo á la última, realizada principalmente á los ojos de este Cuerpo literario por contener abundante fruto de ajena solicitud. Las Reales Academias de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales y de Medicina, dando inestimable testimonio de hidalguía y generosidad, han ilustrado, con no escasa copia se artículos concernientes á las materias en que tienen irrecusable autoridad, el nuevo léxico de la lengua patria. Pertenecen otros de los aciertos que le avaloran á las Academias Colombiana, Mejicana y Venezolana, Correspondientes de ésta, y á insignes americanos que ostentan igual título. Ahora, por vez primera, se han dado las manos España y la América Española para trabajar unidas en pro del idioma que es bien común de entrambas: suceso que á una y otra llena de inefable alegría y

que merece eterna conmemoración en la historia de aquellos pueblos y del que siempre se ufanó llamándolos hijos. Correspondientes españoles de esta Corporación y personas á ella extrañas la han agasajo también con dádivas inapreciables. Á los Cuerpos mencionados, á los Correspondientes nacionales y extranjeros, á cuantas personas han intervenido en el mejoramiento de la obra, rinde la academia Española tributo de inextinguible gratitud; y sólo porque discernir lo que debe á los esfuerzos de cada cual no está en lo posible, se contenta con publicar una lista de todos sus muníficos bienhechores. Si no fuese completa, estímesese las omisiones involuntarias y dignas de perdón.

El Rdo. P. Fita, que es Correspondiente, pero no individuo numerario de esta Academia, ha pertenecido, por su indiscutible autoridad como erudito y poligloto, á la Comisión encargada de estudiar los orígenes de nuestro idioma; de donde resulta ser hoy la academia deudora insolvente, porque los servicios prestados por varón tan ilustre en el desempeño de su cometido, no se pueden pagar ni con la mayor gratitud ni con la mayor alabanza.

Tampoco fuera justo callar que en los Académicos de igual clase Sres. D. Agustín de la Paz Bueso y D. Fausto López Villabrille, y durante algún tiempo en D. Ambrosio Fernández Merino, han tenido celosos y doctos auxiliares la Comisión de que se acaba de hablar y la llamada á dirigir los trabajos de la edición, en que, según se afirmó antes, ha empleado su actividad toda la Academia.

Cree ésta, como también se ha dicho, haber mejorado su DICCIONARIO: no cree haber puesto fin á la tarea de aumentarle y de corregirle: tarea que no concluye jamás sino para empezarla de nuevo, porque sabe que el léxico de una lengua viva nunca está definitivamente acabado y porque ella mejor que nadie conoce lo imperfecto del que es obra suya. No le sorprenderá, por tanto, la censura atinada, si desoirá ningún consejo, venga de donde viniere, ni dejará de acatar la buena intención, aunque no la recomiende el acierto. Para la patriótica y, por muchas razones, meritoria empresa de llevar el diccionario de la lengua castellana hasta el último grado de perfección á que la voluntad y el entendimiento del hombre puedan elevarle, siempre recibió y siempre recibirá la Academia con íntimo júbilo el amparo de los entendidos y del público en general. Á España entera importa que se conserva íntegra y pura y se enriquezca sin desdoro el habla que es agente eficacísimo de su gloria, prenda de su independencia, signo de su carácter.

1899

## ADVERTENCIA.

De tal modo se han observado en la presente edición los métodos y principios seguidos en la anterior, que bien pudiera servirle de encabezamiento la advertencia escrita al frente de la otra por la docta pluma del inolvidable Tamayo.

La Academia se ha dedicado con toda asiduidad á perfeccionar su obra en cuanto le ha sido dable, rectificando etimologías, corrigiendo definiciones, suprimiendo superfluidades, enmendando errores y aumentando el caudal de voces, ya con algunas hasta ahora omitidas y cuyo empleo abona la autoridad de buenos escritores, ya con muchas otras que han alcanzado la sanción del uso general bien dirigido. Regla constante ha sido no admitir en el DICCIONARIO vocablo que carezca de aquella autoridad ó de esta sanción; pero las instancias, cada vez más apremiantes, con que muchas personas amantes del bien decir han solicitado de este Cuerpo literario parecer y consejo sobre la más apropiada manera de designar objetos antes pocos ó nada conocidos, y la consideración de que muchas veces esa actitud pasiva es causa de que corran y se vulgaricen palabras de muy viciosa estructura, sobre todo en los tecnicismos científicos é industriales, han traído la necesidad de incluir, tras detenida discusión y maduro examen, algunas voces, aunque pocas, desprovistas de aquellos requisitos y formadas por la misma Academia con estricta sujeción á las leyes por que se rige nuestro idioma.

Que la obra de pulir y enriquecer la lengua castellana se ha hecho popular, lo patentiza el extraordinario aumento que para esta edición ha tenido la cooperación de personas y corporaciones diversas, así de España como de América. Entre ellas, merecen que se renueve la especial mención de sus nombres nuestros Correspondientes españoles el P. Fidel Fita y D. Agustín de la Paz Bueso, aquél por su constante y fructuosa labor en la Comisión de Etimologías, éste por los inestimables servicios que desde hace más de treinta años viene prestando en la Comisión de DICCIONARIO. Y á todos sus generosos favorecedores rinde una vez más la academia tributo de profundo agradecimiento, esperando que no desmayen en la prosecución de su noble tarea.



1914

## ADVERTENCIA

Perseverante la Academia en seguir el método y plan a que se propuso acomodar sus trabajos para la duodécima edición del DICCIONARIO, ofrece hoy al público la décimocuarta, con el recelo natural de no haber alcanzado con el éxito la meta a que aspiraban sus deseos.

No es empresa tan fácil sacar a la luz pública una nueva edición de nuestro léxico, limpia de toda mácula que lo deslustre o empañe. En campo tan vasto y en materia tan discutible no siempre se advierten a primera vista, ni pueden evitarse, por tanto, con facilidad las imperfecciones y defectos que son inherentes a todas las obras humanas, aun a aquellas que, como la lexicográfica, han de ser forzosamente resultado de la más serena y reposada labor. Pero si la academia no pretende haber llegado en la edición actual al grado sumo de perfección que ambicionaba, tiene en cambio el convencimiento de que su labor, como deber que sus Estatutos le imponen, ha sido intensa, constante y alentada en todo momento por el propósito firme de llegar en ella a la perfección posible.

Por eso desde que decidió enriquecer su DICCIONARIO con las etimologías de las voces castellanas, ya en la edición anterior y más especialmente en la que ahora saca a luz, encaminó sus esfuerzos con verdadero empeño a consolidar esta que fue notable mejora en el plan de nuestro léxico, investigando nueva y detenidamente los orígenes de todas las voces en él catalogadas; comprobando a la luz de la más severa crítica las etimologías que parecían más o menos discutibles; rectificando aquellas para quienes se descubría más sólido fundamento; suprimiendo las pocas que lo tenían algo inconsistente o problemático, y añadiendo número considerable sobre las muchas indiscutibles comprendidas en las dos últimas ediciones.

Tan ahincadamente se ha procurado el acierto en la obra de depuración y de reforma llevada a cabo en esta edición última, que para conseguirlo ha dedicado la Academia atención especial a sus contradictores, estudiando reposadamente y con la imparcialidad debida las opiniones por ellos sustentadas en libros, revistas y periódicos, tomándolas en cuneta y atendíendolas cuando a su juicio tenían fundamento suficiente, y aceptándolas por tanto, cualquiera que fuese la acerbidad o la mesura que en exponerlas usaran sus autores y el fin y los propósitos que a la censura les movieran. Así no es de extrañar que haya aceptado agradecida y hasta solicitado a veces la colaboración no sólo de otras Corporaciones, y sobre todo la de sus correspondientes, que están por estatuto obligados a prestársela, sino también la de aquellas personas que, extrañas a la Corporación, se han distinguido por sus trabajos y por sus aficiones a los estudios que constituyen la preferente labor de nuestro Instituto.

Penosa, complicada y difícil por demás es la tarea de depurar el DICCIONARIO de los errores, imperfecciones y defectos a que dan ocasión, inevitable a veces, los distintos puntos de vista y las opiniones diversas de cuantos en él han colaborado. Por eso mismo el empeño de la Academia ha sido tan persistente y eficaz, que bien puede, sin exageración, asegurarse que sería punto menos que imposible fijar, ni aproximadamente, el número de enmiendas, adiciones y rectificaciones de todo género que después de examinadas y discutidas por la Comisión correspondiente y por la Academia misma, han sido en la presente edición definitivamente aceptadas; pero tales rectificaciones y enmiendas, en caso alguno han sido admitidas, sobre todo las que parecían tener cierta importancia, sin antes consultar el riquísimo tesoro que de sus trabajos para las ediciones primera, duodécima y decimotercia nos legaron en sus cédulas nuestros predecesores. De esta manera, cual si la muerte no los hubiera

separado de nosotros, asisten a nuestras deliberaciones, nos prestan cual si vivieran su consejo, y nosotros en justa correspondencia les rendimos el vasallaje intelectual que merecieron por el celo patriótico con que consagraron las luces de sus preclaros ingenios y las más nobles energías de su vida a la conservación en toda su pureza y al perfeccionamiento constante del habla castellana.

En esta última edición se ha introducido una novedad que, aunque en concepto de algunos parezca insignificante, no deja de tener cierta importancia. Todas las acepciones de los artículos que tienen más de una, van numeradas según el orden que entre ellas se establece en cada artículo: con esto se facilitarán las consultas a que obligan las frecuentes referencias de unos artículos a otros, y además se logrará, en lo que a este particular afecta, que resulte menos complicado el trabajo de depuración en ediciones posteriores.

Finalmente, es de justicia consignar aquí que la Academia se ha visto en muchas ocasiones generosamente asistida en su labor por individuos meritísimos de otras Reales Academias, por muchos de sus correspondientes y por otras distinguidas personalidades, profesores, literatos, etc., que dedican preferente atención a los estudios propios de nuestro Instituto; y por eso, antes de terminar esta advertencia, la Academia se complace en rendir en estas líneas el tributo de su gratitud más íntima y fervorosa a cuantos de algún modo la han favorecido con su ilustradísima y desinteresada cooperación.

1925

## ADVERTENCIA

Esta edición décima quinta del Diccionario difiere de la décima cuarta probablemente más que cualquiera de las otras difiere de su inmediata anterior.

Han sido revisados uno a uno todos los artículos con más detenimiento que hasta ahora, y en la mayoría de ellos se ha hecho alguna reforma, ora para corregir y precisar el concepto, ora para hacer la expresión más clara y más concisa, o más llana y conforme con el lenguaje moderno.

Además, y sobre todo, se han añadido gran número de acepciones y voces nuevas que por olvido u otras causas no se habían incorporado a las ediciones anteriores.

Primeramente se han incluido muchas voces técnicas, en especial las que tienen alguna difusión fuera del círculo de los profesionales, y se ha procurado en este punto poner el Diccionario al nivel del estado actual de las ciencias y de las artes.

Después la Academia atendió con preferencia a incorporar al Diccionario la mayor parte del habla común de las personas ilustradas. Claro es que desde que entre ellas surge una acepción o voz nueva, hasta que la Academia la acoge en su léxico, han de pasar bastantes años, los que se necesitan para que el uso se generalice, afirme y depure. Mas preciso es confesar que la Academia retrasó, a veces con extremada prudencia, la sanción debida al neologismo aceptable. Esta edición XV es más condescendientes con el uso; ha atendido más solícitamente que las anteriores a la lengua moderna comúnmente hablada y escrita en los países de lengua española por las personas cultas y por las que con éstas más íntimamente se relacionan.

Ha concedido también atención muy especial a los regionalismos de España y de América que se usan entre la gente culta de cada país, voces que estaban muy escasamente representadas en las ediciones anteriores. El provincialismo de España encierra una riqueza léxica de inapreciable valor, porque conserva viva gran porción de vocablos pertenecientes al antiguo fondo patrimonial de nuestro idioma. Y por su parte, el americanismo sabido es cuántas voces hispánicas atesora que en la Península han caído en desuso total o parcial, mientras en América siguen viviendo con admirable arraigo. Cuán mal conocidos son todavía estos dos provincialismos europeo y americano lo muestra el caso de que la Academia en el curso de su labor se ha encontrado a menudo con voces que se le proponían a título de americanismo y que las hallaba a la vez comprobadas también como usuales hoy día en una o en varias regiones de España; así el Diccionario llegó a admitir como de uso general muchos vocablos que se le ofrecían a primera vista como de uso restringido a una región.

Esperamos que esta atención consagrada a los americanismos sea una de las principales ventajas que se aprecien en este Diccionario respecto de los anteriores. En él se han acogido ante todo las voces y acepciones americanas que designan cosas peculiares de América: animales, plantas, costumbres, etc., y se ha atendido asimismo a aquellas voces que, aunque tengan su correspondiente en la Península, están difundidas por varios países del otro continente. Para esta tarea, la Academia, falta de información propia, hubo de atenerse casi sólo a los vocabularios de americanismos que andan impresos; al seguirlos, sin duda habrá cometido errores, mas espera que las Academias Correspondientes que allá están constituidas puedan ayudarle a enmendarlos en las ediciones futuras.

Como consecuencia de esta mayor atención consagrada a las múltiples regiones lingüísticas, aragonesa, leonesa e hispanoamericana, que integran nuestra lengua literaria y

culta, el nuevo Diccionario adopta el nombre de “lengua española” en vez del de “castellana” que antes estampó en sus portadas. La Academia, ya desde el prólogo de su primer Diccionario empleó indistintamente las dos denominaciones de lengua castellana y española, en lo cual no hacía más que atenerse al antiguo uso de nuestros autores clásicos, que también daban ambos calificativos a la lengua literaria principal de la Península. Al preferir ahora uno de los nombres, que responde mejor a la nueva orientación seguida, la Academia no desecha en modo alguno el otro, ni excluye de igual denominación a ninguna de las otras lenguas que se hablan en España, las cuales son ciertamente “españolas”, aunque no sean “el español” por antonomasia.

1936

## ADVERTENCIA

La presente edición del diccionario estaba en vísperas de salir a la venta cuando las hordas revolucionarias, que, al servicio de poderes exóticos, pretendían sumir a España para siempre en la ruina y en la abyección, se enfrentaron en julio de 1936 con el glorioso Alzamiento Nacional.

Perseguidas con diabólica saña bajo la tiranía marxista cuantas instituciones encarnaban el verdadero espíritu de nuestro pueblo, no se podía esperar que la vesania de los usurpadores del poder respetase la vida de la Academia. Fué disuelta, en efecto, de un plumazo; y aunque no tardó en renacer en las tierras privilegiadas de nuestra patria que conocieron las primeras al alborear de la reconquista, la casa solariega de la Corporación, su patrimonio y sus publicaciones quedaron secuestrados en la capital de la nación hasta el día felicísimo de su liberación total.

Mientras tanto, la casa editorial que tenía en depósito las publicaciones de la Academia se vió obligada a poner en circulación un corto número de ejemplares del nuevo Diccionario, que, naturalmente, llevan la fecha de 1936; pero, al hacerse hoy cargo la Corporación de los ejemplares restantes, al mismo tiempo que recobra, con íntima satisfacción, el uso de sus emblemas tradicionales y su título varias veces secular de REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, quiere que la 16ª edición de su Diccionario se difunda ya por el mundo con el sello de la nueva España imperial. Por eso se ha cambiado el primer pliego de la obra y se le ha puesto como fecha la del glorioso Año de la Victoria, 1939.

Se observará que, en las páginas preliminares, se ha omitido la acostumbrada lista de académicos con la mención del cargo que ejercen en la Corporación. Esta lista no habría podido hacerse hasta quedar definitivamente constituída la Academia en la fecha que señalan sus estatutos para la elección de los cargos, y ello vendría a aumentar en varios meses el retraso ya considerable con que se pone a la venta esta edición. La misma preocupación de salir al encuentro con nuestra diligencia al anhelo del público por disponer del nuevo Diccionario ha hecho que se prescindiera también de insertar las listas de las academias correspondientes, pues las probables alteraciones ocurridas en el seno de aquéllas durante más de tres años sólo serán conocidas con certeza cuando en el curso próximo se reanude con dichas academias la colaboración que tan fecunda viene siendo para los fines que perseguimos en común y que, ahora más que nunca, habrá de ser particularmente estrecha y cordial.

1947

## ADVERTENCIA

La edición 16ª de este Diccionario, cuya impresión se terminó en 1936, aunque, por haber estallado poco después la guerra civil, no llegara a ponerse en circulación hasta 1939, se ha agotado con más celeridad que de costumbre, a consecuencia sin duda de la destrucción de gran número de bibliotecas oficiales y particulares durante dicha guerra en la llamada “zona roja”.

Este rápido agotamiento y la interrupción de las tareas académicas desde antes de estallar el conflicto hasta el restablecimiento de la normalidad tres años después, han sido causa de que los trabajos de revisión y acrecentamiento de esta obra fundamental no hayan podido llegar a su término en el momento en que convendría sacar a luz una nueva edición; pero, considerando la Academia que el mayor mal que podría originarse para el cumplimiento de su misión estatutaria para los estudiosos en general sería la absoluta carencia de ejemplares del Diccionario, ha decidido reimprimir el cuerpo de la obra según se halla en la edición 16ª, añadiendo, en un copioso suplemento, las novedades más importantes que se deducen de las recientes aportaciones y de los estudios ya efectuados, y dejando para más adelante las enmiendas introducidas en muchos artículos. Entonces habrá llegado la ocasión de utilizar, entre otras observaciones recibidas, las muy copiosas e interesantes que se ha dignado formular la Academia Argentina de Letras.

También se distingue de la precedente edición la que ahora se publica con el número XVII, porque en ésta se ha podido restablecer la costumbre tradicional de incluir en las páginas preliminares la relación de los individuos que forman parte activa de la Real Academia, y de los que componen las Academias correspondientes y colaboradoras de la Española en América y Filipinas, así como la lista de los correspondientes, tanto españoles como extranjeros.

1956

## PREÁMBULO

En la “advertencia” que precede a la edición XVII de este DICCIONARIO se explicaba por qué no pudieron aprovecharse en ella los trabajos realizados por la Corporación a partir de 1939 y por qué sólo, a manera de anticipo, una pequeña parte de los mismos se ofrecía en el “Suplemento” añadido a la reproducción estereotípica de la edición anterior.

Hoy la Academia ofrece a sus lectores una edición verdaderamente nueva de su DICCIONARIO, por cuanto toda ella ha sido objeto de minuciosa revisión. Las etimologías se han rectificado con arreglo a los últimos resultados de la investigación en esta rama de la lingüística; asimismo se han corregido muchas definiciones de botánica, zoología y otras ciencias biológicas y no pocas referentes a física y química que resultaban anticuadas a la luz de los adelantos recientes en estas disciplinas; y, por último, se han incorporado al DICCIONARIO muchas veces que corresponden al vocabulario puesto en circulación por las técnicas modernas en medicina, automovilismo, deportes, radio, física nuclear, etc. En este punto la Academia, que siempre anduvo parca en la admisión de tecnicismos, ha abierto esta vez la mano, dando así satisfacción a importantes sectores de opinión que desean hallar en el DICCIONARIO, no sólo la definición de las voces de nuestro patrimonio tradicional, sino también la explicación de esos neologismos que, de poco tiempo a esta parte, han arraigado y tienen amplia difusión en el lenguaje; como *antibiótico*, *genocidio*, *cromosoma*, *deuterio*, *poliomielitis*, *cibernética*, etc.

En conjunto, las voces y acepciones nuevas, sumadas a las del “Suplemento” de la edición anterior que se han incorporado a la presente, ascienden a más de 3.500.

La admisión de nuevos americanismos ha llevado un ritmo más lento porque en este terreno la academia Española sigue en espera de la colaboración que repetidamente ha solicitado de sus Academias Correspondientes. Ya en la edición del DICCIONARIO de 1925 puede leerse a este propósito: “Para esta tarea (la inclusión de americanismos) la Academia, falta de información propia, hubo de atenerse casi sólo a los vocabularios de americanismos que andan impresos; al seguirlos, sin duda habrá cometido errores, mas espera que las Academias Correspondientes que allá están constituidas puedan ayudarle a enmendarlos en las ediciones futuras”.

A esta solicitud ha respondido cumplidamente la Academia Argentina de Letras y, por tanto, puede decirse que los argentinismos que figuran en la presente edición tienen el visto bueno de la mencionada Academia.

La Chilena, en envíos sucesivos, ha propuesto correcciones y supresiones así como la admisión de nuevas palabras. Sus observaciones se han tenido en cuentas, salvo las de fecha reciente, que, por estar a la sazón muy avanzada la impresión de la edición XVIII, habrán de quedar para la próxima. Lo mismo hay que decir de las importantes contribuciones recibidas de las Academias Cubanas, Colombiana, Venezolana y Nicaragüense. A todas ellas la Academia Española les envía desde aquí la expresión de su gratitud por la valiosa colaboración con que la han honrado.

\*

\* \*

Como este DICCIONARIO no es especialmente etimológico, ha sido forzoso prescindir en él de explicaciones que en algunas etimologías serían necesarias, y no se puntualiza, en la mayoría de los casos, la complicada historia de muchas palabras, para determinar por ejemplo, si tal término griego ha entrado en el castellano directamente o a través de otra lengua; si tal vocablo latino ha pasado a nuestro caudal léxico a través del mozárabe o sin este intermediario, etc., etc.

En cuanto a la etimología árabe de las palabras que la tiene, en ediciones anteriores aparecía escrita en caracteres arábigos sin vocalizar, seguida de una transcripción no científica. Esta transcripción era inútil para el orientalista e insuficiente para el profano, incapaz además de leer las letras árabes. Por eso ha parecido oportuno suprimir en esta edición la grafía árabe y sustituirla por su transcripción rigurosamente científica.

El sistema de transcripción que se ha seguido es el adoptado por la escuela de arabistas españoles y el oficial en la revista *Al-Andalus*. He aquí los signos que representan las veintiocho consonantes árabes:

' - b - t - ṭ - ḡ - h - j - d - ḏ - r - z - s - š - ṣ  
 ḏ - ṭ - ṣ - ʻ - g - f - q - k - l - m - n - h - w - y

La *hamza* inicial no se transcribe. La *tā' marbūṭa* se representa por *a* en estado absoluto, y por *at* cuando va seguida de un genitivo. Las vocales son: a, i, u (breves) y ā, ī, ū (largas). El *alif maqṣūra* se marca à.

Los únicos extremos en que la transcripción se aparta del sistema de *Al-Andalus* son la representación de los diptongos, que se transcriben por *ai*, *au* (en vez de *ay*, *aw*), y la del artículo ante letras solares, pues se sigue la pronunciación y no la grafía (*aṣ-ṣibar*, en lugar de *al-ṣibar*). Parece inútil advertir que, al consignar la etimología árabe, la Academia no ha podido explicar ciertas deformaciones que la pronunciación vulgar impuso a dicha grafía y que se han reflejado a menudo en la forma española. Sólo se anotan los casos patentes de imela (pronunciación de *a* como *i*).

La transcripción empleada difiere de la internacional más corriente, aparte de muy leves pormenores, sólo en dos signos: *ḡ* para la 5ª consonante y *j* para la 7ª.

Tenidas en cuenta estas advertencias. El conocedor de la lengua que tenga a la vista la tabla de equivalencias podrá restablecer con exactitud la grafía árabe.

Las palabras hebreas, que en anteriores ediciones iban transcritas en caracteres hebraicos, y las pertenecientes a lenguas del Oriente, que lo iban en caracteres árabes, van asimismo transcritas en esta edición con signos alfabéticos latinos provistos de puntos diacríticos, según las equivalencias usuales.



1970

## PREÁMBULO

En la presente edición se han intensificado las mejoras que se anunciaban y se hicieron en la edición anterior.

Se ha aumentado un número importante de voces y acepciones con el criterio, ya iniciado antes de incorporar las que, como consecuencia del rápido progreso que se observa en las ciencias y en las técnicas, y merced a la gran eficacia de los medios de difusión de que hoy se dispone, pasan diariamente de la nomenclatura especializada al lenguaje culto general e incluso al dominio común. Además se ha dado acogida a palabras, locuciones y frases pertenecientes al lenguaje familiar, sin excluir muchas de carácter popular que a veces lindan con lo francamente vulgar.

Por otra parte, nunca ahora se han aprobado tantas enmiendas a los artículos ya registrados, unas veces para añadirles nuevas acepciones y otras para poner al día definiciones que resultan anticuadas, cuando no claramente erróneas a la luz de los conocimientos de hoy.

Se han corregido etimologías y definiciones conforme a criterios científicos actuales. En las voces y acepciones americanas se han podido añadir unas y fijar otras en su sentido y localización gracias a una mayor relación con las Academias hermanas y a la presencia de académicos suyos que han cooperado en nuestros trabajos, desde que en 1965 se constituyó la Comisión Permanente de la Asociación de Academias de la Lengua Española.

Pero con ser notables estas mejoras, la modificación más destacada de la presente edición ha sido el avance decidido hacia la definición directa objetiva, que en parte usaban ya las ediciones anteriores. Por un acuerdo de la academia, las referencias numéricas a otras acepciones se han suprimido, dando al lector la sola definición directa, entera o reducida, de la acepción. Aparte de este cambio acordado, se han aplicado las definiciones directas a un gran número de voces definidas antes por referencia a un sinónimo, que muchas veces no era completamente equivalente, que con frecuencia era oscuro para el lector y cuyo sentido sólo se descubría a veces en un segundo o tercer expediente. La absoluta supresión de las definiciones indirectas, que hasta hoy es sólo ideal de un diccionario, no se ha logrado del todo en éste, por razones internas y editoriales, pero se ha avanzado mucho en el propósito. El fin último es aligerar y facilitar el esfuerzo del lector ofreciéndole de una vez, sin más expediente, la solución del sentido. Aunque no es desestimable el valor de la sinonimia como mérito de erudición general y aun lingüística, como sistema de definición es defectuoso, y por esto se emplea ahora a veces como simple añadidura a la definición, compaginando así la subestimación léxica y la estimación propia de la sinonimia.

Todas las adiciones y enmiendas de que se ha hecho mención se han traducido en una cantidad de papeletas cuyo número supera las diecisiete mil. Por razones editoriales, las aprobadas durante la lenta impresión del DICCIONARIO han tenido que figurar en un extenso "Suplemento" de cincuenta páginas añadido al final. La inclusión de unas y otras hubiera aumentado de manera considerable el volumen de la obra si no fuese porque esta demanda de mayor espacio ha coincidido con la decisión adoptada por la Academia de eliminar del DICCIONARIO los miles de refranes que contenía. En su mayor parte estas sentencias de la sabiduría popular tienen más valor intelectual y moral que puramente lingüístico. La academia, por consideración a esos valores, se propone recoger los refranes fuera del

DICCIONARIO en una colección totalmente paremiológica, para lo cual ha abierto un concurso especial.

Las tareas preparatorias de la presente edición fueron encomendadas por la academia al que fue su ejemplar Secretario perpetuo, don Julio Casares. A su fallecimiento las continuó y llevó a buen término el Bibliotecario perpetuo de la Corporación, don Vicente García de Diego. La reunión del “Suplemento” ha estado a cargo del actual Secretario, don Rafael Lapesa.

1984

## PREÁMBULO

Una vez más, la Real Academia Española publica su DICCIONARIO usual. Catorce años que han transcurrido entre la edición pasada, de 1970, y la que ahora presentamos al público, son un plazo bastante largo, aunque no de los de mayor duración en el ritmo de las ediciones de nuestro DICCIONARIO usual.

La academia, en su pleno y en sus comisiones, ha trabajado activamente. Los cambios en la vida y en la sociedad, las novedades constantes en la ciencia y en la técnica, le han impuesto el estudio y la aceptación de multitud de novedades en el léxico. Siguiendo no solo una tradición de la Academia, sino tendencias de nuestro idioma ya desde tiempos anteriores al siglo XVIII, no ha guiado a la academia un espíritu de purismo y limitación, sino que el DICCIONARIO recoge voces y usos vulgares, junto a la tradición literaria, y acepta de la ciencia y la técnica los términos que entran con tanta fuerza y autoridad en la lengua oral y escrita, incluso en su uso cotidiano; consciente además de la necesidad de guardar la unidad del idioma oficial en tantos Estados independientes y con vida cultural y editorial propias, está abierta a los americanismos, que con Asociación de Academias de la Lengua Española tienen su órgano de presencia en las comisiones académicas de la de Madrid.

Las etimologías se han revisado en infinidad de casos. La ciencia etimológica aplicada a nuestra lengua cuenta con trabajo tan útil y ejemplar, y realizado con gran perfección, como es el que hace años publicó el ilustre filólogo catalán Joan Corominas. La Academia agradece a su obra la corrección de muchas etimologías, y una información siempre admirable aun cuando a veces mantenga su criterio.

Se puede calcular que las papeletas de adiciones y enmiendas que la academia ha discutido y aprobado desde la anterior edición alcanzan una cifra superior a las veinte mil.

En esta edición se ha renunciado a incluir en un suplemento correcciones y voces que desde los últimos meses reclaman su entrada en el DICCIONARIO y que razones prácticas retrasan hasta la nueva edición. Es posible que las nuevas tecnologías que se han empleado en esta edición permitan que se haga la 21ª en un plazo bastante más corto que el que separa la 20ª de la 19ª.

También se eliminan del presente volumen las reglas de acentuación que figuraban al final del texto en la edición anterior. Las reglas que allí se enunciaban han sido revisadas en algunos casos de ligera importancia, y pueden verse en la última edición de la *Ortografía* publicada por la Real Academia Española y también por alguna Academia hispanoamericana.

1992

## PREÁMBULO

La Real Academia Española ha querido contribuir a la celebración del V Centenario del descubrimiento de América publicando una nueva edición, la vigésima primera, de su DICCIONARIO usual. Lo hace para cooperar al mantenimiento de la unidad lingüística de los más de trescientos millones de seres humanos que, a un lado y otro del Atlántico, hablan hoy el idioma nacido hace más de mil años en el solar castellano y se valen de él como instrumento expresivo y conformador de una misma visión del mundo y de la vida. Por eso ha solicitado insistentemente la Academia la cooperación de sus hermanas correspondientes y asociadas para dar mayor cabida en su DICCIONARIO a las peculiaridades léxicas y semánticas vigentes en cada país. Gracias a tal colaboración ha sido posible revisar y enriquecer en la presente edición el contingente americano y filipino. Otro objeto de atención especial ha sido la incorporación de neologismos puestos en curso por los hallazgos de la ciencia y los progresos de la técnica. El DICCIONARIO que presentamos no pretende ser una enciclopedia abreviada, pero sí registrar y definir adecuadamente los términos cuyo empleo rebasa los límites de la especialidad y se atestigua diariamente en la prensa o en la conversación culta. En este campo la Academia tiene que encomiar la labor llevada a cabo por la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales en su magno *Vocabulario científico y técnico*, y desear que mediante simposios panhispánicos de cada especialidad se unifique el léxico correspondiente.

La nueva edición aumenta considerablemente el número de vocablos incluidos, que alcanza la cifra de 83.500. Las acepciones añadidas y definiciones modificadas son más de 12.000. Muchas de las enmiendas obedecen a la necesidad de poner al día lo anticuado, ya en el concepto, ya en la formulación verbal. Se han eliminado entradas innecesarias, como las de adverbios terminados en *-mente* o participios cuando el significado de unos u otros corresponde totalmente a los adjetivos o verbos respectivos. Las etimologías de palabras derivadas o compuestas se han simplificado mediante la presencia y definición de los sufijos, prefijos y elementos compositivos en el cuerpo del DICCIONARIO. Para mayor comodidad en la consulta y manejo del DICCIONARIO, la presente edición se ha hecho en un solo volumen, empleando un papel más fino que el de las anteriores, sin disminuir el cuerpo de la letra ni el número de páginas, que, por el contrario, es mayor, como consecuencia del aumento de voces incluidas. El enriquecimiento y mejoras que ofrece la nueva edición no colma, ni mucho menos, los deseos de la Academia; esperamos satisfacerlos con la adopción de nuevos procedimientos técnicos en nuestros métodos de trabajo, que llevará consigo la renovación completa de la planta del DICCIONARIO.

Las adiciones y enmiendas incorporadas a la presente edición han sido elaboradas por las Comisiones académicas de Dictionaries, Vocabulario Técnico, Ciencias Humanas y Comisión Permanente de la Asociación de Academias; sus propuestas han sido sometidas a la aprobación de la Academia y discutidas por ella en sesiones plenarias. En la preparación del nuevo texto, bajo la dirección de varios académicos, ha intervenido un equipo de colaboradores; sus nombres figuran al final de la "Tabula Gratulatoria".

La corporación manifiesta su profunda gratitud a la Asociación de Amigos de la Academia Española, que con su generosa aportación económica ha hecho posible la que creemos mejoría de nuestro DICCIONARIO usual.

## ANEXO C – HISTÓRIA DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA (1726)

IX

## HISTORIA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA.



Uvo principio la Acadèmia Española en el mes de Junio del año de 1713. Su primer Autor, y Fundador (à quien este cuerpo confiesa agradecido deber el sér) fué el Excelentísimo señor Don Juan Manuel Fernandez Pacheco, Marqués de Villéna, Duque de Escalóna, Mayordomo Mayor del Rey nuestro señor, y Caballero del Toisón de Oro, en quien igualmente concurrían la grandeza en el nacimiento, las mas elevadas prendas en las virtudes morales, la constancia en las mayores tribulaciones, el exemplo en la mas acrisolada fidelidad, y una continua aplicación à las buenas letras, desde que tuvo uso de razón, hasta el último término de su vida: lo que acredita bien la copiosa y selecta librería, con gran cantidad de curiosos y apreciables manuscritos, que dexó por fruto de su incessante desvelo. Debiera aqui la gratitud à su venerada memoria dexar correr la pluma en sus merecidos elógios; pero lo suspende, por haver parecido mas conveniente imprimir aparte algo de lo mucho que se puede decir en su alabanza, por no interrumpir la relación de la institución y progressos de la Acadèmia: permitiendo este ligero desahogo para consuelo del agradecimiento.

2 Este sábio Heróe hallandose en los últimos tercios de su loable aplicación, procuró y consiguió se prosiguiesse, aun despues de muerto, en el estudio de la Acadèmia, que estableció: para cuyo intento suplicó al Rey nuestro señor Don Phelipe Quinto (Dios le guarde) se sirviesse de dar licencia de que se pudiesse formar este congreso, à que debía preceder su Real beneplácito. Concedióle su Magestad con la mayor dignación, manifestando haver tenido antes ánimo de resolver lo mismo que entonces le proponía el Marqués. Con tan soberano apóyo se discurrió en convocar Personas que compusiesen este cuerpo, que (segun lo referido) tuvo primero alma que diessse vida, que material fugéto en quien infundirse. Solicitó el Marqués à algunos, que sirviesen de primer matéria à esta composición: y su grandeza, autoridad y respéto hallaron quien se ofreciesse al trabajo, por honra própria, y lustre de la Pátria, sin reparar en asunto tan árduo como el que se proponía, ni en lo difícil que es unir voluntades diversas, y entendimientos distintos à una idéa misma: porque à todos los conformó unicamente el deseo de hacer lo mejor, y la gloria de tener parte en empresa tan basta, que cada uno conocía y confesaba no ser bastante su esfuerzo para sostenerla. Los primeros que concurrieron con el Marqués à formar las Juntas, hasta la del dia tres de Agosto del

B

mis-

## X HISTORIA DE LA ACADEMIA.

mismo año de 1713. que fué la primera que se puso por escrito en el libro de acuerdos, y son los que se deben tener por fundadores, fueron:

El Doctór Don Juan de Ferreras, Cura próprio de la Parrochial de San Andrés de esta Villa, Examinador Synodal de este Arzobispado, Theólogo de la Nunciatura, Calificador del Supremo Consejo de Inquisición, y su Visitador de Librerías, oy Bibliothecario Mayor de su Magestad.

Don Gabriel Alvarez de Toledo y Pellicer, Caballero del Orden de Alcántara, Secretário del Rey nuestro señor, Oficial de la Secretaría de Estado, y primer Bibliothecario de su Magestad: el qual falleció en 17. de Enero del año de 1714.

Don Andrés Gonzalez de Bácia: oy del Consejo de su Magestad en el Supremo de Guerra.

El Padre Maestro Fray Juan Interián de Ayala, del Cláustro, y Catedrático, primero de regencia de Philosophía, y despues en propiedad, y Jubilado en la de sagradas lenguas en la facultad de Sagrada Theología de la Universidad de Salamanca, Predicador y Theólogo de su Magestad en la Real Junta de la Concepción, Padre de la Provincia de Castilla del Real y militar Orden de nuestra Señora de la Merced, Redención de Cautivos.

El Padre Bartholomé Alcazar, de la Compañía de Jesus, Maestro de erudición en el Colegio Imperial de esta Corte, y Chronista de su Religión: el qual falleció en 14. de Enero del año de 1721.

El Padre Joseph Casani, de la Compañía de Jesus, Calificador del Supremo Consejo de Inquisición, su Visitador de Librerías, y Maestro de Mathematicas en el Colegio Imperial.

Don Antonio Dongo Barnuevo, Bibliothecario de su Magestad, y Oficial de la Secretaría de Estado, que falleció en 10. de Octubre del año de 1722.

Don Francisco Pizarro, Marqués de San Juan, Caballero del Orden de Calatraba, y Mayordomo de la Reina nuestra señora: oy su primer Caballerizo.

Don Joseph de Solís Gante y Sarmiento, Marqués de Castelnovo y Pons, Caballero del Orden de Calatraba: despues Conde de Salduña, y oy Duque de Montellano.

Don Vincencio Squarzafigo Centurión y Arriola, Señor de la Torre del Passage en la Provincia de Guipúzcoa.

3 Teníanse estas Juntas en la Posada del Marqués, sin observar formalidad en asientos, ni en votos. Réducianse à tratar las materias que ofrecía la conversación; bien que siempre venían à parar los discursos en que se formasse Académia, que tuviesse por primero y principal instituto el trabajar un Diccionario de la lengua. Esta idea era general; pero ella, y la Académia estaban en un informe embrión, siendo preciso que el des-

*HISTORIA DE LA ACADEMIA.* XI

vélo y la fatiga venciesen y allanassen las grandes dificultades que se ofrecían para practicar lo que se ideaba. No se dudó sería trabajo útil à la Nación , porque se manifestaría con evidéncia à las demás , que nuestra lengua Castellana no era inferior à ninguna de las mas cultivadas de Európa, así en la pureza de sus voces , como en la valentía de sus expresiones , en lo conciso de sus cláusulas , en lo elegante de sus phrasas , y en lo sonóro de sus composiciones : y que el no haver tenido el apláuso que merece ha sido por culpa de que nuestros Autores no la han manejado con el debído estudio : no porque la lengua no sea capaz de la mas elegante rhetórica, segun se vé en aquellos Autores , que con algun cuidado han repassado sus escritos , ò han tenido la fortuna de poseer una facúndia natural , que de estos hai muchísimos , segun se manifiesta en la copiosa lista que tiene formada la Académia, sentida de no poder nombrarlos à todos , porque entonces sería Bibliotheca , lo que solo es Catálogo. De aqui se infiere la impropriedad del dictério con que nos han motejado algunos Extrangé-ros , que llamaron mónstruos al celebrado mystico Fray Luis de Granada , al chistoso Quevedo , al ingenioso Cervantes , al discreto Calderón , y à otros ; porque estos no fueron en la lengua mónstruos , sino estudiosos y felices en el modo con que la usaron : y así pudieron manifestar al mundo lo que comprehende nuestro Idioma , y lo mucho que pierde el descuido , à desaliño de aquellos , que no reparando en limar su estílo , abandonan el primór de engastar sus escritos en el oro finísimo de la eloquéncia.

4. Decíase tambien ser justo fijar la lengua , que ( haviendo tenido à la Latina por Madre , y despues con la variedad de dominios padecido la corrupción que es notória ) se havía pulido y adornado en el transcurso de los tiempos , hasta llegar à su última perfección en el siglo passado : y no era decente à nosotros , que logrando la fortuna de encontrarla en nuestros dias tan perfecta , no eternizassemos en las prensas su memoria , formando un Diccionario al exemplo de las dos celebradíssimas Académias de París y Florencia. Crecía este deseo al passo que se consideraba era poco áire de nuestra Nación estar sin este adorno , quando de este género de libros , en que se explican las voces de las lenguas nativas , se infinúan sus orígenes , y se aproprian las phrasas , el Autor mas antiguo , que se reconoce en la República literária , fué el Español Don Sebastian de Covarrubias , que con novedad publicó este método. Su libro ha merecido la estimación de própios y Extrangéros ; pero como es facil al ingenio añadir y limar lo mismo que se halla inventado : los Franceses , Italianos , Ingleses y Portugueses han enriquecido sus Pátrias , è Idiomas con perfectísimos Diccionarios , y nosotros hemos vivido con la glória de ser los primeros , y con el sonrojo de no ser los mejores. Covarrubias fué solo , no tuvo quien le dirigiese , ò ayudase : es cierto , que abrió el camino ; pero no pudo poner mas que aquellas voces que le excitó la phantasia. Con

## XII HISTORIA DE LA ACADEMIA.

todo, fué loable su trabajo, y fué feliz en dar la norma; bien que como era único, no consiguió fuese su obra tan perfecta, como si à ella huviesse concurrido muchos: lo que executaron las dos Académias Francesa, y de la Crusca: y no parecía justo, que no supliessemos, siendo muchos, lo que nuestro Covarrubias no había podido lograr, por ser solo.

5 Estas consideraciones produxeron la resolución de que lo primero que en la Academia se tratasse, fuese ordenar un Diccionario, abundante de voces, autorizadas con exemplos de los mejores Autores, claro en la explicación, facil en el uso, y que supliesse lo que en Covarrubias faltasse. Y con efecto, para experimentar las plumas, se repartió parte de la letra *A* en sus primeras combinaciones *AB. AC. AD. &c.* las quales se sortearon entre los que se hallaron presentes, y cada uno se encargó de la que le tocó, para componerla segun su método, y que se pudiesse elegir despues el que pareciesse mas conveniente para salir al público.

6 El deseo obligaba à adelantar las execuciones; pero al mismo tiempo se tropezaba en las dificultades. Las Juntas no se celebraban con la debida orden: preciso efecto de estar aquel cuerpo sin cabeza, en quien pudiesen hallar su decisión las dudas que se ofrecían y disputaban. Tambien se echaba menos una Secretaría, en que se conservasse la noticia de lo que se resolvía: pues intentar encomendarlo todo à la memoria, era lo mismo que fiar de la contingencia la estabildad. Para ocurrir à todo, se convino de comun acuerdo en nombrar por Director y Presidente al Excelentísimo señor Marqués de Villena, empezando la Academia con tan acertada y justa elección à desempeñar en alguna parte las grandes obligaciones que à su Excelencia confesaba. Para Secretario estaba destinado, desde que entró en las Juntas, Don Vincencio Squarzafigo Centurión y Arriola, porque en sus conocidas prendas, y curiosa aplicación se asseguraba la puntualidad pretendida, así en escribir los acuerdos de la Academia, como en archivar los papeles, y tenerlos prontos siempre que fuesen menester. Con las determinaciones referidas se fué animando este cuerpo; pero la obligación del vassallage no permitió mudar asientos, ni observar otra formalidad, sin que precediesse licencia expresa del Rey nuestro señor, porque la facultad concedida, y agrado que se había servido manifestar de la idea (como vá dicho) era verbal: en cuyos términos pareció indispensable dar cuenta à su Magestad de lo executado, y suplicarle se dignasse de aprobarlo por escrito, concediendo su Real Protección à la Academia, sobre cuya basa fundamental se podría con firmeza levantar este edificio: y para lograrlo se formó memorial, que se presentó à su Magestad por mano del Marqués, y en su nombre, que fué el siguiente.

SEñOR. *El Marqués de Villena, Duque de Escalón, à los pies de V. Magestad, dice, que haviendole manifestado diferentes Personas de calidad, letras, y ardiente zelo de la gloria de V. Magestad, y de nuestra Nación, el deseo*  
que



## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XIII.

que tenían de trabajar en común à cultivar y fijar en el modo posible la pureza y elegancia de la lengua Castellana dominante en la Monarchia Española, y tan digna por sus ventajosas calidades de la sucesión de su madre la Latina, le pareció ofrecer su casa y Persona para contribuir à tan loable intento; pero como esta sea materia en que se interessa el bien público, gloria del Reinado de V. Magestad, y honra de la Nación, no es justo nos venga este bien por otra mano que por aquella en quien Dios ha querido poner la defensa de nuestra libertad, y de quien esperamos nuestra entera restauración: por lo qual acudimos à los pies de V. Magestad, pidiendole se sirva de favorecer con su Real Proteccion nuestro deseo de formar debaxo de la Real autoridad una Acadèmia Española, que se exercite en cultivar la pureza y elegancia de la lengua Castellana: la qual se componga de veinte y quatro Académicos, con la facultad de nombrar los officios necessarios, abrir sellos, y hacer estatutos convenientes al fin que se propone: dispensando V. Magestad à los sugètos que la compusieren los honores y privilegios de criados de su Real Casa: à cuya gloria se dirigirán siempre sus trabajos, como sus votos à la mayor felicidad de V. Magestad, y de su angusta familia.

7. Mientras este memorial se decretaba fueron continuando las Juntas, para discurrir los estatutos que se havían de formar, y tambien la empresa, sello, y nombre que se daría à la Acadèmia. Por lo que mira à estatutos, quedaron acordados los que poco despues se imprimieron, y ahora se pondrán aqui en el lugar que les corresponde. Para la empresa, que havía de servir de escudo y sello, se acordó la trabajassen los Académicos en sus casas, y traxessen todos lo que cada uno huviesse discurrido à la Junta, donde se elegiría lo que pareciesse mejor. Executado asì, se resolvió por comun acuerdo tomar por empresa y sello próprio un crisól al fuego con este mote: *Limpia, fija, y dá esplendor*. Aludiendo à que en el metal se representan las voces, y en el fuego el trabajo de la Acadèmia, que reduciéndolas al crisól de su exámen, las limpia, purifica, y dá esplendor, quedando solo la operacion de fijar, que unicamente se consigue, apartando de las llamas el crisól, y las voces del exámen. Con que de passo se satisface al reparo que se encuentra en los libros impressos en Francia, con el título de *Journal des Sçavans*: pues no se ignora, que el fuego en lugar de fijar liquida los metales; pero tambien se sabe, que si estos tuvieren alguna escória: el que quisiere fijarlos sin esta imperfección está precisado a valerse del fuego y el crisól, donde se liquiden para purificarse, y despues puedan fijarse con nuevo, ò mayor esplendor: siendo constante, que ningun metal podrá purgarse de la mezcla impúra que tuviere, sin que primero se liquide al exámen del crisól, ò al martyrio de la copela. Y entendidas asì empresa y mote, no podrá negarse, que en el todo de uno y otro está significado con rigurosa propiedad el asunto de la Acadèmia.

XIV *HISTORIA DE LA ACADEMIA.*

8 Sobre el nombre , aunque se tenían presentes los varios títulos que hasta ahora han tomado diversas Académias de Italia , como en Sena la Académia de los Entronizados , en Florencia de la Crusca , en Bolonia de los Ociosos , en Milán de los Escondidos , en Roma de los Humoristas , en Pavía de los Confiados , &c. pareció mas acertado imitar à la Académia Francésa en no dár à esta otro nombre que el de Académia Española , considerando que en España no ha havido , ni hai otra con quien poder equivocarla : al contrario de lo que sucede en Italia , que como son muchas , y florecen à un mismo tiempo , necesitan de diferentes nombres para distinguirse.

9 La resolución del memorial presentado al Rey nuestro señor aprobó en cierto modo las resoluciones acordadas en las Juntas referidas: pues por el mes de Noviembre del año de 1713. se recibió papel del Marqués de Mejorada , Secretario ( entonces ) del Despacho , dirigido à nuestro Excelentísimo Directór , en que su Magestad se servía de pedir noticia de lo mismo que ya estaba acordado , en la forma siguiente.

EXC<sup>mo</sup> SEÑOR. *En memorial que V. E. puso en manos del Rey representó haverle manifestado diferentes Personas de calidad y letras , y ardiente zelo de la gloria de su Magestad , y de nuestra Nación , el deseo que tienen de trabajar en común à cultivar y fijar en el modo posible la pureza y elegancia de la lengua Castellana : que con este motivo pareció à V. E. ofrecer su casa y Persona para contribuir à tan loable intento : y que en el supuesto de ser materia en que se interessa el bien público , gloria del Rey , y honra de la Nación , pedía V. E. se sirviese su Magestad de favorecer con su Real Protección el deseo de formar debaxo de la Real autoridad una Académia Española , que se exercite en cultivar la elegancia y pureza de la lengua Castellana , la qual se compone de veinte y quatro Académicos , con la facultad de nombrar los oficiales necesarios , abrir sellos , y hacer estatutos convenientes al fin que se propone , dispensando su Magestad à los sujetos que la compusieren los honores y privilegios de criados de la Real Casa. El Rey enterado de este contexto , y no dudando de las grandes ventajas que se deben prometer de una Académia , para trabajar en un Diconario exacto y puntual de la lengua Española , me ordena su Magestad asegúre à V. E. quan agradable le es su zelo en esto , y que diga à V. E. le será igualmente estimable siga este proyecto , asegurando desde ahora , y ordenando à V. E. asegúre à los sujetos que entraren en él , que su Magestad está dispuesto à proteger esta empresa con su Real autoridad ; pero considerando su Magestad que conviene antes de expedir las órdenes que à este fin se hayan de dar , que se formen los estatutos y reglamentos para concurrencias y Juntas de la Académia , y sus obras y trabajos , resuelve se ordenen , y se pongan en sus Reales manos. Dios guarde à V. E. muchos años , como deseo. Palacio tres de Noviembre de 1713. El Marqués de Mejorada y de la Breña. Señor Marqués de Villena.*

HISTORIA DE LA ACADEMIA. XV

to Como estaba conferido y resuelto lo que el Rey preguntaba, fué fácil obedecer à su Magestad, remitiendo por la misma Secretaría à sus Reales manos los estatutos, la empresa, y una breve y puntual relación de la idea concebida: añadiendo en esta representación, que la Academia solo pretendía el grado de criados de su Magestad, como el mas honorífico que pueden conseguir sus vassallos: sin que fuesse su ánimo solicitar gajes, ni otro título, que el que dá el nombramiento, ò elección de Académicos: ni menòs era su intención disputar preferéncia alguna con las demás classes de criados de la Casa Real: pues su único deseo era lograr la fortuna de ser atendida y privilegiada con este honor. Executado lo referido, se prosiguió la obra del Dictionario, dando à los que entraban de nuevo la combinacion que se seguía de la letra *A*, para que cada uno la fuesse trabajando, segun el propio numen, ò la imitacion de otros Dictionarios: hasta que mas actuados los entendimientos, se formó una planta, de que à todos se repartieron copias impresas, para que gobernados por ella, fuesse mas uniforme el trabajo. Bien se tuvo entonces presente, que esta planta no havia de ser estatuto inviolable, siendo la práctica la que enseñasse mas, pues aunque hasta alli parecia que siguiendo aquellas leyes se ajustaría el Dictionario à la mejor regla; con todo esto, como el tiempo advierte mucho, y la experiencia es antorcha, que luce siempre, pero alumbrá tarde, era prudéncia no definir absolutamente lo que se podia hallar menos conveniente en la execucion de su uso. Es verdad que el efecto ha manifestado el maduro acuerdo con que se dispuso, porque se ha seguido casi en todo: pues solo se ha dexado de observar el poner à los nombres sus epithetos, y à los verbos sus derivados, porque se reconoció causar mas confusión, que utilidad. La planta fué la siguiente:

*Lo primero se han de poner todas, y solas las voces apelativas Españólas, observando rigurosamente el orden Alphabético en su colocación: y por consiguiente quedarán excluidas del Dictionario todas las voces y nombres propios de Personas y Lugares que pertenecen à la História, y à la Geographía. Y tambien se excusarán todas las palabras que significan desnudamente objeto indecente.*

*En cada voz se debe poner inmediatamente, y en abreviatura (como despues se dirá) qué parte es de la oración? Si Verbo, Nombre, ò Participio, &c. En el Nombre, si es substantivo, ò adjetivo, masculino, ò femenino. En el Verbo, si es activo, néutro, impersonal, ò recíproco. En el Participio, si es activo, ò pasivo. Y à esta forma en las otras Partes de la oración, si algo les perteneciere.*

*En los Verbos que tuvieren irregulares algunos tiempos, ò Personas, &c. se debe advertir: como en Traher, Traxe: en Andar, Anduve, &c. y lo anómalo que huviere en otros Verbos y Nombres.*

*Poner las voces primitivas con su Definición, ò Descripción, y su Etymología;*

## XVI HISTORIA DE LA ACADEMIA.

gia; y despues las derivadas, compuestas, y synónymas; los Epithétos mas usados; y los Refranes.

Con cada Verbo poner sus Participios, los Compuestos, y los Verbales.

Los Términos adverbiales, que constan de mas de una voz, se colocarán en el lugar que les toca de riguroso Alfabético; remitiéndolos para su explicación à la voz Dominante: como A raíz. *Vease* Raíz, De propósito. *Vease* Propósito. Por fuerza. *Vease* Fuerza, &c.

En cada una de las Voces primitivas poner el uso, ò phrasas admitidas.

En cada Voz expressar su qualidad: conviene à saber, si es antiquada, ò usada; si es baxa, ò rústica; Cortesana, Curial, ò Provincial; equívoca, proverbial, metaphórica, ò bárbara.

Si se encontrare extraordinaria pronunciación de una letra en diferentes voces, se explicará esta variación: como V exámen, en que se pronúncia la x como j. Y Exámen, en que se pronúncia como verdadera x. Y en Chamelóte se pronúncia el cha con el modo usual Español, y en Patriarcha, como si fuese K.

Explicar las Partículas Españólas, Pronombres, Preposiciones, Artículos, Conjunciones, Interjecciones, y el uso de todas ellas.

Especialmente advertir quando las Voces toman artículo de género improprio, para excusar la Cacophonía, como quando decimos: el Alma santa, el Agua fria, por no decir la Alma, la Agua.

Distinguir los Adverbios de la Léngua de las otras partes de la oración, y corregir si algun abúso se hallare del vulgo en ellos.

Observar exactamente la Orthographía de las Voces, de suerte que no se obscurezca su primitivo origen, desterrando los abúfos que en contrario se hallaren.

Anotar, si la Voz fuere de Léngua extraña, Francésa, Italiána, Africana, &c.

Quando se hallare venir la Voz de otra Léngua, no averiguarle de mas arriba su Etymología.

Advertir las ocasiones en que tuviere efecto la duplicación de letras, para la buena pronunciación: como se vé en acción, accidente, &c.

Anotar las variedades que se hallaren en el escribir algunas Voces, aprobando la mejor, y desechando las demás: como algunos dicen ábra, otros agóra, y parece lo mejor decir ahora, advirtiéndolo en los lugares que les tocáre. Lo mismo se dice del Verbo Volver, que muchas Personas, y todos, ò casi todos los Impressóres le comienzan con B, desfigurándole su origen. Mas juntamente (atendiendo à excusar la confusión en los Lectóres del Diccionario, que ignoraren de donde las Voces se originan, y las huvieren de buscar) se anotarán segun el uso común, ò vulgar de escribirlas, en el lugar que les tocáre del Alfabético; pero remitiéndolas para su explicación al que deben tener segun su origen y Etymología: y assi el exemplo puesto arriba de Volver, se colocará en la B, por atender al uso común, diciendo: Bolver. *Vease* Volver.

## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XVII

Si alguna Voz se hallare ser propia solo de la Poesía, anotarlo tambien: como Tonante, Altitonante, Averno, &c.

Lo mismo se advertirá en las Voces, cuyo uso es solamente admitido en el estílo forense: como Cassar en el sentido de Annular, ò Cancelar.

Prevenir las que se deben evitar por mal sonantes, y explicar los diferentes sentidos de las equívocas.

En las antiquadas substituirles las que oy están admitidas con igual sentido.

Desterrar las Voces nuevas, inventadas sin prudente elección, y restituir las antiguas, con su propiedad, hermosura, y sonido mejor, que las subrogadas: como por inspeccionar, averiguar. Y por Pontificar, Presidir en la Iglesia Universal, calificando de barbarismo dichas Voces nuevas.

La explicación, ò definición, uso, y phrasas de los Verbos, ò Voces derivadas, ò compuestas, que se ponen seguidas à sus Raíces, se reservará, para dársela en el lugar que les toca del riguroso Alfabéto. Por ser adonde, quien las huviere menester, naturalmente las ha de buscar de primera instancia; à causa de ignorar, ò de no hacer la bastante reflexión à que son derivadas, ò compuestas de otras Voces simples, ò primitivas.

A todas las Voces, Phrasas y Proverbios, quando están, y se explican en sus lugares propios, se les debe añadir la palabra, ò phrase Latina, que les corresponde en aquella acepción, por atención à los Extrangeros: y esto al fin del Artículo de su explicación.

En quanto à los accentos hay mucho que corregir en el mal uso, si se ha de accentuar con puntualidad y razón. En rigor no tiene uso el accento grave (que es el que baxa obliquamente de la izquierda à la derecha) sino sobre las quatro vocales à, è, ò, ù, quando cada una es Voz separada de otras; porque la Ypsilon, que nos sirve de Conjunción Castellana, no le tiene, ni le necessita. El agúdo (que baxa de la derecha à la izquierda) se debe poner en la última vocal de la dición, quando la pronunciación carga en ella: como Refrán, Arnés, Perfil, Amó, y Azul. Quando la penúltima syllaba fuere larga en Voz de mas de dos syllabas, y no se le siguieren dos consonantes, se le ha de poner el accento agúdo: como Amádo, Aguacéro, Erguído, Hermófo, y Agúdo. Y no se debe poner en Madrastra, Estrella, Enigma, Affombro, Injusto, ni en los demás semejantes. Quando la penúltima fuere breve (que es lo que llamamos en España Esdrúxulo) se debe poner siempre el accento agúdo en la antepenúltima: como en Cántato, Péfame, Pifano, Tórtola, y Música. De todo lo qual se colige, que no hemos menester en España el accento circúnflexo para cosa alguna.

La primera vez que una Voz se pusiere en su propio lugar de riguroso Alfabéto, se le pondrá delante un Asterisco, ò Estrellica, que al Impressór haya de significar haverla de poner toda con letras Versales, ò Mayúsculas.

## XVIII HISTORIA DE LA ACADEMIA.

*Quando esta misma Voz tuviere diferentes significaciones , ò phrasas , se ha de repetir otras tantas veces , empezando por ella en Artículos aparte , y ponerle una Cruz , que sirva de señal de averse de imprimir con Versalillas.*

*Los Proverbios , ò Refrânes , y los otros modos proverbiales , bastará que tengan rayada por debaxo la Voz Dominante , que signifique averse de imprimir de cursiva : y el mismo estilo se debe guardar en los Textos de prosa , que se citâren de Autores , poniendo al fin del Texto en abreviatura el Nombre del Autor con Versalillas.*

*Si fuere de Versos el Texto , se podrá rayar por debaxo todo él , menos la Voz Dominante , para que quede mas distinguida.*

*El estilo del Diccionario debe ser conciso , y sin divertirse à erudiciones , que no sirven de adorno à la Lengua , ni à citas superfluas de Lengua estraña.*

*Quando una Voz se pone en su lugar Alfabético , segun su escritura , y por tocar à otra parte , se huviere de remitir à ella , será siempre con la palabra Vease.*

*Toda la Obra del Diccionario , repartida entre los singulares Académicos , debe traherse manuscrita à la Academia à media margen , para que se pueda añadir en su lugar lo que despues ocurriere.*

II De todos los puntos que se controvirtieron , en el que se convino con mayor constancia fué en confirmar quantas voces se pudiesse , con autoridades de los mejôres Autores , sin embargo de la gran dificultad que esta resolución incluía : porque hallar en un libro una voz es fortuna que ofrece el acâso , y muchas veces no consigue el mas aplicado estúdio : y para vencerla en el modo posible , se encargaron los Académicos de examinar vários Autores clásicos , sacando de ellos las autoridades mas dignas de reparo , no solo de las voces que les podía tocar por razón de la combinación que estaba à su cargo , sino es tambien de todas las demás : las quales entregadas en la Secretaría , y repartidas despues entre los Académicos ( segun la combinación que cada uno trabajaba ) serviría de mucha utilidad para afianzar la idéa : y ha havido Académicos de tanta aplicación en este escabroso estúdio , que han entregado à millâres las autoridades de Autores clásicos , y todas útiles para este adorno. Aun con toda esta providencia obliga la necesidad à que una , ò otra vez falten autoridades para algunas voces : singularmente para aquellas , cuya vulgaridad las excluye de escritos serios , y no ha logrado el cuidado encontrarlas en los de asunto jocoso ; sin que por esto sea culpable la Academia , que se reconoce obligada à todo lo que es estúdio ; pero no à lo que en tanta parte pende de la contingencia.

12 El poner estas autoridades pareció necesario , porque deseando limpiar , purificar , y fijar la lengua , es obligación precisa que la Academia califique la voz , y manifieste los méritos de su juicio : pues con este método muestra la moderación con que procede , y desvanece las inven-

*HISTORIA DE LA ACADEMIA.*      XIX

tadas objeciones de querer constituirse maestra de la lengua: porque calificada la voz por limpia, pura, castiza y Española, por medio de su etimología, y autoridades de los Escritores; y al contrario, castigada por antiquada, ò por jocosa, inventada, ò usada solo en estilo libre, y no serio: viene à salir al público, con notoriadad de hecho, que la Academia no es maestra, ni maestros los Académicos, sino unos Jueces, que con su estudio han juzgado las voces: y para que no sea libre la senténcia, se añaden los méritos de la causa, propuestos en las autoridades que se citan.

13 En este próprio asunto ha usado la Academia de la mayor modestia, porque à todas las voces expresivas, y propriamente Castellanas no las añade calificación, teniendo por inutil la senténcia, por estar comprobadas con el mismo hecho de ser usadas de nuestros Autores, y solo dá cenfura à las que por antiquadas, nuevas, superfluas, ò bárbaras la necesitan.

14 En el uso de las autoridades se resolvió no multiplicar muchas para una voz, porque advertidos de otros Dictionarios se solicitó evitar inconvenientes. En el de la Real Academia Francésa se califica la voz sin autorizarla: este es magisterio de que huye la Academia Española, que dá la senténcia; pero la funda, à fin de que quantos la lean conozcan la razon que la asiste: y no obstante, que el de la Crusca multiplica mucho las autoridades, pues hai voz que se califica con treinta, ò quarenta Autores: se ordenó, para evitar esta prolixidad, que solo se autorizasse cada voz, ò phrase con dos, ò tres autoridades: pues si es castiza, y expresiva, dos, ò tres Autores clásicos son testigos fidedignos para probar su nobleza, y si no es de tanto realce, dos, ò tres testigos conformes bastan para asegurar su naturaleza.

15 En el modo de trabajar el Dictionario (que yá se havia empezado entre todos) era dudoso el método: no se sabia el que havia usado la Crusca; pero por la História de M. Pelisson estaba presente el de la Academia de Francia, en la qual solo trabajó el Dictionario (no sin alguna Real recompensa) M. de Vaugelas, y despues M. de Mezeray, y los demás Académicos no tenían otro encargo, que el de ser Fiscales y Jueces de lo que estos dos trabajaban. Pero el conocimiento de que, observada esta orden, necesitaba precisamente el Dictionario de un dilatado tiempo para salir à luz, y el exemplo de haver tardado en Francia mas de sesenta años hasta empezar à imprimir, excluían semejante disposición: y aun asustaban à los que empezaban obra tan vasta (especialmente à algunos de edad avanzada) porque siguiendo aquellos passos se privaban del consuelo de ver la obra, que precisamente les havia de alcanzar de dias: fuera de que aplicados todos al trabajo, cada uno desearia ser útil, y anhelaria à contribuir con todas sus fuerzas al común. Así prosiguió la idea de encomendar à cada Académico una combinacion de la A, segun fu siguiente

## XX HISTORIA DE LA ACADEMIA.

letra, y se ordenó por entonces se hiciesse lo mismo en las tres que se siguen B. C. y D.

16 En estos exercicios estaba ocupada la Acadèmia, naciendo de sí misma, y criándose à los pechos del zelo del bien público, quando recibió la noticia de haverse dignado su Magestad de aprobar su idea, y honrarla con su Real Proteccion, favoreciendo à sus individuos con el honor de ser sus criados, aprobando tambien en todo sus estatutos, empresa y sello. Este aviso se tuvo por papel de Don Manuel Vadillo y Velasco, Secretario entonces del Despacho, dirigido à nuestro Excelentísimo Director, su fecha de Palacio en veinte y tres de Mayo de mil setecientos y catorce: diciendo al mismo tiempo, que la Cédula de confirmacion se havia de despachar por el Consejo: como se solicitó, hasta el dia tres de Octubre del mismo año, en que se logró esta deseada piedra fundamental de todo este edificio, que le dió principio, siendo corona de la Acadèmia, y es en la forma siguiente.

EL REY. *Por quanto haviendo puesto el Marqués de Villena en mi Real noticia, que diferentes Personas de calidad, y consumada erudicion en todo género de letras, deseaban trabajar en común à cultivar y fijar las voces y vocablos de la lengua Castellana en su mayor propiedad, elegancia y pureza: y que para contribuir à intento tan útil, y loable, avia ofrecido el Marqués su casa y Persona; pero como era justo que precediese mi Real agrado, interessándose tan principalmente en esto el bien público, la gloria de mi Reynado, y honra de la Nación, me suplicó el Marqués fuesse servido favorecer el deseo de formar una Acadèmia Española debaxo de mi Real Proteccion, compuesta de veinte y quatro Académicos, dándola facultad y permissio de ordenar y establecer las Reglas y Constituciones que juzgasse mas propias y convenientes, para lograr el fruto que se propone de poner la lengua Castellana en su mayor propiedad y pureza, y consiguientemente la facultad de elegir del número referido de los Académicos un Director, que presida en las Juntas: cuyo empleo (por las razones de congruècia que se han considerado) sea perpétuo en el primero que empezare à ocuparle, y despues se elija cada año por mayor número de votos. Un Secretario para la custodia, y buena colocacion de los papeles de la Acadèmia, ó sea para imprimirlos, ó para conservar en su poder los manuscritos: cuyo cargo convendrá sea perpétuo, por los inconvenientes que resultarian de la mudanza de los papeles, y la variedad de estilo en ellos. Que tenga un Impresor propio, con nombramiento, y título de la Acadèmia, para imprimir las obras pertenecientes à ella, precediendo à la impresion la licencia del Consejo. Y que asimismo la sea licito usar de un sello particular, compuesto de alguna empresa ingeniosa, con el qual se autoricen y conozcan indubitablemente las obras, y demás escritos que dimanaren de la Acadèmia, con otras Constituciones y Reglamentos, que miran à el mejor logro de esta utilissima aplicacion, segun se refieren en el papel que puso el Marqués con mayor extension en mis Reales*



## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXI

les manos. Y como este desígnio, que abóra me representa el Marqués, ha sido uno de los principales que concebí en mi Real ánimo, luego que Dios, la razon, y la justicia me llamaron à la Coróná de esta Monarchía, no haviendo sido posible ponerle en execución entre las continuas inquietúdes de la guerra: he conservado siempre un ardiente deseo de que el tiempo diesse lugar de aplicar todos los medios que puedan conducir al público sosiego, y utilidad de mis súbditos, y al mayor lustre de la Nación Española. Y como la experiencia universal ha demostrado ser ciertas señales de la entera felicidad de una Monarchía, quando en ella florecen las Ciencias, y las Artes, ocupando el trono de su mayor estimación. Y como estas se insinúan y persuaden con mayor eficácia, quando se hallan vestidas y adornadas de la eloquência, y no se puede llegar a la perfección de esta, sin que priméro se hayan escogido con sumo estudio, y desvelo los vocablos y phrasas mas próprias, de que han usado los Autores Españóles de mejor nota, advirtiendo las antiquadas, y notando las bárbaras, ò baxas: de modo, que trabajando la Académia à la formación de un Diccionario Español, con la censura prudente de las voces y modos de hablar, que merecen, ò no merecen admitirse en nuestro Idioma, se conocerá con evidéncia, que la léngua Castellana es una de las mejores que oy están en uso, y capaz de tratarse, y aprenderse en ella todas las Artes y Ciencias, como de traducir con igual propiedad y valentía qualesquiera origináles, aunque sean Latinos, ò Griegos. Y como de intento tan illustre se origina tambien el mas elevado crédito de la Nación, pues manifiesta el copioso número de súgetos que adornan esta Monarchía, insignes en todas letras, y en la profesión de la eloquência Española, de que resulta el esplendor de mis súbditos, y la mayor gloria de mi gobierno. Por estas justissimas consideraciones me ha sido muy agradable esta representación, tan conforme à mi Real ánimo, hecha por el Marqués, de establecer la Académia Española: la qual ha de estar inmediatamente, con el número yá señalado de veinte y quatro Académicos, debaxo de mi amparo, y Real Protección. Por tanto ordeno, y mando, que el puesto de Director de la referida Académia sea perpetuo en el priméro que abóra entrare à ocuparle, presida en ella, y ordene todo lo que juzgare à propósito, para lograr el fin con que se establece; pero el que le sucediere en este honroso empleo, le ha de ocupar solamente por el espacio de un año, y despues se ha de elegir entre los Académicos, por mayor número de votos secretos. Apruebo el nombramiento de Secretario, cuyo encargo ha de servir continuamente por las razones arriba expressadas. Y assimismo concedo facultad y permissio à la Académia, para que tenga Impressor próprio, donde imprima sus escritos, con calidad que preceda la licencia del Consejo antes de darlos à la estampa. Teniendo por bien, que use la Académia de su sello particular, con el cuerpo, y letra Castellana; que tengo aprobado con mi Real Decreto de quatro de Mayo de este año. Y a fin de mostrar mi Real benevoléncia, y de que se empleen los Académicos, con mas aliento, y continua aplicación al cumplimiento de su instituto, he venido en concederles, como por la presente les

## XXII HISTORIA DE LA ACADEMIA.

*concedo, todos los privilegios, gracias, prerogativas, inmunidades, y exenciones, que gozan los domésticos que asisten, y están en actual servicio de mi Real Palacio. Y ordeno, y mando, que les sean todas guardadas y cumplidas enteramente, y sin limitación alguna. Fecha en el Pardo à tres de Octubre de mil setecientos y catorce. YO EL REY. Por mandado del Rey nuestro señor. Don Lorenzo de Vivanco Angulo. Esta señalada de los señores del Consejo.*

17 Animados los Académicos con este honor, empezaron à poner en execucion las Reales órdenes de su Magestad, dando forma à la Academia, en la que representó el Marqués de Villena: Que la eleccion que se havia hecho de su Persona para Director, no podia ser válida: assi por haverse executado antes de tiempo, no habiendose conseguido hasta entonces la Real aprobacion, como por haver sido celebrada por aclamacion, y mandar su Magestad en los estatutos, que acababa de confirmar, se hiciesse por votos secretos. Y añadió su natural modestia: Deseaba, y estimaría se eligiese otro en el oficio, pues el haver solicitado juntar sujetos, y ofrecido su casa, le obligaba à continuar con el mayor cuidado este empeño; pero siendo solo Académico. El respeto que todos profesaban à su Excelencia obligó à convenir en darle gusto; pero conociendo que la proposicion incluía dos partes: la primera atender à la veneracion de su Magestad, y la segunda à excusarse su Excelencia del oficio: se procuró cumplir con ambas, pasandose à eleccion formal por votos secretos, y todos, menos el suyo, los tuvo su Excelencia, para el puesto de Director perpétuo. Con esto hubo de resignarse su plausible moderacion, bien que no omitió explicar: havia dado su voto al Doctor Don Juan de Ferreras, en quien juzgaba estar mejor depositado el oficio, que en su Persona. Las instancias y ruegos de todos los individuos le precisaron à tomar su asiento de Director, que hasta alli havia rehusado, eligiendo el último, con el pretexto de tenerse las Juntas en su casa. Pafsóse luego à la eleccion de Secretario, que con la misma uniformidad se declaró en Don Vincencio Squarzafigo Centurión y Arrióla, y tomó tambien posesion de su lugar y asiento: y los demás Académicos hicieron lo mismo, trocando los que les havia dado la casualidad, y tomando los de sus antigüedades, para proceder desde este dia con toda la formalidad que mandan los estatutos.

18 Formada yá la Academia, pareció la primer obligacion rendir las debidas gracias al Rey nuestro señor, por las honras recibidas: y se nombraron quatro Comisarios, para que en nombre del cuerpo hiciesen la funcion, siendo el principal su Excelencia (como instrumento de tanta felicidad) à quien acompañaron Don Vincencio Squarzafigo, Don Adrian ConninK, y el Marqués de San Phelipe. Y porque siendo la Academia Española, era justo algun exercicio de la lengua, se eligió por todos à su Excelencia, para que formasse dos oraciones, una à su Magestad, y otra al se-

## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXIII

fereníssimo Príncipe de Astúrias , que trahidas à la Acadèmia , fueron revistas y aprobadas : y habiendo passado à Palácio el día señalado los quatro Comissarios , fueron recibidos con toda formalidad , saliendo Don Gaspar Girón , Mayordomo de semana , à recibir , y despedir la Acadèmia , y el Rey nuestro señor ( Dios le guarde ) los admitió con la mayor benignidad , dignandose de responder estas apreciables cláusulas : *Es muy de mi agrado la Acadèmia , y espero que con ella han de lucir en mis Reinos las Ciencias.* Y dando à besar su Real mano , despidió la Acadèmia , que repetidas veces ha logrado semejante favor en las ocasiones que han ocurrido de enhorabuenas , ò pésames ; si bien despues no ha precedido formalidad , consiguiendo la Acadèmia la honra de entrar à Audiencia , como criados de la Casa : y como tal ha tenido , y tiene entrada , lugar , y asiento en las fiestas Reales que se celebran en el Buen Retiro , y Plaza : y quando se ha puesto à los pies de su Magestad ha presentado siempre un exercicio de la lèngua , que por haverse dado à la imprenta en las ocasiones que se han trabajado , no se incorporan aqui.

19 Fenecida esta primera obligacion , se dispuso imprimir los estatutos que su Magestad havia aprobado , que son los siguientes.

### CAPITULO PRIMERO.

#### DEL INTENTO, Y MOTIVO DE LA FUNDACION de la Acadèmia.

#### ESTATUTO UNICO.

**S**iendo el fin principal de la fundacion de esta Acadèmia cultivar , y fijar la pureza y elegancia de la lèngua Castellana , desterrando todos los errores que en sus vocablos , en sus modos de hablar , ò en su construccion ha introducido la ignorancia , la vana afectacion , el descuido , y la demasiada libertad de innovar : serà su empleo distinguir los vocablos , phrasas , ò construcciones extrangeras de las proprias , las antiquadas de las usadas , las baxas y rústicas de las Cortesanas y levantadas , las burlescas de las serias , y finalmente las proprias de las figuradas. En cuya consecuencia tiene por conveniente dar principio desde luego por la formacion de un Diccionario de la lèngua , el mas copioso que pudiere hacerse : en el qual se anotaràn aquellas voces y phrasas que estàn recibidas debidamente por el uso cortesano , y las que estàn antiquadas , como tambien las que fueren baxas , ò barbaras , observando en todo las reglas y preceptos que estàn puestos en la planta acordada por la Acadèmia , impressa en el año de mil setecientos y trece.

## XXIV HISTORIA DE LA ACADEMIA.

CAPITULO SEGUNDO.  
DE LOS ACADEMICOS, Y SU NUMERO.  
ESTATUTO PRIMERO.

**E**L número de Académicos será de veinte y quatro, incluidos un Director, y un Secretário. Todos los quales han de ser sujetos de buen juicio, y fama, y Personas decentes, aficionados à la gloria de la Nación, y lengua, y capaces de trabajar en el asunto que se propone esta Acadèmia, que es la pureza y elegancia de ella.

## ESTATUTO II.

El modo de recibir los Académicos ha de ser dando los pretendientes memorial à el señor Director, quien dará orden al Secretário para que le lea en la Junta. Se votará por votos secretos, habiendo precedido una pequeña conferencia. Se formará el decreto por el Secretário, y avisará al interesado.

## ESTATUTO III.

El que huviere de ser admitido en la Acadèmia, es necesario tenga la mayor parte de votos de los concurrentes: que siendo uno solo, se votará con bolas blancas y negras; pero si fueren dos los pretendientes à una Plaza, serán los votos regulados en la Caja, que para este efecto usa la Acadèmia, con divisiones, en que se reconocerá el que tiene la mayor parte. Y en el caso de que la Plaza vacante sea una, y los pretendientes mas de dos, no bastará que alguno tenga mas votos que qualquiera de los otros: pues es necesario siempre tenga mas de la mitad, y para este efecto se repetirán los escrutinios, votando por los que tuvieran mas votos, en la forma que se practica, y usa en los Cabildos, y Comunidades Eclesiásticas, hasta que llegue el caso de concurrir en uno la mayor parte de los votos.

## ESTATUTO IV.

Y por quanto el fin de la Acadèmia es, que en los individuos que la componen, concurren siempre las calidades prevenidas: se establece, que si algun Académico llegasse à dar motivos gravissimos, y que pareciesen à la Acadèmia dignos de ser excluido de su cuerpo, lo haga la Junta, proponiéndolo el señor Director, y votando la Acadèmia por votos secretos.

## ESTATUTO V.

Siendo tambien el principal objeto de la Acadèmia, que los miembros que la componen sean útiles, y aplicados al trabajo, que es el fin para que se ha establecido: Si alguno se olvidasse tanto de esta obligacion, que voluntariamente dexasse de concurrir à las Juntas y encargos que le tocaren, por el espacio de un año, se dé su Plaza por vacante, y se admita otro en su lugar.

## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXV

## ESTATUTO VI.

*Atendiendo à que puede suceder que algunos de los Académicos necesiten de hacer auséncia larga de la Corte, por servicio de su Magestad, ù de la causa pública, y que en este caso podría hacer falta su asistencia para los fines de la Academia: y no siendo razón que por este motivo se les prive del honor de ser Académicos, sino que se les conserven sus Plazas, para quando puedan volver: podrá la Academia admitir en su lugar otros tantos Supernumerarios, que los substituyan en el trabajo: en los quales han de concurrir las mismas calidades establecidas arriba, y han de ser admitidos en la misma forma: pues han de tener opción desde luego, por sus antigüedades, à las priméras Plazas que vacaren del número. Y en caso de volver los propietarios, han de quedar con el voto, y asistencia à la Academia, sin mas distinción que la de llamarse Supernumerarios, en interin que entran en Plaza del número.*

## CAPITULO TERCERO.

## DE LOS OFICIOS.

## ESTATUTO PRIMERO.

**T***endrá la Academia un Director, cuyo empleo será gobernar la Academia, presidir à las Juntas: proponer las materias que hayan de tratarse en ellas, y recibir los votos. Y tambien cuidarà de que en las Juntas se observe el buen orden en votar, con la modestia y cortesía que se debe, entre iguales, en explicar su parecer: que en todo se observen los Estatutos: que ninguno interrumpa el voto de otro: repartir las obras Académicas que se huvieren de encargar à alguno, ò algunos: y hablar, ò responder siempre que se huviere de hacer en nombre de la Academia: como tambien señalar las Juntas extraordinarias, y avisar de ellas, ù de la omisión de las ordinarias.*

## ESTATUTO II.

*Siempre que el señor Director tuviere que proponer à la Academia algun negocio, que pida especial reflexión, lo hará avisar por escrito à los Académicos el dia antes de la Junta, para que puedan traer premeditados sus votos.*

## ESTATUTO III.

*El puesto de Director de la Academia (atentas las circunstancias con que se fundó) será perpétuo en el priméro que àbóra le ocupa: y despues se elegirá cada año por mayor parte de votos.*

## ESTATUTO IV.

*Tambien tendrá un Secretario, cuyo oficio ha de ser recoger los papeles de la Academia, y colocarlos en el modo mas oportuno: así por lo que mira à los*  
D
que

## XXVI HISTORIA DE LA ACADEMIA.

que se hayan de imprimir, como por los que se hayan de guardar. Y será de su obligación recibir, y responder à todas las Cartas de la Academia, de su orden, ò en su nombre: presentar todos los memoriales, ò peticiones, y poner los decretos. Avisar à los Académicos lo que el señor Director le advierte acerca de las Juntas: notar todos los hechos de la Academia, y conservarlos con los demás papeles, lista de Académicos, y obras Académicas: tomar los votos secretos, y resumir los que se dan en voz: avisar de la muerte, ò ausencia de los Académicos, y dár noticia de los pretendientes: y leer al comenzar la Junta los hechos de la passada.

## ESTATUTO V.

Las cartas que ha de escribir el Secretário han de ser en Castellano, y selladas con el sello menor de la Academia. Y si fueren à Países Extranjeros, que se suponga no entenderán la lèngua, se enviará con ellas una traduccion Latina.

## ESTATUTO VI.

Todas las certificaciones, y despachos que diere, serán en lèngua Castellana, con su firma, y sellados con el sello grande.

## ESTATUTO VII.

El oficio de Secretário será perpétuo, por los inconvenientes que trabería consigo la mudanza de los papeles, y la variedad de estilo en ellos.

## ESTATUTO VIII.

Tendrá tambien la Academia un Impresor próprio, que cuide de las obras que se hayan de imprimir: y lo será por el tiempo que fuere la voluntad de la Academia: y con condicion de no alterar cosa alguna de lo que se le dé à imprimir; ni imprimir con nombre de Académico, ò de la Academia, lo que no tuviere su aprobacion. Se le despachará titulo en forma, firmado del señor Director, refrendado del Secretário, y sellado con el sello grande.

## CAPITULO QUARTO.

## DE LAS JUNTAS.

## ESTATUTO PRIMERO.

**S**E juntará la Academia un dia en cada semana, para tratar, assi de lo que se fuere trabajando, para perficionar las obras que la Academia huviere de dar à luz, como de las materias tocantes al gobierno, y buen régimen de ella.

## ESTATUTO II.

Daráse principio à las Juntas ordinarias à las quatro de la tarde, desde primero de Octubre, hasta fin de Abril: y desde principio de Mayo, hasta fin de Sep-

## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXVII

Septiembre, à las cinco: y durarán por lo menos el espacio de tres horas. Y todas se comenzarán siempre por la Antiphona: Veni Sancte Spiritus, y la Oración: Acciones nostras, &c. y concluirán con la de Agimus tibi gratias, &c. las quales dirá el Académico Eclesiástico mas antiguo de los que se hallaren: y en caso de no haverlos, el que presidiere, respondiendo todo el resto de la Academia.

### ESTATUTO III.

Para dar principio à qualquiera Junta, bastará se hallen siete Académicos, incluso el que presidiere: y haviendo este número, y siendo la hora señalada, se empezará inmediatamente, sin esperar à ningun otro; pero en caso que se haya de tratar alguna materia grave, à juicio del señor Director, se suspenderá hasta que concorra el número de trece, por lo menos.

### ESTATUTO IV.

El orden que se observará en los asientos será, que el señor Director ocupe el primer lugar, y al lado derecho de la mesa el Secretario, y al izquierdo el Académico que tuviere obra que leer. Y después en los asientos que estarán consecutivos à la mesa, tendrá el primero de mano derecha el Académico mas antiguo: el segundo ocupará el correspondiente de la izquierda: y los demás alternativamente, segun sus antigüedades, à una, y otra banda.

### ESTATUTO V.

En caso de que por algun accidente de indisposición, ausencia, ò otro embarazo, sucediere no poder asistir à la Junta el señor Director, la presidirá, ocupará su lugar, y tendrá sus veces el Académico mas antiguo de los que se hallaren presentes. Y si faltare el Secretario, hará su oficio el que el señor Director, ò quien substituyere su empleo, nombrare.

### ESTATUTO VI.

Luego que estén sentados los Académicos, leerá el Secretario los acuerdos de la Junta antecedente: así para que sirva de motivo para proseguir correlativamente, como para que los que no se hallaron en ella se instruyan de las materias que se trataron.

### ESTATUTO VII.

Fenecido esto, si huviere alguna materia de gobierno, se tratará de ella, por lo que puede importar no diferir su resolución: como tambien de la admisión de algun Académico, segun se dixo en el Capitulo segundo, estatutos segundo, y tercero.

### ESTATUTO VIII.

Después de estas primeras ocupaciones de la Junta, se passarán à leer las obras de los Académicos, que se huvieren de examinar en ella: lo qual se executará (en caso de que estos quieran leer su obra) passando à sentarse en el lugar

## XXVIII HISTORIA DE LA ACADEMIA.

destinado para ello, en el Estatuto quarto de este Capitulo, y empezará à leer. Y mientras leyere un artículo, no se permitirá que alguno le interrumpa; pero concluido, hará pausa, para ver si hay quien tenga reparo: y en caso de que le haya, propondrá el mas moderno lo que se le ofreciere, y assi sucesivamente hasta el que preside, sin permitirse tampoco que nadie interrumpa al que vota, ò habla, siendo licito al que lee responder lo que se le ofreciere en satisfacción del reparo, despues de haverle oído enteramente. Si oídos estos pareceres estuvieren discordes los Académicos, se reducirá à votos la materia, y hecha la resolución, se executará inviolablemente, quitando, añadiendo, ò mudando, alli mismo en el papel, lo que la Junta huviere acordado.

## ESTATUTO IX.

Si el Autor de la obra no estuviere presente, se le dará noticia de los reparos puestos por la Junta, para que satisfaga à ellos, y oída su razón se confirme, ò altere lo resuelto: y conforme à ello se emendará alli mismo el papel.

## ESTATUTO X.

En las materias que se huvieren de votar se observará esta distinción: que si fuere por votos públicos, empezará por el mas moderno, y finalizará en el señor Director; pero si huvieren de ser los votos secretos, se hará lo contrario: pues comenzando por el señor Director, se terminará en el mas moderno: cuyos votos mostrará el Secretario al señor Director, y al Académico mas antiguo, y publicarà la resolución, en caso de haver concurrido la mayor parte de votos; pero si estos estuvieren iguales, decidirá el señor Director, en virtud del voto de calidad que debe tener en todo.

## ESTATUTO XI.

Si algun Académico tuviere que hacer alguna proposición, la dirá al señor Director, para que la proponga à la Junta: ò si està estuviere empezada, y conviene no dilatarlo, le pedirá licencia para hacerla, poniendose en pie.

## ESTATUTO XII.

Quando se ofreciere haver de hacerse elección de Director, Secretario, ò Comissarios, para qualquier encargo, se hará por votos secretos, y bastará que en alguno concurren mas votos que en qualquier otro: y solo se repetirán los Escrutinios, en caso de que los que tuviere en la mayor parte estén con votos iguales; pero si la elección fuere de oficio de la Academia, no se podrá hacer sino en Junta de trece sujetos, por lo menos.

## ESTATUTO XIII.

La elección de Impressor de la Academia, se podrá hacer en qualquiera Junta; pero siguiendo la misma formalidad en los votos.



## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXIX

## ESTATUTO XIV.

*Si se ofreciere la ocasión de haverse de hallar en la Junta alguno, que no sea Académico, se le dará el lugar conforme à su calidad y grado, en esta forma. A los Arzobispos, Obispos, Grandes de España, y Embaxadores de Coronas, se dará asientos à los lados del señor Director, ò Presidente, fuera del cuerpo de la Academia. Y à los Abades, Prelados de Religiones, Títulos, Enviados, y Caballeros notorios, en los lugares inmediatos al Decano.*

## CAPITULO QUINTO.

## DE LAS OBRAS DE LA ACADEMIA.

## ESTATUTO PRIMERO.

**F**Enecido el Dictionario ( que como vá expressado en el Capitulo primero, debe ser el primer objeto de la Academia ) se trabajará en una Grammatica, y una Poética Españólas, è História de la lèngua, por la falta que hacen en España. Y en quanto à la Rhetorica, podrá excusarse de trabajar de nuevo, por que hai bastante escrito.

## ESTATUTO II.

*Y como las obras de puro ingenio son regularmente de la jurisdicción de la eloquència: pues esta mira, no solo à las palabras, sino à los conceptos, se encargará la Academia de examinar algunas obras de Prosa, y Verso, para proponer, en el juicio que haga de ellas, las reglas que parezcan mas seguras para el buen gusto, assi en el pensar, como en el escribir.*

## ESTATUTO III.

*Demás de esta ocupación, que ha de ser la continua de la Academia, se encargará cada mes à un Académico, à elección del señor Director, que escriba sobre el assunto que quisiere, un Discurso en Prosa, ò Verso, para leer en la Junta: con la advertència de que no ha de poder extenderse à mas de lo que se pudiere leer en media hora: y que de los doce que tocan à cada año, han de ser algunos sobre assunto sagrado.*

## ESTATUTO IV.

*Las obras particulares de los Académicos, que se escribieren para dar al público en lèngua Castellana, se examinarán ( si ellos gustaren ) en la Academia, por lo que mira al estilo: y no haviendose visto, y aprobado por ella, no se permitirá al Autor ponga el titulo de Académico, aunque la obra sea solamente la aprobación de un libro, siendo en Castellano; porque si fuesse en otra lèngua, podrá ponerle fin esta circunstancia, respecto de no ser del instituto de la Academia.*

## XXX HISTORIA DE LA ACADEMIA.

## ESTATUTO V.

*Si alguna Persona de fuera de la Acadèmia quisiere se vean en ella sus obras, se procurará excusar, por no distraberse de la ocupación própria; pero si fuere necessàrio verlas, se dirá simplemente, y en pocas palabras, lo que pareciere à la Acadèmia solo de su estílo, sin hacer censura formal.*

## ESTATUTO VI.

*Atendiendo à que la revision de este género de obras ( que podrán ser dilatadas ) distraberia mucho à la Acadèmia de su fin principal: se establece, que el modo de examinarlas sea remitiéndolas primero à la censura de tres Académicos, que con todo cuidado las examinen, y annoten lo que juzgaren se debe emendar, è informando de todo à la Acadèmia por escrito, se resuelva en la Junta lo que sobre cada reparo se debiere executar: y arreglándose enteramente el Autor à la decisión de la Acadèmia, se le dé la aprobación, por certificación del Secretàrio: la qual podrá imprimir al principio de la obra, si quisiere. Y en caso de que el Autor no ceda al dictàmen de la Junta, de ningun modo se le dará.*

*Y vistos, y examinados estos Estatutos por el Director, y Acadèmia Real Española, en este dia, los aprobamos en todo, y por todo, para que se observen de aquí adelante, con la mayor puntualidad, para el buen gobierno de esta Acadèmia, en conformidad de lo resuelto por su Magestad, y expressado en su Real Cédula de tres de Octubre del año próximo passado. Y en su virtud así lo establecemos, firmámos, y mandámos sellar con el sello mayor de nuestra Acadèmia, en Madrid à 24. de Enero de 1715. El Marqués de Villena, Director. Don Vincencio Squarzafigo Centurión y Arriola, Académico Secretàrio.*

20 Con las novedades referidas se iban agregando algunos fugetos à los primeros, que havían sido como fundadores: y porque sería penoso referir con distinción los acuerdos de la Acadèmia, en que se recibieron las Personas que la han compuesto, y componen: pues en doce años han sido muchos los admitidos, algunos los que han pagado el tributo común de los mortales, y no pocos à los que el servicio de su Magestad, ò particulares intereses han obligado à hacer ausencia de Madrid, ò à frequentar mui poco la afsistència à la Acadèmia: ha parecido mejor poner aquí lista de los Académicos recibidos despues de los fundadores, con noticia de los dias en que fueron recibidos, y de las ausencias que cada uno ha tenido, que es como se sigue.

Don Adrian Connink, Arcediano y Canónigo de Salamanca, y Agente General de las Iglesias de España. Fué admitido en 16. de Octubre de 1713.

Don Juan de Villademoros Rico y Castrillon, Abad, y Cura próprio que fué de Santa Maria de Dornélas, y despues de San Adriano de Meder en el Obispado de Tuy. En 13. de Noviembre de 1713. y falleció en 20. de Abril del año de 1723.

Don

*HISTORIA DE LA ACADEMIA.*      XXXI

Don Vicente Bacallar y Sanna, Marqués de San Phelipe, del Consejo de su Magestad, su Caballerizo Mayor en el Reino de Cerdeña, Gobernador y Reformador de los Cabos de Caller y Galúra, y Alcáide de la Gran Torre: despues Enviado extraordinario de su Magestad à la República de Genova, y oy Embaxador à la de Holanda. En 23. de Noviembre de 1713.

Don Gonzalo Machado, tercer Presidente que fué del Consejo de Indias: oy de la Cámara en el mismo Consejo. En 11. de Abril de 1714.

Don Gerónimo Pardo del Consejo de Hacienda: oy del de Castilla. En el mismo dia.

Don Mercúrio Lopez Pacheco, Marqués de Aguilar de Campoo, Conde de San Esteban de Gormáz, Capitan de Guardias de Corps Españólas del Rey nuestro señor: oy Marqués de Villena, Duque de Escalón, Caballero del insigne Orden del Toisón, Mayordomo Mayor de su Magestad, y Director de la Academia. En 15. de Abril de 1714.

Don Juan Curiel, Colegial Mayor del Colegio de Cuenca de la Universidad de Salamanca: oy Caballero del Orden de Calatraba, y Alcalde de gradas en la Ciudad de Sevilla. En 10. de Junio de 1714.

Don Luis Curiel, Caballero del Orden de Santiago, del Consejo de su Magestad en el Real de Castilla. En 17. de Junio de 1714. y falleció en 27. de Noviembre de 1724.

Don Manuel de Villegas Piñateli, Secretario de su Magestad, y de la Capitanía general del Reino de Galicia. En 4. de Noviembre de 1714.

Don Pedro Verdúgo de Albornoz y Urfúa, Conde de Torrepalma, Caballero del Orden de Alcántara. En 6. de Junio de 1715. y falleció en el mes de Octubre de 1720.

Don Pedro Scoti de Agoiz, Señor de las Villas de Somontin y Fines: despues Corregidor de la Ciudad de Logroño. En 19. de Septiembre de 1715.

Don Alonso Rodriguez Castañón, Caballero del Orden de Alcántara, y Colegial en el mayor de San Ildephonso de la Universidad de Alcalá: despues Fiscal de la Real Audiencia de Sevilla. En 18. de Marzo de 1717. y falleció en 6. de Junio de 1725.

Don Joseph de Montealegre y Andrade, Alcáide próprio de las Aduanas de Sevilla: despues Bibliothecario de su Magestad, y Oficial de la Secretaría de Estado: y oy lo es de la del Despacho universal de Hacienda. En 25. de Julio de 1720.

Don Pedro Manuel de Acebedo, Caballero del Orden de Santiago, Regidor perpétuo de la Ciudad de Sória, Sargento Mayor de Caballería, y Ayudante general que fué del Marqués de Bay: oy Gobernador de la Ciudad de Xeréz de los Caballeros. En 6. de Febrero de 1721.

Don Fernando de Bustillo y Azcóna, Caballero del Orden de Calatraba.

## XXXII HISTORIA DE LA ACADEMIA.

traba, y Brigadiér de los exercitos de su Magestad. En 3. de Abril de 1721.

Don Lorenzo Folch de Cardóna, del Consejo de su Magestad, y Alcalde de su Casa y Corte. En 27. de Mayo de 1723.

Don Juan Isidro Jañez Faxardo, Caballero del Orden de Calatraba, Gentilhombre de la boca de su Magestad, su Secretário con exercicio de Decretos en la Secretaría del Despacho universal de Hacienda, y Regidor de esta Villa. En el mismo dia.

Don Miguel Peréa, Presbytero, de la Orden de Santiago, Visitador General de ella, y Capellan Mayor del Real Consejo de las Ordenes. En 3. de Enero de 1724.

El Doctor Don Thomás de Montes y Corral, Cura ptóprio de la Iglesia Parrochial de la Villa de la Adrada. Fué recibido por Académico supernumerario por la ausencia del Marqués de San Phelipe en 7. de Enero de 1724. Entró en Plaza del número en 30. de Noviembre del mismo año, en la que vacó por muerte de Don Luis Curiél.

21 Desde este año de mil setecientos y catorce, hasta el de mil setecientos y veinte y tres, fué prosiguiendo la Academia en sus exercicios, juntandose siempre en la Posada de su Excelentísimo Director, que la franqueó con liberalidad, y especial gusto. Las Juntas han sido indefectiblemente cada semana, por lo general los Jueves, y aunque en algunas ocasiones se ha mudado el dia, por ciertos motivos, ha sido empeño constante, que no faltasse Junta en la semana. En estas se ha tratado unicamente el asunto de la Academia, sin permitir la mas leve digresión, aun à materias, ò puntos, que por tocar à otras Ciencias podían ser de enseñanza: porque empeñados todos en el objeto del Diccionario, ha sido común empeño de los asistentes el no perder un punto de tiempo en adelantar su composición, y reverer lo que à este fin se havia trabajado por cada Académico: habiendo llegado à tanto grado esta constante aplicación, que hizo olvidar el exercicio de las oraciones del mes, que los primeros años se observó trabajar con rigurosa puntualidad ( las que se guardan en la Secretaría, para darse al público, donde hallarán los curiosos diversion y enseñanza ) porque despues considerando que este exercicio, aunque útil y divertido, impedía el tiempo al Académico, à quien tocaba la composición, y embarazaba à la Academia el reverer lo trabajado, se fué omitiendo por olvido, ò precisión, sin haverse echado menos, por atender à lo principal: siendo digna de reflexión la constancia de los Académicos asistentes, que ( sin otro impulso, que su honra, y el respeto à la Magestad, debaxo de cuya Protección trabajaban ) han concurrido tan puntualmente, que habiendose observado el estatuto de no tener Junta sin siete Académicos, ha sido en doce años rara la vez que se ha dexado de tener Academia, por faltar este número à componerla.

22 Estas continuadas tareas llegaron à producir tantos materiales, y

*HISTORIA DE LA ACADEMIA.*      XXXIII

copia de combinaciones acabadas en su última perfección, y otras, à las quales parecía por entonces faltarles mui poco para perfeccionarse, que aumentaron el deseo que tenían todos de dár à luz el trabájo: juzgando se perdía tiempo en tener ociosa la prensa, que daría lugar, mientras corría, à que se continuasse sin interrupción la obra: porque hallándose la Academia abundante de autoridades para las voces, y exercitados los ingenios en el método de exponerlas, era yá ocasión de empezar à imprimir, sin el riesgo de que el Impressor pudiesse alcanzar en la carrera: pues estaban casi dispuestas las priméras letras, en que havían trabajado todos, unos mucho, y otros lo que sus ocupaciones les havía permitido: y à los pocos, que havían perseverado constantes en la Academia, no les parecía trabájo especial el acabar de ordenar las referidas quatro letras, reduciéndolas à su mayor perfección: y mas habiendo conseguido cada uno componer una, ù dos letras entéras de las que se siguen.

La *E* Don Adrian Connink.

La *F* Don Vincencio Squarzafigo.

La *G* Don Juan de Ferréras.

La *H*, y la *L* Don Fernando de Bustillo.

La *I*, y la *J* el Padre Joseph Casáni.

La *K* el Padre Maestro Frai Juan Interián de Ayala.

La *O* Don Manuel de Villegas.

23 Juntas estas à las quatro priméras componían sin duda mas de la mitad del Diccionario: y assi parecia justo no dilatar mas el imprimir, considerando lo que tambien se havía de tardar en concluir lo que faltaba. Este acuerdo se suponía conveniente, aun faltando à la Academia todos aquellos que por otras ocupaciones no podían ayudar, ni con su asistencia, ni con su trabájo: pues se infería con bastante fundamento, que assi como los pocos, que continuaban con tanto zelo, havían podido contribuir à todo lo executado, podrían estos mismos trabajar, y perfeccionar lo que faltaba, supliendo su aplicación el número de muchos. Sin embargo de esta constante determinación, se reparó en que la falta de medios la havia de atrássar mucho, ù desvanecer en el todo, porque el gasto de la impresión havia de ser mui grande, y los Académicos, que podían contribuir con su voluntario trabájo, sin otro premio, que el de la honra y zelo del bien público, no eran capaces de suplir à propias expensas lo que necesitaba una impresión tan costósa: y no hallaban alívio al desconuelo de vér malogrado su trabájo, no pudiendo salir à luz. En este estrecho acordó la Academia recurrir à la Real magnificencia de su Protector el Rey nuestro señor: porque habiéndose dignado su Magestad de manifestar era de su Real agrádo la fundación de la Academia, y tambien su continuación (pues repetidas veces se havia debido à su Magestad el honor de preguntar à su Director el estado del Diccionario) se debía esperar de su

## XXXIV HISTORIA DE LA ACADEMIA.

Real piedad costearía este gasto, que con menos liberalidad no podía llegar à logro su esperanza.

24 Vióse bien presto premiada la confianza que se fundó en nuestro soberano Protector, pues informado su Magestad de lo prevenido para la impresión, y de las demás circunstancias, que en un breve memorial se expusieron, se sirvió de condescender liberalmente con la súplica, expidiendo en veinte y dos de Diciembre del año de mil setecientos y veinte el Decreto siguiente:

*Considerando de quanta utilidad y beneficio es à el público lustre y esplendor à la Nación la subsistencia de la Academia Española establecida con mi Real Protección, y atendiendo à las instancias que me ha hecho, à fin de que la destine caudales para dar principio à la impresión del Diccionario de la lengua, que tiene muy adelantado: He venido en señalarla sesenta mil reales de vellon de renta en cada un año, y que se la satisfagan del importe de los dos maravedis mas, que he mandado exigir y cobrar, desde priméro de Noviembre de este presente año, de cada libra de tabáco de todos géneros, que se consume en España, para lo qual se han dado las órdenes convenientes: y mando que acabada la impresión del Diccionario, à la qual destino esta cantidad, los referidos sesenta mil reales de vellon subsistan y queden por renta anual para dotación de la Academia, y quando llegue este caso me hará presente los individuos que la componen, con expresión de sus circunstancias y graduaciones, para que yo los señale los sueldos que me pareciere conveniente. Tendrase entendido en la Academia, y se executará así. En San Ildephonso à 22. de Diciembre de 1723. Al Marqués de Villena. Está rubricado de su Magestad.*

25 Este Real Decreto perpetuó la Academia, que hasta alli havia vivido sustentándose de la esperanza, zelo, y respeto à su Protector: y habiéndose leído en la Academia, lo primero que se acordó fué rendir las debidas gracias à tan Real Bienhechor, y pedirle licencia de passar al Real Sitio de San Ildephonso à executar lo personalmente, y ponerse à sus Reales pies: y no habiendolo permitido su Magestad, por haver entonces determinado hurtar al mundo todas las ocasiones que se debían à su Real mérito, y apláuso, se encomendó la oración de gracias à Don Lorenzo Polch de Cardóna, que vista por la Academia, se remitió à manos del Marqués de Grimaldo, quien la puso en las de su Magestad, y es la siguiente.

SE ñ O R. *La Academia Española, que en otras ocasiones se ha puesto à los Reales pies de V.M. para hacer expresión de la verdadera alegría, ò justo dolor que dominaba sus fieles corazones (segun lo ha persuadido la ocurrencia de los negocios, prósperos, ò adversos: que en todos igualmente se interessa su amorosa fidelidad) lo repite ahora, impelida de su reverente, justa, reconocida obligación, para dar à V.M. las mas rendidas gracias, por la singular honra que ha merecido à su Real magnanimidad, dignándose de conceder la sesenta mil reales de renta para imprimir el Diccionario de la lengua Castellana, primer cui-*  
da-

## HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXXV

dato de su institución : sirviéndose tambien de mandar, que fenecida esta utilísima obra , se aplique la misma cantidad à su dotación.

Negar, Señor, el beneficio, callarle, no agradecerle, ù olvidarle, son quatro especies de ingratitud, en que suelen tropezar los hombres : y estima Séneca la última por la mas culpable : fundándose aquel gran juicio, en que el olvido desvanece totalmente la esperanza de que pueda tener lugar el agradecimiento.

Mui agéna está la Académia de incurrir en ninguna de estas abominaciones, porque confessa, y publica imponderables los beneficios, gracias, honras y mercedes que ha recibido de V. M.

Manténase la Académia aplicada ( como oy lo está ) à la incessante taréa de la formación del Diccionario ; pero como no salía à luz la obra, y la viveza de los génios Españoles sea tan extremada, no saltaron algunos que mirassen con impaciencia esta inculpable detención : passando à vaticinar ( sin otro fundamento que el de esta involuntaria tardanza ) que toda su aplicación, sería tan despreciable, como inutil. La innata piedad de V. M. ha ocurrido à preservarla de este melancólico juicio : pues dispensandola medios para dár al público el Diccionario, acreditará ( quanto lo permitan sus fuerzas ) los ardientes deseos con que ha solicitado proporcionarse, à no desmerecer el Patrocinio que V. M. desde su fundación ( feliz por este inestimable honor ) fué servido concederla : y manifestará ser deliciosa, y util la fatiga, que ha empleado su desvelo, en hacer patente à propios y extraños, que el Idioma Castellano se halla adornado, y enriquecido tanto, de Nombres, Verbos, Advérbios, Phrases, Translaciones y conceptos, que no necessita del socorro de otro alguno para la mas elevada perfección de su elegancia : pues posee, con abundancia maravillosa, todo lo que ha menester, para constituirse en la esphéra de la mas pura eloquencia.

Nunca pudiera la Académia satisfacer à estas voces críticas ( por mas que lo deseasse ) ni fuera durable su unión, expuesta à los desdénos de la fortuna, si V. M. ( glorioso imitador en todo de su invictissimo Avuelo Luis XIV. à todas luces grande ) no la diera el nuevo sér, que oy la concede, sin reparar magnánimo, en que su permanencia corra à cuenta de su Real Erario : en cuyo soberano favor asianza, con su mas lustroso desempeño, competir duraciones con el tiempo.

Comprehende bien la Académia, que al exceso con que V. M. se sirve honrarla, no es capaz de corresponder ; pero su rendido reconocimiento se esfuerza, en el modo posible, à dár las mas respetosas señas de su gratitud : sacrificando gustosísima, en las Aras de la Real soberania de V. M. víctimas sus corazones, abrasados en las purísimas llamas de su mas acrisolada lealtad : ofrenda que siempre ha sido bien recibida de los Reyes Christianísimos, y Catholicos, por la parte que tienen de Deidad : y que de V. M. será mejor admitida, porque siendo tan Catholico, y Christianísimo como todos, le hemos experimentado sus dichosos Vassallos tan suave, tan benigno, y tan amoroso como ninguno. Siempre estarán presentes en la Académia los beneficios que V. M. la ha dispensado, gra-

## XXXVI HISTORIA DE LA ACADEMIA.

vados en los corazones de todos sus individuos, mas durable, por esta razon, su memoria, que si se esculpieran en mármoles, y bronces: permaneciendo siempre constante, à pesar de las injurias del tiempo.

No puede proseguir la Acadèmia en las mal formadas clàusulas, con que explicaba su profundo agradecimiento, por que repentinamente emmudece, à impulsos de la admiración, del affombro, y del pasmo: y à no haverla socorrido la Divina Providencia con el prontissimo alivio de convertir los ojos de quantos la componen en copiosos arroyos de lagrymas, sufocados sus leales corazones, con la amargura de novedad tan impensada, y peregrina, huvieran perdido à manos de su rigor los últimos alientos.

Estos efectos ha producido en la Acadèmia la no imaginable determinación de trocar V. M. la Coróna, por la soledad, y las delicias de Reynar en este mundo, por los cuidados de coronarse en el Reyno immortal. Y aunque venera la Divina inspiración de que vé asistido à V. M. (pues sin ella no era practicable un hecho tan glorioso) y sin embargo de dexarnos V. M. una prenda, que por ser viva Imagen suya, espèra ha de ser su único consuelo; con todo esso llora justamente el retiro de un Monarcha, adornado de toda aquella universalidad de prendas, que pudo apetecer (y aun idear en su phantasia) el mas feliz vassallage: y llora con especialidad la sensible falta de su Real Fundador, Protector, Patrón, y Bienhechor.

Tiene presente, que el señor Emperador Carlos V. Avuelo angustissimo de V. M. renunció sus Réinos, y que à esta resolución graduó el mundo por la mayor hazaña de aquel invencible Heróe. Tambien que el Serenissimo Señor Delphin, Padre dignissimo de V. M. le cedió el derecho que tenía à la sucesión de estos dilatados dominios, prorumpiendo en aquellas clàusulas con razon admiradas de quantos las supieron: Mas que el Reynar estimo poder decir, el Rey mi Padre, mi hijo el Rey; pero no pueden estos Reales exemplares (por grandes, y magnánimos que sean) alegar se por exemplos de la gloriosa acción que V. M. acaba de executar: pues el señor Emperador se hallaba en la edad avanzada de cinquenta y seis años, y tan gravado de enfermedades, y achaques habituales, que era mui natural en su Cesarea comprehensión anteviesse mui cercano su fin, como sucedió. Le faltaba, tiempo havia, angusta Consorte, que le consolasse en sus aflicciones, le ayudasse en sus fatigas, y le fuesse fiel consejera en los casos dificultosos. Tenia, no solo hijo varon ensayado en el gobierno de estos Réinos, sino tambien Nieto, y no faltó quien imprimiesse tomó esta resolución cansada del mundo, y de sí próprio. El Serenissimo Padre de V. M. (aunque presunto, y dignissimo heredero de tantas Corónas) no havia gustado lo que era Reynar, ni las adoraciones que acompañan al Cetro. Con que se puede decir (sin que la temeridad ofenda la grandeza de su Real ánimo) que cedió lo que aun no havia experimentado. Pero V. M. en la edad robusta de quarenta años, sin accidentes que le embarácen manejarse brioso: con la apreciable dignissima compañía de nuestra amada Reina (en quien podia V. M. descapsar la mayor parte de sus  
cui-



HISTORIA DE LA ACADEMIA. XXXVII

*cuidados.*) Princesa en quien desde luego admiramos, con las perfecciones de la exterior disposición, y gentileza, unas virtudes sólidas, acompañadas de un agrado magestuoso, de un juicio superior, de una suma discreción, y con la felicidad de haver fecundado el Real Thálamo de su amante esposo con unas prendas hermosísimas. V. M. por espacio de veinte y tres años ha sabido lo que es Reynar, y ha recibido los leales cultos, que tan de veras, y con tan extremado amor le hemos prestado sus vassallos: de que son (à su pesar) buenos testigos los enemigos de V. M. pues en las dos ocasiones que tuvieron osadía para penetrar el centro de estos Réinos, volvieron llenos de escarmiento, quebrantados y vencidos. Con que se evidencia (aunque brevemente) que unos y otros términos son mui distintos de los en que V. M. se hallaba: y sale por legítima conseqüencia, que la resolución que V. M. ha tomado, está toda llena de Dios, y que su Divina misericordia ha dictado à V. M. este generoso, y no usado desapropio, para premiar sus virtudes, y que de día en día vaya ateserando nuevos méritos para que le veneremos Santo: para que falten à la fama plumas y clarines con que elogiar, y publicar acción tan heroica, y magnánima.

*Esto desea la Acadèmia, y endereza sus votos à que Dios conceda à V. M. una dilatada vida en compañía de la Réina nuestra Señora, para que, desde su elegido Retiro, vean coronada toda su Real posteridad, y que dá leyes al mundo.*

26 Acordóse inmediatamente no perder un punto de tiempo en la execución; pero aqui enseñó la experiència aquella maxima tan sabida, que facilita mucho la idea lo que dificulta la práctica: pues al registrar los papeles, para ponerlos en limpio, y entregarlos al Impresor, se halló, que siendo mui facil desde la E en adelante; en las primeras quatro letras era impracticable, porque compuestas por todos, y algunas de sus combinaciones trabajadas por aquellos, que haviendo empezado con fervor, no havían profeguido con el mismo, no estaban en aquel ordenado método que se deseaba. Además, que como ninguno (aun el mas aplicado) tenía à los principios impresa en la imaginación la regla que havia de observar, y estos papeles fueron los primeros que se compusieron, se encontraron tan desiguales como los pulsos, ò génios de cada individuo: pues unos estaban demasadamente concisos; otros con pesadéz difusos; en algunos defabría la multitud de autoridades, y en otros ni una se hallaba: las correspondencias Latinas las tenían pocos, y las etymologías estaban olvidadas en muchos. Con que juntos estos papeles con otros sueltos de autoridades, que se encontraron, se reconocía en estas quatro letras un thesoro de autoridades; pero sin bastante disposición que les diese forma. A este inconveniente (que era el mayor, por ser estas quatro letras las primeras que se havían de imprimir, y las que havían de manifestar como índice el resto de la obra, y por donde el público podría hacer juicio del trabajo de la Acadèmia en once años) se procuró ocurrir,

re-

XXXVIII *HISTORIA DE LA ACADEMIA.*

resolviendo que Don Manuel de Villegas, y Don Fernando de Bustillo (cuyas tareas habían merecido siempre la aprobación de la Academia), se encargassen de todos estos materiales, y los reduxessen à un método igual: y que este trabajo passasse luego à Don Adrian Connink, y Don Lorenzo Folch de Cardóna, que con título de revissores le examinassen, por evitar el peligro, que suele suceder, de que la equivocación tome visos de verdad. Y para que la execución fuesse mas breve, se les ordenó descuidassen de las correspondencias Latinas, que se encargaron à la aplicación, erudición, y buenas letras del Padre Maestro Frai Juan Interián de Ayála. Determinóse tambien, que la Academia se juntasse dos tardes cada semana, para resolver en ella todas las dudas que entre los quatro referidos podían ofrecerse: lo que se executó por el tiempo que fué preciso, para dár material à la prensa.

27 Para proceder con fundamento, se nombró por Thesorero à Don Vincencio Squarzafigo, y tambien se le encargó el cuidado de la imprenta, y provisión del papel: quedando al mismo tiempo nombrados Contadores Don Manuel de Villegas, y Don Juan Isidro Faxardo, para que llevassen la cuenta y razon de los gastos que se ofreciesse. Y deseando trabajar à muchas manos, se nombraron sugétos que formassen los discursos proemiales, que se havia acordado poner por erudición al principio del Diccionario, quedando elegidos Don Lorenzo Folch de Cardóna para escribir la Dedicatória. El Padre Joseph Casani, de la Compañía de Jesus, para formar la História de la Academia. El Doctor Don Juan de Ferreras para la de la lengua Castellana. El Padre Joseph Casani para formar un discurso, y reglas de hallar las etymologías. Don Adrian Connink para formar un discurso, y reglas de Orthographía. Y Don Juan Isidro Faxardo para formar el Prólogo. A estos encargos satisficieron todos con aprobación de la Academia, como tambien los compositores, y revissores de las quatro priméras letras, que empezaron luego à trabajar lo que estaba à su cargo, sin embargo de las dificultades que se les ofrecieron: pues al revolver los papéles se reconoció, que las combinaciones entregadas, que se creían acabadas, estaban en la realidad tan imperfectas, que no habían llegado à la mitad del estado en que debían ponerse: lo que hacía argüir con una moral certidumbre, que aun añadidas y trabajadas de forma, que parecia quedar perfectas, se debía temer estaviesse mui defectuosas: porque es natural, que assi como al principio pareció estar lleno el asunto, y con el tiempo, y estudio se ha conocido diminuto: assi tambien, aunque ahora parezca abundante, se puede recelar falga este tomo falto de muchas voces, que no han ocurrido, y se pueden ofrecer con el tiempo, assi à los Académicos, como à los que con algun cuidado leyeren el Diccionario por diversion, curiosidad, u otros varios fines.

28 No embarazó este inconveniente à proseguir lo empezado, por-  
que

*HISTORIA DE LA ACADEMIA.*      XXXIX

que se consideró escollo inevitable , que no podía excusar la dilación , ni suplir el estudio : dictámen , que ha enseñado la experiencia en quantos célebres Dictionarios logramos oy perfectos , pues la Academia de la Crusca sacó su Dictionario en un tomo , poco mas que mediano : y en la segunda impresión dió à luz dos tomos grandes , y uno menor , compuesto de varias curiosidades pertenecientes à la lengua Toscana. El de la Academia Francesa confundió con su abundancia los antecedentes , que con aplauso havían sacado varios Autores , y yá le hace sombra el posterior de *Treux*. El celebrado histórico de *Moréri* se lee en cinco , ò seis tomos de à folio , quando el primero , que tanto crédito dió à su Autor , salió de su mano en dos tomos de à quarto. Con que , atendida la experiencia , este accidente es propiedad de todo Dictionario , y la halla el discurso su fundamento : porque como las obras de los Dictionarios no sean de aquellas en que puede apurarse la materia , por no depender tanto del entendimiento , quanto de la memoria , que es la que excita las especies , siendo quien las produce una potencia frágil : es en ella tan natural la inadvertencia , ò el olvido , que no es posible sacar estas obras con su última perfección , sin que despues se revéan , limen , y añadan à expensas del afán de una , y otra prensa.

29 \ Añádese à lo referido otra circunstancia , que atendida sirve tambien de excusa. Esta es , que las obras por mas que se revéan manuscritas , para emendarlas no se consigue el intento con tanta perfección , como vistas y examinadas despues de impressas : porque la mayor atención es preciso se divierta en la dificultad de leer lo manuscrito ; al contrario de lo impresso , que como es clara su lectura , solo se aplica en ella el cuidado para la corrección , ò la crítica : y así es mas facil de corregir y emendar lo impresso , que lo manuscrito. Por cuyas razones , suponiendo que el defecto que puedan tener algunas voces , ò phrasas es común de todo Dictionario la primer vez que sale al público , se determinó proseguir la idea , y empezar à imprimir , cerrando los ojos à este inconveniente : à que solo se puede satisfacer en la segunda impresión , con lo que avise la advertencia de los Académicos , ò note la curiosidad de los eruditos.

30 Los Académicos proseguieron en sus tareas , hasta conseguir dar principio à la impresión por el mes de Octubre de mil setecientos y veinte y quatro : lo que no pudieron antes , por tenerlos parados la falta del papel : que no solo en nuestros Reinos estaba escasso , sino tambien en la general fabrica de Génova , donde fué preciso aguardar se trabajasse , por no haver fabricada la porción que era menester. Desde este tiempo no ha cessado la prensa , ni paradó el curso de sus continuas vueltas. Pero quando esta Náo ( que se havia mantenido en bonanza , aun en la ocasión que la calma era desesperada tormenta ) iba viento en popa arribando yá al Puerto de sus deseos : al tiempo de estarse imprimiendo el pliego

cien.

XL HISTORIA DE LA ACADEMIA.

ciento y veinte y ocho , la affaltó el viento mas cierzo en el funesto accidente, que la sobrevino el dia veinte y nueve de Junio del año de mil setecientos y veinte y cinco , con la falta de su primér Fundadór , y Directór. Verdaderamente se conoció aqui quanta alma daba su Excelencia à la Acadèmia : pues aquel cuerpo , à quien no havia rendido el immenso trabajo : à quien no havia desesperado la impossibilidad de sacar à luz sus fatigas , por falta de medios : à quien no haviam aturdido las voces vagas , que contra él haviam esparcido los huracanes : à quien no haviam batido los tiros , que desmandados havia arrojado la emulacion , ò la ociosidad : solo este golpe le hirió , y penetró el corazón de forma , que dexó à sus individuos tan affustados , divididos , balbucientes , y atónitos , que casi verificaban el Divino Oráculo : *Heriré el pastor , y se descarriarán las ovejas*. Cada uno salto de consejo , le buscaba en su affligido compañero : y à no haverles mantenido la esperanza , que debían tener en su soberano , y Real Protectór , se huviera deshecho , sin duda alguna , por sí misma la Acadèmia ; pero alentados con este único consuelo , encontraron el medio de juntarse à hablar ; yá que el dolor no les permitía discutir.

31 Congregados , pues , en la Posáda de Don Adrian Connink , que se eligió por la conveniència del sitio : lo priméro que se acordó ( para dár algun desahogo à la pena , y alguna muestra de amor ) fué , que à costa de los que alli concurrieron , y eran los continuos de la Acadèmia , se hiciesen unas honras públicas , con todo aquel lucimiento que cupiese dentro de los términos prescritos por la Pragmática : eligiendo para esta función la Iglèsia de Santa Maria , por haver sido Parrochia del difunto , y en la que tanto havia edificado en vida : y por Oradór para la Oración fúnebre , se nombró al Padre Maestro Frai Juan Interián de Ayála , señalando por Comissarios , para las disposiciones que se haviam de dár , à Don Vincencio Squarzafigo , Don Manuel de Villegas , y Don Lorenzo Folch de Cardóna. Acordóse tambien , que en una de las primeras Acadèmias se leyese , como exercicio Académico , un elógio , ò panegyrico de la vida del difunto , eligiendo al Padre Joseph Casani que le trabajasse. Haviendose cumplido en la forma posible con las obligaciones del amor y respèto debidas al difunto , se trató de darle digno sucessor : y considerando que la falta que se lloraba era imponderable , solo se encontraba la pudiesse suplir el Excelentísimo señor Don Mercurio Lopez Pacheco , nuevo Marqués de Villéna , hijo , y heredero , no solo de los Estados , sino tambien de las prendas del primer Directór , y que era Académico desde el año de mil setecientos y catorce : y pasándose à la elección , concurrieron en ella todos los votos , y se determinó , que los quatro mas antiguos , que alli se hallaban , fuesen Comissarios , para manifestar à su Excelencia el dolor que asistía à los

Aca-

## HISTORIA DE LA ACADEMIA.

XLI

Académicos en la muerte de su Excelentísimo Padre, y el deseo que tenían de que tomase à su cargo el puesto de Director, en que havia sido elegido. Lo que oyó su Excelencia benignamente, aceptando el empleo, y ofreciendo su Posada para las Juntas, como hasta alli la havia tenido la Academia: con que logra este cuerpo vivir con cabeza, que dignamente le gobierne.

32. Segun lo decretado en esta Junta, se celebraron las hontas el dia trece de Agosto del mismo año de mil setecientos y veinte y cinco: cuya relación se dió à luz con el Sermón que predicó el Padre Maestro Frai Juan Interián de Ayála, y el elógio que escribió el Padre Joseph Casani.

33. Profigue la Academia sus tareas esperando no cessará la prensa, y que solo se dilatará el acabar de salir todo el Diccionario el tiempo que sea necesario para tirar el papel.

**ANEXO D - HISTÓRIA DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA (1770) <sup>103</sup>**

---

<sup>103</sup> O documento está disponível em CDROM anexo a este trabalho, assim como os originais dos prólogos.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)